UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

FRANCISCO GLEIDSON VIEIRA DOS SANTOS

“Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo”, a criação de um “novo mundo” a partir das orgias *barebacking* do “Rei Sol”

RECIFE
2019

FRANCISCO GLEIDSON VIEIRA DOS SANTOS

“Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo”, a criação de um “novo mundo” a partir das orgias *barebacking* do “Rei Sol”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Antropologia. Área de concentração em Antropologia.

Orientadora: Profª. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos

RECIFE
2019

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S237u Santos, Francisco Gleidson Vieira dos.
"Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo", a criação de um "novo mundo" a partir das orgias *barebacking* do "Rei Sol" / Francisco Gleidson Vieira dos Santos. – 2019.
211 p. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Roberta Bivar Carneiro Campos.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2019.
Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Sexualidade. 3. Sexo grupal. 4. Barebacking (Sex). 5. HIV (Vírus). I. Campos, Roberta Bivar Carneiro (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2021-170)

FRANCISCO GLEIDSON VIEIRA DOS SANTOS

“Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo”,
a criação de um “novo mundo” a partir das orgias *barebacking* do “Rei Sol”

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia. Área de concentração em Antropologia.

Aprovado em: 13/03/2019

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof ª Dr.ª Roberta Bivar Carneiro Campos (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia –UFPE

_____
Prof. Dr. Russell Parry Scott (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia –UFPE

_____
Prof ª Drª Ana Cláudia Rodrigues da Silva (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

_____
Prof. Dr. Luiz Felipe Rios do Nascimento (Examinador Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFPE

_____
Prof. Dr. Alexandre Flemming Câmara Vale (Examinador Titular Externo)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFPE

Dedico este trabalho a Maria José Vieira dos Santos (minha mãe), o grande amor da minha vida. Pelas delicadezas eternas…

É dedicado também a todos os orgiásticos *barebackers*. Em admiração pela coragem em driblar os roteiros de morte e colocarem em cena os roteiros de vida…

AGRADECIMENTOS

Sou um homem cis gênero, este trabalho é sobre homens cis gêneros, mas a minha vida desde criança é permeada pelo afeto de muitas mulheres. Sou devoto das suas delicadezas e das suas fortalezas. Sendo assim, eu gostaria de começar agradecendo por elas. É uma forma de respeito ao universo feminino, que tanto me constitui. É uma forma de homenageá-las, em categoria e personas… Sou o filho caçula de sete irmãos. Dos sete, quatro são mulheres. Além delas, a natureza, que na nossa cultura é mãe natureza, mulher, agraciou-me como mãe uma grande mulher. Grande no amor, nos cuidados, nos afetos, nas generosidades, nas coragens, nas firmezas, na humanidade… É com ela com quem exercitamos a mais delicada alteridade. Sem perdermos as referências dos lugares de mãe e filho destituímos hierarquias, aprendemos ao longo dos anos a aprender um com o outro – sem sombra de dúvidas eu aprendi e aprendo sempre muito mais –, e com isso, construímos uma grande, afável e respeitosa amizade… A Maria José Vieira dos Santos agradeço aos afagos, a compreensão ilimitada, as delicadezas existenciais e materiais desinteressadas e, por fim, ao que há de mais grandioso, o seu amor e a sua fé em mim.

As minhas irmãs Mana (Glauciene Vieira) e Lu (Luciene Vieira), primeiro por fazermos parte da mesma família, por compartilharmos cuidados mútuos, pelas cumplicidades, por volta e meia me fazerem voltar o centro e pela certeza de que nunca estarei só. Cada uma a sua maneira, quando estão por perto, ainda fazem eu me sentir menino.

A Mãe Amara Mendes Sampaio e a Mãe Maria Helena Sampaio, as mulheres que cuidam da minha cabeça. Foi pelas suas mãos e salivas que eu nasci para os Orixás e é pelas suas mãos e salivas que a cada ano eu renasço para a minha própria natureza. A elas eu agradeço a minha sanidade mental e o exercício do autoconhecimento proporcionado pela tradição afro-brasileira do Xangô Pernabucano.

A Roberta Bivar Carneiro Campos, minha orientadora. A ela, em especial, agradeço ter acolhido com tranquilidade e perspicácia a orientação desta tese. Sem o seu olhar sensível e antropologicamente apurado os caminhos trilhados teriam seguido em outra direção.

A Simone Simões Ferreira Soares, amiga querida. A ela agradeço não só as interlocuções antropológicas e os estímulos para a vida, mas também a amizade partilhada ao longo desses dezessete anos. Ainda rememoro o tempo em que, seu aluno, contemplava encantado os seus vai e vens na sala de aula, a sua voz grave e as suas aulas magistrais do alto dos seus saltos dez. Com muito carinho, e torcendo para que morra de acidente – quem

conhece entende – já sinto saudades das notívagas conversas da Alameda Maranhão nº 27 e do Alpendre da Oliveira Viana nº 350.

Os meus mais sinceros agradecimentos aos homens cis gêneros que de alguma forma se dispuseram ao diálogo necessário para a construção desta tese. Utilizo a expressão "de alguma forma" porque as relações construídas ao longo do trabalho de campo não se deram da mesma forma com todos eles. Em um trabalho etnográfico as relações construídas são atravessadas, por vezes, pelas mesmas nuances que envolvem uma relação cotidiana. Nesse sentido, elas foram estabelecidas desde diálogos virtuais, diálogos oportunos nos clubes de sexo a amizades mais duradouras. Algumas das últimas extrapolaram os limites do trabalho etnográfico e permanecem até os dias de hoje.

Sendo assim, agradeço a Roberto por ter partilhado comigo a sua expertise na organização das orgias e os contatos que me disponibilizou logo após o nosso primeiro encontro vis-à-vis. A Alejandro pelas incríveis conversas informais realizadas enquanto passeávamos pelos mais variados lugares da Cidade de São Paulo. A ele, devo não só a companhia preciosa, mas também uma entrevista em profundidade e o valioso contato do "Rei Sol". Ao último, agradeço o acesso as orgias *barebacking*, as entrevistas realizadas e o salvo conduto diante dos outros homens entrevistados. Sem a sua visão cosmopolita, confiança e generosidade esse trabalho não teria sido possível. A Naur, Leonardo, João, Enzo e Pedro agradeço por terem se disponibilizado ao diálogo sincero e fraterno. Obrigado pela delicadeza nos gestos e palavras e, principalmente, por terem partilhado comigo, até então um estranho, aspectos das suas vidas que são vividos na dimensão do segredo. E por fim, mas não menos importante, obrigado ao Léo Dutra, dono da festa itinerante "cabbaret dos leiteiros" e ao Sidney Comenda, proprietário do "Upgrade Club".

Aos professores que se disponibilizaram a participar da banca de defesa desta tese: Russel Parry Scott, Ana Cláudia Rodrigues da Silva, Luiz Felipe Rios do Nascimento e Alexandre Flemming Câmara Vale. Para além das significativas contribuições na banca, cada um, a sua maneira, teve papel importante ao longo da minha formação.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE. Em especial, Selma Ferreira Albernaz, Mísia Lins Reesink, Judith Chambliss Hoffnage e Marion Teodósio de Quadros.

A Núbia Michela Clementino da Silva, Juliana Nicolle Rabelo Barreto, Gilson Rodrigues, colegas da minha turma de doutorado com as quais pudemos trocar ideias, afetos e cuidados ao longo desses anos de doutorado. E, principalmente, a Jailma Maria Oliveira, pelas

superlativas informações sobre as burocracias, os prazos e as gargalhadas partilhadas nos muitos momentos felizes e tensos próprios de um doutorado.

A CAPES pela bolsa concedida aos quatro anos de doutorado.

A FACEPE pelo Auxílio a Mobilidade Discente. Essa categoria destina-se a possibilitar ao aluno de pós-graduação um estágio de curta duração em um centro de pesquisa sediado no país para realizar parte de seu trabalho de dissertação ou tese em cooperação com grupo de pesquisa diferente daquele ao qual está vinculado, visando enriquecer sua formação e incentivar a colaboração interinstitucional. Saliento a importância desse auxílio. Sem ele a pesquisa de campo na cidade de São Paulo e a interlocução com pesquisadores do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp – centro de pesquisa escolhido para o estágio – não teriam sido possíveis, o que fatalmente teria implicado nos percursos trilhados e qualidade do que fora produzido.

Em especial, agradeço a professora Maria Filomena Gregori, Bibia, pelo acolhimento no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp. E também aos seus alunos, sobretudo a Larissa Nadai, Julian Simões, Cil Veiga, Rafaela Etechebere, Maísa Fidalgo e Carolina Branco. A Rodolfo Morais Reis, um dos maiores presentes da minha estadia em São Paulo, agradeço a interlocução inteligente e a amizade verdadeira construída para além dos muros da universidade.

Aos excêntricos moradores da república dona menininha obrigado por terem feito da minha estadia no tão "agitado" distrito de Barão Geraldo uma diversão. Antes de conhecê-los eu já havia presumido que pelo simples fato de coabitarem com a minha querida amiga Mercês Santos seriam boa gente. Entretanto, não imaginara que o entrosamento e o carinho pudessem ser construídos em tão pouco tempo de morada. Sem os lunduns da Mercês Santos, os caboclos do Raul, o erotismo do Pedro Abreu ao escovar os dentes, os ruídos noturnos do Vítor Paschoalick e a fixação do Júlio Rafael por galões de água, cascas de ovos e sementes de tomates os dias não teriam sido tão lúdicos. A Mercês, em especial, obrigado pela acolhida e ao Pedro pelas aulas de compostagem.

A Edjan Diniz agradeço pela hospedagem em seu apartamento aos finais de semana e na terceira fase do trabalho de campo na cidade de São Paulo. A sua amizade e acolhimento fizeram com que desde o início a estadia na referida cidade se tornasse tranquila e familiar. Agradeço aos afetos, encontros e partilhas da morada a Caroline Amorin e Fly, (Flávio Freitas) amigos queridos de outras paragens reencontrados na megalópole.

Em decorrência da pesquisa de campo ter sido realizada em São Paulo, Estado distinto da universidade em que cursava o doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, situada na cidade do Recife, foi necessário no período das fases do trabalho de campo um certo transito entre as duas cidades. Nesse sentido, agradeço a Ana Paula Melo e a Maicon Nunes Martins também pela acolhida em Recife e a Reginaldo Oliveira pela acolhida em Campina Grande. Sem sombra de dúvidas, estar próximo de gente tão querida em fases de liminaridade possibilitou com que os caminhos fossem trilhados com mais tranquilidade.

Em se tratando ainda das fases liminares, agradeço em especial a Jefferson Costa Souza pelos cuidados e apoio ao meu retorno ao Ceará e instalação na cidade de Fortaleza. Agradeço ainda, a amizade que se fortalece a cada dia pela partilha sensível da vida e os sonhos para o futuro. Como se não bastasse a amizade os Deuses e as Deusas nos fizeram irmãos.

A Valdir Augusto de Oliveira Jr., pela amizade verdadeira de longa data, por me fazer entender que a vida é uma jornada e pode ser vivida com tranquilidade e simplicidade, pelas conversas profundas, conselhos assertivos e muitas gargalhadas benfiquianas..., por me fazer rememorar a força e a coragem que existem dentro de mim, um turbilhão de energia em revolto a ser "domada" e utilizada na direção certa.

Agradeço também em especial a Angélica Fontes. Há anos nossas vidas caminham na paralela e a amizade se atualiza a cada nova fase das nossas vidas. Obrigado amiga pelo carinho, cuidados, mimos, estímulos para romper as barreiras imaginárias e reais impostas pelas batalhadas da vida. Obrigado por dividir comigo o entusiamo com as suas conquistas e novas descobertas, por não me deixar esquecer o valor das pequenas coisas. Isto é grandioso, reflete em mim o não perder a perspectiva encantada da vida. Desejo que nas fases vindouras nós possamos continuar compartilhando a vida, regando-a com muitas xícaras de cafés e taças vinhos…

Ainda na lista das especiais, agradeço a Rosângela Duarte Pimenta, a irmã que a vida me deu. Agradeço imensamente a Isadora Lídia, minha mestra Iogue, pela amizade verdadeira cultivada ao longo dos anos, iniciada lá nos primeiros semestres do curso de Ciências Sociais, quando o encantamento pelo mundo das antropologias cruzaram os nossos sonhos e afetos. Obrigado pelas gargalhadas descomedidas, pelos acolhimentos nas horas de aflição, pela certeza do não julgamento e, principalmente, pelo maior tesouro que alguém poderia receber de presente, o ashtanga yoga. Nessa mesma direção, para além da amizade cultivada desde tenra idade, ainda quando frequentávamos a escola secundária, agradeço a Sônia Mapurunga pelas lições de positividade e pela terapia multidimensional.

Ao amigo Joannes Paulus Silva Forte, com quem, desde longa data, compartilho ideias, sentimentos, experiências e sonhos pelas veredas da vida e das Ciências Sociais. Pelo companheirismo de sempre, pelos bons afetos e pelas situações que vivemos juntos ao longo de todo o processo do doutorado.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos amigos que, mesmo estando distantes, de alguma forma se fizeram presentes durante o doutorado e o processo de escrita da tese. Agradeço, sobretudo, por verdadeiramente fazerem parte da minha vida. Não poderia deixar de citá-los, é com eles que compartilho verdadeiramente meus sonhos, ilusões, utopias, amores, alegrias, frustrações, tristezas e conquistas, enfim a vida. Sem eles eu não conseguiria suportar o lado "sério" da existência. Sem as noites de gargalhadas e "besteirol" a vida não seria nada. Vagna Brito, Andrêa Eichenberg, Isaurora Martins, Adriano Fonseca, Edielson Sousa Lima, Hugo Menezes, Jeiza Saraiva, Ana Cláudia Rodrigues Kalenga, Tatiane Barros, Luciana Gama, Rita Vasconcelos, Cristina Gladys, Marcelo Miranda, Ana Melo, Alice Valença, Keila Brito, Fernando Maia, Benito Teixeira, Sílvia Leite, Mara Ronnyse, Liliana Uchoa, George Paulino, Antônio Ribriro (Bill), Jaína Alcan, Natal Portela, Edilson Mesquisa, Ítalo Marcelo Carvalho, Ramon Vale, Simone Passos, Lia Parente, Lívia Parente, Claudine Aguiar, Ligia Livalter.

“La peau est ce qu'il y a de plus profond” (VALÉRY, 1934, p. 74)

RESUMO

O foco central desta etnografia incide sobre as experiências afetivo-sexuais de homens soropositivos que fazem sexo entre si e são adeptos das orgias *Barebacking*. Ou seja, adeptos do sexo grupal, anal, intencionalmente realizado sem o uso do preservativo. Pertinente aos lugares e contextos onde as orgias são realizadas, privilegia as orgias *barebacking* do "Rei Sol". As orgias são regularmente realizadas em um apartamento localizado no centro da cidade de São Paulo. Seus participantes são homens, maiores de 18 anos, portadores do vírus HIV. A tese em questão tem por objetivo compreender a constituição de novos laços sociais, engendrados pela experiência de se viver com o vírus HIV, o que, segundo os dados coletados em pesquisa de cunho eminentemente qualitativo, agencia novas possibilidades de relações afetivo-sexuais, forjadas no âmbito das orgias *barebacking*. Estas últimas, por sua vez, para além do prazer, forjam uma socialidade soropositiva que reverbera na produção do social, ou que se constitui per si, o social. Nesse sentido, embora as práticas sexuais orgiásticas tenham centralidade neste estudo, visto que é por meio delas que os sujeitos engendram o que eu chamo de novo mundo, o interesse não se restringe as práticas e performances sexuais. A experiência de se descobrir portadores do vírus HIV, compreendida aqui como evento crítico, apresenta-se aos sujeitos pesquisados como disruptiva, implicando em passagens essenciais na vida dos sujeitos, marcadas por rituais e performances sexuais. Teoricamente "impossibilitados" de estabelecer relações afetivo-sexuais com sujeitos não portadores do vírus, os informantes buscam relações igualitárias ou soroconcordantes. Assim, tendo como mote e âncora dessa socialidade orgiástica, o "segredo desvelado", esses homens deparam-se com uma rede de homens adeptos das orgias, convencionalmente, chamadas de *barebacking*. A lógica que organiza os encontros sinaliza para uma ética ou para o que poderíamos chamar, com Foucault, de uma estilística das orgias *barebacking*, sustentada pelas categorias "nativas": segredo, controle, cuidado, negociação e igualdade. Destarte, a potência do ritual, na medida em que as práticas sexuais constitui os laços entre os iguais, está em reestabelecer os laços sociais outrora rompidos, tanto no que refere as possibilidades de estabelecer relações afetivo-sexuais quanto a outros âmbitos da vida social.

Palavras chaves: Orgias *Barebacking*; HIV/AIDS; sexualidade; constituição do social.

ABSTRACT

The central focus of this ethnography is on the affectiv-sexual experiences of HIV-infected men, who are in sexual relations with each other, which are referred to as barebacking orgies. This is anal group sex that is deliberately done without condom. The focus of research is primarily on the locations and contexts of the so called barebacking orgies “Rei Sol”. The orgies usually take place in an apartment in the center of the city of São Paulo. Its participants are men who are over 18 years old and carriers of the HIV Virus. The present dissertation aims to understand the constitutions of new social bonds that result from life experience with the HIV virus. The data, collected exclusively through qualitative methods, show that barebacking orgies offer new possibilities for affective-sexual relationships. In the latter case and in addition to pleasure, they form a sero-positive sociality, which resonates in the production of the social or constitutes itself as the social. In this sense, orgiastic sexual practices play a central role in this study, but the subjects are exhausted, not just in sexual practices and performances that I call a new world. In this context, HIV diagnosis is understood as a traumatic event that has taken the subjects as a rupture and that goes hand in hand with far-reaching changes, which in turn are marked by sexual rituals and performances. The experience of HIV diagnosis implies the need for a reorganization of the whole life that involves both physical shifts and new orders of subjectification. Theoretically “unable” to build affective-sexual relationships with subjetcs who are not virus carriers, the informants seek egalitarian or serological relationships.The motto and anchor of this orgiastic society, the “segredo desvelado”, offers these men a network of orgy followers, commonly referred to as barebacking. The internal logic of the organized meetings illustrates an ethic that in Foucault's words can be called stylistic barebacking orgies, but the participants describe them in terms of secrecy, control, diligence, negotiation, and equality. The power of ritual, insofar as sexual practices signify the connection between equals, is to restore the social bonds that have once been broken, both in terms of the possibilities of building affective sexual relationships and in other areas of social life.

Key words: Orgies Barebacking; HIV/AIDS; sexuality; social constitution.

LISTA DE SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
AIDS	Acquired Immune Deficiency Syndrome
AMD	Auxílio à Mobilidade Discente
BDSM	Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo
DP	Dupla Penetração
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Escola de Comunicação e Artes
FACEPE	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco
HIV	*Human Immunodeficiency Virus*
LCES	Locais Comerciais para Encontros Sexuais
ONG	Organizações Não Governamentais
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	**Introdução**	**16**
1.1	Situando a tese	16
1.2	Categorias centrais	19
1.2.1	*As* orgias	19
1.2.2	*O barebacking*	21
1.3	Metodologia	25
1.4	Organização dos capítulos	29
2	**As Orgias *Barebacking* do "Rei Sol"**	**32**
3	**Constituição do objeto e trabalho de campo nas orgias**	**57**
3.1	Primeiros passos – A ideia da pesquisa	57
3.2	O primeiro recorte da pesquisa ou, como se constitui um "objeto" – O trabalho de campo no cyberespaço	59
3.3	O segundo recorte da pesquisa ou, como se constitui um "objeto" parte II – O trabalho de campo "corpo a/no corpo" e os novos caminhos trilhados/apontados	66
3.4	Os novos caminhos apontados/vislumbrados	77
3.5	Os Sujeitos Orgiásticos *Barebackers*	87
3.5.1	*Roberto (Morenos1972)*	87
3.5.2	*Rei Sol*	89
3.5.3	*Alejandro*	92
3.5.4	*Enzo*	97
3.5.5	*Pedro*	101
4	**Corpos e emoções na experiência orgiástica**	**106**
4.1	Prolegômenos – E ai, vai fazer observaçãoparticipante?	108
4.2	A primeira orgia a gente nunca esquece – Dádiva, observação participante, e a orgia como rito de passagem	119
4.2.1	*Pegada de machos – Tchello e Wilson*	119
4.2.2	*Morenos1972 – Roberto*	124
4.3.3	*As Orgias barebacking – O ReiSol*	137
5	**O Empreendimento Orgiástico – As Orgias do Rei Sol e a Milk**	**139**
5.1	A Milk	140
5.1.1	*O upgrade sex club e a festa Milk*	141

5.1.2 O Cruising barebacking na Milk – silêncios e Impessoalidades..... 144
5.2 As Orgias do Rei Sol e a Milk – A constituição dos laços nas orgias..... 160
6 A criação do novo mundo a partir das orgias *barebacking* do "Rei Sol"..... 170
6.1 Ethos orgiástico *barebacking* – As orgias do "Rei Sol"..... 178
7 À guisa de conclusão..... 194
Referências..... 197
Glossário..... 207

1 Introdução

O foco central desta etnografia incide sobre as experiências afetivo-sexuais de homens soropositivos que fazem sexo entre si e são adeptos das orgias *barebacking*. Ou seja, adeptos do sexo grupal, anal, intencionalmente realizado sem o uso do preservativo. Pertinente aos lugares e contextos onde as orgias são realizadas, privilegia as orgias *barebacking* do "Rei Sol". As orgias são regularmente realizadas em um apartamento localizado no centro da cidade de São Paulo. Seus participantes são homens, maiores de 18 anos, portadores do vírus HIV.

A tese em questão tem por objetivo compreender a constituição de novos laços sociais, engendrados pela experiência de se viver com o vírus HIV, o que, segundo os dados coletados em pesquisa de cunho eminentemente qualitativo, agencia novas possibilidades de relações afetivo-sexuais, forjadas no âmbito das orgias *barebacking*. Estas últimas, por sua vez, para além do prazer, forjam uma socialidade soropositiva que reverbera na produção do social, ou que se constitui per si, o social. Nesse sentido, embora as práticas sexuais orgiásticas tenham centralidade neste estudo, visto que é por meio delas que os sujeitos engendram o que eu chamo de novo mundo, o interesse não se restringe às práticas e performances sexuais

Objetivando uma melhor compreensão da definição do tema e das questões que nortearam o trabalho de investigação – visando à elaboração desta tese – passo a partir de então a situar esta etnografia nos subcampos em que ela se insere e a delinear as suas categorias centrais.

1.1 Situando a tese

Desde o início do século passado, vários antropólogos se debruçaram sobre as práticas sexuais das ditas sociedades primitivas. Entretanto, durante muitos anos, os estudos da sexualidade não se constituíram como campo de investigação autônomo, estando tal objeto atrelado às normas reguladoras da reprodução biológica e social das comunidades estudadas (HEILBORN; BRANDÃO, 1999). Parker e Barbosa (1996) nos dizem que descortinar os motivos relacionados à explosão dos estudos da sexualidade se constitui como uma tarefa complexa, vislumbra tal fato às transformações mais gerais ocorridas no âmbito das ciências

sociais no final do século XX, quando a história, a sociologia e a antropologia são incitadas a desenvolverem novas formas de compreensão da sociedade, em função do ritmo intenso das transformações do mundo pós-moderno.

O marco de transição dos estudos da sexualidade de uma posição secundária a um lugar de destaque nas ciências sociais, constituindo-se como campo de investigação autônomo e dotado de legitimidade, dá-se entre os anos 1960 e 1980. Nesse período, a revolução sexual, a dissociação entre a sexualidade e a reprodução biológica, a eclosão dos movimentos sociais, em especial o movimento feminista, gay e lésbico, e substancialmente, a epidemia do HIV/aids impulsionaram a produção discursivo acadêmico-teórica sobre a temática. (HEILBORN e BRANDÃO, 1999; PARKER e BARBOSA, 1996; PARKER, 1995; VANCE, 1995; RUBIN, 2002).

No Brasil, os estudos acerca da sexualidade também seguem a agenda internacional. Surgem a partir dos anos de 1950, mas se intensificam no final da década de 1970 e início dos anos 1980. Os trabalhos eram predominantemente relacionados à temática da homossexualidade, e, mesmo que estivessem sob a influência do movimento gay americano, a literatura era primordialmente acadêmica. A produção influenciada pelo movimento feminista iniciada na década de 1960 também se constituiu em literatura produzida no âmbito acadêmico, entretanto não focou diretamente na sexualidade, centrou-se na participação da mulher na força de trabalho na sociedade de classe (LOYOLA, 2000).

A partir desse quadro, os estudos da sexualidade têm-se desenvolvido em múltiplas direções, demarcados por uma variedade de temas e focos de análises: Homossexualidade, lesbianidade, sexualidade e DSTs/aids, sexualidade e violência, sexualidade e saúde sexual e reprodutiva, sexualidade e comportamento sexual, identidade de gênero e orientação sexual, expressões da sexualidade, instâncias reguladoras da sexualidade[1].

Nesse contexto, mais precisamente a partir dos anos 2000, uma gama de pesquisadores tem abordado temáticas sob a rubrica de expressões conceituais tais como: “sexualidades disparatadas”, “sexualidades periféricas”, “prazeres dissidentes”, “desejos que confrontam”.

1 Para uma maior compreensão do desenvolvimento do campo de estudos da sexualidade ver Heilborn, 1999; Loyola, 2000; Piscitelli, Gregori & Carrara, 2004; Moutinho, 2005; Citeli, 2005; Figare & Días-Benítez, 2009.

Os trabalhos produzidos versam sobre as novas formas de abordagem sobre o desejo sexual e os processos sociais e seus contextos, o entrelaçamento da sexualidade com os marcadores sociais de diferença, o mercado e as novas alternativas eróticas[2]

Nesse amplo escopo, a etnografia das práticas sexuais[3], cujas pesquisas têm como matéria-prima a observação direta em contextos de interação sexual, campo outrora candente, vem se consolidando como subcampo de interlocução com lugar na antropologia brasileira. Nesse sentido, esse trabalho, que tem por objetivo compreender as experiências sexuais de homens que fazem sexo com homens, soropositivos, adeptos das práticas sexuais coletivas, sem o uso do preservativo, ou seja, adeptos das orgias *barebacking*, pretende contribuir com essa área temática. Por essa via, pretende-se contribuir também com as discussões metodológicas relacionadas à observação direta em contextos de interação sexual.

No que se refere ao HIV/aids, embora o contexto atual da epidemia seja muito diferente dos anos 1980 em virtude de como se estruturou a resposta brasileira à aids, o que inclui a solidariedade como mote principal das campanhas preventivas e a utilização dos antirretrovirais como tratamento, garantia e qualidade de vida aos sujeitos portadores do HIV, muitas das representações equivocadas acerca da doença e dos portadores do vírus ainda insistem em permear o imaginário social brasileiro. Estas representações implicam em estigma, discriminação e criminalização das pessoas que vivem com HIV/aids, como também dos seus comportamentos sexuais. Nesse sentido, esta tese, para além de contribuir com os estudos sociais do HIV/aids, inserindo-se nesse campo, pretende contribuir também com as transformações desse imaginário, na perspectiva de que as pessoas que convivem com o vírus HIV tenham o direito a uma vida plena.

2 Ver Duarte, 2004; Gregori, 2003; Heilborn, 2004; Carrara e Simões, 2007; Miskolci & Simões, 2007.

3 Para Barreto (2016) "a etnografia das práticas sexuais é um campo que vem se estabelecendo cada vez mais na antropologia brasileira. Os trabalhos com esses cenários etnográficos exploram como é possível produzir conhecimento das 'práticas sexuais/eróticas que desafiam os efeitos políticos da repugnância e da transgressão´. São trabalhos que lidam com os limites daquilo que se naturalizou achar aceitável, correto ou normal." "Abordam ainda as maneiras como se constroem subjetividades e identidades coletivas a partir de práticas sexuais alternativas, identificando suas condições de produção, suas transformações e os discursos que os agentes utilizam para legitimá-las" (FÍGARI e DIAZ-BENÍTEZ, 2009, 21). Esses estudos acabam por permitir não só o entendimento dos limites das práticas em si, mas também das nossas próprias ferramentas de análise ao colocarem esses temas em questão" (BARRETO, 2016).

1.2 As categorias centrais

1.2.1 As Orgias

Em seu clássico livro sobre a história das orgias no ocidente, "Uma história das orgias", o historiador inglês Burgo Partridge (2004), seu autor, diz que a existência humana se encontra em meio à desconfortável tensão entre as inclinações civilizadas e os instintos animais. Estas duas porções contidas no ser humano necessitariam ser conciliadas de alguma forma, o que ordinariamente geraria desvantagens para as últimas. Como consequência das pressões acumuladas, as quais, segundo o autor, não podem durar para sempre, há momentos de liberação dessas tensões, ou seja, a orgia. Por essa ótica, de modo geral, o que inclui as duas categorias incluídas na classificação estabelecida pelo autor, a conformista e a rebelde, "uma orgia é uma explosão organizada de energia, a expulsão de histeria acumulada por abstinência ou repressão, e, como tal, tende a ser de natureza histérica ou catártica" (PARTRIDGE, 2004, p. 10).

Para o referido autor, as orgias podem ser classificadas em conformistas ou rebeldes. As primeiras, às quais dedica os dois primeiros capítulos desse livro, tratam das civilizações gregas e romanas. Estas são utilizadas como casos exemplares e se configuram como aquelas em que a ordem social possibilita com que elas aconteçam. Nesse sentido, elas são instituídas, fazem parte dos seus calendários anuais. Assim, os momentos e espaços onde elas acontecem não só são tolerados ou aceitos, mas são eventos legitimados pela ordem social. Tais orgias seriam extremamente marcadas por um viés religioso e as suas realizações geralmente estariam ligadas às festividades anuais relacionadas aos ciclos da natureza, aos deuses e às deusas.

Entre os gregos, o autor cita as festas dedicadas a Afrodite, a prostituta, as afrodísias, as dionisíadas e as leneanas – festas da prensa do vinho – apontadas como as mais eróticas. Estas orgias, de acordo com o autor:

> Nos gregos, ao contrário do que ocorria com os romanos, essas sensações inspiravam admiração, não obediência, mas fazia com que dessem valor a tudo que levasse a um estado de "teolepsia", ou comunhão com a divindade. Isso explica o que a mente moderna tem dificuldade de compreender, como os gregos podiam encarar com sentimento de veneração religiosa a queda

> para o álcool, as danças e o sexo. A finalidade do culto, portanto, era facilitar uma experiência que os gregos interpretavam como religiosamente enobrecedora, embora um psicólogo moderno expresse em termos bem diferentes o estado deles, e um exame objetivo dos atos praticados nesses festivais nos deixe com a impressão de uma orgia sensual (PARTRIDGE, 2004, p. 23).

Entre os romanos, as bacantes são as exemplificadas. Estas se constituíam em rituais celebrados ao deus Baco. Tais orgias teriam, num primeiro momento, uma liturgia mais séria e contrita, o que daria lugar, num segundo momento, aos comensais, ao vinho e ao sexo. Mas diferente das dionisíacas gregas, entre os romanos, "o comportamento orgiástico se tornou não um purificador, mas uma droga que causava dependência, e, com a atitude dos romanos com relação à sexualidade, a influência do deus sobre os procedimentos adquiriu um significado novo e sinistro" (PARTRIDGE, 2004, p. 50). Assim, as bacanais teriam começado com o inofensivo culto às vinhas, e o sexo sempre estivera presente. Entretanto, a exemplo de muitas outras, como sugere o autor, o sexo se sobrepôs aos outros elementos:

> Uma racionalização e uma manifestação úteis de emoções puramente humanas, que colocavam sobre os ombros da divindade a responsabilidade pelos atos dos bacantes, atos que a suspensão das inibições, facilitada pelo uso de um bode expiatório deístico, havia liberado. Os deuses tinham-se tornado senhores em vez de amigos (PARTRIDGE, 2004, p. 51).

As orgias rebeldes seriam empreendidas por indivíduos ou setores da sociedade na perspectiva de se contrapor às normas estabelecidas. Os comportamentos orgiásticos, a partir dessa lógica transgressora, receberiam a pecha de licenciosos, bestialismos, perversões, dentre tantos outros (PATRIDGE, 2004).

Diaz-Benítez (2009), em articulação bastante interessante, estabelece uma ponte entre as orgias conformistas de Partridge e a função social da orgia, analisada por Michel Maffessoli em "A Sombra de Dionísio" (2005). De acordo com esse autor, a orgia está inscrita em um grupo de "rompedores da ordem", cuja transgressão é socialmente aceita. Assim, "o dionisíaco e o orgiasmo festivo representam 'a recuperação da existência', […] propiciam a 'restauração da virtude peculiar da sociedade' […]; esta é a sua função social" (DIAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 570). A autora complementa:

> Nesse sentido, a efervescência implícita na orgia é legítima e necessária (*ibidem*, p.111). Uma orgia entendida no sentido puramente Durkheimiano: um antídoto eventual que afiança a coesão societal e leva a um estado de congregação, que reafirma, seguindo as formas elementares da vida religiosa, o sentimento que a comunidade tem sobre si mesma. Assim, a orgia é ritualizada e se conecta com o lugar simbólico que o sexo coletivo desempenha na estrutura social. Sendo ritual tem seu espaço no tempo: ritos iniciáticos (…) Como ritmo no tempo as orgias são também ritos de passagem e experiências sazonais (…) Em poucas palavras, a orgia cumpre a função de catarse social, serve "para contrabalançar uma determinada imposição e, assim, restaurar um equilíbrio global (DIAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 570 e 571).

Tais classificações e funções das orgias, no contexto que hora apresento, são possibilidades aventadas. As orgias entre os sujeitos orgiásticos *barebackers* podem ser pensadas como rebeldes na medida em que se contrapõem e colocam em xeque uma série de normas e valores vigentes, constituindo-se, a partir desse lugar, como transgressão. Não poderia dizer que fazem parte da ordem porque elas são organizadas e vividas por indivíduos interessados em experienciar o prazer nas suas múltiplas possibilidades e intensidades, no sentido do hedonismo. Entretanto, levando em consideração as peculiaridades das orgias em questão, elas não perdem o seu "caráter catártico no sentido da resistência que exerciam contra a repressão, ou seja, dos rituais coletivos que usavam as orgias como válvula de escape dos instintos […] em contravenção aos valores estabelecidos" (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 571 e 572). A sexualidade dos sujeitos pesquisados é concebida de modo geral, pela sociedade englobante, como da ordem do proibido, do ilegítimo, da sexualidade que coloca em risco não só os indivíduos, mas a própria sociedade como um todo. Nesse sentido, é uma sexualidade escatológica e os seus sujeitos, em consequência disso, também são escatológicos, ou seja, colocam em xeque a própria existência e, portanto, é reprimida.

1.2.2 O Barebacking

Com base em Haig (2006), o *barebaking* pode ser entendido como a prática do sexo anal entre homens que fazem sexo com homens, com parceiros ocasionais, de forma intencional e contínua sem o uso do preservativo. Na sua acepção original a palavra *barebacking* advém do contexto hípico, especialmente dos rodeios norte-americanos como

uma modalidade de esporte sem proteção. Assim, significa “montar a pelo”, ou seja, montar um cavalo ou cavalgar sem cela. Nos anos 1990, nos meios anglofalantes ou europeu, passou a ser usado diretamente para referir-se ao sexo sem o uso do preservativo. Em virtude do termo ter extrapolado sua mera significação comportamental, cuja referência não se restringe simplesmente a uma prática sexual, várias perspectivas de abordagem se abriram. Muitas delas tratam das questões relativas ao pertencimento e a constituição identitárias dos sujeitos adeptos da prática.

Em “Política e prazeres dos fluidos masculinos: *barebacking*, esportes de risco e terrorismo biológico”, Garcia (2010) aborda a prática do sexo *barebacking* não a partir das práticas sexuais em si, mas sua análise incide em elucidar “algumas das condições históricas e culturais que fazem do prazer do *barebacker* hoje um objeto susceptível de análise, as mesmas que fazem aparecer como autoevidentes a necessidade e a urgência dos estudos que a ele se dedicam” (GARCIA, 2010, p. 538). A partir dessa delimitação, o autor elabora algumas questões relevantes para este trabalho, quais sejam: O que faz com que, na contemporaneidade, práticas sexuais específicas sejam nomeadas e categorias identitárias. Quais circunstâncias permitiram nas últimas décadas a ascensão de uma nova figura no cenário dos prazeres urbanos? Na América do Sul e do Norte, as significações acerca do *barebacking* são distintas. Mesmo assim, há uma aproximação nos discursos dentro e fora da comunidade gay, dos discursos públicos e incômodos acerca das práticas sexuais sem o uso do preservativo, como isso se daria? Em torno do *barebacking* surgiram opiniões, teorias, tipologias sem pontos de convergência. Entretanto, a caudalosa quantidade de discursos afunilam para a afirmação, “o prazer do *barebacker* precisa ser explicado psicológica, política e sociologicamente.”; A necessidade de explicação por si já expressa um incômodo. Algo que não é percebido como perigoso, estranho ou anormal não necessitaria de explicações. Seria um incômodo moral? Se sim, por que os discursos morais abandonaram a retórica do pecado e do delito e assumiram uma linguagem revestida de preocupações com a saúde, a doença, a prevenção e a vida?

> Que conjunturas históricas fizeram com que a incorporação do sémen se tornasse, em nossos dias, além de um prazer, a marca de um pertencimento lúdico e de desfrute de certa subcultura e um estigma de exclusão em várias comunidades, uma traição aos movimentos pelos direitos sexuais e

> uma reivindicação heroica do ímpeto mais radical da liberação sexual, uma pulsão tanatológica e uma expressão de amor, um grave atentado terrorista e um mero esporte de risco, um sintoma inconsciente e o resultado do calculo mais racional? (GARCIA, 2010, p. 538).

Objetivando responder as questões supracitadas, Garcia (2009) inicialmente lança mão de duas premissas elaboradas por Haig (2006) e Halkitis (2005) nas suas definições do *barebacking*. Destarte, respectivamente, pontua que o *barebacking* não necessariamente alude a uma filiação política crítica. Identificar-se como *barebacker* nos espaços virtuais funcionaria como estratégia para encontrar pessoas que partilha da mesma preferência. Por conseguinte, ratifica que o uso do termo refere-se exclusivamente ao sexo anal realizado entre homens e que, embora o sexo casual entre homens com mulheres de modo geral e de homens casados com suas esposas acarrete o risco de infecção pelo vírus HIV e outras ITS, não existe uma terminologia análoga ou uma subcultura que os englobe. Nesse sentido, elabora uma retrospectiva histórica acentuando as transformações ocorridas a partir dos anos 70, reflexo das demandas de direitos encampadas pelo movimento gay e pelo feminismo, e principalmente na década de 80, em decorrência da democratização dos países e da pandemia de HIV/aids. A alta soroprevalência na comunidade gay implicou na rearticulação e reiteração do discurso patológico sobre a homossexualidade, o que por sua vez fez com que a comunidade reclamasse respeito aos direitos civis, o que incluía o direito à saúde.

Assim, o fio condutor do argumento construído pelo autor, ao esboçar a retrospectiva histórica que é elaborada como caminho para pensar na constituição do *barebacking* como objeto de investigação científica, desemboca na construção e readequação da identidade homossexual. Para ele:

> Se a identidade homossexual se consolidou subjugada à normalização sanitária dos discursos psiquiátricos e médicos do final do século XIX, poder-se-ia afirmar, porém, que a identidade gay se liberou da mesma ajustando-se à nova normalização sanitária dos discursos de prevenção epidemiológica do final do século XX. Tais discursos desempenharam um papel-chave na própria conformação dessa identidade e constituem saberes compartidos e normas de conduta que definem o pertencimento à comunidade gay (…) (GARCÍA, 2010, p. 546).

Com isso, considera possível entender a dupla suspeita que o *barebacker* encarna: Uma espécie de pânico moral por parte da opinião pública e meios de comunicação de massa, cujas interpretações do fenômeno acentuaram o caráter perverso e patológico do homossexual, sua periculosidade social e merecimento de sua infecção; a segunda, no âmbito do ativismo gay e das políticas de prevenção, o *barebacker* se apresenta como aquele que boicota as políticas e os avanços alcançados durante duas décadas de prevenção.

As reflexões elaboradas pelo autor apresentam-se como ponto de partida para se pensar no contexto brasileiro. Suscita pensar nos aspectos históricos, políticos e culturais como elementos entrelaçados, que, por outro lado, possibilitaram aos meus sujeitos orgiásticos *barebackers* se contraporem às normas sanitárias e aos discursos vociferados a partir dela, para viabilizarem seus desejos, materializados nas práticas sexuais coletivas e sem o uso do preservativo e nas socialidades vivenciadas no âmbito da orgia e fora dela.

Ademais, apoiado em outros autores que também versam especificamente sobre a temática do *barebacking*, como Shernoff (2006), Garcia (2010) elabora reflexões que colocam em xeque consensos em que o *barebacking* é visto exclusivamente como prática de risco. Nessa direção, ao lançar mão do conceito de Saúde Sexual da Organização Mundial de Saúde – OMS, cuja noção de saúde vai além da ausência de doenças e passa a englobar um equilíbrio entre saúde física, mental e social, a prática do *barebacking* é relativizada e pensada, como afirma Shernoff, "que assumir riscos associados ao *barebaking* é na realidade um modo de alguns homens gays tentarem se cuidar, satisfazendo necessidades e desejos profundos e urgentes, não somente físicos" (GARCÍA, 2010, p. 561). Para tanto, a partir de análise que cruza algumas variáveis – identitárias, étnicas, sorológicas –, de acordo com García (2010), Shernoff as relaciona com o que ele chama de "*rational barebackers*",

> tipo de cálculo espontâneo e não necessariamente explícito de custos e benefícios realizados por quem decide "correr o risco". Este cálculo parte da consideração de que a satisfação sexual abarca um espectro de fatores físicos, emocionais e psicológicos que incluem, não exaustivamente, o prazer e a descarga física, a segurança e a intimidade emocional, a afirmação da autoestima e a afirmação da identidade sexual. Estes seriam benefícios altamente valorizados e imediatos da expressão sexual, em contraste com a, digamos, distante e etérea ameaça da aids (GARCÍA, 2010, p. 561).

As reflexões supracitadas se coadunam às inferências que fiz desde a segunda fase do trabalho de campo, quando me foi possível adentrar as orgais *barebacking* e conhecer os seus adeptos. A partir da realidade empírica acessada é possível elaborar uma torção e pensar na prática *barebacking* não pela chave do risco e da pulsão tanatológica, e sim pela chave da "sorotriagem" ou da "segurança negociada", como sugerem Halperin (2010), Kane Race (2007) e outros autores[4]. O contexto orgiástico *barebacking*, no qual estou inserido, é permeado por homens que já são soropositivos e que empreendem as práticas sexuais, anais, sem o uso do preservativo a partir de algumas garantias que foram forjadas, e gestadas, em outro contexto histórico, geográfico, político e sociocultural diferente do contexto de seu surgimento e nomeação. No contexto americano e, por conseguinte, o europeu da década de 1990, em que o *barebacking* surgiu, ainda se iniciavam as terapias contra a aids via utilização dos antirretrovirais, ou seja, a aids ainda era uma doença associada a decrepitude e a morte, o que fizera com que o *barebacking* fosse significado pela dupla dimensão apontada pelo autor, o pânico moral e o boicote às políticas de prevenção.

Com isso não quero destituir o *barebacking* da sua significação primeira, em que a prática era, e ainda o é, de forma simplista e sensacionalista, associada à roleta russa[5], ao *bugchasing* e aos *giftgivers*[6]. Estas significações faziam parte de um contexto específico. Nesse sentido, faz-se necessário levar em consideração as novas significações vinculadas ao *barebacking*, forjadas a partir das transformações e avanços científicos e políticos.

1.3 Metodologia

4 Esses aspectos são centrais para a tese. Foram eles que me possibilitaram visualizar as orgias para além dos aspectos contingenciais pertinentes a produção do prazer e buscar entender os meandros desse processo.

5 Esse jogo de azar consiste em colocar apenas uma bala em uma das câmeras do revólver, girar o tambor, apontá-lo para a própria cabeça ou cabeça de outrem e atirar. Caso a bala esteja na câmara engatilhada provavelmente ocorrerá risco de morte. No caso do *barebacking*, o vírus HIV foi metaforizado na bala do revólver.

6 *Bugchasing* é o engajamento em práticas sexuais intencionalmente desprotegidas, em que o praticante, o *bug chasers* (caçadores de insetos/vírus), busca ser infectado pelo vírus HIV. Os *giftgivers* são os que se disponibilizam em doar o vírus, o presente.

Diante das peculiaridades do objeto investigado, o que demandou uma abordagem metodológica pertinente[7], lancei mão de perspectivas clássicas e contemporâneas. Nesse sentido, diante das novas configurações do social, em virtude do lugar que ocupam as novas tecnologias de informática e comunicação, me utilizei das novas tecnologias como suporte para a interação com os sujeitos da pesquisa e para a coleta de dados. Nessa perspectiva, o W*hatsApp* configurou-se como importante instrumento de contatos e de conversas informais. Outro aspecto que tornou este instrumento relevante refere-se ao lugar que atualmente ele ocupa entre os homens que organizam e participam de orgias, sejam elas *bare* ou *safe*, termos "nativos" utilizados para se referir as orgias *barebacking* ou com camisinha[8].

Assim como o W*hatsApp* os *blogs* se constituíram instrumentos extremamente relevantes. Como será pormenorizado no capítulo seguinte, lugar onde delineio os processos de constituição do objeto, dei início a esse trabalho a partir de observações realizadas em blogs cuja temática central versa sobre as orgias. Neles, em especial o "morenos1972", há publicações de orgias *barebacking*, em especial, algumas organizadas no apartamento do "Rei Sol". Destarte, utilizei o material fílmico como suplementar à observação participante realizada nas orgias. É importante esclarecer que a plataforma onde as orgias são publicadas possibilita a interação dos sujeitos que "navegam" no *blog*, ou seja, há a possibilidade de deixar mensagens correlacionadas aos vídeos e fotografias que foram publicadas. Essas mensagens geralmente expressam as opiniões dos navegantes acerca das práticas sexuais publicadas, o que possibilitou, de modo geral, observar os enunciados acerca das práticas sexuais sem o uso do preservativo.

Tais enunciados, associados à observação de outras orgias, principalmente as realizadas em clubes de sexo e saunas na cidade de São Paulo, se configuraram como elementos contrastivos para se pensar nas orgias *barebacking* do Rei Sol, principalmente no que se refere ao lugar que ela ocupa nesse circuito e quais são os seus pontos de fuga.

---

7 Retomo algumas questões de forma mais aprofundada ao longo dos capítulos I e II.

8 Acompanhei durante o trabalho de campo uma rede de orgias *barebacking* por todo o Brasil. Esta rede é mediada pela criação de grupos no *whats app*. São eles: BB GO, BAREBACK#1, BAREBACK#2, BARE-Nordeste, #BBSUL, *Barebackers* vitaminados…, Troca de vitamina, Leitadores ou depósitos, #BB CEARÁ, #BB PIAUÍ, Bareback Rio, BB RJ, NIT, SG E Região, #BB DF, BB SP, Playlistb@are.Sp, *Bareback* SP.

No que se refere a outra dimensão do trabalho de campo, a etnografia das práticas sexuais, Días-Benítez (2010) salienta que "em se tratando de práticas sexuais nossas ferramentas metodológicas conferem relevância àquilo que é falado, diante da impossibilidade de observar diretamente as práticas que são o objeto de nossa investigação" (DIAZ-BENÍTEZ, 2010, p.21). Ratifica que essa tradição só tem ganhado força nas últimas décadas na antropologia mundial e que no Brasil ainda não se constitui um campo consolidado[9]. Para a autora, a questão não se configura como algo simples, visto que o sexo pode acionar questões guardadas no seu íntimo e colocar em jogo o pudor e o desejo sexual do pesquisador. Os dilemas não estariam simplesmente em ser aceito nos locais de interação sexual, "mas pelas próprias vicissitudes do 'estar aí" (DIAZ-BENÍTEZ, 2010, p.22).

Tendo em vista as peculiaridades do objeto, assim como a autora supracitada, realizei "observação participante" nas orgias dos "Morenos1972", nos clubes de sexo e nas orgias "Rei do Sol". Objetivava, de modo geral, operacionalizar a categoria *voyeur* como estratégia para colocar meu corpo em cena sem diretamente participar das interações sexuais. No entanto, embora existam elementos que atravessam todos os tipos de orgias, cada uma delas possui características singulares. Nos clubes de sexo a impessoalidade permite o anonimato e o trânsito "invisível" pelos seus espaços e entres os indivíduos que lá estão. Assim como verão, me foi possível adentrar as orgias nos clubes sem participar efetivamente das práticas. No entanto, o acesso as orgias privadas, universo privilegiado deste trabalho, se dão mediante uma dinâmica que possibilita a personificação dos sujeitos. Nesse sentido, para adentrá-las é necessário o aval de quem as está organizando. Nas orgias do Morenos1972 a condição foi participar efetivamente das práticas sexuais. Esse evento, na medida em que depois dele o acesso a outros homens me é possibilitado, é pensado como rito de passagem. É por meio do acesso a esses homens que eu chego nas orgias do Rei Sol. Nas orgias *barebacking* do Rei Sol me foi possível colocar a categoria de *voyeur* em ação.

Como verão no capítulo seguinte, divido o trabalho de campo em dois momentos: O primeiro está relacionado ao campo realizado no universo virtual. O segundo momento é composto por duas fases. A primeira, no ano de 2015, por um período de nove meses na cidade de São Paulo. Nesse período, iniciei os contatos com os adeptos das orgias de modo

9 Acerca da subjetividade do antropólogo em contextos de pesquisas relacionados às práticas sexuais ver a coletânea de textos intitulada *Taboo*, organizada por Don Kulick e Margaret Wilson (2005).

geral, realizei observação participante na orgia do “morenos1972”, no “Pegadas de machos” e nas orgias do “Rei Sol”. Na segunda fase, com o objeto reconfigurado e as questões reelaboradas a partir da experiência vivida junto aos sujeitos pesquisados, no início de 2017 passei um período de três meses na mesma cidade. Nesse momento, realizei observação participante nas orgias *berebacking* do circuito comercial, em especial nas festas “Milk” e na “Cabbaré dos leiteiros”. Tendo por objetivo entender aspectos que não são possíveis mediante a observação participante no *locus* das orgias, realizei também entrevistas com enfoque biográfico com sete homens frequentadores das orgias do “Rei Sol”, com os donos das festas mencionadas acima e com um outro sujeito frequentador de outras orgias privadas.

De acordo com Rios (2004)

> a perspectiva adotada não foi a dos trabalhos que objetivavam a elaboração de histórias de vida, que na própria situação de coleta de dados tem como diferencial possuir um roteiro de entrevista mais flexível, abordando a trajetória de vida do sujeito ao sabor de sua própria narrativa, isto é, contada e recontada com base em várias perspectivas, eleitas pelo próprio entrevistado (RIOS, 2004, p 40).

Nesse sentido, embora a entrevista com enfoque biográfico possa ser considerada aberta, ela possui um foco com o qual o entrevistador conduz as suas questões (RIOS, 2004). Assim, embora os sujeitos possam falar livremente sobre suas experiências, elas serão afuniladas de acordo com o interesse do entrevistador. Nesse caso as entrevistas com enfoque biográfico tiveram quatro entradas: Vida de modo geral, em que eu abordava as questões mais direcionadas para a sexualidade; descoberta da sorologia positiva; a adesão às práticas sexuais coletivas e ao *barebacking*.

As entrevistas foram realizadas em tom de diálogo franco. As questões, embora circunscritas aos interesses dos objetivos da tese, não se apresentaram aos sujeitos de forma fechada. Pelo contrário, muitas delas foram suscitadas pelo próprio entrevistado e muitas das categorias abordadas foram construídas a partir do diálogo e das negociações dos pontos de vistas do pesquisador e do interlocutor. É nesse sentido que a perspectiva dialógica, - não

somente vivida no âmbito das entrevistas, mas das relações que foram construídas com o trabalho de campo – costura essa tese do começo ao fim.

Tendo em vista essa perspectiva, o que está posto ao longo do trabalho não tem uma pretensão de verdade. É fruto de um ponto de vista construído em diálogo, verbal e por meio do *embodiment* do antropólogo (GREGORI, 2016), com os sujeitos na prática, nos processos de interação social (TURNER, 1981). Portanto, a experiência aqui é significativa – não restrita as práticas sexuais – na medida em que foi por meio dela que eu acessei o mundo dos meus interlocutores. Nesse sentido, as informações que estão dispostas nos capítulos tentam seguir o fluxo do vivido e, por meio das narrativas do trabalho de campo desnudar as dinâmicas e categorias apontadas e observadas como significativas.

1.4 Organização dos capítulos

No capítulo II, apresento **"as Orgias barebacking do Rei Sol"** por meio de um conjunto de fotografias realizadas por mim no contexto da observação participante. É necessário que se diga, os registros fotográficos foram realizados em uma única ocasião. Assim, as fotos estão dispostas de acordo com uma linearidade temporal, preservando, dessa forma, a sequência do vivido. Elas compõem uma narrativa cujos elementos constitutivos das orgias *barebacking* do "Rei Sol" podem ser visualizados.

Optei por esta primeira forma narrativa, sem o uso das palavras, tendo em vista seguir o fluxo do próprio universo pesquisado. As imagens possuem uma importância significativa na organização das orgias, são as primeiras a serem solicitadas e disponibilizadas. É por meio delas que os sujeitos orgiásticos incitam outros sujeitos, os arregimentam e os selecionam. É por meio delas que também exercem os seus exibicionismos e voyeurismos. Nesse sentido, trazer as imagens no primeiro capítulo é uma estratégia que segue a lógica do universo pesquisado. Quero com isso seduzir o/a leitor/leitora, não no sentido de tornar-se um orgiástico, mas seguir atento com a leitura, pois elas compõem uma narrativa maior que vai se construindo ao longo da tese, de modo que ao final se terá uma visão pormenorizada e ao mesmo tempo panorâmica do universo das orgias.

Objetivando suscitar outras questões, sugiro ao/a leitor/leitora que observe bem as fotografias e as sensações que elas podem suscitar e só volte a elas ao final da tese, colocando em comparação as duas perspectivas.

Para finalizar, vale mencionar que a estética que compõe as imagens, no que se refere mais especificamente aos homens sem cabeças, uma forma de preservar as suas identidades, segue a estética das fotografias e dos vídeos que são postados pelos orgiásticos nos blogs.

No capítulo III, **o caminho se faz ao caminhar**, abordo a construção do objeto, delineando as suas fases de constituição. Descrevo as primeiras aproximações com o tema, as fases do trabalho de campo e os primeiros contatos com os interlocutores e suas implicações na delimitação final. Nele, a partir das pistas suscitadas pelos interlocutores, elaboro uma torção e desloco o olhar, até então, centrado no risco e na produção do prazer para a segurança e o cuidado na produção dos laços sociais. Trago também nesse capítulo as biografias de 5 dos 9 orgiásticos *barebakers* entrevistados.

No capítulo IV, intitulado **"Corpo e emoções na experiência orgiástica"**, elaboro de forma mais detida uma reflexão centrada na experiência do trabalho de campo que denomino "trabalho de campo corpo a/no corpo". É quando encontro os sujeitos da pesquisa fisicamente e dou início ao trabalho de campo no sentido clássico do termo. Nele, a partir da minha experiência e de outros autores, faço uma reflexão sobre as implicações acadêmicas, e externas a academia, ao abordar à sexualidade e mais especificamente as práticas sexuais como objeto de investigação. A partir dessa discussão localizo a minha experiência junto aos sujeitos pesquisados, dando relevo as negociações travadas, os deslocamentos corporais e subjetivos e as implicações das relações e escolhas nos caminhos da pesquisa. Como pano de fundo a essa discussão aspectos pertinentes à dinâmica das orgias vão sendo desnudados ao leitor.

No capítulo V, **O empreendimento orgiástico: as orgias do "Rei Sol" e a "Festa Milk"**, o foco é nas particularidades do meu objeto, no sentido de explicitar as categorias que são colocadas em movimento nas orgias *barebacking* do Rei Sol, necessárias a compreensão de como e por quê os laços são construídos. Discutirei, por meio da minha experiência etnográfica na festa Milk, sem excluir outras referências do meu próprio campo, e em diálogo com outros pesquisadores que se debruçaram sobre esses espaços, categorias tais

como a discrição, o silêncio, o anonimato, a impessoalidade, a masculinidade, o segredo e a amizade, categorias presentes nas orgias de modo geral, mas que nas orgias *barebacking* do "Rei Sol" são vividas e significadas a uma lógica própria.

No capítulo VI, **A criação do novo mundo a partir das orgias barebacking do "Rei Sol"**, analiso como as relações – os laços sociais – entre os sujeitos orgiásticos *barebackers* são construídas. Nesse sentido, desvelo as categorias que são agências pelos pesquisados, como elas são vividas e significadas a partir de uma experiência que tem início quando os pesquisados descobrem que vivem com HIV/aids.

2 As Orgias *Barebacking* do “Rei Sol”

01

02

04

05

Mosh
Mosh

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

24

25

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

38

39

“ficar na pele”

3 Constituição do objeto e trabalho de campo nas orgias

3.1 Primeiros Passos – A ideia da Pesquisa.

A ideia de lançar o olhar para as orgias como objeto de investigação antropológica surgiu em 2008, ainda no mestrado em antropologia na Universidade Federal de Pernambuco– UFPE. À época, cursava uma disciplina denominada "Família, Gênero e Poder", ministrada pelo professor Parry Scott. Como requisito para obtenção da nota fora solicitado um artigo que tratasse das temáticas discutidas em sala de aula. Nesse momento, embora meu objeto de investigação para a elaboração da dissertação estivesse ligado à religião, mas em diálogo com gênero e sexualidade, o que não me distanciava do novo assunto vislumbrado, aproveitei a oportunidade para dar vazão a um desejo que me acompanhava desde a graduação, escrever algo relacionado à homossexualidade. Assim, elaborei um artigo intitulado: "O terceiro incluído: tensão entre o amor confluente e o amor líquido – reflexões sobre uma prática homoerótica no ciberespaço" (VIEIRA, 2009). Como o título do artigo anuncia, tomei como foco de investigação, numa perspectiva etnográfica, exclusivamente realizada no ambiente virtual, as práticas afetivo-sexuais de casais homoeróticos estáveis, os quais disponibilizavam seus perfis, fotografias e vídeos no site *http://disponivel.uol.com.br/web/home.asp*, em busca do que chamei "terceiro incluído", uma terceira pessoa, não fixa, a ser incluída, ocasionalmente, em suas práticas sexuais.

No intercurso da pesquisa, ao adentrar ao universo do site em busca dos possíveis casais a serem entrevistados, deparei-me com uma multiplicidade de práticas sexuais disponibilizadas e solicitadas pelos seus usuários: Sadomasoquismo, *gangbang*, *bondage*, *dildos*, *toys*, *fist fucking*, *feet fucking*, *face fucking*, "chuva dourada", "dupla penetração anal", *ménage a trois*, *voyerismo*, "exibicionismo", dominação, *barebacking*, "sexo-grupal"[10]. Embora meu olhar naquele momento estivesse circunscrito aos casais em busca do

10 Vale salientar, que estas definições estão sendo expostas de maneira sucinta, pois tais práticas sexuais são perpassadas por construções simbólicas. Sadomasoquismo: prática sexual onde a busca do prazer se dá através de proporcionar a dor (sadismo) e receber a dor (masoquismo); *gangbang*: um tipo de jogo sexual onde participam mais de três indivíduos, onde o passivo, elemento central do jogo, satisfaz os desejos e prazeres dos ativos; *bondage*: a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar o parceiro, geralmente relacionado ao sadomasoquismo; *dildos*: pênis artificiais, podem ser feitos de vários materiais (látex, silicone etc.), vibrantes ou não, em Pernambuco é conhecido popularmente como maranhão; *toys*: objetos/brinquedos utilizados de maneira erótica; *fist fucking*: consiste na penetração da mão/punho/antebraço no ânus; *feet fucking*: penetração do pé no anus; *face fucking*: conhecido popularmente como garganta profunda, consiste na introdução de todo o

"terceiro incluído", ou mais precisamente, ao que ele poderia proporcionar-lhes, no que se refere à dimensão subjetiva e a realização de suas fantasias e prazer, a multiplicidade de práticas sexuais não convencionais – do ponto de vista da matriz hegemônica da sexualidade –, e a empreitada dos sujeitos pesquisados em busca da realização das suas fantasias, não me passaram despercebidas.

Diante da miríade de práticas sexuais, as quais podem ser arranjadas pelos sujeitos que delas fazem uso, a que mais me chamou atenção foi o sexo grupal. Tomar consciência acerca de um universo até então não desvelado foi condição necessária para dar o primeiro passo, estranhá-lo. Não que eu não tivesse conhecimento das práticas sexuais supracitadas, não me rogarei esta ingenuidade. Entretanto, digo isto tendo em vista a existência de uma rede articulada, e que a todo momento está se rearticulando, e uma engenharia elaborada no sentido de viabilizar as experiências orgiásticas. Elas acontecem nos espaços públicos, em que se paga para entrar, a exemplo das saunas e clubes de sexo, bem como nos espaços privados, a exemplo de apartamentos e hotéis, onde os sujeitos que participam não pagam, estão a convite de um anfitrião. Por esse caminho, via ambiente virtual, deparei-me com uma série de perfis e blogs de indivíduos e grupos espalhados pelos mais variados lugares do Brasil[11].

A partir de então, mesmo me ocupando de forma mais detida com a pesquisa do mestrado e de outras atividades acadêmicas, após finalizá-lo, tímida, e "despretensiosamente", continuei vasculhando o universo das orgias. Assim, busquei me familiarizar com as mais variadas práticas sexuais, como apontadas acima e, mais objetivamente, com os encontros orgiásticos. Me interessava entender os seus motores, as suas categorias e subcategorias, conhecer os sujeitos orgiásticos, os significados que atribuíam às práticas, suas motivações

pênis na boca, independente do tamanho; *bareback*: penetração anal sem o uso preservativo entre homens gays; chuva dourada: prazer em receber ou urinar sobre o parceiro; dupla penetração anal: introdução de dois pênis ao mesmo tempo no ânus; *ménage a trois*: sexo praticado entre três indivíduos; *voyerismo*: prazer obtido por meio da observação de terceiros praticando sexo; exibicionismo: prazer obtido através da exibição de sua imagem praticando sexo.

11 Disponível em: <http://morenos1972.blogspot.com.br>; <http://ttchellosexyspzs.blogspot.com.br>; <http://clubedospauzudos.blogspot.com.br>; <http://wilsppegadas.blogspot.com.br>; <http://garotossemneura.blogspot.com.br>; <http://putosnasuruba.blogspot.com.br>; <http://www.blackoutclub.com.br >; < http://www.gladiatorsclub.com.br >; < http://www.upgradeclub.com.br >; <http://www.peeplounge.com.br/>; <http://rgbar.com.br/home.html>; <http://pegadademachosctba.blogspot.com.br. > Acesso: em 12 de outubro 2013.

para a efetivação dos encontros, onde eles eram realizados, os prazeres proporcionados, as regras. E, principalmente, me inquietava entender como os adeptos do sexo grupal escapavam "das ideologias normativas do ideal da intimidade, da ética conjugal e da obrigatoriedade do sexo a dois" (DÍAS-BENITEZ, 2009, p. 567). Esse período, anterior a minha entrada no doutorado, eu denomino primeira fase das pesquisas de campo, ou fase exploratória. Nela, concomitante à aproximação do universo das orgias, familiarizei-me com a literatura antropológica pertinente ao campo da etnografia de práticas sexuais, buscando elementos para a elaboração do problema de pesquisa.

3.2 O primeiro recorte da pesquisa ou, como se constitui um "objeto" – O trabalho de campo no cyberespaço.

A interconexão do trabalho de campo exploratório e das leituras da produção antropológica concernente ao campo que eu estava adentrando, possibilitaram-me elaborar o primeiro recorte da pesquisa. Como já havia uma variedade de trabalhos realizados sobre o que Brás (2010) denomina de Locais Comerciais para Encontros Sexuais (LCES), o que inclui saunas, cinemas pornôs e clubes de sexo, a primeira coisa a fazer, o que justificaria e legitimaria minha abordagem, seria optar por um caminho que possibilitasse suprir uma lacuna, adentrar aos espaços privados.

Portanto, assumi o desafio de pesquisar as orgias organizadas em hotéis e apartamentos privados. Desafio não apenas pela temática em si, visto que a opção por pesquisar objetos ligados à sexualidade e, mais radicalmente, tomar as práticas sexuais em si como objeto de investigação gera implicações em que o próprio pesquisador é colocado sob suspeita. Nesse quesito, levando em consideração a minha personalidade, e o que enfrentei desde tenra idade em função da minha homossexualidade aparente, por isso colocado sob suspeita diuturnamente, essa primeira implicação eu tiraria de letra, ou melhor, a utilizaria como dado para pensar na constituição e legitimidade dos campos de pesquisa. As questões que se impuseram foram: que estratégias utilizaria para adentrar aos universos privados das orgias? Como eu contataria e estabeleceria os vínculos de confiança necessários com os interlocutores? Realizaria trabalho de campo só no ambiente virtual ou partiria para o corpo a

corpo? Quais seriam os limites da minha inserção entre os sujeitos pesquisados? Adentraria às práticas sexuais orgiásticas como estratégia metodológica? Operacionalizaria a observação participante? Quais os limites éticos da minha incursão entre os sujeitos orgiásticos? Tais questões se fizeram presentes e me foram imputadas por colegas antropólogos, na maioria das vezes de forma jocosa, em outras irônicas[12], desde o período embrionário da pesquisa, mas se intensificaram significativamente quando decidi tomar os espaços privados como *locus* de investigação.

Aqui, cabe ressaltar que ao privilegiar os espaços privados como *locus* de investigação, não descartei as observações nos espaços públicos voltados para a prática do sexo grupal. As orgias realizadas em tais lugares foram observadas na perspectiva de se constituírem dados contrastivos. E mais, por meio de uma pista apontada no contexto da observação participante logo no início dos trabalhos de campo, as Orgias do "Rei Sol"[13], central nesse estudo, parece se configurar como um "ponto de fuga", uma alternativa às normatividades produzidas no âmbito dos espaços comerciais, acentuadamente atravessados pelo mercado.

Delimitado esse primeiro aspecto, temendo não acessar os sujeitos da pesquisa corpo a corpo como estratégia metodológica optei por dar continuidade observando *blogs* da internet. Associado às observações realizadas nos *blogs*, estabeleci diálogos com os seus articuladores via MSN, *Skype* e *WhatsA pp*[14]. Num primeiro momento, observei os blogs

12 Retomarei estas questões no capítulo seguinte.

13 O Rei Sol é o proprietário do apartamento e anfitrião das orgias. Configura-se neste trabalho como um dos interlocutores chaves. Ao compartilhar com ele a forma como o chamava nas minhas anotações de campo considerou o codinome por demais narcísico, mas depois concordou a sua utilização. Estendeu o codinome aos outros participantes do grupo.

14 O Mensseger, *Skype* e *WhatsApp* são programas e também aplicativos utilizados para a troca de mensagens do tipo "*short Message Service*", ou seja, Serviço de Mensagens Curtas. Eles existem desde a década de 1990 e tiveram como seus precursores o ICQ e o MIRC. Com o desenvolvimento, acesso aos computadores domésticos e massificação dos celulares, tornaram-se, a partir dos anos 2000, importantes instrumentos de comunicação. Atualmente são imprescindíveis tanto para o mundo dos negócios como para a vida doméstica. O MSN foi o mensageiro mais popular dos anos 2000, chegou a ter em média 60 milhões de usuários cadastrados, mas perdeu espaço para programas mais modernos, como o Skype. Foi encerrado em 2014 e os seus usuários tiveram a possibilidade de migrar as suas contas, com todos os contatos, para o *Skype*. "O *Skype* é o *software* que permite conversar com o mundo todo. Milhões de pessoas e empresas usam o *Skype* para fazer chamadas de vídeo e voz gratuitas entre dois usuários, bem como chamadas em grupo, enviar mensagens de *chat* e compartilhar arquivos com outras pessoas no *Skype*. Você pode usar o *Skype* no dispositivo que preferir: no celular, no computador ou no *tablet*". < https://support.skype.com/pt-br/faq/FA6/o-que-e-o-skype > Acessado em 14 de janeiro de 2019. O

indiscriminadamente. Num momento subsequente, circunscrevi o olhar a três deles, quais sejam: http://morenos1972.blogspot.com.br/, http://ttchellosexyspzs.blogspot.com.br e www.pegadasdemachos.com. Os dois últimos estão relacionados.

A escolha desses três *blogs*, em detrimento dos outros listados em nota de rodapé na segunda página deste capítulo se deu por dois motivos. O primeiro, em virtude da possibilidade de observação das práticas orgiásticas por meio de vídeos, fotos e textos escritos postados nos *blogs*. O segundo, em função dos *blogs* se constituírem a partir de uma rede de homens que fazem sexo com homens, cujas predileções giram em torno das práticas sexuais coletivas. Para além de se constituírem "passatempo", *" h obby"*, para seus articuladores, os *blogs* funcionam como mecanismos de propagação das práticas sexuais, estratégia para o recrutamento de neófitos. A partir dessa dinâmica, se constitui uma rede de homens adeptos das orgias.

Acessar os *blogs*, observá-los, dialogar com os seus articuladores, familiarizar-me com as práticas sexuais e as dinâmicas de viabilização e organização das orgias, se constituiu estratégia fundamental para a delimitação do tema e elaboração das questões iniciais desta pesquisa. Nesse sentido, a partir desse primeiro quadro empírico, parti para a problematização e construção destas questões. Influenciado pela ideia de distanciamento elaborada pelo dramaturgo alemão Bertold Brecht, estabeleci uma analogia entre as emoções vividas pela plateia aristotélica e os sujeitos adeptos das orgias. Nessa perspectiva, de acordo com Rosenfeld (1985), o êxtase vivido diante do drama encenado possibilita ao público uma identificação que os leva a esquecer-se de tudo. Essa identificação é percebida por Brecht como uma consequência da teoria da catarse, da purgação e descarga das emoções. "O público assim purificado sai do teatro satisfeito, convenientemente conformado no sentido da ideologia burguesa e incapaz de uma ideia rebelde" (ROSENFELD, 1985, p. 148).

WhatsApp atualmente é o mais popular de todos. De acordo com o site da empresa "*começou como uma alternativa ao sistema de SMS (Short Message Service, ou Serviço de Mensagens Curtas), e agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz. Nossas mensagens e ligações estão protegidas com criptografia de ponta-a-ponta, o que significa que terceiros, incluindo o WhatsApp, não podem lê-las ou ouvi-las. Por trás de cada decisão, encontra-se o nosso desejo em possibilitar que as pessoas se comuniquem sem barreiras em qualquer lugar do mundo"*. < https://www.whatsapp.com/about/ > acessado em 14 de janeiro de 2019.

Na contramão das ideias supracitadas, no teatro épico o ator-narrador não “simplesmente” interpreta uma personagem, mas de forma didática a revela para o seu público. Nesse sentido, um dos recursos utilizado pelo ator-narrador é sua saída da personagem, dirigindo-se objetivamente ao público, falando com voz e gestos próprios, quebrando o que é conceituado como a quarta parede, ou seja, uma espécie de parede imaginária que separa os atores da plateia. Tais artifícios tinham como objetivo manter a plateia atenta aos aspectos sociais abordados pelo referido autor na sua dramaturgia. Cabe ressaltar, no sentido de deixar a analogia mais clara, que as emoções no teatro épico não são descartadas. Assim, não há na dramaturgia de Brecht uma contraposição às emoções, o que se pretende é elevá-la ao raciocínio.

Nesse sentido, as emoções experimentadas pelos sujeitos nas orgias, no que se refere à produção de fruição corpórea, e as consequências experienciadas em decorrência delas, hipoteticamente vislumbradas, me levaram a elucubrações. Tais reflexões tomaram o lugar ocupado pelas emoções no teatro épico como parâmetro para pensar o lugar das emoções vividas por meio da experiência, e na experiência orgiástica. Destarte, quando num primeiro momento eu estava objetivando/objetificando compreender como a noção de risco era significada pelos adeptos das orgias e quais as vinculações que tais significações tinham com a produção do prazer e a realização do desejo, eu estava entrevendo possíveis vacilos experimentados pelos sujeitos orgiásticos em decorrência do êxtase e da catarse, emoções apontadas na teoria Brechtiniana como escamoteadoras da razão. Por esse ângulo, as orgias se constituiriam práticas de risco.

Associada as reflexões supracitadas, minha experiência como pesquisador no campo da prostituição já havia me revelado que, concernente ao uso da camisinha, as mulheres prostitutas a utilizam com os seus clientes, mas ao se apaixonarem a camisinha não é utilizada (VIEIRA, 2005; 2010). Ou seja, as emoções experimentadas em decorrência do envolvimento amoroso é fator preponderante no abandono da proteção. Ademais, as formulações elaboradas por Jeolás (2007) a partir do imaginário de jovens sobre os riscos da aids corroboraram para que eu seguisse nessa direção. De acordo com a autora:

> […] Há uma afirmação generalizada da (quase) impossibilidade de se conciliar, de um lado a *razão* – "ter consciência"; "pensar bem"; planejar; "ter cabeça" - e, de outro lado, a emoção – o "vacilo"; o "descuido"; a "marcação"; o "não planejado"; o "imprevisível"; a "falta de cabeça"; a "bobeira"; a "hora H". **O êxtase e a vertigem,** para eles, possibilitados pelo sexo e pelo álcool (ou outras drogas), expressam muito bem esta tensão entre razão e emoção, marcando o fato de que as sensações que se tem (ou que se buscam) nas relações sexuais, nas paixões e nos amores impedem a racionalidade e a previsibilidade das práticas de proteção. **Eles afirmam, com recorrência, que a natureza do amor, da paixão, do "tesão" faz parte do domínio do imponderável e do não planejado, e a camisinha rompe, como um intruso não convidado, este momento de encantamento e de suspensão do mundo** (Jeolás, 2007, p. 33, grifo meu).

Embasado, como já foi mencionado acima, pelas observações realizadas exclusivamente no ambiente virtual – o que me possibilitou elaborar a analogia entre as emoções vivenciadas no âmbito da orgia e o teatro épico –, pelas minhas experiências anteriores de pesquisa no campo da prostituição, pelas formulações da autora supracitada, bem como pela ideia na qual o conceito de masculinidade vigente em nossa sociedade está atrelado ao risco e ao prazer, como elementos que constituem a construção do que é ser homem (SILVA, 2010), lancei uma primeira hipótese: a experiência de vivenciar variadas práticas sexuais simultâneas – observar e ser observado, dominar e ser dominado, penetrar e ser penetrado (ao mesmo tempo ou não), praticar DP (dupla penetração simultânea pelo canal anal), penetrar e ser penetrado e fazer sexo oral, dentre tantas outras possibilidades –, proporcionariam aos adeptos das orgias a maximização do prazer, situando a orgia no extremo de um *continuum*.

Esse *continuum*, na experiência dos sujeitos orgiásticos, estaria, de forma inversa, ligado ao que Rubin (2017) considera nas sociedades modernas como um sistema hierárquico de valores sexuais. Para a autora, há um escalonamento hierárquico no sentido de haver práticas sexuais socialmente legitimadas e outras não. As primeiras, localizadas no topo da pirâmide, estariam conformadas a uma sexualidade heterossexual, conjugal, monogâmica, reprodutiva e não comercial. As demais, quanto mais distantes das práticas situadas no topo da pirâmide menos legitimadas estariam. Nessa hierarquia, casais lésbicos e gays estáveis de longa duração seriam tolerados e situados acima de sapatões caminhoneiras e gays promíscuos. As últimas, estariam situadas acima das categorias

sexuais mais desprezadas. Estas, por sua vez, situadas na base da pirâmide, quais sejam: “transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, profissionais do sexo, como as prostitutas e modelos pornográficos e, a mais baixa de todas, aquela cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais” (RUBIN, 2017, p. 83).

Ainda sobre as categorias legitimadas e não legitimadas a autora postula:

> Os indivíduos cujo comportamento figura no topo dessa hierarquia são recompensados com o reconhecimento de saúde mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidade social e física, apoio institucional e benefícios materiais. À medida que se vai descendo na escala de comportamentos sexuais ou ocupações, **os indivíduos que os praticam se veem sujeitos à presunção de doença mental, falta de idoneidade, tendência à criminalidade, restrição de mobilidade social e física, perda de apoio institucional, sanções econômica e processo penais.** (RUBIN, 2017, p. 83, grifo meu)

Ou seja, aos sujeitos orgiásticos, homens que fazem sexo não heterossexual, não monogâmico, não reprodutivo, situados na base da pirâmide, seriam relegados àquilo que, supracitado em negrito, é apontado pela autora. Entretanto, na experiência orgiástica essa lógica parece funcionar de forma contrária. Deste modo, o que seria rechaçado a partir do “estigma erótico” é valorizado na experiência dos sujeitos orgiásticos, o que me possibilitou em termos de produção do prazer elaborar o que eu chamei de “*continuum* do prazer”. Assim, partindo da compreensão de erotismo em Bataille (2013), em que há uma articulação entre prazer erótico e transgressão, uma questão se anunciou: o prazer, fruição e sensações corpóreas, seria produzido a partir de um *continuum*, em que, quanto mais distante as práticas sexuais coletivas realizadas entre homens que fazem sexo com homens estão das práticas sexuais legitimadas, mais intensas seriam as sensações experimentadas. Destarte, por articular variadas práticas rechaçadas, do ponto de vista do “sistema hierárquico de valores sexuais”, e em função dos múltiplos estímulos corpóreos sentidos pelos seus adeptos, as orgias pesquisadas até então estariam situadas no extremo do “*continuum* do prazer”.

Tais elucubrações e constatações hipotéticas me possibilitaram trilhar dois caminhos. Primeiro, a elaboração de questões pertinentes à maximização do prazer: por

que os sujeitos orgiásticos buscam a maximização do prazer? O que esse prazer significa? No que essa busca pela maximização do prazer se conecta com os valores culturais mais abrangentes da sociedade contemporânea? Apesar de serem práticas "marginais" e possuir caráter contestatório, não estaria em outro nível reiterando certos papéis e valores? O que reitera e o que contesta? O segundo, mais intencionalmente conectado a uma justificativa instrumental, visto que, a partir do meu lugar de fala, enquanto pesquisador gay, eu desejara de alguma forma contribuir com reflexões que tratassem mais diretamente de questões pertinentes aos riscos de infecção pelo vírus HIV, relaciona-se aos riscos, pessoal e social, possibilitados aos homens que fazem sexo com homens a partir da experiência orgiástica. Concernente a este segundo aspecto, duas questões foram observadas. A primeira estava relacionada a uma espécie de código de ética que norteia os requisitos e condutas adequadas para se participar das orgias. A segunda, ao intercurso sexual praticado sem o uso do preservativo, o que remete à prática conhecida entre os grupos como, "sem capa", "na pele" "*unsafe*" ou "*barebacking*".

A partir desse quadro empírico, e do que fora construído, objetivei investigar orgias privadas realizadas entre homens que praticam intercurso sexual com outros homens. Por orgia, compreendo uma prática sexual realizada em grupo. A priori, a pesquisa teria como base etnográfica uma rede de homens que se articulavam mediante os três *blogs*[15] supracitados. O objetivo se constituía em compreender como a noção de risco era significada pelos atores praticantes das orgias e quais as vinculações que tais significações tinham com a produção do prazer e a realização do desejo. Se bem observaram, os tempos verbais utilizados na construção das proposições frasais acima estão no passado e no futuro do pretérito. Eles sinalizam para proposições e questões que não fazem mais sentidos no presente momento. Estavam condicionados ao que fora proposto a partir da pesquisa exploratório. Ao partir para o trabalho de campo corpo a/no corpo, as interações vis-à-vis experimentadas possibilitaram vislumbrar novos horizontes.

15 É um *website* cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou *posts*. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*. Muitos *blogs* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários *online*. Um *blog* típico combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da Web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos *blogs*.

3.3 O segundo recorte da pesquisa ou, como se constitui um "objeto" parte II – O trabalho de campo "corpo a/no corpo" e os novos caminhos trilhados/apontados…

Em se tratando da exposição das condições de realização do trabalho de campo, e as implicações da experiência pessoal do pesquisador na legitimidade dos dados e resultados finais das pesquisas etnográficas já não é uma novidade na antropologia. Pelo contrário, a antropologia moderna, de forma paradoxal, colocou o autor/etnógrafo – expositor dos dados e analista – no centro de suas narrativas, constituindo-se e legitimando-se enquanto campo científico a partir daquilo que, estrategicamente, fora revelado por meio da sinédoque: eu estive lá por isso posso falar. De outra sorte, a crítica pós-moderna estadunidense colocou em xeque exatamente essa estrutura. Para eles, a forma como a experiência do trabalho de campo foi textualizada, nas etnografias clássicas, acentuou a presença do autor/etnógrafo e sufocou as vozes, interpretações e enunciados dos sujeitos pesquisados. O que por sua vez resvalou na não crítica sobre suas inserções no campo, o texto e o contexto em que a escrita estava sendo produzida e, principalmente, sobre as relações de poder imbricadas em um tipo de conhecimento engendrado a partir das relações estabelecidas entre sujeitos situados em lugares hierarquicamente desiguais, no contexto do colonialismo (CALDEIRA, 1988).

Com efeito, quero chamar a atenção para os processos vivenciados ao longo desta pesquisa. Não no sentido de me filiar à perspetiva pós-moderna, mas aproveitar os caminhos suscitados por ela e não simplesmente revelar aquilo que foi vivenciado durante o trabalho de campo como alegoria de um processo objetivo, na perspetiva de legitimar as minhas descrições e análises. De todo modo, na medida em que sustento o meu discurso nas minhas experiências pessoais junto aos sujeitos pesquisados, sem me excluir do campo, das práticas sexuais empreendidas pelos sujeitos e muito menos do texto, a perspectiva aqui assumida/perseguida mescla estratégias textuais clássicas e pós-modernas.

É por esse ângulo que desvelo e esmiúço a construção do objeto. Quero dar relevo à perspectiva dialógica[16]na medida em que o próprio objeto, o trabalho de campo e a

16 Essa perspectiva se inspira na "reflexividade", paradigma elaborada pelo antropólogo Paul Rabinow nos anos 1970. Este concebe o trabalho de campo como ação colaborativa entre antropólogos e seus interlocutores, que constroem, de forma conjunta, as interpretações e explicações (RABINOW, 1992).

construção da realidade em si, aqui descritas/, se deram/dão em diálogo com os meus interlocutores. Como o título anuncia – "o caminho se faz ao caminhar" –, a construção daquilo que eu chamo de objeto, talvez de forma equivocada, tendo em vista querer me distanciar da sua acepção clássica, não se deu a partir dos parâmetros de uma ciência nomológica. Não que a objetividade e a neutralidade estivessem ausentes no período de sua construção, assim como nas outras fases deste trabalho, como verão ao longo da tese. Elas foram reposicionadas, operacionalizadas de forma e em momentos estratégicos na perspetiva de assegurar, minimamente, as condições necessárias para a realização do trabalho antropológico. Digo isto tendo em vista as peculiaridades inerentes ao meu campo e, de certa forma, ao meu pertencimento a ele[17].

Por esse ângulo, ratifico, o fato de tê-las operacionalizado não destitui o caráter partilhado do que foi construído ao longo das fases deste trabalho. Nem mesmo no momento da escrita, em que, longe do campo, detenho o poder de nortear e pinçar aquilo que considero relevante do ponto de vista etnográfico. Ratifico também que, ao me referir às fases desta pesquisa, o faço tendo em vista elas terem sido projetadas e sistematizadas para serem vividas de acordo com o tempo previsto pelas instâncias burocráticas pertinentes ao programa de pós- graduação em que curso o doutorado e aos órgãos do Estado responsáveis pela pós-graduação no Brasil. Assim como também na perspetiva de tornar o processo viável e inteligível. No entanto, elas não se separam de forma estanque. Assim, não há um limite rígido entre os momentos em que o objeto, os dados e as análises foram construídas: elas se interconectam na medida em que, ao me aproximar do campo virtual, a primeira versão do objeto foi sendo elaborada; ao me deslocar fisicamente para o trabalho de campo corpo a/no corpo, o objeto foi sendo reconstruído a partir do vivido e do que fora apontado pelos meus interlocutores como significativo[18]; na medida em que, no

17 Vejamos a questão que Sônia Maluff nos coloca sobre as possibilidades de reposicionamento dos lugares dados em uma antropologia – das sociedades complexas – que desestabiliza os fundamentos ontológicos da disciplina: "Qual seria o lugar dessa antropologia cujos sujeitos não são tão obviamente nossos "outros", ou seja, que deslocam o fundamento ontológico do trabalho antropológico, a dicotomia nós/eles, em que o outro não é da dimensão do dado, mas da dimensão do feito, que precisa ser construído como tal para que algum trabalho etnográfico aconteça?" (MALUF, 2011, p. 46)

18 Voltarei a este assunto no terceiro capítulo.

presente momento em que escrevo estou fisicamente longe do campo, mas a todo momento me reportando a ele, seja por meio da memória, dos meus diários de campo, entrevistas ou conversas pontuais por meio do ambiente virtual com meus interlocutores.

O que foi apontado se interconecta à perspectiva dialógica sinalizada nos parágrafos supracitados. Ao realizar o trabalho de campo visando à construção dos dados, as questões geradas no primeiro recorte do objeto, e os seus porquês, foram partilhados com meus interlocutores. Nesse sentido, os diálogos estabelecidos nos possibilitaram reformular questões, conceitos e redirecionar os caminhos da pesquisa a serem percorridos. Destarte, para além das observações *in locus* realizadas nas orgias do Rei Sol, na sauna e nos clubes de sexo, as conversas efetuadas nos mais variados lugares e contextos da cidade de São Paulo e as entrevistas, se deram de forma aberta. Eu queria entender o que era uma orgia, os significados atribuídos pelos seus praticantes, os seus motores, os porquês delas serem realizadas e qual o lugar ocupado pela prática orgiástica nas vidas dos sujeitos que as praticam. A partir daí o diálogo fora conduzido pelas reflexões suscitadas, pelos relatos do que fora vivenciado, das linhas de fugas, descobertas e expectativas, dentre tantas outras dimensões da vida, as quais, eticamente, eu intento desvelar, mas, que, por vezes me parecem fugir à potência da escrita. A invenção, nos termos Wagnerianos, aqui também é reflexo dessas operações, na medida em que o vivido[19]– invenção/criação – pelos sujeitos orgiásticos é deslocado para uma outra dimensão do também vivido, ou seja, da fala e reflexões acerca das ações. Como em um espetáculo de teatro, eu os convido, os conduzo, e

19 Para Roy Wager (2014), "De sua parte, o antropólogo supõe que o nativo está fazendo o que ele está fazendo-a saber, "cultura". E assim, como um modo de entender os sujeitos que estuda, o pesquisador é obrigado a inventar uma cultura para eles, como uma coisa plausível de ser feita. Mas, como a plausibilidade é uma função do ponto de vista do pesquisador, a "cultura" que ele imagina para o nativo está fadada a manter uma distinta relação com aquela que ele reivindica para si mesmo. Quando um antropólogo estuda outra cultura, ele a "inventa" generalizando suas impressões, experiências e outras evidências como se estas fossem produzidas por alguma "coisa" externa. Desse modo, sua invenção é uma objetificação, ou reificação, daquela "coisa". Mas para que a cultura que ele inventa faça sentido para seus colegas antropólogos, bem como para outros compatriotas, é necessário que haja um controle adicional sobre sua invenção. Ela precisa ser plausível e plena de sentido nos termos de sua própria imagem de "cultura". Vimos que o termo "cultura" não tem para nós um referente único: seus vários e sucessivos significados são criados mediante uma série de metaforizações ou, se se preferir, "ambiguidades". Quando identificamos um conjunto de observações ou experiências como uma "cultura", estendemos nossa ideia de cultura para englobar novos detalhes e ampliar suas possibilidades tanto quanto sua ambiguidade. Em um sentido importante, a "invenção" hipotética de uma cultura por um antropólogo constitui um ato de extensão: é uma "derivação" nova e singular do sentido abstrato de cultura a partir do seu sentido mais restrito" (WAGNER, 2014. p. 89 e 90).

sou convidado e conduzido por eles, a olhar para cena e, em consequência, olhar para si em cena.

Foi por meio dessa relação que, inesperadamente, adentrei ao universo das orgias *barebacking*. Como havia planejado no projeto de pesquisa, objetivei acessar os adeptos das orgias, de modo geral, por meio dos blogs mencionados. Por esse caminho, havia duas possibilidades de estabelecer os diálogos e possíveis relações. A primeira, dar continuidade aos contatos que foram iniciados na primeira fase do trabalho de campo e realizar a pesquisa exclusivamente via ambiente virtual. A segunda, mediante negociações, realizar observações diretas nas orgias e entrevistas, no sentido etnográfico clássico, corpo a corpo. Na realidade, embora eu já tivesse compreendido o virtual como instância do real (LÉVI, 2011; GUIMARÃES JR., 2000; FERNANDES, 2006; VIEIRA, 2009), essa bipartição, do ponto de vista heurístico, até o início da segunda fase do trabalho de campo fora pensada como dimensões dissociadas. Com o decorrer da pesquisa eu fui me dando conta que o virtual, nas suas múltiplas dimensões, permeou a pesquisa do início ao fim. Fosse como instrumento mediador da minha relação com os interlocutores, das relações dos sujeitos pesquisados entre si e das estratégias utilizadas para a viabilização das orgias, assim como também da constituição de uma sexualidade que é construída e atravessada por essas dimensões[20].

De todo modo, mesmo considerando a legitimidade das pesquisas realizadas exclusivamente via ambientes virtuais, optei por seguir uma das premissas metodológicas básicas no campo da antropologia, na qual a abordagem vem a reboque das peculiaridades do objeto. Nesse sentido, o meu intuito, do ponto de vista etnográfico, seria trilhar o mesmo caminho feito pelos meus interlocutores. Ou seja, primeiro há uma articulação via ambiente virtual para depois as práticas serem empreendidas "corpo a/no corpo". Como os sujeitos conectados aos blogs escolhidos estavam situados nas cidades de Brasília e São Paulo, projetei dois períodos de seis meses nos quais eu realizaria trabalho de campo respectivamente nas referidas cidades. Entretanto, uma outra questão prática, e

20 Sobre esse aspecto ver o trabalho pioneiro de Fernandes (2006), "Alguém a fim de tc comigo?": a construção social da sexualidade virtual, defendido como tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE. Ver também Parreiras (2008; 2015).

extremamente significativa, se interpunha: Como eu realizaria trabalho de campo em outras cidades sem financiamento de pesquisa?

Como estratégia para a realização do trabalho de campo "corpo a/no corpo", no segundo semestre do ano de 2014 pleiteei o "auxílio à mobilidade discente – AMD"[21] disponibilizado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE. Esta informação pode parecer inadequada neste local. As instituições de fomento geralmente são formalmente citadas e situadas, em se tratando da estrutura textual das dissertações de mestrados e teses de doutorados, nos espaços destinados aos agradecimentos. Entretanto, ao que aqui se cumpre, delinear os caminhos percorridos e as condições, objetivas e subjetivas, envolvidas na construção e delimitação do "objeto", é importante que se diga: caso o auxílio não tivesse sido obtido, o trabalho de campo teria se dado de outra forma e os desdobramentos da pesquisa, como veremos, seriam outros.

Foi a partir do primeiro recorte desta pesquisa, detalhadamente delineado no tomo anterior, e das estratégias para burlar a falta de financiamento que eu escolhi o núcleo de pesquisas para a realização do estágio de doutorado. Como Roberto, o dono do *blog* www.morenos1972.com.br mora na cidade de Brasília, mas tem conexão com vários Estados do Brasil, inclusive São Paulo, cidade onde os articuladores dos *blogs* http://ttchellosexyspzs.blogspot.com.br e www.pegadasdemachos.com habitam e organizam orgias, decidi iniciar o trabalho de campo pela cidade de São Paulo. Dessa forma, em concomitância com o estágio de doutorado, eu negociaria o acesso às orgias denominadas "pegadas de machos", e, por ventura, se tivesse sorte, teria a possibilidade de encontrar Roberto, conversar com ele, entrevistá-lo e participar das orgias organizadas por ele na mesma cidade.

---

21 De acordo com o site da FACEPE, O Auxílio à Mobilidade Discente – AMD tem por objetivo "propiciar ao estudante de pós-graduação de Instituição de Ensino Superior (IES) ou Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT) situada no estado de Pernambuco mediante a cobertura de despesas, um estágio de curta duração em centro de pesquisa sediado no país para realizar parte de seu trabalho de dissertação ou tese em cooperação com grupo de pesquisa diferente daquele o qual está vinculado, visando enriquecer sua formação e incentivar a colaboração interinstitucional". (…) "corresponde a passagens aéreas para o local do estágio e no máximo seis parcelas mensais correspondentes ao valor da bolsa do doutorado". Disponível em: <https://agil .facepe.br/modalidades/amd.php > Acessado em 15 de janeiro de 2019.

Assim o fiz. Em Março de 2015, depois de ter cursado as disciplinas obrigatórias do doutorado e conseguido o financiamento para o estágio de doutorado, parti para Campinas e, em concomitância com a participação nas atividades do núcleo de estudos de gênero Pagu, da Unicamp, dei início à segunda fase do trabalho de campo. A essa altura da pesquisa, por meio do ambiente virtual, eu já havia criado uma certa regularidade nos diálogos com alguns interlocutores. Em vista disso, em abril de 2015, ao saber da ida de Roberto para Belo Horizonte, sua terra natal, aproveitei a oportunidade e fui ao seu encontro. Esta primeira interlocução face a face, aqui pensada como rito de passagem[22],foi fundamental para a abertura do campo e dos novos direcionamentos que a pesquisa tomou.

Como estava morando em Campinas eu vinha tentando iniciar o trabalho de campo junto ao Thello e ao Wilson, ambos articuladores do "pegadas de machos". Mas não conseguia avançar nas negociações para encontrá-los para uma conversa em que eu pudesse pessoalmente apresentar a pesquisa, pormenorizar meus objetivos, barganhar uma entrevista e tentar convencê-los, vis a vis, a me deixarem participar como *voyeur* das orgias realizadas nos apartamentos. As respostas dos dois, assim como as de Roberto, iam sempre na mesma direção, venha na orgia… Quanto ao Roberto, o meu acesso a ele fora condicionado a participar, efetivamente, das práticas sexuais coletiva. Qualquer pergunta mais elaborada que eu fizesse ele me respondia, "sou mais de meter mesmo". O fato é que o encontro corpo a/no corpo com Roberto me descortinou o universo das orgias privadas. Diante da dificuldade mencionada solicitei que me colocasse em contato com a rede de homens praticantes de sexo grupal da cidade de São Paulo. Disponibilizou-me os contatos de dois orgiásticos *barebackers*, com a seguinte ressalva: "eles são 'positivos', os contatos são para a pesquisa, não caia na lábia deles, eles são muito gostosos", ou seja, os contatos partilhados eram de homens soropositivos, praticantes da prática do sexo anal sem o uso do preservativo, convencionalmente denominada *barebacking*.

A priori, a sugestão de Roberto me deixou reticente. Eu estava iniciando a segunda fase do trabalho de campo, os contatos que eu havia tido com os interlocutores e com o universo das orgias, até o momento, tinham sido quase exclusivamente via ambiente virtual. Há pouquíssimo tempo eu havia chegado em Campinas, a minha conexão com a cidade

22 Volto a esta questão no capítulos seguinte.

de São Paulo, e os interlocutores, ainda era tímida e cautelosa. Eu havia projetado observar as práticas *barebacking*, mas, a princípio, além delas não terem centralidade em função da primeira formatação do objeto, eu não imaginara ter acesso a elas de uma forma tão rápida. Era como se eu necessitasse passar por um aprendizado cumulativo e hierarquizado. Primeiro eu adentraria as orgias *safe* e depois as orgias *unsafe*. O que eu não havia percebido, na época, era que o trajeto estava se dando exatamente dessa forma. Sem deixar de mencionar os meus preconceitos, frutos dos estereótipos pertinentes ao *barebacking* e seus adeptos.

Contudo, no mês seguinte, maio de 2015, utilizei uma viagem de Roberto para a cidade de São Paulo como estratégia para conhecer Alejandro, um dos orgiásticos que ele havia me disponibilizado o contato telefônico. Às 13 horas do sábado, 30 de maio de 2015 encontrei Alejandro em uma academia de dança num bairro próximo av. Paulista, de lá seguimos para o hotel onde Roberto estava à nossa espera, localizado no centro da cidade. Seguimos caminhando para o Mercado Municipal, onde passamos a tarde inteira conversando "amenidades", trocando informações sobre nós, e, claro, sobre sexo e orgias. Até então o status sorológico de Alejandro e a prática *barebacking* não haviam sido mencionados.

Do Mercado Municipal retornamos para o hotel. Roberto trocou de roupas e se muniu de seu equipamento de fotografias e filmagens para utilizá-los na orgia que aconteceria logo mais às 18 horas, no apartamento do Rei Sol, localizado nas imediações do Largo do Arouche. No quarto do hotel, ele também pegou uma máscara da cor preta, semelhante às usadas nos rituais de BDSM[23]. A máscara, feita de um tecido grosso, com dois buracos na altura dos olhos e um da boca, é usada para que alguns não sejam reconhecidos nas filmagens e fotografias praticando sexo oral. Naquele momento também pude observar os dois orgiásticos ingerirem um medicamento usado para aplacar a disfunção erétil, o Cialis. Em outra oportunidade, Roberto ressaltou que, embora não tenha disfunção erétil, em algumas ocasiões, em especial quando está muito cansado ou quando a orgia requer mais energia, faz uso do medicamento.

23 Acrônimo para a expressão "**B**ondage, **D**isciplina, **D**ominação, **S**ubmissão, **S**adismo e **M**asoquismo".

Alejandro e Roberto haviam marcado com outros sujeitos orgiásticos em frente a uma floricultura, na esquina da praça localizada no Largo Arouche. Antes de deixarmos o hotel em direção ao local combinado, como eu não havia sido convidado para a orgia, Roberto sugeriu que eu o aguardasse no hotel. Considerei o convite uma gentileza, mas, com o intuito de observar os meandros do empreendimento orgiástico, os acompanhei até a "antessala" da orgia.

Desde o momento em que nos encontramos, Alejandro e Roberto monitoravam os seus celulares. O aplicativo *WhatsApp* configura-se atualmente como um poderoso instrumento para a articulação e viabilização das orgias em espaços privados. Wilson já havia me chamado a atenção para esse detalhe. De acordo com ele, a rapidez nas trocas de informações, o que inclui as fotografias e os vídeos dos que desejam se "candidatar" às orgias anunciadas nos aplicativos e blogs, agilizou a viabilização dos encontros. Roberto, inclusive, desenvolveu um mecanismo próprio de organização das orgias se utilizando desses elementos. Ele possuía na agenda do seu *smart phone* um total de 2117 contatos. Esses contatos são subdivididos por grupos referentes a determinadas categorias específicas, tais como família, amigos, colegas de trabalho. Concernente às orgias, os grupos estão subdivididos a partir das capitais brasileiras: Belo Horizonte, Natal, Fortaleza, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo. Ao viajar para uma dessas capitais, Roberto envia uma mensagem padrão para o grupo revelando os dias e horários em que as orgias serão realizadas. Em São Paulo, no contexto desta viagem, as orgias foram projetadas para acontecer no domingo, segunda e terça-feira, respectivamente 31 de maio, 01 e 02 de junho. O número total de contatos eram 314 homens interessados em participar das orgias, nesse caso não *barebacking*. Roberto enviou uma mensagem padrão para os 314 contatos informando-lhes o local, dias e horários em que as orgias aconteceriam. Conforme os sujeitos lhes enviavam mensagens, indicando o dia que estariam disponíveis, ele os alocava nos subgrupos criados: "São Paulo maio domingo", "São Paulo junho segunda" e "São Paulo junho Terça". Por isso o monitoramento constante do *smart phone*.

Assim, por meio do *WhatsApp*, ao chegarmos ao local marcado, já sabíamos que um dos sujeitos contatados estava à espera. Se tratava de um rapaz jovem, tinha aproximadamente 30 anos, usava o codinome de "Dior Profano", cuja referência à famosa grife "Dior" fazia alusão à sua profissão. Dior Profano é estilista e já desenhou para algumas grifes famosas da

cidade de São Paulo. Enquanto aguardávamos outros orgiásticos na esquina, em frente a um bar, calçada oposta à floricultura, o clima era de apresentações. Fui apresentado como o pesquisador das orgias. Dior Profano, em meio aos diálogos e gracejos, fez deferência a Roberto em virtude de sua fama, proporcionada pelo *blog*. Nessa conversa, percebi a existência de um circuito, o qual eu denomino "circuito da putaria", no qual alguns sujeitos se tornam emblemáticos e adquirem certo *status* em função das suas práticas sexuais empreendidas e expostas em *blogs* da internet. Dentre eles, em comparação, Dior Profano citou o "20cmmachoativo" e o "Dogão".

Permanecemos na esquina da Praça do Largo do Arouche durante uns vinte minutos, até que outro orgiástico, vindo do interior, chegasse ao local. Em tom de jocosidade, sugeri que me convidassem para a orgia, a resposta no mesmo tom colocou em xeque a minha participação como observador. Eu poderia ir, mas ao primeiro sinal de excitação eu seria convidado a participar efetivamente das práticas. Não seguro de mim, despedi-me de todos e segui em direção à estação de metrô república. Por sua vez, os orgiásticos seguiram para o apartamento do Rei Sol, onde lá estava montado um quarto especial para que as cenas de sexo grupal pudessem ser fotografadas e filmadas.

Com o intuito de complementar a descrição acima, visto tratar-se da orgia que eu observei os seus meandros, transcrevo abaixo, na íntegra, o diário de Roberto sobre a orgia do Rei Sol realizada no dia 30 de abril de 2015, postada no seu blog:

> eu fui parar nessa suruba bare a convite de um amigão meu de São Paulo. Geralmente não curto ir a festas alheias porque gosto de gravar as fodas e trazer aqui para a diversão de vocês. Mas meu amigo me garantiu que eu poderia registrar a festa, então topei!
>
> Meu amigo combinou de encontrar outros barebackers em frente a uma famosa floricultura no centro de São Paulo. Nisso foram chegando uns 5 caras cada um mais gostoso que o outro. No meio do caminho encontramos um outro cara que eu mesmo tinha feito contato, um negão pauzudo! Então todos juntos fomos para o apartamento onde iria rolar a festa.
>
> Chegando la, o dono da casa me surpreendeu com um estúdio todo montado para eu gravar as fodas. A ideia seria que aqueles que quisessem serem

filmados iriam para la. Assim sendo, achei que seria difícil a galera abdicar de todo o espaço do apartamento para ir para o estúdio, que tinha sido uma ótima ideia!

(…) no começo realmente as fodas rolaram no estúdio, mas nos outros cômodos a fudelança rolava paralelamente até que alguém não aguentou e me chamou porque eu tinha que registrar aquelas cenas deliciosas que estavam rolando!

Era muito homem gostoso em um lugar só! os ativos com os cacetes duraços e os passivos famintos por pica e leite!

Este quarto vídeo é de tirar qualquer um do sério! ficou muito gostoso!

Primeiramente vocês verão um dos mais lindos caras da festa, tem cara de galã de tv, de tão lindo, sentando na pica deliciosa, grande e grossa de umativo delicioso que também se tornou meu amigo! A sentada que o ator dá no pau do meu amigo é simplesmente deliciosa de se ver. A pica vai entrando devagar, devagar cu adentro. O ator é mais acostumado a ser ativo, mas não resistiu àquele pau delicioso do meu novo amigo. O ator também tem um pau delicioso! aliás ambos são muito gostosos. Espero ter captado o tesão que eles me fizeram sentir com a foda deles.

A seguir vocês verão um outro puto cacetudo, magro e de cabelos encaracolados dando um trato em um dos passivos gulosos. Quando o pau dele sair de dentro do passivo, vocês se deliciarão com aquele cacete imenso e torto e entenderão porque o passivo gemia tão gostoso. Ao lado deles, um negão que tinha acabado de chegar dá um trato em um passivo delicioso! Esse passivo é tão macho que jamais alguém imaginaria que ele é um depósito de pôrra! E claro, de agora em diante, sempre que eu for à Sampa, vocês verão aquela bunda deliciosa em meus vídeos (aliás, já tenho gravado outra foda com ele… aguardem!).

Enquanto isso, o galã já estava sentando em outra pica imensa e grossa, desta vez daquele negão de barriga tanquinho que aparece nos vídeos anteriores, e o ator não resiste e goza deliciosamente! Ao tirar o pauzão de dentro do cu, parecia estar tirando um tampão, só faltou o som de PLOC! mas também com um trabuco daqueles dentro do cu…

Quando olho para o lado, aquele passivo macho está levando pistolada de um outro negão! a foda é intensa e percebo que o leite irá jorrar! é o acontece. O cu do cara fica pingando leite! e o negão não se dando por vencido, volta a meter naquele rabaço! É cada socada de fazer endurecer qualquer cacete! Já ofegante o negão abre o cu do cara e só se ver o leite escorrendo…

> Outro negão que assistia a cena já toma o lugar do primeiro e dá-lhe pau no cu do passivo machão, reparem no close que dou em que o leite transborda do cu do passivo com as socadas do negão!
>
> Um outro passivo, dono de uma das bundas mais maravilhosas que já vi, e que já esteve em vídeo meu há alguns anos, leva um dupla penetração. Rapidamente se vê quando os ativos gozam e o leite de um escorre para o cacete do outro que estava em baixo!
>
> E para terminar este vídeo, em uma outra dp, desta vez com o passivo macho, vemos o negão gozando e abrindo mais uma vez aquele cu, e, adivinhem, mais leite saindo de dentro do cu[24]!

Esses primeiros contatos se constituíram como porta de entrada para as orgias *barebacking*. Em vista disso, a realidade empírica acessada nessa segunda fase da pesquisa, em que me foi possibilitada a observação das práticas sexuais e a interlocução corpo a/no corpo com os sujeitos orgiásticos *barebackers*, chamou-me atenção para o seu potencial investigativo. A abrangência do seu campo reflexivo, as peculiaridades de um objeto ainda pouco explorado por pesquisadores brasileiros, a possibilidade de dar visibilidade a um outro discurso acerca das práticas sexuais coletivas e *berebeckers*[25] e um campo que me pareceu ter se dado a observação, impeliram-me a alterar os planos iniciais desta pesquisa. Destarte, se a princípio o foco central incidiu sobre as articulações entre o risco, a realização do desejo e a produção do prazer nas orgias entre homens que fazem sexo com homens, realizadas em apartamentos privados, o foco se deslocou para as práticas orgiásticas barebacking de homens soropositivos que fazem sexo com homens.

---

24 Fragmento retirado do blogo Morenos1972. Acesso em 17 de julho de 2018< https://morenos1972.blogspot.com/2015/07/cenas-de-leite-escorrendo-de-dentro-dos.html >

25 Sobre esse aspecto, saliento que pretendo dar visibilidade a um outro discurso por duas vias. A primeira, em contraste às qualificações simplistas e estereotipadas observadas nos discursos da mídia *mainstream* e no senso comum. Como aponto acima, refere-se aos discursos dos "nativos", uma possibilidade de compreender as práticas sexuais coletivas e, principalmente, a *berebacking*, pela ótica daqueles que as praticam. A segunda, por meio de uma torção na chave analítica que impera nos discursos acadêmicos sobre as sexualidades não-normativas, acentuadamente marcadas pela retórica do risco (RINALDI, 2018).

3.4 Os novos caminhos apontados/vislumbrados …

Como premissa, operacionalizada para pensar o risco como elemento que constela as orgias e constitui a produção de fruição corpórea, concebi as sensações e emoções despertadas pelos múltiplos estímulos corporais, proporcionados pelo sexo grupal, como um escamoteador da razão. Por conseguinte, passíveis de colocar os sujeitos orgiásticos em situações de risco, pessoal e social[26]. Consoante a essa lógica, em um dos eixos de problematização, o HIV/aids e outras DSTs foram apontados como risco pessoal iminente. Com efeito, se o risco já havia sido repensado como elemento acionado de forma apriorística, para pensar nas experiências orgiástica de homens que fazem sexo com homens, no contexto das orgias *barebacking* ele parece não ter centralidade. Por esse ângulo, embora eu ainda esteja imbuído da ideia de que o risco constela as experiências orgiásticas, em função das demandas requeridas por esse tipo de empreendimento, assim como pela ampliação da ideia de risco, seja ela *barebacking* ou não, no contexto das orgias *barebacking*, ele necessita ser repensado.

Deste modo, já infectados pelo vírus HIV e adeptos do sexo sem o uso da camisinha, o risco de infecção, apontado em um dos eixos de problematização do projeto, como mencionado acima, desaparece. Entretanto, a possibilidade de serem infectados por outras doenças sexualmente transmissíveis não está descartada. Nesse sentido, a partir das falas dos sujeitos, a noção de cuidado emerge como uma categoria a ser levada em consideração. Vejamos como exemplo, o que o Rei Sol e Alejandro, um dos sujeitos que fazem parte do núcleo duro das suas orgias, falam sobre esse aspecto:

> fui observando que as pessoas vinham sabendo que vinham para uma festa bare, que era totalmente sem capa, então todo mundo era positivo, apesar que indetectável, foi o que a gente sempre buscou pra transar, mas com indetectáveis, mas que tinham um cuidado, ah, tá tudo bem? ó, meus exames estão ótimos, então já cheguei a ter amigos que falou, olha eu vou ter que dar um tempo eu foi ficar aí uns dois meses fora porque eu peguei sífilis, vou tratar, não vou voltar tão cedo, então eu já nem chamava, né. (Rei Sol – 26/11/2015)

26 De acordo com Jeolás (2003, p. 104): "poderíamos pensar que o êxtase ou a vertigem, procurados na velocidade, nas aventuras e nas emoções fortes (adrenalina, radical, hard são termos freqüentes no vocabulário juvenil), encontram-se presentes também no sexo e nas drogas – lícitas ou ilícitas –, tornando os jovens vulneráveis à aids, pois fazem prevalecer os sentimentos de embriaguez dos sentidos e de desordem provisória". Estendo o que a autora argumenta para outras gerações.

> é nisso que a gente procura se apegar, é de gays que se cuidam, que frequentam a medicina, que fazem exames, que tomam remédios. É muito mais confortável transar com um cara hoje que seja positivo, mas que faz tratamento do que um que não toma medicação, não vai na medicina, não sabe qual o seu estado de saúde e tá por aí transando com todo mundo, é muito mais horroroso. O cara fala pra você que não é soropositivo, mas nem ele sabe, é muito mais horroroso do que um cara que sabe que é infectado, que faz tratamento, que toma sua medicação, que frequenta a medicina. Que tem um, tem uns caras que não tão nem aí pra sua saúde. (Alejandro – 24/102015)

Infectados pelos vírus HIV e "frequentadores da medicina", as possíveis infecções por outras doenças sexualmente transmissíveis são passíveis de serem detectadas e "controladas". Leo Dutra, dono da festa Cabbaré dos Leiteiros, a partir da sua experiência, explica como funciona o controle das possíveis outras infecções adquiridas com a prática do sexo grupal sem o uso do preservativo:

> É um problema de homem que é bem dotado, tem maior da média, o pau maior, acima da média, grosso, é o mesmo problema que eu sofro. Eu não gosto de usar preservativo, nunca gostei, mas eu tinha que usar. (você é ativo ou passivo?) eu sou versátil. Lógico que o prazer de você fazer sexo com uma pessoa com preservativo, sem preservativo, sem preservativo é muito maior. Eu não vou falar que preservativo é bom, não é bom! é ruim, eu perco toda a sensibilidade, eu acabo broxando porque dependendo do preservativo me aperta, me incomoda. Ai, então eu tenho que comprar o mais fino, de tamanho maior, aí fica aquela coisa que não fica nem metade nem com, aí você fica se incomodando, cê tira, aquilo enrola, você vai e puxa, é um estica e puxa que acaba com qualquer clima, você não quer fazer, entendeu? machuca, a fricção acaba machucando, então assim, e isso acontece com ele também. Então, hoje ele se sente confortável em fazer sem, mas eu falei pra ele, você tem que ter o controle de outras doenças sexualmente transmissíveis. (Agora esse controle se dá como?) Com exames. Passa no médico e pede exame de VDRL pra sífilis, outros tipos de modificações, cê viu qualquer tipo de alteração no seu pênis ou seu ânus, - ah, eu fui no banheiro ardeu!, não é normal você ir no banheiro e fazer xixi e arder, então uma coisa tem. - Ah, eu fui no banheiro e vi que nas fezes tem uma secreção, não é normal. Então você tem que ir atrás, você tem que se cuidar. As pessoas, não existe no Brasil, de se cuidar, só vão ao médico pra se remediar, quando a coisa já ferrou e não é assim, você tem que cuidar da sua saúde independe de cuidar da sua saúde ou não, você tem que cuidar da sua saúde. Então um soropositivo no sistema do SUS ele tem os exames que o médico faz, ele pede os exames que vão, antes era de dois em dois meses aí passou pra de três em três meses, agora de seis em seis meses eles estão pedindo né, poque já existe um controle das doenças, enfim, a medicação, então eles

> foram aumentando esses intervalos entre um e outro. Eu como participo de festas e tenho vários parceiros rotativos eu não passo de dois meses, é de um em um mês. (Léo Dutra – 15/02/2017)

Nesse sentido o cuidado e o controle, categorias relacionais, parecem ser operacionalizados em dois aspectos, quais sejam: a escolha de parceiros sexuais que aderiram ao tratamento médico para o HIV/aids, o que faria com que o vírus se tornasse indetectável. Assim, não se exporiam aos riscos de uma suposta reinfecção; a adesão pessoal ao tratamento, o que lhes garante exames regulares os quais visam o controle da carga viral – protocolo médico – e das possíveis doenças sexualmente adquiridas – protocolo nativo. Nesse sentido, as possíveis doenças sexualmente adquiridas, também destituídas do seu peso moral, ou seja, desdramatizadas, podem ser tratadas ao serem detectadas nos exames de rotina, os quais são realizados regularmente.

Tais construções argumentativas são acionadas pelos sujeitos orgiásticos *barebackers* em resposta aos meus questionamentos quanto às possíveis exposições a outros tipos de riscos, para além do HIV. Entretanto, os mecanismos e motores de organização das orgias *barebecking*, a exemplo das orgias do Roberto, em alguns aspectos – percebidos por meio da observação participante e de entrevistas realizadas com os adeptos das orgias do Rei Sol –, contradiz a lógica de cuidado e controle externada por alguns sujeitos da pesquisa num primeiro momento, como exemplificados nas falas dos sujeitos acima.

O Rei Sol, proprietário do apartamento onde as orgias são realizadas, no nosso primeiro encontro revela que há um núcleo duro constituído por quatro orgiásticos. Tais sujeitos estão ligados desde o início, são eles que organizam e acionam outros homens interessados em participar das festas. Em torno dos quatro há uma circularidade de sujeitos, os quais podem ser acionados por meio de sites e aplicativos de paqueras. De forma metafórica, e jocosa, chamam tais sujeitos de “pratinhos”, fazendo alusão às festas em que os convidados levam pratos de comidas para serem partilhados por todos.

Portanto, ao viabilizarem os “pratinhos”, por meio dos mecanismos mencionados, perde-se a garantia de que eles estejam dentro da categoria dos que se cuidam. Nesse sentido, os mecanismos de cuidado e de controle, parecem não ser rígidos. Destarte, ao me deparar com a suposta falta de rigidez, na primeira conversa que tive com o Rei Sol, o

questionei sobre quais eram as garantias de que os sujeitos acionados se cuidavam. Ele me respondeu, “com a mesma garantia de que esse prédio não cairá sobre as nossas cabeças”.

A princípio entendi a assertiva como uma não garantia, pois ao levar em consideração a dimensão trágica da existência, garantia nenhuma teríamos de que aquele prédio, de fato, não pudesse, a qualquer momento cair sobre as nossas cabeças. Entretanto, refletindo a posteriori, por se tratar do Edifício Copan, emblemático pelas suas dimensões superlativas, outra interpretação seria viável, ele não cairia sobre as nossas cabeças. Fazendo- me ponderar acerca de garantias não explicitadas no discurso dos sujeitos orgiásticos positivos, mas vivenciadas no cotidiano, advindas com as experiências vividas e partilhadas entre eles. Mas que garantias são essas?

Assim, tomando as práticas e experiências orgiástica dos sujeitos *barebackers* como possibilidade etnográfica, o risco, na sua dupla dimensão, objeto e categoria analítica central, dá lugar a outras possíveis chaves de leituras.

Nessa perspectiva, sigo as pistas elaboradas por Halperin (2010), em “*Que veulent les gays*? *Essai sur le Sexe, le Risque et la Subjetivité*[27]”. O Filósofo estadunidense propõe considerar os discursos sobre o “fantasmado” *barebacking* como produto de um movimento de re-patologização da homossexualidade. Seguindo uma tradição política investida pelo movimento gay pós-stonewal, cujas bases advieram de uma recusa foucaultiana a uma subjetividade disciplinar, propõe outro caminho de acesso à subjetividade gay que não se utilize das categorias da psicologia e da psicanálise - “*L'art de vivre, c'est de tuer la psychologie*” (FOUCAULT, 1994, p. 256).

Por esse caminho, coloca que é preciso (re) pensar a experiência ou a subjetividade gay para além de uma epidemiologia do risco. Nesse sentido, amparado em pesquisadores como por exemplo, Kane Race (2007), questiona as significações do *bareback* ligadas aos riscos de contaminação pelo vírus HIV, propondo outras possibilidades de interpretação do fenômeno. De acordo com o autor:

> *Toutes les cherchers qui ont suivi sont cohérentes et suggèrent que le bareback est plus souvent le fait de séropositifs que de séronégatifs. En*

27 “O que querem os gays? Ensaio sobre o sexo, o risco e a subjetividade.” (tradução minha)

> *outre, les seropositifs qui les pratique choisisent le plus souvent des partenaires qui ont – ou sont censés avoir – le même statut sérologique qu'eux, ou qui sont censés se savoir effectivement ou très vraisemblablement seropositifs (très peu d''entre eux acceptent de pratiquer bareback avec des partenaires qu'ils savent séronégatifs)*[28]. (HALPERIN, 2010, p. 22)

As questões colocadas pelo referido autor, de acordo com Vale (2013), concomitantemente são desafiadoras e esclarecedoras: será que o "fantasmado" fenômeno do "*bareback*" representaria tantos riscos para a saúde quanto nos querem fazer acreditar? E se em vez de falarmos em *bareback* falássemos em "sorotriagem" e "segurança negociada"? E se a abjeção pudesse ser pensada como o lugar de novos agenciamentos[29]?"

Ainda no que se refere ao risco, Halperin acentua que risco e segurança não são categorias opostas e excludentes e que "os gays têm definido e redefinido seus próprios protocolos de segurança". Tais protocolos seriam forjados no cotidiano a partir de contextos, situações e trajetórias específicas, ou seja, um tipo de epidemiologia nativa, cunhada por Gabriel Girad, em discussão incluída no livro de Halperin (2010), como "epidemiologia profana". Nessa mesma chave, numa via paralela, o autor aponta para uma "longa tradição de reflexão e inventividade homossexual voltada para a defesa do prazer e de uma vida sexual viável, contra uma norma de prevenção que, de tão rigorosa, inviabilizaria qualquer erotismo homossexual" (VALE, 2013, p. 4). É nessa dialética, imbuído por uma abordagem da prevenção, de acordo com o nível de prevalência por gerações sucessivas, que Halperin constata um índice crescente de "segurança negociada".

Destarte, seguindo as trilhas de Halperin (2010), no que se refere à "sorotriagem" e a "segurança negociada", por mais que na organização e no ato das práticas sexuais vividas no âmbito das orgias *barebacking* o vírus HIV não seja mencionado, há uma compreensão tácita de que se trata de uma orgia entre homens soropositivos. Tal assertiva pode ser asseverada a

---

28 "Todas as pesquisas realizadas são consistentes e sugerem que o bareback é mais frequentemente o resultado de HIV-positivo do que HIV-negativo. Além disso, aqueles que são HIV positivos, na maioria das vezes, escolhem parceiros que têm – ou espera-se que tenham – o mesmo status sorológico que eles, ou que realmente deveriam saber que são ou muito prováveis de ser soropositivos (muito pouco deles concordam em praticar bareback com parceiros que eles sabem que são soronegativos". (tradução minha)

29 Essas notas são fruto de um diálogo compartilhado com o professor Alexandre Vale e compõem algumas das reflexões que estamos desenvolvendo para um artigo.

partir das conversas informais que tive com Roberto, como também pela observação participante e entrevistas com os adeptos das orgias do Rei Sol:

> Então, depende da festa, depende do grupo, quando você estabelece uma relação bem legal, de amizade com a pessoa, você acaba falando, conversa, como é que tá sua carga viral? Você tá tomando que remédio? A gente até fala, mas dependendo da festa, das pessoas, é muito velado, tipo você nem toca no assunto. Todo mundo sabe, mas ninguém quer falar. Por exemplo, você vai num clube, meu, isso aí é assunto que não se fala, numa festa em um clube, você não toca nesse assunto, mas aí você vai lá no pezinho do ouvido do outro e fala assim, eu vou te vitaminar, num sei que, tal, mas tem gente que não gosta. Tipo, eu sei, mas não falo. E já não acontecia na festa [refere-se as festas privadas], muito pelo contrário, em algumas festas a gente, nos intervalos entre uma e outra a gente até conversava sobre isso, sobre o assunto. (Miguel – 24/01/2017)

Ninguém fala sobre o status da sua sorologia no coletivo. Entretanto, o HIV, parece ser um dos elementos centrais que norteia, não apenas o erotismo, mas também o aparente vínculo estabelecido entre os homens participantes da orgia *barebacking* em questão. (?)

Temendo conclusões precipitadas, penso ser esta uma questão relevante a ser levantada, ou mesmo reelaborada. Talvez não seja o vírus o elemento central que norteia as práticas eróticas e o aparente vínculo observado entre eles, ir por esse caminho supervalorizaria a dimensão biológica da infecção. Por outro lado, sem desconsiderá-la, as experiências sociais vivenciadas pelos sujeitos, deflagradas pela descoberta da sorologia positiva e pelas implicações de viverem com o vírus – mesmo que não partilhadas objetivamente –, parece dar a liga aos encontros coletivos empreendidos pelos sujeitos orgiásticos *barebackers?*

Aos olhos do senso comum pode parecer óbvio que o motor das práticas *barebacking* seja o prazer proporcionado pelo sexo sem o uso do preservativo, assim como também óbvio o objetivo final das práticas orgiásticas, o prazer elevado a sua potência máxima pelas múltiplas sensações experimentadas pelo sexo grupal. Entretanto, uma questão parece emergir dessa dupla dimensão da experiência sexual, talvez o nó górdio da experiência orgiástica – ou da sexualidade – de homens soropositivos, que fazem sexo com homens, afeitos à prática sexual sem o uso do preservativo: o que faz com que essas experiências – sexo grupal e

barebacking – estejam entrelaçadas? Por que homens soropositivos adeptos do sexo sem o uso do preservativo se lançam em experiências coletivas para a prática do sexo grupal?

De acordo com o Rei Sol, embora ele já tivesse tido experiências orgiásticas fora do Brasil, aos moldes como as que organiza em seu apartamento, as orgias tiveram início quando ele tomou consciência da sua condição de portador do vírus. Para burlar os constrangimentos de se relacionar com indivíduos sorodiscordantes, passou a buscar na internet aqueles que tivessem o mesmo status sorológico. A partir daí o núcleo duro se formou e outros sujeitos orgiásticos positivos foram surgindo ao longo dos seis anos, período em que o grupo foi se constituindo.

Outra questão relevante, que se coaduna ao que foi mencionado acima e que se constitui como elemento de conexão com algumas possibilidades teóricas que serão aventadas, relaciona-se à nudez. A primeira regra ao se chegar ao apartamento é tirar a roupa e "ficar na pele". De acordo com o Rei Sol:

> (…) o diferencial [das saunas]é um pouco você poder escolher a sua tribo, que tem o mesmo desejo que você e somos todos iguais. Então ali não tem julgamento, enfim, carão, então ninguém tá indo lá pra buscar namorado, num é? Você entrou, tirou a sua roupa, você tá com a sua pele, esse ser pele é um ser único, num é, traz ali todas as suas, enfim, a sua qualidade, mas, assim, cê num tá ali porque cê tá usando uma bolsa, um chinelo Gucci[30], não, é você, certo, com tudo que você de bom e de ruim, mas é você alí. (Rei Sol – 26/11/2015)

Tal formulação "nativa" me remete a Turner (2012), no que se refere à "função" atribuída às roupas e ao que entende como seus equivalentes simbólicos, adornos e pinturas corporais:

> *Decorating, covering, uncovering or otherwise altering the human form in accordance with social notions of everyday propriety or sacred dress, beauty or solemnity,* ***status or changes in status****, or on occasion of the violation and inversion of such notions, seems to have been a concern of every human society of which we have knowledge*[31](TURNER, 2012, p. 486).

30 Marca de moda italiana, considerada símbolo de luxo e status.

31 "Decorar, cobrir, descobrir ou de outra forma alterar a forma humana de acordo com noções sociais de propriedade cotidiana ou vestimenta sagrada, beleza ou solenidade, status ou mudanças de status, ou na ocasião da violação e inversão de tais noções, parece ter sido um

Como pontuado pelo referido autor, as vestimentas, observadas em todas as sociedades humanas, cumpririam uma função para além de proteger os corpos. Elas estabeleceriam uma conexão entre os sujeitos e as instituições sociais, demarcando, ou mesmo acentuando, o status ocupado pelo sujeito dentro da hierarquia das mais variadas sociedades. Nessa perspectiva, em se tratando de uma sociedade segmentada pelo mercado, as roupas poderiam acentuar diferenças de classe social, idade, padrões estéticos, estilo, gosto. Assim, ao tirar as roupas, os sujeitos orgiásticos estariam se despindo de elementos que poderiam estabelecer desigualdades e hierarquias, o que me remete a uma "ideologia da igualdade", partilhada pelo grupo ao transpor o biombo, localizado logo após a porta de entrada do apartamento. Uma igualdade que passa pelo desejo entre iguais.

Embora o corpo nu também possa despertar desigualdades e hierarquias entre os sujeitos, visto que os marcadores sociais da diferença incidem diretamente sobre os corpos (BRAZ, 2010; FRANÇA, 2013), parece haver uma intensão/tentativa de amenizar as possíveis diferenças. Isso pode ser observado, nesse primeiro momento, nas variadas conformações corporais dos sujeitos participantes das orgias do Rei Sol. Ainda que os corpos dos sujeitos orgiásticos estejam dentro de um padrão estético, cujo equilíbrio entre altura e peso era visível, pude observar uma multiplicidade de conformações corporais, acentuadas principalmente pela presença e interação sexual entre homens brancos e homens negros, altos e baixos, jovens e velhos, entre 19 e 69 anos.

Dando prosseguimento à mesma linha argumentativa, o que estou chamando de "ideologia da igualdade" parece imprimir certa singularidade ao grupo. Isso pode ser percebido na cordialidade com que se tratam os participantes da orgia do Rei Sol. Em vários momentos, mais especificamente na primeira vez em que lá estive, no dia 31 de outubro de 2015, das 14 às 20 horas, cujos participantes em interação sexual contavam onze, observei pausas nas práticas sexuais para a troca de ideias. No final da tarde quase todos, inclusive eu, estávamos na cozinha lanchando, partilhando informações pessoais, contando piadas em meio a trocas de carinhos e carícias mais íntimas, realizadas entre alguns. Em outro momento, enquanto uns interagiam no quarto e outros na cozinha, quatro deles estavam sentados no sofá da sala, assistindo, aos risos, aos vídeos da orgia filmada e postada no blog por Roberto.

---

preocupação de cada sociedade humana de que temos conhecimento". (tradução minha)

Neles, reconheciam uns aos outros através dos “paus” e das “bundas”. Para além desses momentos jocosos, os quais delatam uma aparente proximidade entre os participantes, essa dimensão extrapola os limites da orgia, reverberando na constituição de vínculos estendidos a outras dimensões da vida cotidiana dos sujeitos. Vejamos o que o Rei Sol expõe sobre a igualdade:

> ah por quê que cê não profissionaliza isso né, aluga um lugar, faz um bar, uma festa, todo mundo paga né!? eu não tenho menor interesse em fazer isso, meu interesse é outro, realmente ter essa possibilidade com os meus pares, com quem tem o mesmo desejo que o meu, com que a gente possa se encontrar nessas relações que tem o sexo como seu principal elemento unificador, mas além dele, é, todo mundo sabe que estamos lidando com pessoas, não é com objeto. Então não é porque o cara pagou, não é porque o cara é, sabe, tem que fazer isso ou aquilo, então, essa coisa do profissional não me interessa ganhar dinheiro, talvez, não! Eu acho que é gratificante é saber que todo mundo vem, vem porque gosta, porque se sente bem, porque se sente acolhido, porque sabe que aqui somos todos iguais no desejo, no mesmo desejo, então esse traço eu acho que vai unificando e de certa maneira dando esse pertencimento ao grupo e todo mundo sabe um pouco isso. (Rei Sol – 26/11/2015)

Ao elaborar tais reflexões não quero sugerir que as relações travadas entre os pesquisados sejam destituídas de conflitos e tensões. Ou que, embora sejam elaborados mecanismos para que as diferenças sejam amenizadas, o erotismo não seja atravessado pelos “tensores libidinais”, noção cunhada por Perlonger (2008) para designar que as mesmas categorias produtoras de desigualdades e hierarquias – os marcadores sociais da diferença –, também estão implicadas na produção do desejo. Como mencionado acima, as múltiplas conformações corporais, presentes no contexto da experiência orgiástica *barebacking*, talvez também possam ser pensadas nessa direção. Assim sendo, cabe uma ressalva pontuada por Díaz-Benítez, “em se tratando de desejo, nem sempre a diferença se traduz em desigualdade, a diferença não precisa necessariamente ser hierarquizada” (DÍAZ-BENÍTEZ *apud* GREGORI, 2014, p. 23). Nessa imbricada trama, o que estou querendo ressaltar é que, em se tratando do sexo orgiástico *barebacking*, um elemento **significativo** é acionado e passível de ser colocado em tensão com os marcadores sociais da diferença, qual seja: o vírus HIV/sorologia positiva.

Destarte, no âmbito dos erotismos contemporâneos, o sexo orgiástico *barebacking*, - ou que se convencionou chamar assim – se inscreve no marco daquilo que Maria Filomena Gregori, conceitua como:

> "limites da sexualidade": a zona fronteiriça onde habitam norma e transgressão, consentimento e abuso, prazer e dor. Tais limites indicam um processo social bastante complexo relativo à ampliação ou à restrição de normas sexuais. Em particular relativo à criação de âmbitos de maior tolerância com novas moralidades que vão sendo impostas, bem como de situações em que aquilo que é considerado abusivo passa a ser qualificado como normal (GREGORI, 2016, p. 22).

Nesta perspectiva, constituindo-se em empreendimento de risco, na medida em que coloca em perigo, não apenas os sujeitos que empreendem as práticas sexuais aqui discutidas, mas também as normas e convenções sociais, dado que é passível de ampliar e restringir normatividades sexuais e implicar "na expansão de maior tolerância ou não daquilo que é considerado abusivo e o que passa a ser qualificado como normal" (GREGORI, 2014, p. 15).

Pertinente às considerações delineadas, não é demais salientar que o foco central desta etnografia incide sobre as experiências afetivo-sexuais de homens soropositivos que fazem sexo com homens adeptos das orgias *Barebacking.* Ou seja, adeptos do sexo grupal, anal, intencionalmente realizado sem o uso do preservativo. Concernente aos lugares e contextos onde as orgias são realizadas, privilegia as festas privadas realizadas em hotéis e apartamentos, em especial as orgias *barebacking* do Rei Sol.

As orgias do Rei Sol são regularmente realizadas em um apartamento localizado no centro da cidade de São Paulo. Seus participantes são homens que fazem sexo com homens, maiores de 18 anos, portadores do vírus HIV. Tem por objetivo compreender a constituição de novos laços sociais, engendrados pela experiência de se viver com o vírus HIV, o que agencia novas possibilidades de relações afetivo-sexuais, forjadas no âmbito das orgias *barebacking*. Estas últimas, por sua vez, para além do prazer, forjam uma socialidade soropositiva que reverbera na produção do social, ou que se constitui per si, o social. Nesse sentido, embora as práticas sexuais orgiásticas tenham centralidade neste estudo, visto que é por meio delas que os

sujeitos engendram o que eu chamo de novo mundo, elas não se esgotam nas práticas e performances sexuais.

3.5 Os Sujeitos Orgiásticos *Barebackers*

3.5.1 Roberto (Morenos1972)

O nome Morenos1972 faz referência a Roberto e seu companheiro Carlos. Tais codinomes foram utilizados pelo casal como estratégia para não revelar os seus verdadeiros nomes. Embora o *blog* faça referência ao casal, Roberto é o seu dono, o que disponibiliza energia em organizar as orgias, gravá-las, editar os vídeos e as fotografias, construir as narrativas em hipermídia e disponibilizá-las na *web*.

Na segunda ocasião em que estivemos juntos, o seu nome de registro me foi revelado. Isto, em certa medida, pareceu-me sinalizar disponibilidade para uma relação mais próxima. Justifico, Roberto não tem seu nome de registro revelado no circuito da putaria. Vale mencionar que, inclusive, em ocasião em que estive na companhia do casal para um Reveillon na cidade de Recife, capital de Pernambuco, eles se tratavam pelos codinomes. Embora me tenha sido revelado nunca o tratei pelo nome de registro. Isto posto, chamo a atenção para os limites tênues entre a personagem criada por Roberto, um orgiástico, famoso no "circuito da putaria" pelas configurações das suas orgias, postada num blog e um outro sujeito: Um homem autodeclarado moreno, nascido nas Minas Gerais, radicado em Brasília, atualmente com 47 anos, casado há 15 anos com Carlos, formado em administração e funcionário público federal.

Roberto é um sujeito controverso. Digo isso tendo vista colocar como premissa filmar todas as suas transas e por conseguinte postá-las em um blog, publicizando-as, e ao ser perguntado qual o valor do seu salário, responder: "acho isso uma invasão tão grande da minha vida que você nem pode imaginar". Talvez aqui more o limite entre o Roberto e o cidadão comum, aquele que tem um nome de registro, trabalha, paga contas, vai ao supermercado… Outro aspecto em que essa característica pode ser observada diz respeito à relação em que estabelecemos ao longo da pesquisa de campo: embora tenha aberto o seu

universo para que eu pudesse entender melhor as orgias, nunca se disponibilizou a ser entrevistado. Como ele mesmo me dizia, a entrevista era desnecessária, ele estava me dando muito mais. De fato ele tinha razão, como verão no capítulo seguinte, conhecê-lo, transitar na sua companhia em variados contextos, nas orgias e fora delas, abriu-me o campo. Devo a ele, como já posto, o acesso ao universo das orgias *barebacking*. Nas nossas conversas iniciais ele sinalizava para a não relevância de se pesquisar as orgias de modo geral. Adentrando as orgias *barebacking* sim, ali eu teria substrato para contribuir de fato com algo relevante. Rememoro o dia em que tivemos esse diálogo. O questionei sobre a sua presença nas orgias *barebacking* sem ser um *barebacker*, Roberto me respondeu, "vivo no fio da navalha". Mas nunca me respondeu se, diante de tantas possibilidades, ter me dado os contatos dos *barebackers* fora proposital.

Em diálogo em que conversávamos sobre práticas sexuais, o interlocutor usou como exemplo o personagem do filme "50 tons de cinzas". Apesar de ter rechaçado o filme, e as performances sexuais encenadas como exemplos de sexo *hard*, fez referência ao personagem masculino de uma forma que naquele momento eu o vi falando dele mesmo. Nesse sentido, inclino-me a usar os elementos que Roberto usou para se referir ao "senhor dono de si" do filme como metáfora para pensar sobre ele: Roberto é senhor de si. Enquanto tal, a partir da sua experiência orgiástica, e da visibilidade que dá a ela por meio dos vídeos e fotografia postados no *blog*, se metamorfoseia em senhor da vontade dos outros. Assim, ao realizar os seus desejos, efetivados por meio da realização das práticas sexuais, bem como da visibilidade que dá a elas, realiza os mais variados desejos daqueles que se põem diante da tela. No extremo, é senhor da vontade dos outros, na medida em que, ao dar vazão aos seus desejos, se disponibiliza a realizar os desejos de outros por meio da experiência corpo a corpo, outrora suscitados na tela. Tal reflexão não me é suscitada apenas em função da metáfora acionada. Roberto faz referência ao prazer que é poder proporcionar prazer a milhares de pessoas. Seu prazer, nesse sentido, para além da fruição corpórea, experimentada na prática das mais variadas formas de se fazer sexo, com sujeitos de carne e osso, consiste em fazer gozar. Nesse sentido, o prazer e o poder são dois elementos que se interconectam na experiência desse sujeito orgiástico. Sua potência, ou necessidade dela, não se constitui ou se alimenta, exclusivamente, daquilo que é momentâneo, extrapola os limites de uma experiência fugaz.

3.5.2 Rei Sol

Nascido no interior de São Paulo em 1963, mudou-se para a capital do estado no ano de 1989, para trabalhar. Cursou letras no interior do mesmo estado e, por trabalhar na área da cultura, sentiu a necessidade de uma formação complementar, o que lhe fez cursar o mestrado na Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP. Concernente à sua área de atuação profissional, diz ter chegado a um patamar que lhe é suficiente, o que o faz sentir-se realizado. Dali em diante necessitaria trabalhar com uma área que não lhe traria muito prazer, o que suponho envolver a dimensão das instâncias político-administrativas. Portanto, como uma possível alternativa, atualmente investe em uma outra formação, sua segunda paixão, a qual por muito tempo foi diletante. O nome Rei Sol, em alusão ao soberano francês do século XVII, constitui-se uma metáfora poética sugerida por Roberto em algum momento no decorrer do trabalho de campo. Me apropriei desta metáfora como estratégia para me referir à elegância e altivez daquele que de forma destemerosa, e sempre cheio de delicadezas, abriu-me as portas das orgias *barebacking*. Digo destemerosa em razão das circunstâncias. Como mencionado, haviam sido publicadas reportagens sobre o suposto clube do carimbo, o que poderia ter implicado em uma não disponibilidade para o diálogo. O que não aconteceu. O Rei Sol não só se dispôs à interlocução, como abriu as portas do seu apartamento para que eu observasse pessoalmente as práticas sexuais coletivas. Permitiu-me fotografar as orgias, tornou-se meu salvo conduto diante dos outros participantes das suas orgias e, principalmente, um amigo querido.

O Rei Sol habita em um apartamento situado numa área nobre da cidade de São Paulo. O apartamento onde as orgias são realizadas, também de sua propriedade, é uma espécie de *garçonnière* situada no centro da cidade. É também utilizado como estúdio, para hospedar ou, por ventura, abrigar um amigo em algum tipo de situação mais delicada. A exemplo desse último aspecto, na primeira vez em que estive no apartamento para participar de uma orgia conheci Gabriel, um orgiástico mais jovem, recém-chegado do interior que lá estava hospedado. Ficaria até conseguir um trabalho e se organizar. Nesse mesmo momento, estava hospedado um outro amigo do Rio Grande do Sul, também adepto das orgias *barebacking*. Ainda em se tratando das relações constituídas a partir das práticas sexuais, quando eu já não estava mais em São Paulo, tive notícias do adoecimento de um dos orgiásticos entrevistado e

quem havia cuidado dele tinha sido o Rei Sol. Em outras ocasiões, distantes do universo das orgias, em que me fora possibilitado adentrar a outros âmbitos da sua vida, percebi um cuidado com os amigos, fosse na mesa do bar, ao se preocupar em pagar a conta ou dispôr uma quantia maior, até a tentativa de fazer circular um currículo de um orgiástico desempregado. Nesse sentido, ele também me foi solícito, colocou-se à disposição caso eu precisasse de ajuda.

No tocante à sua experiência como soropositivo, tudo começou há dez anos. O Rei Sol narra ter descoberto o seu *status* sorológico no ínterim de uma relação que durou três anos. Ambos se descobriram positivos. Numa avaliação histórica, feita nas suas trajetórias individuais, descobriram que o seu parceiro havia sido o primeiro a ser infectado, de um relacionamento passado. Como a relação não se sustentou, viu-se pela primeira vez solteiro e positivo.

Encontrar-se nessa nova condição foi o estopim para que reconfigurasse alguns aspectos da sua trajetória, o que incluiu os seus roteiros sexuais[32]. Dessa forma, diante dos possíveis constrangimentos em estabelecer relações com outros homens sorodiscordantes, o que geraria uma tensão em revelar ou não o seu *status* sorológico, preferiu buscar relações em que os sujeitos estivessem na mesma condição. Nas palavras do Rei Sol:

> (…) Eram positivas, queriam ter uma relação igualitária, ou seja, queria não ficar me preocupando, ah eu tenho que dizer, não tenho que dizer que sou positivo. Eu quero já ter uma relação que esteja positivo, saiba da situação e que não tenha nenhuma restrição com relação a isso do ponto de vista da culpa, sabe? Daquela questão que puxa vida, se eu me apaixonar vou ter que dizer, que coisa constrangedora! (…) (Rei Sol – 21/06/2015)

Associado ao supracitado, duas outras questões foram preponderantes para que, a partir de então, o interlocutor investisse em outros tipos de relações. Primeiro, o que penso ter a ver

32 Para Gagnon (2006, p.114): "O conceito de roteiros tem certas semelhanças com o conceito de plano ou projeto, na medida em que constitui uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não verbais, numa sequência de condutas organizada e delimitada no tempo, por meio da qual as pessoas contemplam o comportamento futuro e verificam a qualidade do comportamento em andamento. Esses roteiros fornecem o nome dos atores, descrevem suas qualidades, indicam os motivos dos comportamentos dos participantes e estabelecem a sequência de atividades apropriadas, verbais e não verbais, que devem ocorrer para que o comportamento se conclua com êxito e para permitir a transição para novas atividades."

com sua personalidade, a sua não predileção pelos espaços de socialidades gays da noite paulistana, que presumo dificultar o encontro de novos parceiros afetivo-sexuais: "dificuldade até de me encontrar junto a este mundo gay, ter que fazer um certo percurso. - ah, eu tenho que dançar na *the week*, tenho que ir no bailão, frequentar tal bar da moda, ir na festa dos bombados, são lugares que eu não tinha tempo e não tinha prazer em frequentar". Ainda atrelado ao primeiro aspecto, ao se referir à sua deriva pelas saunas gays paulistanas diz "sempre ter tido muita liberdade em grupo". Usa essa expressão como trampolim para se referir às suas predileções sexuais coletivas e sugerir que os processos orgiásticos também tomam lugar nesses tipos de estabelecimentos. No entanto, com a nova condição sorológica, as motivações em direção as saunas também arrefeceram.

É nesse contexto que surgem o interesse e a disposição para investir em outras direções. Sobremaneira, essa articulação é possível mediante o seu campo de possibilidades[33], o que se configura como a segunda questão suscitada acima. Como já havia tido experiências no exterior, Europa e Estados Unidos, lugares que caracteriza como mais avançados, principalmente no tocante às práticas sexuais e aos diretos civis dos homossexuais, outras possibilidades de arranjos sexuais já faziam parte do seu rol de alternativas:

> Lá fora eu já tinha participado e visto algumas experiências porque, aonde você chegava e buscava uma publicação específica pra gays, você tinha lá o calendário da semana o que estava rolando na cidade e tinha muitas festas fechadas. Umas inclusive bem cruéis, só entre de 18 a 23 (gargalhadas mútuas), mas como tinha, tem gosto pra tudo, tinha inclusive, lá fora eles são muito, se falam muito com guetos né!? Se identificam muito em grupos muito fechados, então tinha festas só pra latinos, só pra asiáticos, só pra negros, só pra, como eu te falei, garotos de 18 a 23 ou pra pessoas com mais de 45. Então eu fui conhecendo um pouco isso, essa maneira de conviver lá fora, num é. E achava muito, assim, liberto na forma como eles se davam e muito natural. (Rei Sol – 26/11/2015)

Esses aspectos, associados às novas tecnologias de comunicação, possibilitaram ao interlocutor, por meio da internet e seus variados mecanismos de paqueras, encontrar outros

33 De acordo com Velho (2003, p. 28): "campos de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade." Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultados de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée*.

sujeitos nas suas mesmas condições, tanto no que se refere ao *status* sorológico quanto ao desejo de burlar os possíveis interditos. Como já era afeito às práticas sexuais coletivas associou-a, em função da sorologia positiva, à prática do sexo sem o uso do preservativo.

> Toda vez que eu ia na sauna por mais que eu transasse com segurança havia a vontade e a predileção de pessoas que queriam fazer sem camisinha, certo? e eu fiz algumas opções assim, enquanto eu não estiver indetectável eu não vou transar sem camisinha (…) a partir do momento em que eu estava indetectável eu podia me exercitar um pouco no prazer de ter o sexo sem camisinha, mas, ainda assim, com uma certa preservação por cauda de doenças venéreas, de outras questões como sífilis, hepatite. Eu fui conhecendo pessoas através das redes sociais, dos sites de busca de parceiros, como o disponível, o vdrt, scruff, e coisas assim, de pessoas que estavam na mesma situação que eu. (…) Isso de certa maneira eu fui vendo com as pessoas que eu fui me comunicando que tinha uma questão latente em todos eles que era a necessidade de poder estar, uma necessidade de pertencimento porque eles se sentiam excluídos de certa maneira do seu grupo, do próprio GLBT, ou seja, frequentar uma sauna ou ir pra uma boite ou conhecer alguém na rua, qualquer relação que pudesse beirar o afetivo deixava todos extremamente assim, uma afetividade e uma auto estima muito baixa, porque sempre se colocava numa relação de subalternidade com relação ao outro por causa da positividade. (…) Com isso, eu reuni pela primeira vez em casa, aí o que eu chamo de grupo, que eram cinco pessoas que eu acabei conhecendo pela internet, a gente resolveu fazer um lanche a tarde em casa, como hoje, (lanchinho? Pão, leite, manteiga? Mas você já conhecia as pessoas antes?) Não, estávamos nos comunicando pela internet. Eles foram em casa, a gente começou no lanchinho e acabamos na cama, certo?

3.5.3 Alejandro

Alejandro nasceu na cidade de São Paulo em 9 de janeiro do ano de 1967. Conta que com a perda do seu pai, o que aconteceu quando ele e seus três irmãos ainda eram muito jovens, sua mãe teve que trabalhar para, sozinha, sustentá-los. Para tanto, foi operária na indústria têxtil, na rádio, na TV, na Philco e na Ford. Seu pai trabalhou numa fábrica de vidros de segurança para caminhões e ônibus e na fábrica estrela, o que lhes rendia bons presentes quando garotos. No contexto de perda do pai e ausência da mãe, em função do trabalho, sua irmã mais velha, na época com 12 anos, assumiu a responsabilidade da casa.

Vive desde a sua infância na Zona Leste da referida cidade. Rememora que na idade escolar tinham muito mais liberdade do que nos dias atuais, iam e voltavam sozinhos da escola. O cenário era do interior, com chácaras, as ruas eram de terra e ainda havia muito mato nas redondezas. Conta que a caminho da escola atravessavam plantações de abóboras nos terrenos abandonados, que procuravam as frutas maduras para, na volta, levarem para casa. Como a tecnologia ainda não era como hoje, as brincadeiras eram de rua: carrinho de rolimã, esconde-esconde, rodar pneu, pega-pega. Na época, como sua mãe não tinha carro e os meios de transportes também não se configuravam como nos dias atuais, a ida para o que chamavam de cidade, referindo-se ao centro de São Paulo, eram raras. Rememora que a primeira vez que foram ao centro conhecer a praça da Sé foi um evento.

Alejandro explica que, como sua mãe ficou sozinha, sentiam a necessidade de ajudá-la, o que fez com que começasse a trabalhar muito jovem, mais ou menos aos onze anos de idade. No seu primeiro emprego, vendia geladinho na porta das escolas, uma espécie de picolé caseiro feito com suco congelado em pequenos saquinhos. Com o que ganhava, além de comprar objetos que necessitava para estudar, ajudava nas compras da casa. Dos onze aos quinze anos trabalhou como vendedor de pastel em uma feira livre. Aos dezesseis anos, migrou da feira para trabalhar em uma pastelaria. Concomitante ao trabalho continuou estudando, embora não tivesse estímulos por parte da mãe. Nesse período, estava se descobrindo sexualmente, tinha muitos conflitos pessoais, o que o fez parar os estudos, mas retornou à escola no ano seguinte. Trabalhou também numa rede de pizzarias do Grupo Sérgio, responsável, segundo o interlocutor, pela pizza ter se tornado um dos pratos mais populares de São Paulo, quiçá no Brasil.

Nessa jornada de empregos, no ano de 1987 descobriu que ser consultor de uma empresa de cosméticos poderia ser um bom negócio. Iniciou de forma despretensiosa o primeiro contato. De forma estratégica, objetivava comprar mais barato acessando diretamente a empresa, o que não fora possível, pois somente os consultores vendem os produtos. Assim, teve a ideia e, concomitante ao seu emprego, que já durava quatro anos, iniciou a sua carreira como consultor. Não tardou para que logo e s tivesse em destaque e trabalhasse apenas nessa área. De acordo com Alejandro, ter investido nesse ramo lhe rendeu não apenas dinheiro, mas o acesso a valores e a bens culturais antes não

imaginados. Assim, o interlocutor pormenoriza, aprendeu a falar, entrou em lugares e conversou com pessoas que, se não fosse pelo trabalho desenvolvido, talvez não lhes dariam atenção. Conheceu outros estados e regiões do país e viajou para uma das capitais mais visitadas da América do Sul. Na época em que iniciou o trabalho como consultor, ele estudava em um cursinho pré-vestibular, em 1991 cursou a faculdade de administração de empresas, ambos pagos com o dinheiro advindo do referido trabalho. Alejandro também cursou especialização em *Markenting* Direto.

Alejandro possui um encantamento pela cultura espanhola. Como narrado no tomo acima, nos encontramos pela primeira vez em uma academia de dança flamenca, um dos seus *hobbies* prediletos. Ele também tem como *h obby* tocar saxofone. Logo que cheguei em São Paulo, ele estava de viajem marcada para Espanha. Foi o primeiro orgiástico *barebacking* que eu conheci, quem explicou ao Rei Sol que havia um menino pesquisando as orgias e intermediou o nosso contato. Foi por meio dele que também que tive acesso ao Ruan, um jovem rapaz de 19 anos, morador do Capão Redondo, recém-descoberto infectado pelo vírus HIV. De todos com que eu cruzei e daqueles com quem tive um contato mais próximo e amistoso, foi o que tive as conversas mais demoradas, tranquilas e amigáveis. Na sua companhia visitei museus, exposições de artes, teatros, parques, bares, livrarias. Estivemos juntos na minha casa, na casa de suas amigas, na academia de dança e na orgia. No entanto, no contexto em que estivemos muito próximos a crise política brasileira começava a despontar e as nossas divergências fizeram com que o interlocutor não se dispusesse mais ao diálogo. Há pouco tempo retomamos o diálogo e, mesmo sem tocarmos no assunto, a relação já não fluiu como antes.

Alejandro é soropositivo há dezessete anos. Para ele falar abertamente sobre o tema ainda não era uma experiência fácil. Nas suas palavras, “não é o tipo de coisa que a gente fala, não tô falando de um tema social, não tô falando de política, tô falando de uma coisa muito séria e tô falando de coisas da minha intimidade pessoal.” Com isso, quando o gravador estava ligado e à mesa, assegurou-me o diálogo franco e ressaltou o privilégio de eu estar situado no lugar de pesquisador. No entanto, nas “conversas informais”, de forma descontraída e sem a formalidade imposta pela máquina e os significados que o nome entrevista impõe, muitas coisas foram ditas.

Para ele, receber o diagnóstico da sorologia positiva foi uma experiência aterradora. A sensação era de morte. Pensou que morreria no dia seguinte, depois na semana seguinte, após um mês, até aprender aos pouquinhos, com leituras e com outros sujeitos positivos, que não morreria de aids. No ínterim dessas reflexões, coloca que não sabe como é atualmente receber um diagnóstico desta natureza, principalmente diante dos avanços das pesquisas com os antirretrovirais e, com isso, como os homens gays mais jovens lidam com essa experiência. Mas o que ele sabe é que não deseja receber o diagnóstico de outra DST. Nesse sentido, usando o plural, o que demarca a sorologia positiva enquanto categoria de pertencimento coletivo, reitera que não morrem, mas podem ter sérios problemas com outras doenças, especialmente os praticantes de orgias *barebacking*. Sobre esse aspecto ressalta que ninguém deseja outro tipo de infecção em nome do prazer: "nós, praticantes de suruba, especialmente os praticantes de suruba bare se souber de um parceiro que esteja infectado muito provavelmente não vai ficar à vontade de tá naquela roda".

Para mim, ainda tentando entender como era ser positivo e aderir às práticas sexuais sem o uso do preservativo, pareceu um contra senso a afirmações supracitadas, mas o interlocutor explicou:

> E eu não te colocando em risco, mas do que você seja capaz de suportar e você não vai me colocar em risco mais do que eu seja suficientemente forte pra suportar, mas você tá se cuidando, você não tá colecionando DST? Cê tá frequentando a medicina? Cê tá tomando a medicação? Cê tem feito exames? Eu acho que existe esse tipo de cumplicidade em quem é praticante das surubas bare e fazem parte desse círculo. Então existe uma certa cumplicidade até se você sabe que alguém não tá se cuidando de você não chamar mais pra esse tipo de suruba. Por que? Nós, quem já é portador e já sabe a realidade dessa doença, convive com ela cotidianamente não quer mais do que isso. Então, a gente corre risco, corremos, mas de certa forma é um risco calculado porque ninguém quer pegar hepatite. (Alejandro – 24/102015)

No tocante às orgias, Alejandro não consegue precisar o momento em que as práticas sexuais coletivas entraram em sua vida. No entanto, sugere possuir desde muito cedo uma inclinação natural para juntar as pessoas e organizar orgias, revelando um encantamento pelas

práticas. Em razão disso, argumenta que os caminhos para as práticas sexuais foram descobertos de forma intuitiva, tudo muito cedo:

> Eu senti o cheiro, sabe o cheiro da mexerica? É, que se tem aquela percepção assim, aquela percepção que tá em cima do seu ombro direito, esquerdo? Ahhhh, alí! Vou lá vê! Como pra descobrir um lugar como esse aqui que é *sui generis*. É que, você vai… E eu sempre fui muito curioso e aí eu ia, vixe depois que eu descobri meu filho, rrsrsr (Alejandro – 24/102015)

Em meio a essa narrativa, as pegações nos banheiros públicos emergem como espaços onde as orgias seriam passíveis de acontecer. Relata que na idade de 16 anos ao se deparar com os homens se entreolhando nos banheiros públicos, entendia que algo a mais estava acontecendo. Na tentativa de decifrar o que se encontrava nas entrelinhas, percebia que estavam todos envoltos em uma espécie de energia sexual cujos desejos, olhares, gestos, intenções, mesmo que a interação não se efetivasse corpo a corpo, o estar conjuntos naquela mesma energia já se constituía uma orgia. Para o interlocutor:

> Se tava praticando sexo, mas não sexo tátil, inclusive, mas o sexo visual, o sexo olfativo, porque aquele lugar ele cheirava, tinha um cheiro característico, os banheiros públicos né e os homens todos se masturbando, então aquilo já era uma orgia, certamente já era, já tinha essas características que a meu ver com o pouco conhecimento que eu tenho já dá pra julgar que aquilo era uma orgia, aquilo era uma suruba. Cê não tava vendo um monte de homens apinhados em cima do outro, fodendo um ao outro, mas aquilo já tinha esse elemento central, comum da suruba que é a cumplicidade. (Alejandro – 24/102015)

Entretanto, no tocante aos espaços onde efetivamente as orgias já estavam instituídas, cita os cinemas pornôs, em especial o Cine República, como reduto dos encontros orgiásticos mais efervescentes. De forma alegórica, os descreve como os maiores do planeta. Alejandro começou a frequentá-lo na faixa etária dos vinte anos. Conta que guardava as roupas na recepção e já descia nu para os lugares onde aconteciam as interações sexuais. Ao sair, seu corpo exalava cheiro de sexo. Na trama desta narrativa, usa as orgias realizadas no Cine República como parâmetro para classificar as orgias realizadas nos apartamentos. Com isso,

afirma que elas não são as mais voluptuosas, seus motores incluiriam outros elementos que não estão disponíveis nos espaços privados. Refere-se à dimensão classificada como o "aspecto social". Por essa ótica, as orgias realizadas nos apartamentos possibilitariam pausas para o diálogo e, a partir disso, a possibilidade de conhecer as pessoas, trocar ideias, constituir vínculos. Isso se daria por uma das principais características das orgias privadas, a possibilidade de selecionar os participantes da festa. É nesse aspecto que as orgias privadas ganham força. Existe uma compatibilidade entre as pessoas e, uma expectativa, quando se vai a uma festa de encontrar os "iguais".

Por meio dessa narrativa, vai dando sentido aos encontros orgiásticos *barebacking.* De acordo com Alejandro, como já está infectado pelo vírus HIV não há mais a necessidade de prevenção, o que há é a necessidade do tratamento. Nesse sentido, além de ser confortável transar sem camisinha, seria mais ainda com um outro soropositivo, pois não há a preocupação, a culpa em colocar alguém em uma situação que ela fatalmente não gostaria. No entanto, percebe essa preocupação como uma característica geracional, revelando que as gerações mais jovens perderam esse cuidado e muitos em virtude dos prazeres do sexo livre, como o praticado pelos orgiásticos *barebacking*, preferem se infectar.

Sobre esse aspecto, Alejandro ressalta a beleza do sexo livre. Esse seria o chamariz dos sujeitos que não necessariamente desejam se infectar, mas que afrouxam os interditos forjados pelos dispositivos da prevenção e se "deixam" infectar. O mais interessante desse aspecto é que Alejandro não significa a beleza atrelando-a aos ganhos sensoriais do sexo livre, mas aos aspectos subjetivos que apontam para uma autonomia dos sujeitos: "a partir do momento que os seres humanos praticam aquilo que ele deseja, que ele pretende, que ele gosta, que ele quer, desmuniciado de qualquer repressão, se cria beleza".

3.5.4 Enzo

Enzo é um homem branco de 30 anos. Nasceu e habita a cidade de São Paulo. Seus pais são evangélicos, por isso tem uma relação distante com a família. Isso se deu por não aceitarem a sua opção sexual. Em razão disso procurou seguir o seu caminho independente deles. Relata que quando estavam próximos era como se carregasse uma mochila pesada, que precisou se desfazer dela para seguir adiante.

Descobriu-se soropositivo em março de 2013, aos 24 anos de idade. Imagina ter sido infecto por um ex namorado, mas não foi atrás, não procurou tomar satisfação. Diferente de outros sujeitos que se destemperam ao receber o resultado, ele foi tranquilo, já tinha informações suficientes para entender que necessitaria fazer o tratamento e de como tudo ia proceder. Como pontua, foi prático, uma característica da sua personalidade. Vê o HIV e a Aids muito mais como um problema social do que biomédico.

Entretanto, sua maior preocupação era com o rapaz com quem se relacionava na época. Ele possuía 22 anos e interpretou a descoberta da sorologia positiva como se Enzo tivesse quebrado um pacto de confiança. Isso lhe trouxe sofrimento, culpa, mas tempos depois ressignificou a situação e entendeu que alguém que se dispõe a praticar sexo sem camisinha precisa estar ciente dos riscos existentes e isso é responsabilidade da pessoa em questão. Essa experiência por tempos lhe acompanhou e reverberou na sua relação com outros homens. Deste modo, nas relações seguintes esperava um certo tempo para revelar o seu status sorológico. Atualmente se libertou das amarras criadas por ele mesmo diante dos possíveis constrangimentos ao revelar ser portador do HIV. Deste modo, no início das relações revela o seu status sorológico, se a pessoa não quiser tudo bem, o que tem que fazer é seguir adiante.

A dinâmica e a impessoalidade da cidade de São Paulo o ajudam a organizar as questões dessa forma. A quantidade de informações e circulação de pessoas faria com que as informações de cunho mais personalizadas se dispersassem[34]. Sobremaneira, o que poderia ser visto como novidade, despertar curiosidade, ser percebido como estranho, é visto e logo esquecido ou não olhado de forma a ser imiscuído. O que difere de uma cidade do interior. As novidades, as questões consideradas tabus, são alvos de curiosidades pérfidas e falta de compreensão. De todo modo, por mais que a descoberta tenha se dado de forma tranquila, o início do tratamento com o antirretrovirais lhe trouxe alguns transtornos. Ele teve reações colaterais e passava mal no trabalho. Até aí tudo bem, mas tinha sensações que lhe incomodavam e não sabia como lidar, como por exemplo o enjoo e a irritabilidade causada pelo

34 O sujeito pesquisado ao falar da dinâmica da metrópole parece se remeter ao que Simmel (1979) conceitua como Atitude blasé. Para o autor, a atitude blasé se como algo incondicionalmente reservado à metrópole e configura-se como fenômeno psíquico experimentado pelos indivíduos, resultante dos múltiplos, rápidos e contrastantes estímulos externos. Com efeito, ao nível de inconsciente, de forma mais extremada se constituiria no embotamento do poder de discriminar. “Isto não significa que os objetos não sejam percebidos, como é o caso dos débeis mentais, mas antes que o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas são experimentados como destituídos de substância” (SIMMEL, 1979, p.16)

perfume de uma colega de trabalho, o que, de acordo com suas palavras, lhe suscitava o desejo de matá-la. Ao conversar com seu médico ele sugeriu esperar um pouco mais, pois esse tipo de reação era passível de acontecer. Um mês depois o enjoo e a irritabilidade acabaram. Comenta que a droga efavirenz é muito pesada, passava o dia inteiro "grogue". Atualmente o tratamento é tranquilo, os remédios causam menos efeitos adversos e ele toma apenas um comprimido por dia. De forma jocosa diz que pode até ir para a balada, potencializa o álcool. Mas que você não pode esquecer de tomá-lo. Assim, compara a sorologia positiva com o diabetes, há toda uma disciplina no sentido de não esquecer a medicação, mas nada que seja necessário se negar a viver.

No que se refere às questões subjetivas, Enzo diz ter se tornado uma pessoa mais humana. Antes da sorologia positiva, a vida era muito sistemática e pragmática. Não havia espaço para o meio termo, nem para as oposições. Hoje consegue conviver com as diferenças e assimilar as opiniões divergentes como forma de melhorar a sua. Nessa perspectiva, coloca que as tragédias são passíveis de acontecerem na vida, no entanto, a questão é o que você fará com ela, como agirá diante dela. Destarte, sinaliza para os ganhos advindos com o novo status sorológico, mais liberdade para aceitar o que queria da sua vida, o que queria do seu tesão. Que sua vida era muito mais limitada em função de aceitar as regras. Ao mencionar estas questões, Enzo parece não restringi-las à dimensão sexual. Assim, expõe que atualmente não segue regras, mas critérios, o que de forma tranquila faz com que aceite ou não realizar determinadas ações no cotidiano.

Embora estenda à liberdade a outros âmbitos da sua vida, é após se descobrir soropositivo que se iniciam as experiências com as orgias. Para ele, mesmo afeito a transar sem camisinha, pois seu tesão estava relacionado a isto, sempre se policiava. Até que foi infectado e a partir de então, como fala, "tocou o foda-se". Como já estava soropositivo, passou a transar sem camisinha com os parceiros que, em consenso, desejassem.

Para Enzo, existem dois tipos de orgias, as com capa e as sem capa. A partir dessas, advém outras subcategorias: por faixas etárias; tipo de corpos, como orgias entre sarados, orgias dos ursos; pela métrica peniana, orgia de dotados. Tem alguns tipos de orgias, principalmente as que se organizam tendo como critério a faixa etária, que os sujeitos necessitam passar por um processo seletivo. Este consiste no envio de fotografias do corpo:

todo o corpo, pênis e bunda e o rosto. Assegura que geralmente as orgias com capa, quando realizadas nos espaços privados, não diferem muito das orgias com sem capa. São pessoas que já se conhecem ou combinaram de se conhecer para se divertir daquela forma. A única diferença seria quanto ao uso da camisinha: algumas orgias em que uso é obrigatório, outras nas quais é opcional, contanto que haja consentimento entre ambas as partes, outras o não uso é a regra.

No contexto das orgias, as festas do Rei Sol são descritas como prazerosas não só pelo sexo, mas pelas possibilidades de interação entre os orgiásticos. Enzo inclui essas orgias numa categoria que ele chama de "as mais sociais", as quais ele possui maior predileção. Em contraste, explica que existem orgias mais intensas do ponto de vista das práticas sexuais. Estas estariam mais focadas no sexo em si, não oporunizando aos sujeitos, em meio a intensidade das práticas, a possibilidade de outros tipos de interação. "Tem umas que simplesmente você chega já tem alguém de pau duro pra você chupar ou pra meter". Diante dessas categorias, ele sugere não ter mais idade para as práticas sexuais impessoais, sugerindo uma questão geracional na escolha das orgias e interações no contexto das orgias *barebacking*:

> Isso é uma questão de local, se se disponibiliza pra isso. A questão do anfitrião, porque de qualquer forma o anfitrião ele vai dar as regras da situação. Isso também é uma questão da pessoa. Se a pessoa não tá a fim ela não vai fazer nada. Ela vai lá aí tchau, acabou. Na casa do Rei Sol você tem a situação de que você tem um local agradável. Não é a toa que ele coloca uma música na sala onde o pessoal fica lá bebendo cerveja. Não é a toa que ele disponibiliza comes e bebes, que é uma coisa também que vai fazer com que a coisa fique mais social e você tem também pessoas que já tão com esse critério. (Enzo – 12/03/2017)

Sobre a nudez e a possibilidade de igualdade nas orgias *barebaking* do Rei Sol, Enzo coloca que a própria dinâmica da orgia possibilita essa igualdade na medida em que os orgiásticos estão lá como pessoa e não como um objeto sexual de outrem. A nudez seria o elemento que possibilita você enxergar o outro como ele é, "seja ela [a pessoa] perfeita ou imperfeita nos seus olhos", um *turning point* para enxergar e aceitar a realidade. Destarte,

Enzo resignifica a ideia de igualdade e, por meio das práticas sexuais, diz haver na verdade uma irmandade:

> Acho que eu não diria uma igualdade, diria mais uma irmandade. Porque você tem pessoas que estão lá literalmente pra se divertir, interagir, seja de uma forma, seja de outra, pra, tipo, no fim de tudo você vê pessoas que estão felizes e desestressadas. Isso pelo menos a maior parte das pessoas. Elas vão lá sair daquele quadrado que é a sociedade, que é aquele quadrado que impõe regras, que tem a necessidade de fazer coisas e você tá lá pra se divertir literalmente. Uma das coisas que você percebe nas orgias do Rei Sol é que você vai interagir, você vai se divertir, vai tá livre pra fazer o que quiser, o que você bem entender. Você não tem, - Ha, preciso me policiar nisso, preciso segurar a minha barriga, ha preciso tirar uma foto desse jeito, não, você tá literalmente com a forma real da pessoa.

3.5.5 Pedro

Pedro tem 41 anos de idade. Nasceu no Ceará, mas mora em São Paulo desde adolescente. É um homem gay, branco, formado em Direito. Estudou o ensino básico em escolas públicas. As várias mudanças de cidades não o possibilitaram construir vínculos escolares. Cursou uma faculdade privada do interior de São Paulo, metade paga com bolsa de estudos. Ao terminar a faculdade, viajou para os Estados Unidos e depois dentro do Brasil, contabilizando, entre as duas viagens, o período de um ano. Depois voltou para São Paulo onde trabalhou em um escritório durante dois anos. Ao ser demitido, investiu em um cursinho preparatório para ordem dos advogados do Brasil – OAB, mas como não passou, desistiu desta carreira, envolveu-se com os negócios da família e atualmente gerencia a empresa do seu pai, uma loja que fabrica e vende móveis. Nas horas vagas, trabalha como DJ em festas de aniversários, casamentos, em lugares variados. Começou a trabalhar com dezesseis anos no *McDonald's.* Atualmente estuda inglês, pensa investir em uma outra formação, algo que esteja relacionado ao trabalho que desempenha, administração ou design de interiores.

A relação com sua família é amistosa, mas nunca se conversou sobre sexualidade. Pedro diz que, quando aparece alguma cena de sexo ou algum conteúdo relacionado à temática, eles mudam de canal. Sua homossexualidade e seu status sorológico são questões não partilhadas com seus familiares. Seus pais são católicos do tipo que vão à missa todos os

domingos. Pedro também é católico, mas do tipo que não se importa com os tabus religiosos pertinentes à homossexualidade, o que importa é a sua relação com deus. A sexualidade nunca foi um tema abordado nas diversas escolas onde estudou. Dessa forma, aprendeu sobre prevenção nas campanhas do período carnavalesco. Embora já tivesse tomado consciência da aids, citando o período de adoecimento do Cazuza como emblemático, não tinha muita informações substanciais sobre o HIV e a aids. Sabia como se dava a transmissão, mas não imaginava que a infecção estivesse tão próxima dele.

Sua iniciação sexual se deu muito cedo, por volta dos 12 anos. Delega a ocorrência desse fato ao lugar onde morava, o Estado do Ceará, onde a vida sexual parece começar mais cedo do que em São Paulo. Elas se deram com as brincadeiras de garotos, os troca-trocas. Nesse contexto, também haviam brincadeiras sexuais com as meninas, mas isso não teve continuidade. Pedro aproveita o contexto da narrativa e ressalta não se importar com a forma ou gênero da pessoa com quem está fazendo sexo, contanto que lhe proporcione prazer. No entanto, as brincadeiras de criança dão uma pausa até os 16 anos, quando volta a se relacionar com uma mulher. Ressalta também que embora tenha preferência em ser ativo, dependendo do contexto também é passivo. Aos 19 anos, no período do cursinho pré-vestibular conheceu um homem com quem teve encontros sexuais episódicos. Mas foi na época da faculdade que começou a se relacionar sistematicamente com homens.

No terceiro ano da faculdade, por volta de 2002, conheceu um homem pela internet com quem transou duas vezes com camisinha. Por meio dele conheceu novos amigos e passou a frequentar a balada gay de São Paulo. Nessa época, período em que se sentiu mais livre, costumavam ir para a boate Bubu e para o bar da Gra. O último era um lugar lésbico, mas segundo Pedro os homens que o frequentavam eram bonitos. Foi nesse período que conheceu o autorama, lugar onde acredita ter sido infectado.

O autorama era um ponto de paquera gay da cidade de São Paulo, situado no parque do Ibirapuera. Os homens chegavam de carro, circulavam pelo local em busca de outros homens ou estacionavam à espera deles. Era uma espécie *cruising* motorizado. A dinâmica notívaga que tomava conta do lugar permitia aos paulistanos, depois da balada, finalizarem a noite neste local. O espaço era aberto ao público e as interações sexuais se davam de variadas formas: cita como exemplo a possibilidade de encontrar dez homens se masturbando ao redor

de um ou vinte homens em interação sexual. Era possível ficar pelado fora do carro, se masturbar e todo mundo ficar olhando, convidar alguém para dar uma volta ou levá-lo para o canto.

No ano de 2004 começou a passar mal, vomitou pela manha e teve diarreia. Horas depois estava com o corpo repleto de manchas vermelhas. De pronto foi levado ao hospital e a vigilância sanitária isolou os seus colegas e local de trabalho. Temiam ter sido infectado por um vírus no metrô. Como na época não possuía convênio médico, foi transferido para um hospital dos SUS. Lá fizeram uma bateria de exames e, para a surpresa dos médicos, e mais ainda sua, pois não imaginara estar infectado e nem sabia que o exame havia sido solicitado, recebeu o diagnóstico.

Pedro conta que chorou copiosamente. Imaginava que ia morrer com dois ou três meses. Rememora o caso de um esportista americano cuja morte aconteceu quando ele completara dez anos como portador do vírus. Para Pedro esse tempo seria a sua sobrevida. No entanto, a abordagem e os vínculos criados com a equipe médica e o acompanhamento psicológico o deslocaram rapidamente desse lugar. Entendeu que se fizesse o tratamento como o orientado, tudo ficaria bem. Desde de 2006 faz uso da medicação e tem uma vida normal como todo mundo.

A sorologia positiva é algo que compartilha com poucos. De toda a sua família, uma de suas irmãs é a única que sabe. Nas suas relações amorosas, é raro revelar, principalmente quando elas ainda estão no início, pois como não sabe se o namoro será duradouro não vê essa necessidade. No entanto, toma todos os cuidados para proteger o parceiro. Conta que já namorou durante dois anos e não revelou o seu status sorológico.

Para Pedro, ter sido infectado desorganizou toda a sua vida. Por um tempo, pensava tanto na doença que perdeu de vista outros âmbitos da existência. Nessa época, se fechou para tudo: família, sociedade e para as relações amorosas. Não consegue amar outra pessoa, se relaciona, gosta dos namorados, sente a necessidade de ter alguém ao lado, mas amar como vê as pessoas amando não consegue, tem medo de ser machucar. Prefere investir em ter uma base financeira sólida, caso contrário, segundo os conselhos de um amigo, ficará perdido. Atualmente vive financeiramente bem, tem seu carro, pode sair para um restaurante e não se preocupar se vai pagar caro, embora diga que nunca vai exagerar.

Antes, pensava em casar com mulher, ter filhos, ter sua própria casa, sua família, uma maior liberdade pois aos 40 anos ainda mora com os seus pais, não tem uma relação amorosa sólida. Apesar de assimilar esse projeto à liberdade diz ter mudado bastante. Atualmente suas ações, principalmente relacionadas à sua vida amorosa, se dão conforme a sua vontade. No início da sua vida amorosa, quando aos 19 anos começam a se intensificar as experiências homoeróticas, achava que era uma fase, mas hoje entende melhor o seu desejo e vive conforme a sua vontade.

Pelo fato de ter sido infectado por uma pessoa que não lhe informou o seu status sorológico, de modo geral tem uma ressalva com as relações. Isso é mote para falar sobre um aspecto relevante do ponto de vista dos argumentos desta tese. De acordo com ele, se numa relação sexual episódica a pessoa transar sem camisinha, ela já está infectada.

Sobre as orgias, elas começaram no apartamento do Rei Sol. Chegou até lá a convite de um casal, também soropositivos, que havia conhecido por meio do site **https://www.barebackrt.com/default.php**. Nas palavras de Pedro, "um site que tem o pessoal que tem o HIV chamado brt, é estrangeiro". Esse site, assim como os aplicativos de paquera, disponibiliza a visualização dos perfis de forma gradativa de acordo com a distância. Eles ficaram amigos, passaram a transar juntos e ir a festas. Com isso, conheceu o Rei Sol, ficaram amigos e viraram próximos.

Concernente às orgias, a primeira coisa que menciona é a possibilidade de conhecer pessoas novas. Que diferente de outros participantes, não vai exclusivamente pelo sexo e não sente desejo de transar com todo mundo. Nesse sentido, fala que conhecer as pessoas é algo que lhe atrai nos encontros, "conhecer a galera", fazer amizade. Isso se dá por ser uma pessoa muito fechada, por não ter com quem falar de modo geral sobre sua vida com muitas pessoas. Que por vezes sente como se tivesse um monstro sobre as suas costas por não poder partilhar aspectos não somente relacionados ao HIV, mas da sua vida amorosa, dentre outros.

De acordo com Pedro, ao chegar ao grupo, o Rei Sol lhe explicou tudo. Os encontros eram para a prática do sexo sem o uso da camisinha. Se ele tivesse interesse em participar tudo bem, mas também não poderia ficar entre o grupo só observando. A partir daí, foi conhecendo as pessoas interagindo com elas. No entanto, atualmente, quando está nas orgias, diz selecionar as pessoas com quem vai transar. Nesse sentido, aciona as categorias confiança

e cuidado como parâmetro para as suas escolhas, levando em consideração o tempo em que conhece as pessoas. Esse último, no sentido de possibilitar uma proximidade, além de garantir a confiança e o cuidado, seria um elemento relevante no que se refere a produção do prazer. Por essa via, Pedro justifica, “eu gosto que tenha alguma relação além do prazer”.

Pedro já foi infectado por sífilis, mas como um amigo seu já havia lhe falado, é um dos riscos que se corre. Com isso, diz fazer seis meses que transa com camisinhas, sinalizando que as idas as orgias não são tão recorrentes. Considera contrair a sífilis algo normal, mas nas orgias, quando sabe que alguém não fez a adesão ao tratamento com os antiretrovirais ele procura não envolver-se sexualmente. Concernente a este aspecto, Pedro externa que, ao envolver-se com essas pessoas, o risco seria ainda maior, pois como elas não cuidam de algo simples, no sentido do controle do HIV, ela não tem consciência do que poderia ter. Com isso, nas orgias, prefere as pessoas mais conhecidas.

Sobre as relações constituídas nas orgias, os laços sociais, todas as vezes que tem algum tipo de problema é a elas que recorre, principalmente se a questão estiver relacionada à saúde. Entretanto, as relações não se restringem a isso, o seu corretor, por exemplo, conheceu por meio do casal, que também lhe apresentou o Rei Sol.

4 Corpos e emoções na experiência orgiástica

> *"[...] De manière générale, notre société traite lá recherche du plaisir physique comme une activité infâme." (RUBIN, 2001, p. 252)*

Nesse capítulo, tenho como objetivo descrever e refletir sobre as experiências vivenciadas a partir do trabalho de campo. Mais especificamente no que se refere à segunda e terceira fases, o que eu chamo "trabalho de campo corpo a/no corpo". Essas duas fases se constituem o segundo momento do trabalho etnográfico, período em que encontrei fisicamente os sujeitos da pesquisa, antes, como posto na introdução e no capítulo anterior, contatados exclusivamente por meio de ambientes virtuais. Contudo, apesar de o título destas fases acentuar o encontro entre os corpos, estratégia para distingui-lo do trabalho de campo na internet, bem como para fazer alusão ao encontro sexual entre pesquisador e sujeitos pesquisados, darei relevo também ao que é materializado, e matizado, a partir do encontro entre subjetividades e emoções.

Nesse sentido, o que se pretende é refletir sobre os deslocamentos corporais e subjetivos vivenciados pelo pesquisador a partir dos diálogos estabelecidos e presença nas orgias *safe* e *barebacking*. De modo geral, a tese, aqui sustentada, tem como foco central o que eu chamo de construção de um "novo mundo". Este, é engendrado pelas novas socialidades vividas a partir dos deslocamentos corporais e subjetivos, possibilitados pelo novo status advindo com a descoberta da sorologia positiva. Em vista disso, como numa mirada no espelho, coloco-me diante dos interlocutores e, por esse ângulo, observo e pontuo os deslocamentos corporais e subjetivos vividos por mim a partir do encontro etnográfico.

Tal esforço, não se constitui um desejo narcísico, nem muito menos uma necessidade ou obrigação confessional, principalmente no que se refere a expor aspectos da minha própria sexualidade. Sobre esse aspecto, pactuo com as ideias sugeridas pelo pesquisador Wagner Xavier de Carmargo (2016) no texto intitulado "Entre corpos suados e excitados: considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo". Ao refletir sobre as suas

experimentações sexuais com os interlocutores (mantenho a terminologia utilizada pelo autor) de sua pesquisa, o autor externa as seguintes questões:

> qual é a finalidade de trazer tais aspectos (supostamente antropológico) à tona? Em nome de que vale a pena me expor publicamente? Não há, por suposto, respostas definitivas e fechadas para tais questões. Quis registrar tais aspectos para sublinhar que há necessidade de discussão mais sistemática e pormenorizada sobre as sexualidades dos/as pesquisadores/as em campo e que os investigadores/as sociais (particularmente os/as antropólogos/as) não devem pactuar com o 'celibato e a assexualidade' a eles/elas imputados/as, bem como também já destacara um antropólogo carioca (Rojo 2005) (CAMARGO, 2016, p. 209 e 2010).

Nesse sentido, para além de delinear as condições em que os dados foram construídos, condição de validade do trabalho etnográfico, como sugerido pelo velho Malinowski (1976)[35], esquadrinhar determinados aspectos do vivido, no que se refere as dimensões sexuais partilhadas, se justifica tendo em vista implicarem em "opções" éticas, metodológicas e epistemológicas, na medida em que os deslocamentos, reflexo do encontro intersubjetivo,

35 O clássico "Os argonautas do pacífico ocidental", publicado em 1922, tornou-se uma obra paradigmático para a antropologia por ter apresentado uma nova forma de se fazer trabalho de campo. Na sua introdução, intitulada "Tema, método e objeto desta pesquisa", logo no início, o seu autor, Bronislaw Malinowski, em comparação com as ciências físicas e químicas, consideradas as mais exatas na época, estabelece os requisitos necessários para legitimar o conhecimento etnográfico enquanto produção científica. Para ele, inclusive nas ciências menos exatas, como a biologia e a geologia, há uma preocupação em descrever os instrumentos, condições e processos envolvidos na produção do conhecimento. Nesse sentido, em detrimento das peculiaridades da etnografia, pontua haver uma necessidade maior em se desvelar tais processos e critica o passado recente da disciplina, em que muitos autores apresentavam os dados das pesquisas como se elas tivessem sido extraídos do nada. Contextualmente, esta preocupação se justifica tendo em vista que a antropologia ainda não havia se consolidado como disciplina acadêmica, o que requeria cuidados com o método. Por esse ângulo o autor pontua, "A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica". Em nota de rodapé, acrescenta, "no que diz respeito a metodologia, devemos à *Cambrigde School of Anthropology* a introdução de critérios realmente científicos no tratamento do problema. Especialmente nas obras de Haddon, Rivers e Seligman há sempre perfeita distinção entre *observação dos fatos* e conclusões e nelas podemos claramente perceber sob que condições e circunstâncias foram realizadas as pesquisas" (MALINOWSKI, 1976, p.22). Desde então, essas questões foram significativas para a construção e consolidação do que ficou conhecido como antropologia moderna. A partir delas, o trabalho de campo, sintetizado na "magia do etnógrafo" (p. 24), para além do seu objeto, fora erigido a elemento diacrítico da disciplina. É fato que desde então muitas reflexões sobre o trabalho de campo, assim como o produto antropológico fruto dele, o texto etnográfico, foram empreendidas. De forma mais radical, a partir dos anos 60 com a crise da representação, fragmentos dos diários de campo foram sendo inseridos nos textos etnográficos, diários de campo foram publicados e as emoções, antes circunscritas aos segredos dos diários, começaram a ser repensados e erigidos a um outro status epistemológica, ou seja, os aspectos subjetivos e as emoções passaram a ser contemplados no que se refere às condições na produção do conhecimento.

reverberam nas relações e negociações travadas com os sujeitos da pesquisa, o que por sua vez desemboca na construção da realidade partilhadamente. Tais reflexões, as quais implicam em uma reflexividade, aos moldes apontados por Rabinow (1992), tomam minhas emoções como possibilidades heurísticas, uma vez que pode ser observada uma estreita relação entre o universo pesquisado e a minha subjetividade, na medida em que sou um homem gay, nascido no início dos anos 80, minha geração cresceu tendo o HIV/aids e as políticas sanitárias como um elemento sempre à espreita, ou mesmo a ideia tácita de que a infecção pelo vírus seria um fim iminente. O que faz eco ao postulado por Evans-Pritchard (2005) na citação abaixo:

> Além disso, pode-se dizer que, desde que nosso objeto de estudo são os seres humanos, tal estudo envolve toda a nossa personalidade – cabeça e coração; e que, assim, tudo aquilo que moldou essa personalidade está envolvido, não só a formação acadêmica: sexo, idade, classe social, nacionalidade, família, escola, igreja, amizades e assim por diante. Sublinho com isso que o que se traz de um estudo de campo depende muito daquilo que se levou para ele (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 244)

4.1 Prolegômenos – E aí, vai fazer observação participante?

Desde os primeiros momentos em que externei o desejo em tomar as orgias como objetivo de investigação antropológica uma série de perguntas me foram imputadas. Na sala de aula, nos corredores da universidade, nos encontros entre os amigos, da academia e de outros âmbitos da minha vida social, a conversa sobre as orgias e sobre o meu objeto de investigação ganhava centralidade[36].

As questões a mim direcionadas, para além da curiosidade científica, o que parecia suscitar menos interesse, inclusive de antropólogos de outros campos de investigações, vinham eivadas de uma jocosidade, por vezes pérfidas. Elas estavam relacionadas às justificativas concernentes a tomar as práticas sexuais coletivas enquanto objeto de investigação científica, o que a meu ver era muito legítimo, mas me causava um certo estranhamento e descontentamento. Era como se eu tivesse que elaborar justificativas muito mais plausíveis, tanto do ponto de vista científico, no que se refere a legitimidade e relevância

36 Sobre comentários jocosos, risos, curiosidades e incômodos gerados por pesquisas que versam sobre práticas sexuais ver Barreto (2017; 2019), Braz (2007; 2010a; 2010b; 2013), Rojo (2005) e Camargo (2016).

da temática, como do social, posto que as orgias, e seus adeptos, como já foi colocado, se constituem prática e sujeitos sexuais não legitimados.

Ao final, quando não direta, uma questão subliminar perpassava a curiosidade de todos, se eu transaria ou não com meus interlocutores. Entre os antropólogos essa questão estava revestida de preocupações éticas e metodológicas – o que não dispensava, geralmente ao final da discussão, algum tipo de brincadeira. As reflexões eram conduzidas a partir desses parâmetros e, geralmente, tinham como elemento norteador o método da observação participante[37]. Outro elemento pertinente, no que se refere ainda aos acadêmicos, mas não restrito a eles, relaciona-se ao engajamento político dos pesquisadores com seus objetos de investigação, o que para alguns fazia crer que eu era um adepto das práticas sexuais coletivas. Entre os não acadêmicos, se o antropólogo se constitui em um profissional exótico, trabalhar com essa temática me transformou no exótico dos exóticos. Não raro foram as vezes em que fui apresentado ao amigo de um amigo como, "aquele cara que estuda as orgias", e a síntese, entre esses, era a de que a pesquisa se constituía como um divertimento, como se eu estivesse unindo o útil ao agradável.

De todo modo, embora em determinados momentos essas questões tenham chegado a mim de forma enfadonha, principalmente quando indiretamente colocavam a seriedade da pesquisa em xeque, de antemão elas já haviam sido vislumbradas: Primeiro, pela falta de familiaridade da academia brasileira no que se refere a erigir as práticas sexuais como objeto de investigação; segundo pelas reações externas a academia, as quais pesquisadores do campo da etnografia das práticas sexuais viraram alvos de chacotas e questionamentos referentes à utilização do dinheiro público para, de forma indireta, supostamente, oportunizar a efetivação dos seus desejos sexuais.

---

37 Método de trabalho de campo criado por Malinowski (1976), considerado até os dias atuais como instrumento por excelência da coleta de dados pertinente ao trabalho etnográfico. Consiste na ideia da máxima internalidade na vida dos sujeitos pesquisados: viver com eles, aprender sua língua, participar das suas atividades, das suas vidas, acessar os "imponderáveis da vida cotidiana". Segundo Eriksem e Nielsen, "A observação participante de Malinowski estabeleceu um novo padrão para a pesquisa etnográfica. Todo fato, mesmo o mais insignificante, devia ser registrado. Na medida em que fosse praticamente possível, o etnógrafo devia participar do fluxo contínuo da vida do dia a dia, evitando questões específicas que pudessem desviar o curso dos eventos e sem restringir a atenção a partes específicas da cena" (ERIKSEM e NIELSEN, 2010, p. 57). Voltarei a este assumo mais adiante.

No tocante ao primeiro aspecto, por mais que as pesquisas antropológicas no campo do gênero e da sexualidade tenham se adensado a partir dos anos 2000 (BRANCO e PARREIRAS, 2014), o campo da etnografia das práticas sexuais ainda é candente (FIGARE & DÍAS-BENÍTEZ, 2009). Ainda mais no tocante a timidez com que os pesquisadores desse campo versam sobre suas experiências desejantes e sexuais durante o trabalho de campo.

Acerca desse aspecto rememoro a experiência de um distinto pesquisador, cuja controvérsia do que exporei não convém revelar o nome. Situando-se seu objeto de investigação em espaços de saturação sexual na cidade de São Paulo, na sua etnografia o antropólogo assevera ter optado por não adentrar as práticas sexuais pesquisadas. Contrário a essa perspetiva, uma outra pesquisadora, também do campo do gênero e da sexualidade, que conviveu com ele na época em que a pesquisa fora realizada, por meio das já clássicas "conversas de corredores[38]" me disse, "fulano transou com muita gente". Não me surpreenderia se essa fosse uma verdade. No entanto, para os fins aqui requeridos, é o que menos importa. Sobremaneira, ao citar tais exemplos intento chamar a atenção para o quanto o sexo ainda se constitui um tabu, mesmo para os pesquisadores que se dispõem a pesquisá-lo.

Ainda sobre o que versa o parágrafo acima, cito como exemplo o que me segredou um renomado pesquisador cearense. Temendo dar vasão aos seus desejos sexuais em campo, antes de sair para o trabalho, por vezes se masturbava. Embora tenha me feito a ressalva de que para ele o sexo não se constituía um tabu, tomo o exemplo de empréstimo não para me referir a pessoa do pesquisador, mas a ele enquanto pertencente a uma coletividade e, enquanto tal, partilhar de um código de conduta, cuja premissa no tocante ao sexo com os interlocutores é negativa. Nesse sentido, por mais que tenha condicionado a sua opção em não praticar sexo em detrimento das peculiaridades do seu campo, situado em ambiente de trabalho sexual, o que poderia de alguma forma ter onerado as suas interlocutoras, um outro

38 Camargo (2016) coloca que os antropólogos incorporaram nos seus protocolos de pesquisas aspectos negativos referentes ao que seria considerado "moral" ou "imoral", herança da era vitoriana (Foucault, 1985). Com isso, considerando o contexto de consolidação da antropologia enquanto ciência, o que pressupunha a busca pela pretensa objetividade, evitaram colocar em pauta os aspectos afetivos e sexuais de suas vidas quando em trabalho de campo. De acordo com o pesquisador, ao mesmo tempo que buscavam a objetividade científica, jogavam para baixo do tapete os impactos emocionais vividos a partir do encontro intersubjetivo, e salienta, "ao menos na escrita" (CAMARGO, 2016, p. 207). Consoante a essa lógica, Braz (2007) e Rojo (2005), em trabalhos nos quais discutem aspectos relacionados à sexualidade do antropólogo em contextos de pesquisas cujo corpo e o sexo são os elementos centrais das socialidades, destacam que acontecimentos e intencionalidades vividas por antropólogos durante o trabalho de campo não são reveladas nas suas publicações, mas emergem nas "conversas de bares".

elemento revelado pelo antropólogo é significativo: os conselhos dos pesquisadores mais velhos revestidos das ortodoxias teórico-metodológicas positivistas, “não faça sacanagem”.

De modo geral, os antropólogos e as antropólogas ainda apresentam-se nas etnografias como sujeitos assexuados (KULICK, 2005: ROJO, 2005; BUFFON, 2018; BRAZ, 2007). Sobre este aspecto, destaco o que Buffon (2018) nomeia como o “mito do antropólogo assexuado”:

> o antropólogo ao vestir a máscara de pesquisador se transforma em uma nova entidade, adquirindo o poder de afastar na interação com seus informantes o nocivo elemento da sexualidade. Mito que pode ser lido nas entrelinhas dos relatos etnográficos pela própria inexistência da interferência da sexualidade na narrativa dos elementos subjetivos presentes no encontro – isto quando estes são explicitados. Considero que essa interferência faz parte dos “imponderáveis” do trabalho de campo, que nos surpreendem e, na medida em que fazem parte do processo de interação, devem ser pensados como parte do próprio contexto em que se realiza o encontro e brota a informação (BUFFON, 2018, p. 66).

Esse aspecto, conforme história da disciplina, parece vir de uma longa tradição. De acordo com Don kulick (2005), a temática do sexo está presente na Antropologia desde os textos clássicos, como por exemplo a etnografia de Malinowski sobre “A vida sexual dos selvagens”, de 1929 e “Adolescência, sexo e cultura em Samoa”, de 1928, de autoria da antropóloga americana Margaret Mead. Em decorrência disso o sexo não se constitui uma temática nova ou tabu. Este aspecto também é apontado pelo antropólogo Francês Maurice Godelier (2000) em “*Cuerpo, parentesco y poder*”. Em resposta a seguinte pergunta, “o que é um ato sexual?”, o autor postula:

> Parece que cuando se les pide definir lo que es para ellos un acto sexual, dentro de su campo de experiencia, antropólogis y psicoanalistas se encuentran en una situación distinta, aunque simiar en cierta forma. Porque ninguno de ellos suele observar direcatamente actos sexuales en el ejercicio de su profesión. A primera vista, lo que aprecerían experimentar es la forma en que la gente habla o no habla al respecto[39] (GODELIER, 2000, p. 66)

39 “Parece que quando lhes é pedido para definir o que para eles significa um ato sexual, de acordo com a sua experiência, antropólogos e psicanalistas se encontram em situação distinta, ainda que, de certa forma, similar. Porque nenhum deles costuma observar diretamente atos sexuais durante o exercício de suas profissões. À primeira vista, o que parecem experimentar é a forma como as pessoas falam ou não a respeito”. (tradução Días-

Sobre esta citação Díaz-Benítez (2010, p. 21) sugere que:

> Godelier nos oferece uma ampla explicação sobre o trabalho do antropólogo em campo, mencionando que, em se tratando de pesquisas sobre práticas sexuais, nossas ferramentas metodológicas conferem relevância àquilo que é falado, diante de se observar diretamente as práticas que são o objeto de nossa indagação.

Conforme o exposto, antropólogos e as antropólogas, além de não observarem diretamente as práticas sexuais, sempre se referiram ao sexo dos outros sem abordar a sua própria sexualidade ou, mesmo, suas experiências eróticos sexuais em campo. Para Kulick (2005), embora alguns aspectos da antropologia, como a "autoridade etnográfica" e a ausência do autor do texto etnográfico – estratégias discursivas calcadas na objetividade científica –, tenham sido passados em revista pela reflexividade e a antropologia hermenêutica, o silêncio acerca da subjetividade erótica permanece sob o manto do que ele conceitua como "silêncio disciplinar".

No tocante a tais aspectos, remeto-me ao código de ética dos antropólogos e das antropólogas. De acordo com Laraia (1994), na década de 1960, quando começou a fazer pesquisas em antropologia social, não havia um código de ética escrito. Tratava-se de um código costumeiro, partilhado por meio da oralidade de uma geração de cientistas a outra, o qual foi considerado durante muito tempo pelo autor, "suficiente para normatizar o comportamento da nossa comunidade" (LARAIA, 1994, p. 03). De acordo com o autor,

> existia apenas um código de ética muito simples que poderia ser resumido em três pontos: a) **o antropólogo não pode se envolver sexualmente com seus informantes**; b) o antropólogo deve respeitar seus informantes e defender os seus interesses, agindo como um mediador entre eles e a sociedade nacional; c) **o antropólogo tem um compromisso com a verdade científica** (LARAIA, 1994, p. 03, grifo meu).

Benítez, 2010, p 21)

Como podem observar o primeiro aspecto, proibitivo, refere-se ao não envolvimento sexual. Saliento que, no atual "código de ética do antropólogo e antropóloga[40], criado pela Associação Brasileira de Antropologia – ABA[41] na gestão de 1986/1988 e alterado na gestão de 2011/2012 não há nenhuma referência direta ao envolvimento afetivo-sexual dos antropólogos e antropólogas com os/as seus interlocutores. No entanto, tendo em vista as experiências dos antropólogos e antropólogas ligadas ao campo dos estudos da sexualidade e da etnografia das práticas sexuais, pode-se inferir que essa questão não deixou de ser um tabu e, embora não hajam ressalvas no código de ética atual, escrito, o "silêncio disciplinar" (KULICK, 2005), ainda, parece imperar. Essa suposta premissa me remete a uma espécie de acordo tácito e, a meu ver, tem como evidências os comentários de colegas, cujo conteúdo, mesmo pronunciado de forma jocosa, são reveladores do quanto o tema ainda se constitui um tabu: "vai ser mestre em baitolagem[42]", "doutor em suruba", "doutor em putaria". Ou mesmo, quando as experiências erótico-sexuais vividas em contextos de trabalho de campo são legítimas de serem partilhadas nos corredores e bares, mas não nos textos etnográficos. Sobre esse aspecto, aciono o conceito de cosmologia elaborado por Tambiah (2018, p. 141-142):

> Por "cosmologia" quero dizer o corpo de concepções que enumeram e classificam os fenômenos que compõem o universo como um todo ordenado, e as normas e os processos que os governam. Do meu ponto de vista, **as noções cosmológicas principais de uma sociedade são aqueles princípios e concepções orientadores que são considerados sagrados, que são constantemente usados como parâmetros, e que são considerados merecedores de se perpetuarem relativamente inalterados**. Assim, dependendo das concepções das sociedades em questão, os seus códigos legais, as suas convenções políticas e as suas relações sociais de classe podem estar integradas à sua cosmologia tanto quanto estão as suas crenças

40 Entendo que a antropologia possui um código de ética geral, que atravessa a comunidade dos antropólogos independente das suas tradições paradigmáticas ou fronteiras nacionais, no entanto, refiro-me aqui ao contexto brasileiro, no qual estou inserido.

41 Segundo o seu estatuto, "A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (ABA), associação civil de âmbito nacional, fundada durante a Reunião Brasileira de Antropologia, na cidade de Salvador, Bahia, em julho de 1955, com prazo de duração indeterminado, tem por objetivo congregar os/as especialistas que atuam em ensino e em pesquisa e outros/as profissionais que contribuem para o desenvolvimento da Antropologia, o intercâmbio de ideias, o debate de problemas e a defesa de interesses comuns". Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/estatuto/. Acesso em 01/10/2018

42 Expressão preconceituosa usada no Estado do Ceará para se referir aos homens homossexuais. Em determinados contextos é utilizada para denominar o sujeito que exerce o papel de ativo nas relações sexuais homoeróticas.

> "religiosas" relativas aos deuses e sobrenaturais. Em outras palavras, quando se discute encenações que são essencialmente rituais em um sentido "focal", a distinção tradicional entre religioso e secular é de pouca relevância, e a ideia de sacralidade não precisa estar ligada às coisas religiosas definidas somente no sentido tyloriano. Qualquer coisa diante da qual uma atitude "incontestada" e "tradicionalizante" é adotada pode ser vista como sagrada. (grifo meu)

Com isso, sugiro que a comunidade dos antropólogos e das antropólogas, tal como uma sociedade, ou instância dela, possui sua cosmologia. Atualmente ela é expressa de forma objetiva no "código de ética do antropólogo e antropóloga", disponibilizado no site da ABA. Assim, por mais que a proibição do sexo não esteja explícita, por meio do código escrito, e, embora tenhamos avançado significativamente no que se refere a erigir os aspectos subjetivos dos pesquisadores em campo a um *status* epistemológico, o que em tese incluiria as relações afetivo-erótico-sexuais, o silêncio sobre o sexo parece se constituir naquele aspecto sublinhado por Tambiah como sagrado, merecedor de permanecer relativamente inalterado. Isso pode ser visualizado, como sugerido parágrafos acima, na perspectiva em que, essa não é uma proibição circunscrita aos campos da sexualidade e da etnografia das práticas sexuais.

Por outro lado, em se tratando mais especificamente dos subcampos que abordam mais diretamente o sexo, e outros aspectos atrelados a ele, temos, como reflexo do que fora discutido, uma assepsia ao abordá-lo. Por essa via, sua dimensão erótica é obturada e o que resta são corpos, dos antropólogos e antropólogas em "confronto" com os/as interlocutores, sem intenções e reações aos estímulos advindos dos contextos de investigação. A anatomia dos corpos não contempla as genitálias: elas não possuem formas, métrica, textura e nem cheiros… E mais, as relações são construídas em contextos em que o sexo é o elemento central, norteador das socialidades, como se não implicassem em tomadas de posições, estratégias e opções outras que não uma certa neutralidade visando a objetividade, o que supostamente sugeriria o não sentir desejos e, principalmente, o não envolvimento sexual. Entretanto, as conversas de corredores e publicações não autorizadas de diários de campo[43] já revelaram que essa é uma inverdade.

43 Um dos exemplos emblemáticos é a publicação póstuma dos diários de campo de Malinowski.

O segundo aspecto que me fez vislumbrar de antemão as possíveis questões a mim direcionadas refere-se às reações negativas externas a academia. Para ilustrar, uso como exemplos os casos acontecidos com os pesquisadores Souza (2012) e Barreto (2016) cujos trabalhos, respectivamente, foram alvos de críticas severas: "Fazer banheirão: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências", dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA e "Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina", Tese de doutorando defendida no programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2016.

O primeiro trabalho incidiu sobre as "práticas de pegação" em banheiros públicos masculinos na Estação da Lapa, situado na capital Bahiana, Salvador. Teve por objetivo compreender como o espaço pesquisado era ressignificado através das práticas sexuais e desejos homo-orientados e dissidentes. Nesse contexto, o autor reflete sobre as multiplas homossexualidades, interseccionadas com raça e gênero. Do ponto de vista metodológico utilizou a observação *in loco*, entrevistas e uma abordagem autoetnográfica, cuja narrativa, ao revelar a adesão do pesquisador às práticas sexuais realizadas pelos sujeitos nos lugares pesquisados, rompe com o "silêncio disciplinar" e a "perspectiva asséptica":

> De repente, o jovem mais cobiçado no momento por trazer consigo as características que compõem o tipo "moleque" (rapaz negro, másculo, utilizando bermuda da Mahalo, camiseta regata preta e boné) – um dos tipos mais viris e valiosos daquele contexto – agarrou o pênis do homem ao lado, um senhor negro retinto, cerca de 1,70m de altura, magro, aparentando entre 45 e 50 anos, cabelos curtos grisalhos, de vestimenta discreta (trajava camisa social de manga comprida azul e calça social de tergal, figurando como um pastor de igreja neopentencostal). Era mais um homem comum no meio da multidão, mas que tinha uma "ferramenta" que aumentava o seu poder de sedução, um pênis descomunal, aparentando de medir entre 22cm e 25cm. (…) E a "pegação" continuava. O jovem atraente de bermuda Mahalo se curvou, ficou de joelhos e começou a chupar o enorme pênis do "negão". A atitude do rapaz foi a senha para que eu e os demais homens, que observavam de longe, cheios de desejo, nos sentíssemos a vontade para nos aproximar. Uma semi-roda com cerca de doze homens se formou em volta dos dois, o rapaz sugava sem parar o pênis preto, cheio de veias e com uma mancha branca entre a glande e o prepúcio que aparentava ser uma lesão por

> Vitiligo. Em seguida, pênis de todas as cores e tamanhos brotaram das calças e começou um "chupa-chupa", um "pega-pega" generalizado (SOUZA, 2012, p. 18).

Por essa via as descrições dos banheiros degradados e fétidos possibilitam náuseas aos leitores. As genitálias, como pode ser observado no fragmento supracitado, possuem formas e métricas e as passagens as quais narram os engates sexuais, com a presença do etnógrafo dentro da cena, são minuciosas, eróticas, capazes de excitar ou causar outros tipos de reações nos leitores mais conservadores. Como evidência do que expresso podemos observar, em vídeo postado no youtube, os comentários do Vlogger Izzy Nobre, cujo canal à época da postagem contava com 250 mil seguidores, atualmente 484 mil:

> Em 2012, um rapaz chamado Tedson da Silva Souza fez uma tese de mestrado sobre a prática de fazer banheirão que seria encontrar com homens aleatórios ali nos banheiros públicos na estação da lapa em Salvador pra trepar e essa pesquisa extremamente científica (dito em tom irônico) resultou numa tese de 118 páginas em que ele basicamente narra vários encontros sexuais com homens aleatórios, com notas de rodapés pra explicar coisas como esporrar num contexto um pouco mais científico e com títulos que fazem esse negócio, que era pra ser novamente uma tese de mestrado, parecer com um almanaque de contos eróticos. Ah e tem outra coisa, a dissertação é escrita em formato autoetnográfico, que é basicamente uma forma um pouco rebuscada de falar que é ele mesmo que vai tá querendo está ali diretamente querendo, chupando caralho[44].

De forma irônica o Vlogger, radicado no Canadá, diz existir no Brasil um cara que tem "mestrado em lamber piroca", "mestre em chupar rola". Expõe o conteúdo da dissertação acentuando exclusivamente as descrições eróticas. Na sua fala, equivocada, e por vezes homofóbica, resume as 118 páginas da dissertação de Tedson de Sousa a uma compilação de contos eróticos, como se esse conteúdo não se justificasse, não possuísse conexão com as interpretações e análises dos lugares, práticas e sujeitos pesquisados. A nobreza das suas opiniões – aqui me utilizo dos mesmos artifícios linguísticos do vlogger – se "engrandece" quando seus comentários irônicos, acusatórios e sem nenhuma expertise acadêmica, se reveste

44 Fragmento retirado do vídeo postado no youtube em que o vlogger Izzy Nobre fala sobre a dissertação do Pesquisador. < https://www.youtube.com/watch?v=ZrXP4TEqTaY > 04/10/2018

de uma suposta preocupação com o investimento de dinheiro público em uma pesquisa cujos objetivos se resumiriam em "bancar" as predileções sexuais do pesquisador.

No caso do pesquisador fluminense as suspeitas também lhes foram imputadas e o achincalhamento moralista também fora revestido de supostas preocupações com o dinheiro público. No entanto, Barreto (2017a; 2017b), sabidamente toma essas questões inquisidoras, difamatórias e violentas direcionadas a ele, e as suas pesquisas, e as coloca no lugar de objeto de investigação etnográfica. Com isso, no que se refere mais especificamente às pesquisas as quais possuem como objeto de investigação as práticas sexuais – sua expertise –, mas sem se restringir à temática, posto que outros temas também são olhados de forma enviesada[45], propõe-se a refletir sobre os tabus, incômodos, ataques a professores e pesquisadores e quais as consequências desse cenário para nossas pesquisas nas suas diferentes etapas. Para tanto, expõe, como pontos de partida para as reflexões, os ataques que lhes foram direcionados:

> Talvez o primeiro clímax desses questionamentos tenha acontecido em março de 2015, quando uma comunidade na rede social do Facebook sobre trabalhos acadêmicos postou trechos de um artigo meu apresentado na Reunião da ANPOCS de 2014 a respeito de alguns resultados da pesquisa sobre as festas de orgia. Seguiu- se uma série de posts com o link do meu currículo Lattes e também a postagem da minha dissertação. Esses posts geraram uma discussão acalorada, com a maioria das reações sendo bem negativas e agressivas: "É para isso que o dinheiro público serve?? Que porcaria de banca é essa??"; "Vamo manerar na viadagem ae"; "Tanta enrolação só para dizer que adora dar o rabo?"; "Mais um rebento de Fucô"; Porém um segundo grande momento de ataques aconteceu com a divulgação da publicação de ambas as pesquisas em livro que, coincidentemente, ocorreu na mesma época (2017a; 2017b). O tema, a natureza da pesquisa, os títulos provocativos (Vamos fazer uma sacanagem gostosa? e Festas de orgia para homens), o financiamento público da pesquisa (durante o mestrado tive uma bolsa pelo CNPq e durante o doutorado, uma bolsa "sanduíche" de nove meses para pesquisas no Centro em Rede de Investigação em Antropologia do ISCTE-IUL em Lisboa, também pelo CNPq) aliado à publicação por uma editora universitária fez que eu recebesse até ameaças de morte em mensagens públicas e privadas

45 Sobre esse aspecto vejamos o que Barreto (2017, p. 272-273) nos coloca: "Acredito que o alvo desses comentários e discursos não é apenas a pessoa do pesquisador em particular e de suas práticas sexuais, a qualidade ou não do meu trabalho, mas, mais do que isso, a própria possibilidade de um estudo acadêmico sobre determinados temas (já que a comunidade não centra as suas críticas a pesquisas de gênero e sexualidade e sim estende as suas postagens a pesquisas sobre religiões de matriz africana, uso de substâncias psicoativas, funk, feminismos etc.) e o tema do sexo, em particular. Os argumentos e reações expostas são mais comuns do que se pensa e não apenas restrito àquilo que podemos chamar de "público leigo". No próprio ambiente acadêmico, as reações partem de princípios e mesmo de discursos semelhantes".

> ("Cuidado, porque se eu te encontrar ao vivo é pra enfiar um cano de doze no seu cu e apertar o gatilho pra você saber o que é bom. Não é de enfiar coisa no cu que você gosta?", por exemplo). (BARRETO, 2017b, p. 211 e 212)

Ciente dessa dupla perspectiva – a acadêmica e a exterior à academia –, as quais convergem para se pensar que as significações e tabus sexuais vividos no seio da sociedade mais ampla são incorporados pelos antropólogos aos seus protocolos éticos, teórico- metodológicos (CAMARGO, 2016), transitei com muita cautela dentro e fora da academia.

O receio das respostas fáceis, as incertezas quanto ao acesso aos interlocutores, bem como o que condicionaria o acesso a eles e, em consequência, a construção dos dados, o medo do não reconhecimento do trabalho em função dos aspectos pertinentes as subjetividades eróticas envolvidas no processo de pesquisa tornaram minhas respostas aos questionamentos, fossem em tom curioso ou jocoso, sempre reticentes. Na minha cabeça, parecia uma questão simples – mas não simplória –, posto que eu havia colocado o sexo como um dos aspectos passíveis de serem investigados como qualquer outro da vida cotidiana.

Concernente a esse aspecto, considero significativo o exemplo e reflexão elaborada por Díaz-Benítez (2010) sobre um evento vivido no contexto do trabalho de campo da sua pesquisa de doutorado, em que investigava a produção do cinema pornô *mainstream.* De acordo com a pesquisadora, depois de algumas visitas aos estúdios de filmagem, como um dos atores viajaria para a Europa dentro de alguns dias, ela aproximou-se dele e solicitou-lhe uma entrevista. Para a surpresa da antropóloga, que nunca imaginara possível, o ator, que se disponibilizara a dar a entrevista após as filmagens muda de ideia e, com o pênis duro, masturbando-se constantemente para manter a excitação, disponibiliza-se a ser entrevistado antes das cenas:

> Eu precisava fazer perguntas e manter uma conversa concentrada com um rapaz nu de formas exuberantes e rosto sensual, que se masturbava na minha frente. Eu sabia que não podia baixar meu olhar – nem se quer sutil e fugazmente – em direção ao seu pênis, pressentindo que esse ato poderia mudar, na interação, minha identidade situacional de pesquisadora séria. Como se tratava de minha primeira experiência, naquele instante algumas ideias (preconceituosas) me passaram pela cabeça. Imaginei que o rapaz poderia está me colocando à prova, ou que poderia estar tentando me seduzir ou, ainda, que não levava a entrevista a sério. Contudo, com o avançar dos minutos, enquanto escutava seu depoimento atinado e coerente, compreendi

> que eu estava fazendo o meu trabalho, e ele também. Ele se masturbava porque isso fazia parte de sua rotina, e eu entrevistava porque isso fazia parte da metodologia antropológica. Ambos os comportamentos enquadravam-se perfeitamente nos roteiros de nossas profissões. (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p. 23)

Desse modo, em consonância com a perspectiva da autora supracitada, se nos atentarmos para um dos consensos metodológicas aqui já mencionados, premissa cujos métodos e técnicas de pesquisa são escolhidos de acordo com as peculiaridades do objeto investigado, a resposta também parecia simples: "eu estou me propondo investigar orgias, se o método por excelência dos antropólogos para a construção dos dados etnográficos se constitui na observação participante, não vejo impedimentos no que se refere a esta questão. Negociarei a minha participação, e os limites dela, durante o trabalho de campo, de acordo com os termos dos meus interlocutores".

4.2 A primeira orgia a gente nunca esquece – Dádiva, observação participante, e a orgiacomo rito de passagem

4.2.1 Pegada de machos – Tchello e Wilson

> **você é nosso convidado** só entrar em contatos. neste blog você verá as informações de onde e quando rolam as pegadas, veja as fotos e videos das pegadas já realizadas *you are our guest, to only enter in contact, this blog you you will see the information of where and when they roll the footprints, she sees photos and videos of the carried through footprints. we are located in south são paulo zone. brazil* (fragmento retirado do blog Pegadas de machos)

> Quem é e o que faz a pegada de machos sp? é uma pegada independente, nascemos de uma foda entre três, quatro pessoas, foda filmada, atualmente temos uma galera grande que nos acompanha, como também os que estão por vir, não temos local fixo, faremos nossas própias pegadas quando alguém cede o local. atenção: praticamente todo material é própio, fotos e vídeos são na discrição. exceto de quem o autoriza.(fragmento retirado do blog Pegadas de machos)

Tchello e Wilson habitam e organizam suas orgias na cidade de São Paulo. Os encontros orgiásticos são denominados “Pegada de machos”, ou, quando usado de forma corriqueira, “pegadas”. O nome, como podem observar, faz uso de dois verbetes. Pegadas, quando usado no cotidiano refere-se a qualidade da performance do sujeito no ato sexual. Nesse sentido, dizer que alguém tem ou não tem pegada está se dizendo que é bom ou não é bom de cama. Machos, no contexto investigado sinaliza para um tipo de masculinidade cujos atributos valorados, desejados, e performados se coadunam a uma ideia de virilidade, em contraste, e rechaço[46], a “efeminação” (BRAZ, 2010). Destarte, o nome faz alusão aos encontros sexuais entre homens viris e bons de cama. As orgias tomam lugar em espaços públicos, mediante parcerias realizadas com os LCES” (Braz, 2010), como por exemplo, a “Sex Sauna, New House Clube”, localizada, na Alameda Ribeirão Preto, nº 245, no Bairro Bela Vista, nas imediações da Av. Brigadeiro Luiz Antônio e da Av. Paulista. E também em residências privados, como por exemplo os encontros realizados em apartamentos cedidos por terceiros, as “Pegadas no AP”, “Pegadas de lekes[47]no AP”, dentre outros[48].

Como já explicitado, havia vislumbrado iniciar o trabalho de campo pela dupla. Objetivava ter acesso as orgias realizadas nos apartamentos e seus participantes. Nesse sentido, ao chegar em São Paulo, no início de Março de 2015, tentei marcar um café com Tchelo, o orgiástico que possui um site em seu nome, tem mais visibilidade e apresenta-se, publicamente, como o organizador do “pegadas”. Tinha a intenção de me apresentar, conversar sobre a pesquisa, sobre as orgias. Com esse intuito, enviei uma mensagem relatando já me encontrar em São Paulo, Tchello respondeu, “A TA, VEM HJ OU AMANHA AP CENTRO, ATE QNDO VC FICA SP”.

---

46 Voltarei a este aspecto no capítulo seguinte.

47 Lekes é uma abreviação da palavra moleque. No dicionário Aurélio significa: 1-Rapaz negro, pretinho; 2-Pessoa de maus sentimentos, sem seriedade; 3-Canalha, vígaro; 4-Rapaz jovem (qualquer); 5-Filho; 6-Rapaz de rua (marginal, ladrão), criança abandonada; 7-Canalha, velhaco, 8-Chistoso, trocista. No contexto investigado é uma terminologia utilizada de forma corriqueira para fazer referência aos homens pertencentes a uma faixa etária cujo limite está situado mais ou menos entre os 25 anos. Saliento que mais do que uma referência à idade cronológica, mas sem desprezá-la, o termo congrega sobre sua acepção um conjunto de elementos físicos e simbólicos, tais como um corpo magro, mais do que musculoso, e um rosto com feições juvenis. Simbolicamente está atrelado a uma masculinidade viril e potência no ato sexual, de certa forma está conectada ao seu significado denotativa.

48 Tchelo também organiza orgias heterossexuais.

Imagino que, caso a pesquisa não tivesse se reconfigurado eu teria seguido as estratégias adequadas e conseguido a constituição dos vínculos necessários para a construção dos dados da pesquisa. Isso, se eu não tivesse me dado conta, tempos depois, que nas orgias organizadas nos apartamentos pela dupla, eram cobradas taxas dos participantes, o que, embora fossem justificadas para a realização da limpeza, as colocavam fora do escopo central para a tese. Entretanto, foi exatamente pela não disponibilidade do Tchello e do Wilson, o que me causou um certo pânico em função do esvair do tempo projetado para a segunda fase do trabalho de campo, que eu viabilizei o encontro com Roberto e solicitei a sua ajuda. Havia uma preocupação entre eles – Tchelo e Wilson – que só fui entender tempos depois, relendo meus diários de campo e estabelecendo as conexões entre os elementos aparentemente dispersos. Esta se tratava do burburinho causado pela matéria jornalística exibida no Fantástico no dia 15 de março de 2015, sobre o suposto clube do carimbo. Nela, de forma sensacionalista, foi divulgada a suposta existência de homens homossexuais portadores do vírus HIV que, infectavam outros homens propositadamente. Segundo a matéria, que, de forma equivocada, confunde portadores do vírus HIV com aidéticos, esses homens estariam vinculados a uma espécie de clube de portadores do vírus cuja prática denominada "carimbar" estaria relacionada a infectar outras pessoas de forma propositada, "o clube do carimbo". Este programa, uma espécie de revista digital, é apresentado semanalmente aos domingos na Rede Globo de TV e possui alta audiência.

Não raro, ao longo da pesquisa de campo e das entrevistas, fui chamado a atenção pelos meus interlocutores sobre o clube do carimbo. Havia por alguns, inclusive, um esforço em estabelecer as devidas distinções entre os orgiásticos *barebackeres* e os carimbadores. Segundo Enzo:

> Nenhuma pessoa que eu conhecia fazia parte do clube do carimbo, nenhum grupo que eu participava estava de acordo com aquilo. Aquilo foi uma história totalmente inventada, totalmente falsa, e que as pessoas que estavam fazendo a entrevista isso já era óbvio porque a pessoa simplesmente foi porque quis. É como eu te expliquei, as pessoas participam em comum acordo, vai acontecer isso, isso e aquilo, você está de acordo com isso? Sim, por isso que eu vou. (Enzo, 13/02/2017).

Uma fala do Rei Sol é emblemática nesse sentido:

> Gleidson, foi bom você lembrar do clube do carimbo. Não sei se ajuda ou atrapalha a pesquisa, mas queria enfatizar aqui alguns pontos: todos os participantes sabiam exatamente do que se tratava, ou seja, sexo em grupo sem preservativo. Ninguém era obrigado a participar, se na hora alguém não estivesse a fim. Todos ali já eram praticantes e muitos trocavam e pediam informações sobre a prática e seus cuidados, ou seja, se as pessoas tomavam o coquetel, se faziam exames regulares, se os convidados eram de confiança (não furtavam, por e exemplo). Outras premissas norteavam a formação dos encontros. A primeira era do ponto de vista ético (cumplicidade), depois vinha outros como o estético (eram atraentes), tinham tesão na prática sem preservativo (um certo fetiche), um sentimento de pertencimento (somos todos iguais aqui, nus, sem classe, sem cor, sem credo, sem preconceito), e mesmo de acolhimento (posso ser livre sexualmente com meus pares que não serei julgado ou alijado da comunidade gay por ser portador de uma doença crônica carregada de preconceitos). (Rei Sol, 12/2018)

No mesmo diálogo, justificando as ressalvas feitas quanto ao suposto "clube do carimbo", o Rei Sol acrescenta:

> Acho que a maioria de nós, que num primeiro momento pode parecer um bando de irresponsáveis suicidas, tem no seu âmago um quê de resistência e revolução frente ao *status quo* imposto por uma sociedade preconceituosa fora e dentro da comunidade gay. Essa resistência foucaultiana nos ajuda a resistir e proteger nosso desejo, nossa pulsão de vida e manter um *locus* de liberdade e libertação fora das mordaças e políticas de segregação.

Em vista desse quadro, a não disponibilidade do Tchello e do Wilson no início da pesquisa, para uma aproximação mais amiúde, se deu pelas ressalvas quanto a esta questão. Eu já havia encontrado com o Wilson para um café, conversamos abertamente sobre as orgias, as suas organizações, o "pegadas de machos", mas eu percebia um certo cuidado, uma desconfiança no olhar e na forma como as informações eram disponibilizadas, sempre de forma genérica. A senha era sempre a mesma, "vai na orgia". Com isso, não quero suscitar a

ideia de que haviam práticas escusas, por isso ocultas. Já é sabido que as práticas sexuais empreendidas nesse circuito, por não se conformarem a uma ideia de sexualidade compreendida pela sociedade mais ampla como saudável, normal, são segregadas, por isso vividas no âmbito do anonimado, do silêncio, do segredo, do sigilo e da discrição (BARRETO, 2016; DÍAZ-BENITEZ, 2008; ERIBON, 2008; PAIVA, 2009; VALE, 2012).

Como se não bastasse, o tom sensacionalista da matéria citada sugeria que os portadores do vírus, agindo com má-fé, se utilizavam de estratégias escusas para infectar os seus parceiros sexuais, tratando-os, de forma genérica, como sujeitos perigosos, o que faz ecoar as ideias de marginalidade e criminalização dos portadores do vírus. Na época da pesquisa de campo, as orgias realizadas por Tchello, nos apartamentos e na sauna, não eram *barebacking*, mas o universo estava permeado por ressalvas quanto aos sujeitos e representações que pudessem comprometer as suas práticas e incriminá-los. Esse aspecto me remete as ideias de Berreman (1980), no que se refere a construção das relações entre pesquisadores e sujeitos pesquisados. Para o referido autor, há dois momentos significativos no trabalho de campo, a chagada, onde o etnógrafo se vê confrontado com sua apresentação diante do grupo que pretende aprender a conhecer, o que seria o segundo momento. Para ele, nos detemos quase exclusivamente sobre o segundo e nos esquecemos de refletir sobre o primeiro, importante para a qualidade da relação, construção e legitimidade dos dados. Ambos, os momentos e os sujeitos – pesquisador e pesquisados – estariam envoltos no controle e interpretação de impressões. De acordo com Berreman:

> O etnógrafo surge diante dos seus sujeitos como um intruso desconhecido, geralmente inesperado e freqüentemente indesejado. As impressões que estes têm dele determinarão o tipo e a validez dos dados aos quais será capaz de ter acesso e, portanto, o grau de sucesso de seu trabalho. Entre si, etnógrafo e seus sujeitos são, simultaneamente, atores e público. Têm que julgar os motivos e demais atributos de um e do outro com base em breve contato, mas intenso, e em seguida, definir que definição de si mesmos e da situação circundante desejam projetar; o que revelarão e o que ocultarão, e como será melhor fazê-lo. Cada um tentará dar ao outro a impressão que melhor serve aos seus interesses, tal como os vê. (BERREMAN, 1980, p. 141)

Por meio do ambiente virtual, eu já havia iniciado as conversas com Tchello, tentando aprofundar o diálogo no sentido de me tornar familiar. Já havia deixado claro os meus interesses de pesquisa. De forma estratégica tentado mesclar o tom acadêmico informativo com a informalidade do flerte[49], mas nunca consegui passar de alguns minutos. Os diálogos eram sempre pontuais e furtivos. De acordo com o primeiro recorte da pesquisa, meus interesses não eram no "pegadas de machos" realizados na sauna, entretanto, depois do café com o Wilson eu entendi perfeitamente que eu era um estranho e que meu status de antropólogo diante deles não dizia muita coisa, não abria as portas como em outros contextos de pesquisas. Eu necessitaria colocar meu corpo efetivamente em cena, me tonar familiar, confiável. Meu salvo conduto não seria afiançado por um o outro sujeito, era como se eu tivesse que, indo na orgia, dizer, "eu sou igual a vocês, confiem em mim, faço parte desse universo", e o único espaço que isso poderia acontecer, sem que eu necessitasse participar efetivamente das práticas, seria no "pegadas de machos" realizado na sauna. Foi quando eu entendi que, para eles, embora eu tivesse deixado explícito ser antropólogo, eu era percebido literalmente como um jornalista.

Assim, meses depois, embora eu já tivesse conhecido Roberto e o Rei Sol, e os planos iniciais da pesquisa já estivessem sendo passados em revista, não descartei a possibilidade de observar o "pegadas". Portanto, no dia 30 de outubro de 2015, ao chegar a sala da recepção da "Sex Sauna, New House Clube" cumprimentei alguns homens que, animadamente, conversavam sentados em um sofá. Ao fim da sala, Por trás de um balcão, ladeando a uma passagem que dava para o vestiário, estavam Wilson e Tchello, eles cuidavam da recepção dos orgiásticos, o que incluía a cobrança do valor da entrada. Aproximei-me do balcão, eu e Wilson nos cumprimentamos, em seguida ele me apresenta para o Tchello, "este é o jornalista que te falei.

4.2.2 Morenos1972 – Roberto

Ao decidir viajar para Belo Horizonte eu disse: "Olha, eu vou mesmo pra BH, veja um tempo pra gente conversar", Roberto respondeu: "pra meter eu te garanto". Desde o princípio,

49 Voltarei a esse assunto no tomo seguinte.

como mencionado no primeiro capítulo, Roberto condicionou o nosso encontro "vis-à-vis" ao meu envolvimento sexual, fosse exclusivamente com ele ou na orgia. Tentei persuadi-lo a nos encontrarmos para uma conversa sobre a tese, ele respondeu: "isso conversamos por aqui". Como estratégia, explicitei a importância de encontrá-lo para uma conversa sobre o *blog*, sobre ele, ou, porventura, uma entrevista. Ratifiquei a importância do *blog* no cenário nacional – não era apenas uma estratégica de convencimento, considero uma verdade –, o acesso à rede de homens adeptos das orgias que se constitui a partir dele, admiti o meu tesão, mas que seria importante a princípio essa conversa. Acerca do meu tesão Roberto apenas disse: "isso já é um bom começo" e nada mais. Rompi o silêncio, questionei, "o que você me diz disso"? Assertivo, ele respondeu, "sou mais de meter mesmo". Apesar de ter observado o blog em demasia e conversado com Roberto por um longo período antes da viagem para Belo Horizonte, eu não havia me dado conta do que estas frases me suscitaram no momento. Eu estava buscando um tipo de interação e inteligibilidade de determinados aspectos da vida de Roberto, e dos sujeitos orgiásticos com os quais pretendia interagir, por meio de uma linguagem específica e canônica, que privilegiava a fala e a escrita. Havia, como veremos, um descompasso entre as categorias que eu estava operacionalizando e a lógica dos sujeitos pesquisados. Digo isso tendo em vista ter acontecido a mesma coisa com os articuladores do "pegadas de machos". Havia, como veremos, um descompasso entre as categorias que eu estava operacionalizando e a lógica dos sujeitos pesquisados. Digo isso tendo em vista ter acontecido a mesma coisa com os articuladores do "pegadas de machos".

Com exceção do Wilson, cujo contato me havia sido disponibilizado pelo Tchello, até então eu não havia conseguido encontrar fisicamente nenhum dos homens com os quais eu havia conversado por meio do ambiente virtual. Os diálogos com Roberto, com quem eu havia construído uma maior proximidade, eram pontuais e objetivos. Suas respostas aos meus questionamentos eram sempre econômicas e, na maioria das vezes, circunscritas às questões sexuais. As informações, mutualmente trocadas, seguiam um roteiro construído por ele, cujos objetivos estavam atrelados a viabilização do sexo. Nesse sentido, potencialmente, assim como muitos outros, eu representava apenas alguém que fazia parte da sua lista astronômica. Nos conhecíamos superficialmente. Eu ainda não sabia seu verdadeiro nome, sua profissão, idade, nunca havia visto o seu rosto. Assim como os demais, tinha acesso as fotografias e vídeos postados no blog, o que me possibilitou ouvir a sua voz e conhecer seu biótipo: Um

homem moreno[50], corpulento, com uma bunda grande, um pênis considerável e aficionado por sexo.

Entretanto, por mais que os contatos e as conversas virtuais com Roberto fossem evasivas, de alguma forma ele sempre fora educado e atencioso, no sentido de nunca ter me deixado "falando" sozinho. Naquele momento eu estava reticente quanto aos aspectos condicionantes do nosso encontro. Temia, caso eu não cedesse, a não constituição de um outro tipo de relação – que não a virtual –, cujos vínculos, tão necessários ao encontro etnográfico, precisavam ser construídos. De todo modo, o diálogo já havia sido iniciado e as questões da pesquisa, como tenho tentando deixar claro, já estavam sendo passadas pelo seu crivo. Indagações imputadas por mim tais como "o que você acha de alguém está estudando orgias"? Cujas respostas também me traziam questões: "O que faz uma pessoa querer estudar orgias"? "O que teria nas orgias para ser estudado"? Sinalizavam para os aspectos dialógicos do encontro etnográfico, o que por sua vez implicavam em dimensões objetivas, ligadas à pesquisa, assim como também dimensões existenciais.

Roberto havia chegado em Belo Horizonte no dia dois de abril de 2018. Apesar de seus familiares habitar a capital mineira, ele estava hospedado em um hotel situado no centro da cidade. De início não havia entendido o por quê dele, em plena semana santa, período em que tradicionalmente as famílias católicas costumam viajar ou receber seus entes queridos para celebrar a paixão, morte e ressurreição de cristo, não se hospedar junto aos seus. No entanto, logo ficou claro, esta opção se configurou como uma alternativa viável para a realização das orgias. Na casa dos seus familiares não haveria a possibilidade dos encontros serem realizados. A hospedagem no hotel se configurava como alternativa estratégica por duas características, quais sejam: a sua localização e a possibilidade de, não sendo necessária a utilização de cartão para abrir o elevador, os orgiásticos convidados por Roberto poderiam subir ao quarto sem necessariamente passar pela recepção.

Cheguei em Belo Horizonte no dia seguinte, três de abril de 2015, por volta das cinco horas. A viagem, realizada de ônibus, com partida da cidade de Campinas – SP, durou em média nove horas. Ansioso, quase não consegui dormir, o que me possibilitou ser tomado por um turbilhão de sensações e reflexões. Para a minha sorte havia um casal de amigos cearenses

50 Autodeclarado.

cursando o doutorado em teatro, na Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Pelos laços de amizade, além de me hospedarem, Cecília Raiffer e Luiz Renato se tornaram naquele momento o meu porto seguro. Digo isso porque além de ter chegado exaurido, pelo fato de não ter dormido, eu estava tenso com o por vir, e eles, como bons e queridos amigos, fizeram com que as tensões se transformassem em risos…

Era sexta-feira da paixão, feriado da semana santa. Com isso, passamos o dia inteiro conversando amenidades. Partilhamos novidades sobre as nossas vidas, rememoramos acontecimentos vividos no passado e as expectativas do futuro. Revi o Bernardo e conheci a Catarina, filhos do casal. Para o almoço foram convidados outros dois conterrâneos, ambos também cursando o doutorado na UFMG. Éramos cinco pesquisadores cearenses longe de casa, o que nos possibilitou rapidamente uma íntima interação. Assim, além de partilhar aspectos das nossas vidas, compartilhamos também as nossas pesquisas, o que me fez por um tempo, apesar de ter me tornado o centro das atenções, em virtude das curiosidades que a pesquisa suscita, esquecer a tensão.

No meio da tarde, em concomitância aos diálogos com os presentes, tabulei uma conversa com Roberto. Informei-lhe que já me encontrava em Belo Horizonte. Sempre educado, tranquilo e assertivo ele perguntou se eu tinha feito uma boa viagem, como eu estava, se havia me entretido. Respondi estar entre conterrâneos, amigos de longas datas e que, por isso, tudo transcorria de forma agradável e divertida. Embora houvéssemos vislumbrado – talvez mais eu do que ele – a possibilidade de nos encontrar no sábado pela manhã – quatro de abril de 2015 –, dia seguinte à minha chegada, objetivamente a data não havia sido firmada. Como de costume Roberto foi econômico nas palavras e não fez referência nenhuma ao nosso encontro. Tentei não demonstrar[51]nenhuma expectativa ou ansiedade, eu queria camuflar a importância daquele encontro para a pesquisa, uma forma de não lhe munir de mais artifícios, os quais poderiam fortalecer o condicionante referente ao nosso primeiro contato vis-à-vis. Sobremaneira, não me contive e o interpelei: “e aí Roberto, quando nos encontraremos?” Ele respondeu que não teria tempo, que haveria uma orgia naquela mesma noite, por volta das 20h00, que eu fosse!

51 Ver Berreman (1990), “Etnografia e controle de impressão em uma aldeia do Himalaia”. De acordo com o autor, no primeiro momento do encontro pesquisador e pesquisados tentarão dar um ao outro a impressão que melhor serve aos seus interesses.

Ainda que eu estivesse vislumbrado a possibilidade de realizar observação participante nas orgias, naquele momento eu ainda não havia fechado a questão. Por essa lógica, se no início da pesquisa isso parecia uma decisão fácil, a experiência com meus pares, os aspectos éticos e epistemológicos da disciplina e os reflexos, da minha participação, na comunidade englobante, como colocado no tomo anterior, tornaram a minha decisão vacilante. Para mim, moralmente, não se configura um pecado ou transgressão fazer sexo com mais de uma pessoa. Naquele momento, não se constituiria um sacrifício ou violência fazer sexo exclusivamente com Roberto, pelo contrário, ele, e as orgias, já permeavam as minhas fantasias sexuais, construídas ao longo das observações dos *blogs* e dos diálogos estabelecidos via ambiente virtual. Entretanto, embora eu tenha me distanciado de uma perspectiva epistemológica cuja objetividade se constitui garantia de verdade por meio do exercício da neutralidade axiológica, o que implicaria em um não envolvimento afetivo-erótico-sexual, eu tinha em mente preservar o mínimo distanciamento possível, a fim de resguardar, assim como Rabinow (1999), a perspectiva antropológica: "(…) separado o suficiente para evitar uma identificação fácil, próximo o suficiente para compreender de uma forma benevolente, embora crítica" (Rabinow,1999, p. 101).

Sobre os dilemas supracitados, é mister observar o que Schwade (2018) tece sobre a dimensão do poder na constituição das relações:

> Na especificidade da relação de pesquisa outra relação se estabelece, envolvendo a interação sujeito/objeto onde, ressalvadas as particularidades, o exercício de cada papel também está mergulhado em conflitos estabelecidos na própria relação. É nestes conflitos, que permeiam toda trajetória de pesquisa, que me parece possível localizar as dimensões do poder. E não como algo distante, exterior e relegado ao contexto mais amplo. Mas como algo próximo, cotidiano e diluído (SCHWADE, 2018, p. 29).

Eu diria que, a essa altura da pesquisa, discretamente, o conflito já havia se instalado. Mesmo porque no processo inicial de construção dessa relação eu performava o pesquisador, mas Roberto, como apontado acima, ciente dos meus interesses, solícito, porém reticente, via-me simplesmente como alguém passível de se fazer sexo e, levando em consideração o seu status no universo das orgias, caso eu não cedesse, ele não perderia nada. O que para mim

não se daria da mesma forma. Eu já havia investido tempo e dinheiro na sua direção, tinha em mente a sua expertise no que se refere à organização das orgias e a ideia de que, caso eu conseguisse estabelecer algum tipo de vínculo e convencê-lo sobre a importância da pesquisa, ele poderia vir a ser o meu salvo conduto diante da rede de orgiásticos tecida por ele, e a partir dele.

Nesse sentido, por mais que, estrategicamente, eu entrasse no jogo de sedução[52]e tentasse, sutilmente, convencê-lo da importância da pesquisa, meus argumentos pareciam em vão. Por essa ótica sou impelido a pensar que, naquele momento, havia um descompasso nas significações e objetivos da sedução. Isto posto, argumento, como estratégia para adentrar ao universo pesquisado, assim como para construir os vínculos necessários para observar as orgias *in locus* e realizar as entrevistas, eu joguei com esse elemento no sentido do flerte tradicional, como se dá no jogo relacional entre os casais românticos. Entretanto, no universo das orgias, como veremos, eu necessitava colocar em cena outros elementos pertinentes ao contexto.

Em tese, em se tratando dos encontros realizados em apartamentos e hotéis, cuja mediação entre os orgiásticos se dá por meio da internet e dos aplicativos de celulares, sedução e flerte permeiam o universo das orgias, mas seus significados estão circunscritos aos códigos e objetivos do empreendimento orgiástico, ou seja, as articulações e estratégias utilizadas para se arregimentar os sujeitos para participar das orgias, o que se dá de uma forma muito direta e rápida. Não há tempo para o cortejo. O desejo, a busca não é romântica. O sexo impera! Nas palavras do Rei Sol, "Não faz parte da fantasia romântica, do amor romântico e sim do amor sexual. Então quando você começa a trocar informações pela internet, sai para um café, faz a sua idealização e aí ocorre o apaixonamento, tem maiores chances da relação durar".

Isso fica explícito quando num primeiro momento tento estabelecer uma relação com Roberto pautada no diálogo e a frase clássica é ecoada, "não sei falar sobre isso, sou mais de meter mesmo". Isso explica um dos meus maiores receios no início do trabalho de campo, como construir uma relação mais sólida, constituir vínculos etnográficos necessários em um contexto de pesquisa onde os vínculos pareciam não ser possíveis de serem constituídos?

52 De acordo com Schwade (2018), para descobrir o outro é preciso "seduzi-lo". Sobre a sedução no trabalho de campo ver Buffon (2018).

Por outro lado, é necessário ponderar, os orgiásticos, apesar de terem ultrapassado os limites das relações do tipo conjugal e monogâmicas, parecem viver uma dupla ética sexual – o próprio Roberto é casado há 15 anos –, o que faz com que algumas relações extrapolem os limites do sexo e um romance seja possível. Vejamos uma outra fala de Roberto em um diálogo onde essas questões foram trazidas a baila: "é o pragmatismo em que se deixa claro que o objetivo é somente sexo, não romance. No entanto, esses acontecem, tenho notícias de uns 3 ou 4…". Sobremaneira, resguardando suas peculiaridades, tudo pode começar por essas vias – sedução e flerte –, embora depois se transforme em outros tipos de relações, como, por exemplo, principalmente, uma amizade sexuada.

Portanto, seduzir para Seduzir. Sedução no sentido restrito e lato do termo. Para convencer acerca da minha idoneidade, da veracidade e seriedade das minhas intenções de pesquisa, das possíveis contribuições pertinentes às políticas de prevenção ao HIV/aids, da nobreza de se pensar as orgias por essa via, da importância e legitimidade da minha abordagem, essa era a minha perspectiva, a minha linguagem, o ponto de vista que eu, cientista, havia formulado.

Por essa ótica, é importante que se diga, eu não estava pesquisando uma comunidade étnica ou periférica – no sentido tradicional –, cujos indivíduos não são abarcados pelo Estado, no sentido de garantir os seus direitos básicos enquanto cidadãos. O que pressupunha, a exemplo de outras pesquisas, expectativas de uma contrapartida objetiva, palpável por parte dos sujeitos pesquisados[53]. No caso dos meus interlocutores, ainda que possam haver orgiásticos pertencentes a essas comunidades, em decorrência das peculiaridades das orgias pesquisadas, as quais arregimentam os mais variados tipos de indivíduos, a construção da relação pesquisador e pesquisados é alicerçada por meio de outros elementos cambiáveis próprios ao contexto. Isto posto, não quero dizer que não hajam requisitos elencados para a escolha dos participantes, nem que os orgiásticos não pudessem vislumbrar contrapartidas para além do palpável e imediato. Como veremos, o Rei Sol, no contexto das orgias *barebacking*, abriu as portas das suas orgias exatamente por ter vislumbrado as contribuições de um trabalho em que suas vozes seriam ecoadas.

53 Ver, por exemplo o trabalho de Lagrou (2018) em que a antropóloga reflete sobre a necessidade de dar para criar laços. Ver também Schwade (2018) no que diz respeito as expectativas do comprometimento político da antropóloga com o projeto político dos pesquisados, no caso um grupo de assentados.

Estas reflexões, ao tocarem na dimensão das trocas, me fazem lançar mão da teoria elaborada por Mauss (2003) no "Ensaio sobre dádiva, Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". De acordo com a sofisticada teoria, a dádiva se constituiria o fundamento de toda sociabilidade e comunicação humanas, esta estaria regulada pelo princípio da reciprocidade obrigatória, a obrigação de dar, receber e retribuir. Nesse sentido, levando em consideração o contexto e os elementos intercambiáveis pertinente a ele, como posto no parágrafo acima, o meu próprio corpo se constituiria como elemento passível de ser dado como contra-dádiva, já que, desde o momento em que iniciei os diálogos, eu estava recebendo informações pertinentes ao universo das orgias.

O fato é que Roberto fechou a questão. Assim, ou eu iria para a orgia ou voltaria para Campinas sem cumprir o planejado. A essa altura eu já estava inclinado a ceder, mas hesitei, não respondi de imediato, tentei uma derradeira investida. Desolado, pensando na sinuca que ele havia me colocando, passei horas refletindo sobre os prós e os contras, sobre a minha exposição nos filmes, sobre a ética no trabalho antropológico, sobre as implicações desse tipo de envolvimento na pesquisa, sobre a avaliação dos meus pares no que se refere ao envolvimento e exposição nos filmes postados no blog. Por outro lado, outras questões se impunham, e se eu não fosse? Quais as implicações de não seguir a coordenada do orgiástico que poderia vir a se tornar um dos meus interlocutores mais significativos? Quando eu teria acesso outra vez ao Roberto? Será que diante dessa negativa eu voltaria a ter acesso a ele? Como eu acessaria a rede de homens que praticam orgias com outros homens pertencentes à rede constituída por Roberto?

Como era o nosso primeiro encontro voltei a argumentar sobre a necessidade de encontrá-lo sozinho, uma forma de me sentir mais seguro antes de participar das práticas sexuais coletivas, de conversar sobre a pesquisa, de pormenorizar do que se tratava. Como a orgia estava marcada para as 20h00 ele disse, "chegue às 19h00, eu estarei sozinho". Diante da sua negativa e das frases decisivas proferidas pelo meu cicerone em BH, "se você não for vai se arrepender", e de um outro amigo antropólogo, acionado em decorrência da tensão do momento e do medo do reflexo da adesão às orgias na comunidade acadêmica, "se essa é a condição vá, a antropologia somos nós", sinalizei positivo e dei início a outras negociações.

Havia um outro detalhe mais delicado, todas as orgias organizadas por Roberto são filmadas. Há poucos dias, meu trabalho havia sido apreciado por colegas da Unicamp e, curiosos, eles haviam acessado o *blog*, observado as fotografias e os vídeos. Eu poderia participar das orgias e, como outros pesquisadores, deixar esta informação e os detalhes advindos com ela restritos às conversas informais, mas eu não estaria sendo honesto comigo e muito menos fiel ao tipo de ciência que me filio. Nesse sentido, se participar das orgias se constituíra um dilema, ser filmado e ter a minha imagem disponibilizada na internet em nada me agradava. Explicitei estas questões e argumentei não ser filmado. Roberto foi irredutível, lamentou, "bom pena. continuaremos com nossas entrevistas virtuais".

No ínterim do nosso diálogo ele foi enviando mensagens padrões para o meu *whatsApp*, explicando-me que ao se aproximar da hora marcada para a orgia alguns homens iam desistindo, suscitando a ideia de que as questões dos desistentes estavam relacionadas aos questionamentos que eu estava fazendo, ou seja, o cuidado com a exposição. Percebi, com isso, uma forma de ir me revelando os meandros da organização de uma orgia e a ideia de que eu já estava fazendo parte dela. Essa ideia ficou clara quando explicitamente ele externou já está contribuindo com a pesquisa. Nesse sentido usou uma expressão cara a primeira problematização desse trabalho, o que envolve os riscos do empreendimento orgiástico, "é como uma festa, você não sabe se seus convidados irão, ou se tudo ocorrerá bem.":

> Quando a hora marcada se aproxima os caras vão desistindo mediante a possibilidade de serem filmados. Quando chega a hora da suruba os componentes, principalmente os que não irão, começam o questionário. querem saber quem vai, como são e se já chegou alguém. Já no início da festinha as mensagens desses continuam chegando, somente cessando após o término da mesma. (Roberto - 03/04 2015)

Com efeito, Barganhei: Não me identificaria, não filmaria meu rosto, não filmaria as minhas tatuagens e só a publicaria tempos depois. Ele concordou. Terminei meu banho por volta das 18h00, saímos mais ou menos 18h35 e cheguei ao hotel as 19h00 em ponto.

Cuidadosamente escolhi a roupa a qual usaria. Queria aparentar um homem sério, seguro e ao mesmo tempo um neófito nas práticas orgiásticas. Mas como se comportaria um

neófito? Pesei! Um certo distanciamento faria com que ele fosse um pouco mais cuidadoso. Segui a minha intuição. Jeans, bota, camisa de mangas compridas de malha. Perfume francês. Uma roupa sóbria, mas que externasse meu status de pesquisador e aquilo que eu estava querendo aparentar. A orientação de Roberto tanto para mim quanto para os outros dizia o seguinte, "hotel… Rua… com rua… Apto1263. Entre direto sem passar na recepção. o elevador fica ao fundo à direita. traga camsinhas e se tiver, ky".

Como combinado cheguei na hora marcada. A luz do dia ainda incidia sobre a cidade, mas a *mise-en-scène* do entorno, composta pela imponência dos prédios, das avenidas longas, largas, arborizadas, silenciosas e vazias – em função do feriado –, associada a tensão das circunstâncias, me aparentou o lugar de forma sombria e, por isso, a sensação que fosse um pouco mais tarde. Cecília e Renato, meus anfitriões, como estratégia para que tudo corresse de forma tranquila se fizeram de cicerones e conduziram-me até o lugar acordado. Ao chegarmos tiveram a intenção de me deixar no *hall* de entrada do hotel, confronte a uma grande fachada de vidro, mas, objetivando uma maior discrição, solicitei que parassem a alguns metros à frente.

Embora Roberto já tivesse me informado como eu deveria proceder, eu já havia me hospedado em uma das unidades da mesma rede de hotéis e rememorava que para ter acesso aos elevadores e quartos era necessário a utilização de cartões. Daí o medo de ser barrado ou passar por algum tipo de constrangimento, o que me fez, ainda do carro, enviar mensagem avisando que havia chegado e confirmando as coordenadas. Roberto me tranquilizou e ressaltou que só se hospedava em hotéis os quais não houvessem controle ao acesso das visitas aos quartos, exatamente em função das orgias, que eu seguisse conforme as suas instruções, não passasse na recepção.

A fachada de vidro me possibilitou ao me aproximar ter uma vista panorâmica interna, o que me foi estratégico pois, do lado de fora, eu projetei todo o caminho que seria feito até chegar aos elevadores. Portanto, Atento a tudo, mas fingindo atitude *blazé*, abri a porta de vidro, passei pela recepção e segui como se já estivesse familiarizado a tudo. Alcancei os elevadores, subi na companhia de dois outros homens os quais me pareceram músicos, pensei: seguiremos para o mesmo destinho?

Ao sair do elevador passei em revista todo o corredor. As cores, a assepsia e o silêncio que o compunha fizeram com que aquele andar me parecesse hospitalar. O quarto 1263 se constituía na terceira porta à direita, confronte ao elevador. Frio no estômago, a hora havia chegado. Toquei a campainha. Três respirações foi o tempo da espera. Roberto abriu a porta do quarto, nos cumprimentamos e dali em diante tudo aconteceu como o programado.

Ter cedido aos "ditames" do Roberto me possibilitou ganhos inimagináveis. Exercitar a observação participante, sem permutas ou trocadilhos terminológicos, muitas vezes esforços desnecessários em criar categorias diletantes, oportunizou-me ter acessado as nuances do ritual orgiástico que não passam por uma dimensão cognitiva. As trocas são eminentemente corporais e, por mais que narradas, a dimensão cognitiva não abarca a experiência vivida. Nesse sentido, a observação participante aqui não se opõe à experiência. Pelo contrário, é por meio dela que, como Favret-Saada (1977, 2005), sou "afetado", e acesso outros níveis de comunicação, e inteligibilidade, com os sujeitos da pesquisa que extrapolam o nível do verbal e do acesso as categorias nativas por meio das representações[54].

> (…) supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

Nos rastros da autora, na tentativa de tornar a minha "aventura" uma etnografia, não me filio as vertentes antropológicas as quais acreditam numa transformação do pesquisador em "nativo", essa nunca foi a minha intenção. Portanto, por mais que eu tenha, efetivamente, colocado meu corpo em cena, e tomado lugar nas práticas sexuais coletivas, a minha experiência orgiástica não é guiada e nem vivida da mesma forma com que meus interlocutores a vivem. Minhas buscas são outras – pelo menos nesse momento em que desenvolvo um trabalho antropológico. Minha experiência é atravessada pelo que eu chamo

54 Favret-Saada (2005), apresenta quatro traços distintivos de uma etnografia possível, o primeiro diz respeito ao nível de comunicação, vejamos: "Seu ponto de partida é o reconhecimento de que a comunicação etnográfica ordinária – uma comunicação verbal, voluntária e intencional, visando à aprendizagem de um sistema de representações nativas – constitui uma das mais pobres variedades da comunicação humana. Ela é especialmente imprópria para fornecer informações sobre os aspectos não verbais e involuntários da experiência humana." (Favret-Saada, 2005, p. 160). Ainda mais quando o objeto que se estuda tem como elemento outros tipos de comunicação.

de “espreita etnográfica”, um tipo de tensão/atenção que aguça os sentidos, esforço em colocar-se a espreita de tudo, olhar atento, golpe de vista, ouvidos e narinas abertas, disponibilidade para o diálogo, mas com o cuidado de não ser invasivo. E mais, disponibilidade para inverter os lugares dados[55], dentre outros elementos passíveis de serem disponibilizados em direção ao entendimento do outro, muitas vezes aprendidos durante o trabalho de campo, difíceis, por vezes, de serem traduzidos em uma linguagem canônica.

Sobre este assunto, estabeleço uma outra comparação com o teatro. Na encenação, o ator necessita de uma tensão/atenção. Na construção do personagem há um empréstimo do corpo do ator – pensando o corpo de forma holística, mente e emoções – ao Personagem. Ao entrar em cena o corpo, antes do ator, foi revestido – no processo de construção da personagem – por gestos e falas próprias da persona. Assim, quem entra em cena não é o ator, mas a persona. Essa permuta, e manutenção dela em cena, requer uma fina atenção, que, caso não seja mantida, e o ator relaxe, a personagem não se sustenta e o público não vê em cena a persona e sim o ator. Há, desse modo, dois movimentos, um no sentido de sustentar a persona, outro, no teatro realista, de fazer com que os expectadores não percebam a tensão de manutenção da persona. Com o tempo, o que pressupõe uma acomodação da personagem no corpo do ator, a tensão pode diminuir, mas nunca acabar (PAVIS, 2008). Caso isso aconteça não há personagem e a magia do teatro não se realiza. Ao pensar/viver a “espreita etnográfica”, estabeleço uma analogia com a tensão/atenção vivida pelo ator em cena. Há no encontro etnográfico, por parte do etnógrafo, uma espécie de atenção superlativada, como posto no parágrafo anterior. Essa tensão/atenção, estaria guiada por dois elementos imprescindíveis e complementares, também em tensão. O primeiro, seguindo as premissas de Oliveira (2006), seguem a domesticação teórica do olhar:

55 Remeto-me aqui as possibilidades de contribuição de uma antropologia reversa do próximo, apontada por Maluff: “Talvez uma das contribuições da antropologia do próximo seja pensar que o conhecimento outro, a teoria outra, não necessariamente são o conhecimento do outro ou a teoria do outro, ou pelo menos desse que ocupa, na forma como a “alteridade” é pensada na antropologia, um lugar ontologicamente dado (coisa que uma antropologia reversa, levada à sua radicalidade, ajudaria a repensar, já que, sendo os outros nossos antropólogos, somos nós os outros desse outro e são eles o “nós” dessa outra antropologia); nós e outros deixam de ser aqui lugares fixos, mas posições no interior de relações, assim como sujeito e objeto, invenção e convenção, ou mesmo natureza e cultura, conforme o que as reflexões sobre o perspectivismo ameríndio têm trazido. Um elemento adicional é pensar o quanto cada um desses lugares inclui suas próprias reversibilidades e dialéticas internas – as diferenças na diferença. Esse nem sempre é um princípio tranquilo para trabalhos etnográficos convencionais que buscam a unidade e a homogeneidade no interior das “culturas” estudadas.

> Seja qual for o objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora da nossa maneira de ver a realidade" (…) "funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sobre um processo de refração – se me permite a imagem. É certo que isso não é exclusivo do olhar, **uma vez que está presente em todo processo de conhecimento, envolvendo, portanto, todos os atos cognitivos, que mencionei, em seu conjunto.** Contudo, é certamente no olhar que essa refração pode ser mais bem compreendida (OLIVEIRA, 2006, p. 19, grifo meu).

O segundo constitui-se na perspectiva nativa, a meu ver, o mais contundente, pois pode, inclusive, dependendo do pesquisador, e da perspectiva epistemológica assumida, requerer novos esquemas conceituais mais apropriados à apreensão da realidade, ou seja, aquilo que o campo coloca como imprescindível a ser olhado, escutado, cheirado, apalpado, compreendido, sentido… Com o tempo, o que pressupõe uma familiaridade com as categorias nativas, a tensão/atenção pode arrefecer, mas nunca ser deixada de lado. Caso isso aconteça, a perspectiva antropológica não se realiza.

Por essa ótica, numa perspectiva Wagneriana, o que se coaduna ao "ser afetado", ao colocar meu corpo em cena eu me desloco do lugar de pretenso observador e ocupo, participando, junto a meus interlocutores, o lugar de construtor/inventor da realidade, desestabilizando, embaralhando ou rompendo, por meio desse movimento, a dicotomia sujeito cognoscente *versus* sujeito cognoscível. Esse movimento demarca os meus deslocamentos epistemológicos, corporais e emocionais vividos ao longo do trabalho de campo e também da escrita, na medida em que ao revivê-los, por meio da memória, outros deslocamentos me são possíveis.

Portanto, embora não tenha me transformado em "nativo", realizar observação participante nas orgias do Morenos1972, objetivamente me possibilitou dois grandes ganhos. O primeiro, o acesso as etapas do empreendimento orgiástico e o que foi vivido no âmbito da orgia, narrado nesta ocasião: o que eu chamo de anti sala da orgia, ou seja, as articulações para a efetivação dos encontros, o que pressupõe o espaço físico e as pessoas; o durante: a socialidade; a dinâmica dos corpos em cena, os corpos desejáveis e os indesejáveis, os possíveis constrangimentos, os equipamentos de captação das imagens e seus manuseios; e o

depois, a dispersão. O segundo e, talvez, o mais importante, a abertura do campo, materializada na amizade construída com o próprio Roberto, acesso ao Rei Sol e as suas orgias e a construção das relações com outros sujeitos adeptos das orgias *barebacking.*

Essa dupla dimensão, do vivido e do adquirido – em termos de informações e construção das relações – me faz interpretar a minha participação na orgia como rito de passagem[56]. Foi a partir desse momento que tive acesso não só as nuances do empreendimento orgiástico, mas acesso aos adeptos das orgias como pessoas. Após esse evento, eu e Roberto ultrapassamos os limites impostos pelas relações travadas por meio da internet. Com efeito, saímos da condição de avatar[57], eu do antropólogo e ele do orgiástico. Dali em diante nos constituímos pessoas e passamos a construir nossa relação pautada por aquilo que atravessa as relações de carne e osso, sangue e espírito.

4.2.3 As Orgias barebacking – O Rei Sol

Como posto, é somente após ter aceitado os termos de Roberto e ter colocado meu corpo em cena, passando pela experiência da orgia, que o trabalho de campo se abre. É importante ressaltar que essa experiência foi condição necessária, como descrito no capítulo anterior, para chegar nas orgias do Rei Sol.

As intensidades das experiências/sensações[58] vividas, não me possibilitaram perceber os delicados deslocamento e os afetos construídos e experienciados. Os meus "faróis"

---

56 Sobre o trabalho de campo como rito de passagem ver DaMatta (1987).

57 De acordo com Guimarães Jr. (2004, p. 126): "Originalmente o termo avatar é empregado para designar representações visuais (bi ou tridimensionais), mas descrições textuais de corpos e pessoas, como no caso de sistemas baseados em texto (tais como IRC, MUD ou web chat), também podem ser considerados "avatares" na medida em que permitem uma presença corporificada em ambientes de sociabilidade on-line."

58 Aqui eu me remeto a uma dupla dimensão dessas experiências/sensações, que se interconectam e os seus limites se turvam, o de antropólogo/pesquisador requerendo um título acadêmico que lhe outorga uma expertise e o legitima diante dos seus pares, o que por si já carrega uma tensão e a experiência humana de conhecer pessoas, partilhar subjetividades, exercitar os deslocamentos, habitar um outro mundo, sem se esquecer do seu e das tarefas que ele lhe impõe…

estavam focados no cotidiano, na instância das micro-relações e não permitiam ter uma visão panorâmica do caleidoscópio que estava se montando. Somente ao sair do campo, tarefa árdua, posto que os deslocamentos ainda estão em movimentos no revisitar dos dados/experiência e no pensar e repensar da escrita, é que, relendo os meus tortuosos diários de campo – fragmentos dispersos, por vezes incompreensíveis - e tentando traçar um fio condutor que amarre o vivido à tese central que aqui defendo, a orgia como constituidora dos laços sociais entre os orgiásticos *barebackers*, essa constatação se deu.

Portanto, se é a partir da minha presença física na orgia que os limites do grande divisor se turvam, é na constituição dos laços entre o antropólogo iniciado nas orgias e os orgiásticos *berebackers* – o que inclui o Roberto pela sua experiência próxima[59]– que o afeto se efetiva. Portanto, é em meio as orgias *barebacking*, mas também no restaurante, no bar, na galeria de arte, na virada cultural, no almoço em família, no teatro assistindo uma peça do Jean Genet, na ida ao terreiro, no carnaval, no *reveillon*, que aconteceu o *turn point* e eu consegui experienciar/habitar um outro mundo.

59 Ver Geertz (2006), "do ponto de vista do nativo, a natureza do entendimento antropológico".

5 O Empreendimento Orgiástico - As Orgias do Rei Sol e a Milk

> As orgias contemporâneas inscrevem-se em um grupo maior de praticas sexuais que escapam das ideologias normativas do ideal da intimidade, da ética conjugal e da obrigatoriedade do sexo a dois. Hoje, diversos indivíduos e grupos engajam-se ou transitam em encontros orgiásticos variados. Em numerosas metrópoles ao redor do mundo, encontramos clubes de sexo, casas de swing, termas, festivais de fetiche, dark rooms, cinemas, boates e festas privadas que servem como pano de fundo para orgias. Estas, por sua vez, caracterizam-se pela multiplicidade em relação aos jogos e as praticas sexuais e quanto a orientação sexual e a performance de gênero de seus participantes. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 567)

Embora já se saiba que esta tese está centrada nas experiências orgiásticas dos adeptos das orgias *barebacking* do Rei Sol, o que circunscreve as suas caraterísticas ao *modus operandis* e sentidos forjados e partilhados especificamente por esse grupo, ela está situada, como sinalizado na citação supracitada, em um contexto mais amplo, marcado por uma diversidade de lugares[60] e práticas sexuais.

Por esse caminho não me arvoro à pretensão de realizar uma cartografia dos lugares destinados aos encontros, socialidades e trocas afetivo-sexuais de homens que se relacionam com homens, adepto das práticas sexuais coletivas, situados na cidade de São Paulo[61]. Tamanha tarefa demandaria um grande esforço, o que por si se constituiria uma outra tese. Entretanto, para os fins aqui requeridos, entender a dinâmica das orgias *barebacking* do Rei Sol, os sentidos atribuídos às práticas sexuais e socialidades experienciadas no âmbito destas orgias, e para além delas, faz-se necessário, em contraste, delinear as características dos encontros e festas orgiásticas realizadas nos espaços públicos. Destaco, como mencionado no primeiro capítulo, as orgias do Rei Sol parecem se constituir "ponto de fuga", uma alternativa

60 Há na cidade de São Paulo uma infinidade de lugares comerciais e não comerciais destinados aos encontros afetivo-sexuais de homens que busca m sexo com outros homens. Dentre os comerciais, podem ser citados os bares e boates que possuem *dark rooms*, os bares com cabines para sexo ou cabines individuais para assistir filmes pornográficos, os cinemas pornôs ou cinemão, as saunas e os clubes de sexo. A exemplo dos não pagos podem ser citados os apartamentos privados, onde são realizadas festas em que a entrada é condicionada às regras estipuladas pelos seus organizadores, geralmente relacionadas as predileções sexuais, questão geracional, tipos de corpo, estilo, classe. Bem como banheiros públicos e parques.

61 Sobre os espaços e práticas sexuais, mais especificamente situados no centro da cidade de São Paulo, há uma considerável literatura antropológica. Ver Perlonger (2008), Santos (2007; 2008), Geen e Trindade (2005), Simões e França (2005), Braz (2010), Gamboa (2013).

aos sujeitos pesquisados frente as normatividades, por vezes excludentes, produzidas no âmbito dos espaços comerciais, acentuadamente atravessados pelo mercado.

Assim, abordo a Milk, uma das festas orgiásticas *barebacking* mais badaladas do circuito comercial de São Paulo. Por meio da descrição etnográfica em uma das suas edições, procuro dar relevo aos aspectos constituintes das orgias realizadas nos espaços públicos como importante chave para compreensão de sua sociabilidade e dinâmicas. Discutirei, por meio da minha experiência e em diálogo com outros pesquisadores que se debruçaram sobre esses espaços, categorias tais como a discrição, o silêncio, o anonimato, a impessoalidade, a masculinidade, o segredo e a amizade, categorias presentes nas orgias de modo geral, mas que nas orgias *barebacking* do Rei Sol são vividas e significadas a partir de uma lógica própria.

Destarte, objetivo com isso chegar nas particularidades do meu objeto, no sentido de explicitar as categorias que são colocadas em movimento nas orgias *barebacking* do Rei Sol, necessárias a compreensão de como e por quê os laços se constituem.

Entretanto, por mais que o capítulo esteja centrado nas Orgias *barebacking* do Rei Sol e na Milk, outras referências etnográficas constituem o aqui pensado, quais sejam: O pegadas de machos, a Cabbaré dos Leiteiros e as orgias do Roberto. Utilizarei também as entrevistas com os membros das orgias do Rei Sol, com o proprietário do *sex club upgrande*, onde acontece a festa *Milk* e o dono da "Cabbaré dos leiteiros", festa *barebacking* itinerante que acontece também no Rio de Janeiro. Suas falas explicitam as características e contrastes entre as orgias realizadas em apartamentos privados e nos espaços públicos.

5.1 A Milk

> **MILK**, a sexy party leiteira que a galera bota pra foder sem frescuras, sem limites e sem patrulhamento! É muito + sacanagem pelo seu dindim, venha conferir!!! (anúncio da festa Milk retirado do site do up grad)

5.1.1 O upgrade sex club e a festa milk

A *Milk*[62], uma das festas *barebacking* do circuito comercial com mais visibilidade em São Paulo, acontece duas vezes ao mês no clube de sexo *upgrade*. Seu proprietário chama-se Sidnei Comenda. Trata-se de um homem branco de 56 anos, segundo ele, bem vividos. Natural de São Paulo, formou-se em administração de empresas pela Pontífica Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Trabalhou na assessoria de imprensa do consulado britânico por 5 anos e como gestor administrativo na BBC de Londres por 18 anos. É casado, adepto do relacionamento aberto e da prática *barebecking*, mas não se exime de fazer sexo com o uso do preservativo, se essa for a predileção do parceiro.

De acordo Sidnei o *upgrade* foi fundado em 2009 e estruturado em contraste aos demais *Sex Clubs* da cidade. Para ele os demais clubes eram tímidos, mal cuidados, mal conservados, pequenos, características as quais não faziam jus ao porte de São Paulo, capital da América Latina, nem da população gay e seus visitantes. Nesse sentido foi pensado para ter uma melhor estrutura, tanto no que se refere as instalações quanto aos serviços oferecidos. Nesses quesitos,

> entrou massagens, cortesia, entrou vestiários decentes com chuveiros, os *upgrades boys*, que são os *boys* interativos[63] para dar aquela apimentada na festa, se a coisa tá meio morna, meio devagar, aí a partir da entrada deles o negócio pega mais fogo (…) com o passar dos anos nós fomos incrementando novidades, incrementando mais estrutura e agregando coisas ao clube. Hoje além de massagem e cortesia, a gente tem acesso a *barber shop*, corte de cabelo, onde o barbeiro corta o teu cabelo pelado, então assim, e sempre no sentido de cortesia, você não paga mais por isso, você ganha isso pagando somente a entrada. (…) Também, alguns *sex* clubes já tinham né, a questão do *dress code*, que é, inicialmente para ser um clube totalmente nudista, tá!? Mas depois de quatro, cinco meses de funcionamento voltamos atrás e permitimos o uso da cueca ou sunga porque realmente existia uma rejeição muito grande. - ah, tem que ficar pelado, não, não vou. Sabe, assim, era uma coisa impressionante, isso em 2009. Então, nós achamos por bem né e para que o clube sobrevivesse, mudamos o *dess code* e deixamos um dia da

62 As descrições da festa são fragmentos do meu diário de campo. Alguns trechos foram modificados a luz das reflexões distantes do campo.

63 De acordo com o site oficial do upgrade, os *boys* interativos são inspirados nas festas europeias chamadas "guys go crazy", nas quais o elenco de gogo *boys* da casa interage com os clientes. "No *Upgrade* Club eles são chamados de *Upgrade Boys* que após o show se jogam no nosso cruising brincando com os clientes, pode acontecer uma brincadeira mais quente com algum cliente? Pode, mas não são obrigados a dar/comer quem eles não tenham tesão. Ressaltamos que eles não são garotos de programa e o foco do clube não é a prostituição. Lembre-se sempre: o foco do clube é cliente com cliente e quem faz a festa é você!"

> semana obrigatório a nudez, que é quinta-feira e nos outros dias pode ficar de cueca e tal, então. Então assim, fomos fazendo ajustes com o tempo de acordo com as demandas dos clientes. (Sidnei – Janeiro de 2019)

O clube sofreu vários ajustes desde o dia da sua abertura até os dias atuais, constituindo-se, por isso, praticamente outro. Foram as necessidades desses ajustes, também na programação, que impulsionaram o surgimento da *Milk*. Havia uma demanda do público, mensagens eram deixadas no site perguntando quando haveria uma festa *barebacking*? O que a princípio suscitava como resposta a política do *sex club:*

> no *upgrade* você pode fazer o que quiser, tá entendendo? Então assim, uma vez que você tá no *cruising*, na área de fodeção ou mesmo, sei lá, você pode foder até no vestiário, onde quiser, mas assim, você faz do jeito que você quiser, a gente não tá policiando, patrulhando (Sidnei - Janeiro de 2019)

Segundo Sidnei, se tratava dos anos 2013 e 2014, o preconceito com a aids e com a transmissão do HIV ainda era muito grande. Embora houvesse uma intenção de realizar a festa *barebacking*, existia o receio de que ela afugentasse os demais clientes, principalmente no dia direcionado a ela. Era como se os possíveis frequentadores do clube pensassem,

> é o dia dos soropositivos, é o dia dos aidéticos, alguma coisa, sabe, assim, nessa linha. Esse estigma, sabe!? ah não, nesse dia eu não vou lá porque nesse dia só tem soropositivos, tá entendendo!? (Sidnei – Janeiro de 2019)

Essa realidade o fez ponderar. Por mais de um ano estudou estratégias de como realizá-la. Pensou inclusive em criar um site paralelo ao do *upgrade*, em que ao clicar na pergunta, "você curte *barebacking*?", o cliente seria direcionado a um outro site, o que possibilitaria a criação de uma lista de pessoas com predileção pela prática do sexo sem o uso da camisinha. O intuito seria realizar uma festa *barebacking* em um dia diferente, em que o clube não tivesse programação, assim não haveria a probabilidade dos públicos se chocarem, como por exemplo, na segunda-feira, dia em que o clube não funcionava. Mas tudo

demandaria um árduo trabalho, até que chegou o momento em que decidiu arriscar e colocar a festa na programação oficial.

Estrategicamente decidiu ser sutil, sugestivo. Sobremaneira, optou por não fazer uma referência direta ao termo *barebacking* e o nome da festa fora escolhido no sentido de preservar esse intuito. Dessa maneira, em seus pensamentos, a palavra *Milk* congregava sob suas significações uma ambiguidade tática. Faria referência a sua tradução do inglês, leite, o que seria automaticamente assimilado pelos adeptos da prática *barebacking*. Por outro lado, *Milk* faria referência, em homenagem, ao ativista gay americano Harvey Bernard Milk[64], uma forma de fugir dos inquisidores.

As propagandas da festa também possuíam frases sugestivas, mas, assim como o nome, até os dias de hoje nunca fizeram referência direta ao termo *barebacking*: "é o dia que todo mundo faz o que quer, da maneira que quer, sem patrulhamento"; "é o dia de cavalgar sem cela"; "venha cavalgar sem cela ou faça que nem *brokeback Mountain*[65], é uma cusparada e crau."

Sobre as reações dos clientes desavisados e das novas configurações acerca do que se convencionou chamar *barebacking*, o entrevistado assevera,

> Então, e ouve sim, algumas chiações no começo, - ah, mas, então o dia hoje, as pessoas iam sem saber né!? Olha, uma parte das pessoas que tá aqui hoje gosta de fazer sem proteção né!? As pessoas arregalavam o olho assim, gigantesco num é!? Até hoje ainda existe, mas assim, a coisa diminuiu, ela foi diminuindo gradativamente né!? Hoje em dia já não há mais porque já existe o prep, então, assim, apesar de não ser distribuído pra toda a população, mas uma boa parte da população toma. Então, e já se existe a informação de quem é soropositivo, com carga viral indetectável é nulo de transmissão pelo menos do HIV, não de outras doenças né. Então assim, desde 2014, quando a gente lançou a festa, até agora 2019 o cenário mudou, mudou muito, então esse estigma foi meio que desaparecendo e a festa começou a bombar, você tá entendendo? É, nós somos o primeiro clube, a primeira, eu não sei se existiam antes em

64 Harvey Bernard Milk foi um estadunidense abertamente gay eleito para um cargo público na Califórnia, como supervisor da cidade de São Francisco. Tornou-se uma personalidade emblemática por ter aprovado uma importante e rigorosa lei sobre direitos gays para a cidade. Transformou-se eem mártir da causa LGBT ao ter sido assassinado em 27 de novembro de 1978. Sua história popularizou-se com o lançamento do film "Milk", do diretor Gus Van Sant Jr..

65 O segredo de *brokeback Mountain*, trata-se de um longa-metragem estadunidense dirigido por Ang Lee. O filme narra tem como roteiro o envolvimento amoroso e sexual de dois caubóis do oeste dos Estados Unidos. A narrativa se passa nos anos de 1963 e 1981.

> apartamentos ou não, mas assim, clube aberto ao público a fazer uma festa *bareback* tá? (Sidnei – Janeiro de 2019)

O pânico moral suscitado pela *Milk*, inclusive entre indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQ+, resultou em interpelações e acusações de que o proprietário do *upgrade* estava promovendo a disseminação da aids, o que em consequência o fez ter que prestar depoimento em uma delegacia. No entanto, ele explicou que se tratava de uma festa do dia como todas as outras e que não poderia garantir o uso da camisinha, não haveria como ter esse controle. Além disso, essa escolha era do âmbito pessoal. Se quisessem fiscalizar quem faz sexo sem o uso do preservativo teriam que invadir todos os motéis da cidade, ir com lanternas e ver se o casal estava ou não transando sem camisinha. Um patrulhamento que considera absurdo.

Ademais, sustentando a sua afirmação na medicina, o entrevistado explica que quem está indetectável, com carga viral zero, não transmite o vírus HIV. Sobremaneira, acredita que o estigma ao *barebacking e aos* seus praticamentes ainda é muito grande. Que apesar da comunidade LGBTQ+ possuir muito mais informações sobre esse assunto do que a sociedade englobante, o que inclui os heterossexuais, ainda existem muitos homossexuais fóbicos ao *barebacking*. Entretanto, conclui que na atual conjuntura os avanços da medicina refletem no arrefecimento do pânico moral e, com isso, uma tendência mundial à prática do *barebacking*[66], o que reverbera no sucesso da *Milk*.

5.1.2 O Cruising barebacking na Milk – Silêncios e Impessoalidades

No dia 17 de março de 2017 estive em uma das edições da "Milk", no "*upgrade*", um *cruising*[67] bar[68] situado no centro de São Paulo, nas imediações do Largo do Arouche, próximo ao metrô república. Eu estava finalizando a terceira fase do trabalho de campo, já estava

66 Os argumentos do proprietário em tordo desse aspecto se sustentam no desenvolvimento das novas tecnologias de prevenção da aids e de experiências no exterior, onde diz que o *barebacking* é algo muito presente.

67 O *cruising* no contexto brasileiro é o que se poderia chamar de caça. É o caminhar incessante e discreto em busca das interações sexuais. Teve origem nos parques, em locais públicos, mas também pode ser observado nos clubes de sexo, *cruising-bar* e também nas saunas gays.

habituado as práticas sexuais coletivas, ao *barebacking*, havia construído uma intimidade com seus adeptos – havia ido a várias orgias e me tornado amigo de muitos dos meus interlocutores –, já estava habituado à errância, por vezes solitária e noturna pela cidade de São Paulo, e desconstruído uma série de estereótipos ligados ao *barebacking*, aos seus praticantes e a referida metrópole. Entretanto, era a primeira vez que eu me "aventurava" em um clube de sexo e observaria uma orgia *barebacking* em um local comercial para encontros sexuais. Nesse sentido, de modo comum às situações experimentas pela primeira vez, criei algumas expectativas e isso, como de costume, me gerou uma certa ansiedade.

Próximo à meia-noite, na companhia de um amigo que também pesquisa a temática, aportamos na Rua Santa Isabel, nº 198. O entorno estava vazio, não havia, como de costume nos lugares em que há festas, nenhum tipo de burburinho que sinalizasse o local. Eu e Rafael[69] nos entreolhamos, não comentamos nada dentro do uber, mas logo descobrimos que o olhar mútuo sinalizava para a mesma questão, ficarmos sozinhos no meio da rua, no centro da cidade de São Paulo, numa região não muito tranquila. O carro havia parado do lado oposto, defronte ao número 198, escrito de forma vertical, em vermelho e azul, do tamanho e da largura da porta, que se encontrava fechada. Mesmo sem nenhum sinal de pessoas nos aproximamos e nos deparamos com uma campainha. Ao tocá-la, a porta rapidamente foi aberta, o que nos possibilitou, do lugar que ainda estávamos, visualizar na penumbra uma ingrime e longa escadaria. Subimos. Ao seu final, do lado direito, nos deparamos com uma espécie de antessala com um balcão e, por trás dele, um outro homem, nu. Sua função se constituiu em nos informar o valor das entradas e, já que éramos neófitos, explicar as regras da casa:

68 Constitui-se um bar, mas, como conceitua Braz (2010), "não um bar qualquer, mas um *cruising-bar* – literalmente, um "bar para a caça" (*cruising*)" (BRAZ, 2010, p 31). Bares desse tipo são exclusivos para homens e sua estrutura requer como regra a nudez ou o uso, mediante determinadas festas organizadas visando público específico, do "*dress code*", como por exemplo, *jack straps*, roupas de esportes, couro.

69 Rafael também é um pesquisador de HIV/aids, mas da área da saúde coletiva. Nos conhecemos em uma atividade acadêmica da Unicamp, no período do estágio de doutorado. Ficamos amigos e a partir de então passamos a trocar ideias e experiências acerca do nosso interesse em comum, o que gerou uma boa amizade. Quando no início de 2017 voltei a São Paulo para finalizar o trabalho de campo, consideramos nos encontrarmos e, diante do contexto, lhe foi oportuno me acompanhar na Milk e conhecer um universo que também lhe era distante.

> **1 –** Exclusivamente para homens gays/bi maiores de 18 anos; **2 –** NÃO é NÃO e ponto. Respeite o espaço dos outros para ser respeitado. Não seja 'grude'. Clientes inconvenientes serão convidados a retirar-se; **3 –** É expressamente proibido o porte de celulares ou outros dispositivos eletrônicos, exceto na área da recepção; **4 –** A casa dispõe e incentiva o uso de camisinhas e gel para sua proteção, porém não patrulhamos o sexo de ninguém, cada um sabe o tipo de sexo que quer ter; **5 –** Respeite o nosso dress code, não é permitido circulação com roupas, toalhas e roupões fora da área do vestiário. Em dias de noites/festas com temática nudez, a nudez é totalmente obrigatória; **6 –** Divirta-se, aproveite nosso clube para seu prazer, da forma que melhor quiser. Uma dos nossos lemas é "sem patrulhamento", então beba, relaxe e viva o prazer. Mas por favor, evite exageros e suas consequências; **7 –** Nosso elenco de *Upgrade Boys* fazem uma apresentação e um "esquenta" com os clientes para apimentar as noites no clube, mas não são obrigados a manter relações com quem quer que seja, então pedimos que respeitem seu trabalho; **8 –** Cada um tem seu jeito, sua maneira especial e única de sentir e de dar prazer; portanto, por mais estranho ou bizarro que algo possa lhe parecer, respeite o tesão do próximo. (regras disponíveis no site http://upgradesexclub.com.br/regras/).

Pelo que nos foi informado a regra básica da casa é o *dress code*, ou seja, o código de vestimenta, geralmente interligado à temática da festa em questão. Naquela ocasião tênis, cueca, *jockstrap*[70] ou a nudez completa. Além disso, o senhor nos disponibilizou as chaves dos armários, onde, assim como todos os outros, deixaríamos as nossas roupas e pertences. As chaves são numeradas, dessa forma o valor da entrada somado ao que for consumido no bar serão associados a esse código e pagos na saída.

A recepção é separada dos outros ambientes por uma cortina. Assim, ao cruzarmos o seu limite, adentramos a uma outra sala composta por dois sofás, uma mesa de centro, uma grande placa com o nome *upgrade* e outros objetos utilizados para a decoração. Esta sala parece está localizada no centro do clube, dela pode-se ter acesso à recepção, à escada que leva ao segundo andar e a sala onde estão dispostos os armários que, por sua vez, dá acesso aos banheiros. Nesse trânsito é possível encontrar alguém que, tendo acabado de chegar, ainda de roupas, a esteja cruzando com destino a sala onde se localizam os armários ou, fazendo o caminho seguinte, já em *dress code*, a caminho do piso superior. Todos os ambientes deste andar são iluminados com luzes quentes, o que associado a pouca circulação dos clientes, já que as transações sexuais na sua maioria se dão no piso superior, lhes confere uma aparência

70 Uma espécie de cueca que cobre apenas a parte da frente.

de tranquilidade e aconchego, embora a *mis en scène* seja de que há algo "suspenso no ar". De todo modo, nesse trânsito, é possível não só os olhares serem trocados, mas, ainda que indiscretamente, percorrerem outras partes dos corpos de quem mutuamente se cruza e se olha.

A sala seguinte é uma espécie de vestiário. É composta por duas paredes completas de armários, nas cores vermelho e azul, alternadas. Ao centro um grande banco e dois puffs individuais, cuja função é servir de apoio para que os homens possam despir os seus corpos ou, se interpretarmos pela lógica dos rituais, tirar as roupas cotidianas e vestir as roupas requeridas para adentrar ao ritual orgiástico. Por esse ângulo, a nudez também se constituiria uma vestimenta. Assim como na sala central, os olhares me pareceram discretos. Por essa característica todo esse andar se configurou para mim como uma espécie de zona neutra, de passagem. Era como se se configurasse uma antessala da orgia: Chega-se, aclimata-se ao lugar, despe-se das roupas ordinárias, veste-se com as roupas apropriadas para o ritual.

Corroborando com a reflexão supracitada, no que se refere às preparações para o ritual, colado ao vestiário há dois banheiros. Nesse sentido, para além das necessidades fisiológicas comum a todos os humanos, principalmente em contextos de ingestão de bebidas alcoólicas, em que as necessidades de urinar aumentam significativamente, os banheiros possuem pequenas duchas instaladas ao lado dos aparelhos sanitários. Em se tratando de um *cruising* bar, destinado as práticas sexuais entre homens, o que pressupõe a penetração anal, presumo que as duchas são disponibilizadas para aqueles que desejarem ou necessitarem fazer a "chuca"[71]. Do lado de fora, duas grandes duchas para banho e duas pias.

71 Opto pela terminologia êmica pertinente ao contexto pesquisado. A "chuca" consiste na utilização de enemas ou duchas sanitárias para a introdução de água no canal interno do ânus, visando a sua higienização. No ato sexual, independente de gênero, é utilizada por aqueles ou aquelas que exercerão a posição de passivos ou passivas no intercurso sexual anal. Em estudo, cujo campo trata do sexo entre rapazes, Ribeiro (2008) analisa a "chuca" como processo de vaginização do ânus. Para ele, a técnica se constitui útil para "eliminar todas as evidências da função biológica do órgão e constituí-lo como um órgão naturalmente voltado à prática sexual" (2008: 03). De acordo com o autor, há uma certa preocupação vivida pelos sujeitos adeptos das práticas. Isso se daria em decorrência das possíveis situações desagradáveis caso a "chuca" não fosse feita corretamente. Díaz-Benítez (2010) também observa essa preocupação no "os bastidores do pornô brasileiro". De acordo com a autora, no que se refere a higienização dos atores antes de entrar em cena, a preparação das garotas, travestis e passivos sexuais é mais complexa. Elas primeiro fazem uso de supositórios e depois das "duchinhas". "Entre as pessoas que fazem pornô, tal temor também existe. Os diretores sabem que as cenas em que por ventura ocorram esses contratempos terão de ser submetidas a uma edição aprimorada. Outra possibilidade é que seja novamente filmado o momento da cópula, ou, no pior dos casos, a cena será completamente descartada. As atrizes sentem vergonha quando isto ocorre, pois, embora seja considerado um acidente "perdoável" pelo coletivo, o fato pode ser interpretado como falta de profissionalismo (2010: 76)".

Após colocarmos nossas roupas e pertences no armário, eu e meu amigo, vestidos com o *dress code*, subimos para o segundo andar. A primeira coisa que nos deparamos ao findar a escada foi um bar. Este, não fosse pela presença de um *barman* nu, por trás do balcão, se igualaria a outros bares, passíveis de serem encontrados em diferentes lugares ou estabelecimentos da cidade. O homem era negro, com feições aquilinas, alto, magro, musculoso, tatuado e bem-dotado. Diante do balcão cinco bancos. Atrás de quem estivesse sentado nos bancos, confronte ao balcão, separado por um espaço vazio, por onde quem estivesse fazendo o *cruising* poderia passar livremente, duas mesinhas redondas encostadas a parede, cada uma com duas cadeiras. Nas extremidades de ambas as mesas, ladeando as cadeiras, uma espécie de bancos quadrados da mesma altura das mesas, feitos de ferro com o assento preto. Como não tinham cadeiras e embora não os tenha visto sendo utilizados, imaginei serem usados como suporte para as práticas sexuais.

No momento em que chegamos avistei apenas dois homens sentados em uma das mesas do bar. Discretamente os fitei, mas eles agiram naturalmente, continuaram conversando e em nenhum momento foram invasivos no olhar ou demostraram algum tipo de interesse para conosco. Os dois eram brancos, aparentavam uma média de 40 anos. Um vestia cueca, o outro *jockstrap*.

Nesse momento a sensação foi de frustração. À primeira impressão tudo pareceu muito calmo. Como mencionei acima, a iluminação quente, a ainda pouca quantidade de homens transitando, associados à limpeza e organização dos ambientes contrastaram com a imagem que, por mais que eu já a tivesse reelaborado, ainda estava contaminada pelo imaginário social acerca dos encontros orgiásticos e seus adeptos. Eu já tinha as referências das orgias *barebacking* realizadas em apartamentos privados, o clima entre os *berebackeres* era amistoso, a maioria das pessoas se conheciam, se não se conheciam o tipo de ambiente e a relação de amizade estabelecida entre os que já se conheciam rapidamente introduziam os "pratinhos" nos diálogos. Isso quando não partiam diretamente para as interações sexuais, deixando as apresentações e os diálogos para os intervalos.

Sobremaneira, eu esperava dar de cara com uma grande quantidade de homens investidos em uma variedade de práticas sexuais. No entanto, a arquitetura do lugar, associada a quantidade de pessoas que estavam no clube naquele dia, principalmente levando em

consideração a hora em que cheguei – ainda era cedo, possibilitava que as coisas fossem sendo desnudadas paulatinamente.

A música, apensar de ser ambiente, não permitia escutar outros sons que não as conversas do bar. Meu amigo logo após o primeiro *drink* se despediu e partiu para o *cruising*. Por vezes voltava ao bar e, excitado com as descobertas, aos poucos ia me revelando o que estava acontecendo nos lugares mais propícios para as interações sexuais. Eu, atento as minúcias, necessitei um pouco mais de tempo – e de *drinks* – para assimilar os movimentos à minha volta. Queria abrandar a excitação que a associação entre a "espreita etnográfica" – um tipo de esforço em colocar-se a espreita de tudo, olhar atendo, golpe de vista, ouvidos e narinas abertas, disponibilidade para o diálogo e, naquele contexto, por quê não, para o flerte, sem parecer um xereta –, e o tesão de estar naquele ambiente me proporcionara. Com o passar dos minutos o fluxo de homens foi aumentando e a minha excitação diminuindo, de modo que a nudez do *barman* e, especialmente, de um outro homem também negro, alto, mais musculoso e tão dotado quanto ele, que volta e meia aparecia no bar, tornaram-se comuns. Somente com ambos me foi possível interagir verbalmente e constatar que estavam a serviço da casa não exclusivamente para dar conta das demandas do bar, mas, em algumas circunstâncias, interagir sexualmente com os clientes, eram os *boys* interativos.

O tempo em que estive no bar foi o suficiente para entender os sentidos dos fluxos dos homens que já se encontravam no *cruising* e dos que chegavam ao segundo andar. Como o bar estava localizo ao centro foi estratégico para eu perceber a divisão dos espaços e arquitetar por onde e de que forma eu começaria o meu *cruising*.

Portanto, tendo como parâmetro estar sentado defronte para o bar, me dirigi primeiro ao espaço situado à minha direita: Antes de adentrá-lo, ao final das mesas do bar, colada à parede que divide os dois espaços há uma pia, um espelho quadrado à frente, sabonete líquido e álcool em gel. Do seu lado esquerdo, uma porta de madeira do mesmo material e cor da parede, pretas. Por trás da porta um ambiente escuro composto por um grande *puff*. Nele, três homens interagiam sexualmente e outro os observava: um dos que se beijavam estava sendo penetrado pelo terceiro. Por um curto período de tempo estacionei a uma distância que me possibilitou enxergá-los, entretanto, a não ser pelo *voyeur*, pareci ser ignorado.

Acoplada a sala supracitada há uma área de fumantes ao fundo, protegida da parte externa do clube por uma espécie de grade, cuja trama, e o que se vê externo a ela, lhe confere aspecto nebuloso. Nas laterais dois banheiros, os quais, assim como os do primeiro piso, continham nos reservados duchas para higienização. Em um deles, nesta mesma ocasião, ocorreu-me algo inusitado. Após ter observado o trio e o *voyeur* me dirigi ao banheiro para urinar. Ao cruzar a linha divisória entre a sala do *puff* e o banheiro, sem porta, percebi que no seu interior havia um outro sujeito. Em se tratando dos banheiros masculinos é corriqueira a sua utilização de forma coletiva, principalmente quando estes possuem vários mictórios. No mais, como estávamos num clube de sexo pensei, "ele deve está à espera de alguém para interagir", o que seria muito natural. Sem constrangimentos caminhei em direção a um dos mictórios. O homem lentamente aproximou-se e sem me tocar, nem verbalizar uma palavra, fitou-me, ajoelhou-se ao meu lado, abriu a boca e colocou a língua para fora. Por segundos hesitei, mas o sujeito permaneceu imóvel esperando o solicitado.

É importante pontuar que depois de tantos anos envolvido com pesquisas ligadas ao campo da sexualidade e, nos últimos anos, principalmente ao campo da etnografia das práticas sexuais, o acesso a uma infinidade de formas e sentidos dados ao sexo, fosse por meio da internet, dos discursos dos sujeitos, das experiências etnográficas corpo a/no corpo, ou da minha própria experiência desejante, possibilitou-me uma familiaridade com as práticas sexuais concebidas como dissidentes. Deste modo, a atitude do homem ao me solicitar a prática sexual conhecida como *golden shower* – chuva dourada –, não me causou tesão, assombro, nojo ou quaisquer sensações desta natureza. Porém, mesmo não me sentindo acoado, visto que eu poderia ter simplesmente ignorado o sujeito, saído do banheiro e me camuflado na escuridão, comportamentos que compõem os roteiros sexuais[72] daquele espaço, senti-me constrangido e, por isso, impelido a ceder ao solicitado.

A rapidez com que tudo aconteceu faz-me pensar que a minha atitude foi muito mais intuitiva do que racional. O que também parece compor a lógica que norteia as ações e interações entre os sujeitos nos clubes de sexo. Como veremos abaixo, há um outro tipo de

72 De acordo com Gregori (2016), "Gagno e Simon formularam a teoria dos roteiros sexuais a partir da definição de que a conduta sexual envolve um "esquema cognitivo organizado" que denominam de roteiro e que é invocado pelas pessoas para que reconheçam quando uma situação vivida é ou não sexual. Tal reconhecimento opera, segundo os autores, em três níveis: o nível intrapsíquico, o nível interpessoal e o panorama cultural' (GREGORI, 2016, p. 112).

comunicação, construção e aprendizagem das normas locais que aciona outras dimensões que não exclusivamente passam pela mente, mas também por um corpo que é agente e não exclusivamente receptáculo. Nesse sentido, mais uma vez me percebo afetado pelo campo no sentido dado por Favret-Saada[73], mencionado no capítulo anterior.

De todo modo, sinto-me inclinado a inverter à perspectiva e interpretar o "constrangimento" vivido às avessas, explico: Em uma situação cotidiana, concebida pela sociedade abrangente como normal, o ordinário seria o sujeito adepto da "chuva dourada" sentir-se constrangido. Isso se justifica tendo em vista que as práticas sexuais significadas como não convencionais, e os sujeitos que as praticam, se distanciam da matriz hegemônica da sexualidade e, portanto, são percebidas como anormais, parafilias, por isso vividas no âmbito do esconderijo e do anonimato. No clube de sexo a perspectiva se inverte. Como sugerem as regras, "cada um tem seu jeito, sua maneira especial e única de sentir e de dar prazer; portanto, por mais estranho ou bizarro que algo possa lhe parecer, respeite o tesão do próximo." Assim, embora já tivesse familiaridade com os conceitos de "experiência próxima" (Gerrtz, 2006), não ser adepto das práticas sexuais *hard* e não ter familiaridade com as dinâmicas dos clubes de sexo, eu me constituía naquele contexto um estranho, um *outsider,* por isso um certo "constrangimento*".*

Após o ocorrido encontrei Rafael no bar. Ao compartilharmos algumas impressões ele me relatou ter vivido a mesma situação, ou seja, o que me pareceu inusitado é algo comum. De onde estávamos, olhando para o lado oposto a sala do *puff*, direção em que a maioria dos homens se dirigiam, podia se visualizar uma escada de ferro que dava para um mezanino. A poucos passos, por trás da escada, uma cortina na cor bordô separava os dois ambientes. Entre o bar e a cortina, lado oposto a escada, havia um grande bloco quadrado encostado à parede, uma espécie de pequeno palco comumente visto em boates, na sua maioria redondo, por isso recebe o nome de queijo. Em vários momentos da noite pude ver os "*boys* interativos" em ação com alguns clientes.

Ao atravessar a cortina a escuridão invadiu os meus olhos. Foram necessários alguns segundos até que as retinas, adaptadas à nova luz, paulatinamente começassem a visualizar as

73 Favret-Saada (2005) diz que "Embora, durante a pesquisa de campo, não soubesse o que estava fazendo, e tampouco o porquê, surpreendo-me hoje com a clareza das minhas escolhas metodológicas de então: tudo se passou como se tivesse tentado fazer da "participação" um instrumento de conhecimento" (FAVRET-SAADA (2005).

silhuetas dos corpos em movimento, dos espaços e objetos peculiares e dispostos de maneira estratégica, propícios aos objetivos do lugar. Assim, ao caminhar, fui me dando conta que aquele ambiente se configurava uma espécie de labirinto, um misto de salas com pontos cegos e *dark rooms*, composto por paredes feitas de tapumes, pintadas de preto, as quais compartimentavam o ambiente. Alguns continham camas, outros bancos, ambos feitos de ferros, com finos colchões e assentos de corino preto. Acima, cruzando todo o ambiente de ponta a ponta, um mezanino de ferro, cujo chão e as laterais, um pouco acima da cintura, também feitos de ferro vazado, possibilitava ver, de cima, os homens em interação sexual na parte debaixo.

Em uma das primeiras salas havia uma iluminação especial nas cores do clube, vermelho e azul. A mistura dessas cores deixava o ambiente em um tom arroxeado, nada muito forte, mas, diferente de outros espaços, dava para distinguir melhor as pessoas e os objetos contidos nela. Nesse sentido, duas *slings*[74] de couro, dispostas uma ao lado da outra, suspensas por correntes de ferros atreladas ao mezanino, saltou-me aos olhos. Ao chão, abaixo delas, um tapete de borracha preto. Nesse espaço também continham portas papéis e portas camisinhas colados à parede, um grande cesto de lixo e alguns *puffs* pequenos e quadrados.

Ao chegar ao espaço descrito, os dois homens, antes sentados à mesa do bar, preparavam-se para uma sessão de *fist fucking.* O que seria fistado já estava deitado de costas sobre a *sling,* com as pernas suspensas. A prática parecia já ter sido iniciada pois estavam apenas trocando o *fister*. Nesse sentido, o homem branco, cabelos loiros, acabara de sentar em um *puff* à frente do que seria fistado, entre suas pernas. Sua mão esquerda deslizava sobre sua mão direita, lubrificando a que seria introduzida no ânus do *fistee*. Havia um terceiro sujeito, um homem magro, também branco, vestindo uma *jockstrap.* Inquieto, tinha uma certa dificuldade ao caminhar, parecia sob efeito de algum psicoativo. Entretanto, concentrado, posicionou-se em pé, ao lado direito do *fister* e, curvado, falava-lhe próximo ao ouvido, dando-lhe as instruções necessárias à efetivação da prática. Aproveitei a ocasião e sentei-me também ao lado esquerdo do *fister*, oposto ao "instrumentador". No início, esforcei-me para escutar as suas instruções, mas o seu falar baixo, associado ao barulho do som, aos sussurros e

74 A *sling* é espécia de cadeira cujo assento é de couro e suspensa nas suas extremidades por correntes de ferro. Ela possibilita que os homens deitem de costas, deixando as nádegas para fora, estrategicamente sinalizando que desejam ser penetrados. Ela também é usada para a prática do *fist fucking.*

gemidos dos orgiásticos não me possibilitaram entender o que ele dizia. De todo modo, pelos gestos e poucas palavras compreendi uma das instruções básicas: “com cuidado e paciência siga a curvatura do canal”.

A cena pareceu-me cirúrgica. Com técnica e tranquilidade, como orientado, a mão foi introduzida. O *fistee*, acariciava seu pênis como se estivesse se masturbando, mas não estava duro. Por vezes lhe observei levar ao nariz um vidro pequeno, cujo conteúdo presumi se tratar de *poppers*[75]. Aos poucos, outros orgiásticos foram se aproximando. Além do *dress code*, observei que alguns usavam um acessório de couro com metal preso ao corpo, envolvendo o tórax, chamado *harness*. Alguns masturbavam-se assistindo a cena, outros arriscavam uma maior interação: acariciavam as pernas do *fistee*, aproximavam-se da sua cabeça e o possibilitavam fazer sexo oral, chupavam os seus mamilos.

Permaneci sentado no *puff* ao lado do *fister* por mais ou menos uma hora. Esse tempo possibilitou-me observar a formação de um outro grupo de orgiásticos ao redor da *sling* ao lado. Nele, alguns homens ativos, ou que, naquele momento, performavam a atividade no ato sexual, revesavam-se no orgiástico que, deitado sobre a *Sling*, havia se disponibilizado na posição de passivo para quem quisesse chegar. É importante mencionar que, embora essas posições fossem demarcadas a partir da *Sling*, e que, os homens que estavam deitados sobre elas ganhassem centralidades, outros arranjos sexuais eram estabelecidos entre os que estavam à sua volta. Pude observar também que determinados homens os quais exerciam a posição de ativo com o sujeito que estava deitado na *sling*, em outros momentos exerciam a posição de passivos. Vale ressaltar que os grupos que se formavam ao redor de ambas as *slings*, e nas suas cercanias, não eram fixos. Havia um chegar e sair constantes, assim como também os que estavam em volta da *sling* do *fisting* migravam para a *sling* ao lado e vice-versa.

Após arrefecer o movimento nesse ambiente, o mais badalado da festa, resolvi fazer o trajeto que a arquitetura do lugar possibilitava, percorrer o restante da parte debaixo e ao final

75 Substâncias líquidas, inalantes, pertencente a classe dos nitritos voláteis. Foi criada para diminuir as dores no peito de pacientes cardíacos. Mas os efeitos causados logo foram descobertos e assimilados pela cultura gay. O *poppers*, como conhecido popularmente, é usado nas relações sexuais para aumentar as sensações de prazer. Ao dilatar os vasos sanguíneos ele aumenta a sensibilidade, possibilitando uma maior ereção e o relaxa da musculatura anal. Sua comercialização no Brasil é ilegal. Na Europa e Estados Unidos é pode ser encontrado nos *sex shopping*.

pegar a escada que levava ao mezanino. Sua estrutura toda de ferro vazado, com o mesmo comprimento da parte debaixo, com uma escada que dava direto para o bar, possibilitar-me-ia, ao fazer o caminho contrário por cima, ter uma visão panorâmica do ambiente e das práticas que aconteciam na parte debaixo. Esse aspecto da estrutura do *upgrade* é propício ao voyeurismo.

Portanto, atento, lentamente explorei o restante do clube. A sala seguinte era um ambiente mais amplo, uma espécie de corredor que dava acesso a outras salas e, ao seu final, a escada para o mezanino. Havia nele uma cama encostada à parede onde quatro orgiásticos interagiam. Estar neste lugar por alguns minutos possibilitou-me observar, além dos homens em interação, o entrar e sair de muitos outros orgiásticos das demais salas. Do grande corredor adentrei a uma sala escura, separada por uma cortina feita de tiras de borrachas pretas, semelhantes a câmaras de ar de pneus. Nela eu pude colocar em prática o que eu havia pensado no momento em que fui abordado pelos homens que estavam deitados na cama. Ao sentar-me próximo a eles, um dos orgiásticos em interação acariciou timidamente as minhas pernas. Mantendo-me imóvel, e sem os fitá-los diretamente, sinalizei não estar aberto as carícias. Assim também aconteceu quando um outro orgiástico, percebendo-me sentado na cama, encostado à parede, caminhou lentamente em minha direção e colocou seu pênis próximo a mim, na altura do meu rosto. Nesse momento pensei, "e se eu interagisse diretamente, transariam com camisinha?"

Embora alguns sujeitos *barebackers* pesquisados já tivessem me afirmado transar ocasionalmente com camisinha, naquele momento eu queria entender, por meio de uma situação empírica, como um orgiástico participando de uma festa *barebacking* reagiria no ato ao lhe ser mencionada a camisinha[76]? Assim, como na sala escura haviam alguns homens em interação, outros fazendo o *cruising*, aproveitei o ensejo e, "imitando" os códigos de comunicação e deslocamentos do local, silenciosamente, aproximei-me de um deles. Iniciamos algumas carícias. Rápido o sujeito inclinou-se a passar para a fase da penetração. Informei-lhe que não fazia sexo sem camisinha. Por sua vez o *barebacker* foi emblemático,

76 Com o meu corpo em cena, além de perceber os aspectos éticos e estéticos dos lugares e das suas dinâmicas, eu também estava experienciando sensações tais como o cheiro de sexo. No "pegadas de machos", ocasião em que estive na sauna onde o encontro foi realizado, ao subir ao terceiro andar, onde aconteciam as trocas sexuais mais intensas, fui tomado por um cheiro forte de suor de homens misturado ao cheiro do látex e lubrificante das camisinhas. No *upgrade*, como a orgia era *barebacking*, esse cheiro estava ausente.

perguntou, “o que você está fazendo aqui? Você está na Milk!” e, sem me dar tempo para possíveis argumentações, afastou-se e seguiu o seu *cruising* em busca de um outro parceiro também adepto do *barebacking*.

Embora seja difícil precisar a quantidade de homens que estiveram no clube naquela ocasião, tendo em vista a penumbra, a troca constante de parceiros, o *cruising*, as chegadas e saídas de orgiásticos ao longo da noite, o que possivelmente poderia confundir uma identificação personificada, visualizar o clube do mezanino e dos demais ambientes, me possibilitou contabilizar uma média de 50 homens. Cabe mencionar, levando em considerações as mesmas ponderações, que, apesar de ser observada a presença de homens jovens, na faixa dos 25 anos, a média de idade da maioria me pareceu acima dos 30 anos.

No que se refere a classe, talvez esse seja um dos elementos do perfil sociológico mais difícil de se precisar. A ausência de roupas e acessórios – em decorrência do *dress code* –, o que poderia revelar elementos de distinção, como por exemplo, a grife da roupa, o gosto, o estilo, o poder econômico, impossibilita o possível estabelecimento das conexões desses elementos ao *habitus*[77]pertencente a determinadas classes sociais. O que parece confirmar os argumentos acionados pelo Rei Sol no que se refere à suposta igualdade possibilitada pela nudez.

De todo modo, como aponta Bourdieu (2008), no que se refere ao “habitus linguístico e a *hexis corporal”*, determinados elementos culturais são impressos não exclusivamente nos códigos linguísticos, mas também nos corpos dos sujeitos, o que poderia revelar, mediante um estudo mais minucioso, o pertencimento a determinada classe.

Isto posto, remeto-me ao trabalho do antropólogo Camilo Braz (2010) sobre os clubes de sexo da cidade de São Paulo. Em contexto de segmentação de mercado, o autor objetiva

77 Pierre Bourdieu desenvolve no seu livro “o sentido prático” a noção de *habitus*, definindo-a como sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares”, sem que por isso, sejam o produto da obediência a regas, objetivamente adaptadas, sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro […] sistemas de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados.

contribuir com os debates acerca das sexualidades e erotismos "não-heterossexuais". Nesse sentido, com base na ideia de culturas viajantes, elaborada por James Clifford[78] (2000), o argumento de sua tese centra-se na ideia de que há uma apropriação contextual nos clubes de sexo paulistanos de um processo que aponta para a valorização, incorporação e performance de estereótipos de virilidade nas relações afetivo-sexuais entre homens, tomando os *leather sex clubs* dos Estados Unidos e da Europa de meados dos anos 1970 a 1980 "como uma espécie de convenção". Nesse sentido, Braz sinaliza que os fetiches presentes na pornografia gay[79] e os elementos historicamente construídos que circundam os *leathers* sex *clubs* norte-americanos e europeus foram assimilados pelos clubes de sexo paulistanos, cruzando, ademais, "estereótipos de virilidade e também à sexualidade gay, numa relação ambivalente entre o normativo e o transgressivo" (BRAZ, 2010, p. 222).

O autor sugere que estas convenções teriam se deslocado até aqui por meio de um processo cujos motores estariam interligados aos sujeitos que viajaram e, assim, tiveram contato com essas culturas gays, nos referidos lugares. Ao voltarem para o Brasil atrelaram os seus desejos e experiências viajantes aos negócios, ou seja, a criação dos clubes de sexo paulistanos na década de 1990.

Concernente às preferências eróticas dos sujeitos que frequentam os clubes, Braz expõe que grande parte dos seus colaboradores – utilizo aqui para preservar o sentido a mesma categoria do autor – de pesquisa preferem se relacionar com homens masculinos e, para significar os atributos dessa masculinidade, acionam uma série de características estereotipadas. Nessa mesma lógica, a compreensão de todos é que o mercado dos clubes de

78 Para Clifford (2000), ao longo do século XX a antropologia priorizou em detrimento das relações de viagens, as relações de moradia. Com isso, chama a atenção para a restrição do olhar dos etnógrafos clássicos, centrados na cultura, pensada como tradição e identidade, restrita a territórios específicos. Seu esforço vai no sentido de trazer para a reflexão as relações de viagens, os deslocamentos dos sujeitos, os retornos e as ordenações dos mundos distintos. É mister salientar que os deslocamentos não necessariamente são literais, abarcam as experiências digitais.

79 De acordo com as Braz (2010), as convenções de gênero performatizadas são inspiradas em uma estética masculina, cujos tipos valorizados remetem aos estereótipos homoeróticos de homens trabalhadores, cuja força e dureza são suas principais características, tais como marinheiros, coubóis, oficiais, lenhadores. Estas seriam representações viris dos anos 20 aos 40, retratadas pelo artista Tom da Finlândia a partir das suas experiências pessoas.

sexo é direcionado para homens com predileções em sexo com outros homens masculinos e machos[80]. A partir dessas características,

> O gênero aparece aqui então como mais um marcador a informar a inteligibilidade dos sujeitos e dos — "corpos que importam" nos clubes de sexo estudados, na chave que venho propondo, que é a do controle das práticas corporais. Os corpos estão aqui controlados do ponto de vista do gênero – os "excessos" a serem contidos aqui são aqueles que possam evocar — "efeminação" (BRAZ, 2010, p. 222).

Corroborando com essa ideia o autor sugere que a sociabilidade – para preservar o sentido utilizo aqui a mesma categoria do autor – nos clubes não é restrita ao sexo e à caça, que há uma nítida separação performativa entre o ambiente do bar e os ambientes mais propícios às práticas sexuais. Assim como Levine (1998) observou nos *leather sex clubs* nova-yorquinos[81], Braz percebe que essa separação possibilita performances distintas. Nesse sentido, o espaço do bar funcionaria como uma espécie zona neutra que possibilita aos sujeitos "abandonarem" a performance hipermasculina valorizada nos espaços da caça e das práticas sexuais e dar lugar a uma postura menos rígida. A partir da experiência dos colaboradores da sua pesquisa, conclui que não se trata necessariamente de afirmar uma essência masculina estável, mas estrategicamente performá-la de acordo com os fins. Como nos clubes de sexo que são acionados os elementos ligados a um erotismo viril, do ponto de vista da matriz hegemônica de gênero que, segundo Butler, autora que sustenta as suas argumentações, dá inteligibilidade aos sujeitos (BRAZ, 2010).

Não tenho a intenção de elaborar uma discussão sobre gênero nesta tese, não se constitui objetivo proposto. Além do mais, pelo que pude perceber nos clubes visitados, mesmo se tratando de uma festa *barebacking*, contexto diferente do pesquisado pelo autor,

---

80 Para Braz, uma das características comuns a esses "espaços é limitar o acesso a homens. Mulheres não entram. Travestis ou transexuais, a princípio, também não. Ouvi em campo que é impensável, por exemplo, para quem frequenta ou gerência esses espaços imaginar a performance de uma *drag-queen* ou a presença de *gogo-boys* nesses locais" (BRAZ, 2007. p. 135, 136)

81 Para Levine (1998), os frequentadores dos *leather sex clubs* quando estavam no *cruising* apresentavam postura hipermasculina. Em outras situações, como por exemplo, no bar manifestavam elementos que iam no caminho contrário daquilo que os singularizavam, havia a possibilidade de serem vistos se tratando no feminino, etc.

mas situadas na dinâmica dos clubes e da mesma cidade, as suas descrições e análises ainda são potentes. Digo isso no sentido de ainda serem atuais, tendo em vista a perspectiva sincrônica da abordagem etnográfica.

De todo modo, o que me interessa mais especialmente, ao acionar a perspectiva de Braz, diz respeito primeiro a ideia de uma cultura gay, sexual, atrelada aos clubes de sexo, o que me faz crer existir um habitus que, se não pertencentes aos clubes, no mínimo, os atravessa. Segundo, em decorrência do primeiro, a possibilidade de colocar em contrastes elementos que fazem parte desse habitus – inclusive o tipo de masculinidade performada nos clubes, como abordado pelo autor em questão – os quais eu venho tentando explicitar por meio da descrição da minha experiência etnográfica na festa Milk. São exemplos desses elementos, o silêncio, a discrição, o anonimato, a impessoalidade, as possibilidades de burlar determinados marcadores sociais. Estes elementos são gestados e vivenciados nos contextos das orgias *barebacking* do Rei Sol de formas distintas não só aos clubes de sexo em ocasião das festas orgiásticas *barebacking*, mas aos LCES de modo geral.

Portanto, retomando os argumentos que vinham sendo construídos acima, pertinentes aos elementos cultuais expressos nos corpos dos sujeitos, o habitus dos clubes de sexo disponibiliza aos seus frequentadores um *hexis corporal* também específico ao que lá é vivido. Ainda mais em se tratando de práticas sexuais não comuns em outros contextos como o sexo *hard*, o *fist fucking*, o *spank*, a chuva dourada, o *barebaking* e até mesmo a "chuca", que não necessariamente é realizada no clube, mas indispensável para a execução das práticas sexuais que tomam lugar nesses espaços. Por essa mesma via, aspectos corporais os quais poderiam ser reveladores de um pertencimento a determinada classe social, assim como outros tipos de pertencimentos, dão lugar, e por isso são obnubilados, ao que é estruturado e performatizado no clube: os contatos são furtivos, os passos lentos, os gestos comedidos, os olhares não são invasivos, mas sinalizam e estão a espreita das possibilidades de interação sexual, a comunicação privilegia outros elementos que não a linguagem verbal e, por fim, a não utilização da camisinha, o que inclui uma série de elementos associados a isto.

Sobremaneira, as práticas sexuais e outros elementos que as constelam passam por um tipo de aprendizagem e re-criação rituais – no sentido da assimilação dos elementos referentes aos *leather* sex *clubs* norte-americanos e europeus, mas em contexto específico – que

ultrapassa a dimensão cognitiva e estrutural. Nesse sentido, embora tomem formas em um campo – para continuar numa linguagem bourdieusiana – que se estruturam na cultura supracitada, elas passam por outros tipos de mecanismos que possibilitam aos sujeitos imprimirem suas marcas peculiares. Mormente, quero chamar a atenção para os processos que se dão a partir do "estar-no-mundo", cujo corpo[82] deixa de ser exclusivamente receptáculo da cultura e passa, a partir da experiência vivida, a constituir-se campo de percepção e de práticas.

Por esse motivo aciono a perspectiva de Thomas Csordas (1994), cujo paradigma do *embodiment* ao romper não só com as dualidades – corpo e mente, cultura e biologia, mental e material, gênero e sexo –, mas também com as hierarquias estabelecidas por elas, possibilita a premissa metodológica de que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura. Em outras palavras, o corpo é a base existencial da cultura. De modo geral, o que Csordas sugere com o "estar-no-mundo" e com o paradigma do *Embodiment* é uma análise que leve em consideração a experiência vivida, apreendida numa perspectiva temporal e historicamente informada.

Por esse viés, rememoro aqui a fala de um dos sujeitos da pesquisa que se remete as formas distintas em que os sujeitos se comportam nas orgias privadas e nas orgias públicas, as que tomam lugar nos clubes de sexo. Isso me remete a tipos de experiências vividas de modos singulares dependendo do contexto, o que sugere processos de corporificação e subjetivação experienciados de formas distintas a partir dos espaços onde as práticas são performadas.

> o que eu acho estranho, porque você pode até encontrar, eu vou dar uma sugestão pra você, avalia numa festa privada, numa festa fechada como é que duas pessoas interagem e depois como é que essas duas mesmas pessoas elas interagem numa festa num clube. A relação é diferente, você vai perceber, é diferente, as mesmas pessoas, elas podem se encontrar no clube, mas a interação delas vai ser diferente. (Miguel 15/03/2017)

---

82 Por essa lógica, remeto-me a afirmação de Barreto (2016) quando coloca que uma pesquisa sobre práticas sexuais coletivas não pode se furtar de uma discussão sobre corporeidade. Assim como ele considero não se tratar de uma obrigação, mas uma necessidade requerida pelo campo, visto que as interações entre os sujeitos são eminentemente corporais. Nesse sentido, aponta a inevitabilidade da discussão passar pelo que Mauss (2003b) cunhou de técnicas do corpo, "as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo (2003b, 401).

5.2 As Orgias do Rei Sol e a Milk – A constituição dos laços nas orgias

Passo a partir de agora a delinear, em comparação, uma série elementos e aspectos observados a partir da minha experiência, também corporificada, nas orgias do Rei Sol e na Milk. Assim como também utilizarei as referências dos sujeitos acerca dessas distinções e suas implicações na produção das relações, ou seja, os laços sociais.

O primeiro aspecto que quero chamar a atenção diz respeito aos sujeitos frequentadores das orgias e ao modo como eles as acessam. No clube de sexo a entrada é permitida aos homens de forma indistinta mediante o pagamento de uma quantia em dinheiro. Dessa formas, embora as trocas sexuais não passem pela mediação monetária, pois não é permitida a presença de michês, os indivíduos que lá estão se constituem clientes e, enquanto tais são consumidores.

Ao contrário dessa primeira relação que se estabelece ao chegar ao clube, nas orgias do Rei Sol os sujeitos que as frequentam são convidados. Nessa perspectiva, possuem outro *status*, e o acesso a elas não se dá de forma indiscriminada, nem mediada pelo dinheiro. Passam por uma espécie de crivo de quem a está organizando.

Para que se compreenda melhor esse aspecto faz necessário resgatar algo que foi dito no segundo capítulo. As orgias *barebacking* do Rei Sol tiveram sua gênese depois da descoberta da sua sorologia positiva. Com as amizades feitas no contexto das orgias formou-se o que ele chama de núcleo duro, um grupo de amigos mais íntimos que as organiza. Portanto, essas orgias não são exclusivamente organizadas pelo próprio Rei Sol, há um revezamento quanto a isso, embora ele seja uma espécie de anfitrião mor e, por isso, sua marca está impressa em todas.

Em entrevista, ao perguntar a Enzo sobre o que possibilita a interação nas orgias ele responde: (…) “a questão do anfitrião, porque de qualquer forma o anfitrião ele vai dar as regras da situação”. Sobre as regras vejamos o que o anfitrião mor fala sobre elas:

> (…) num é assim, você entrou tem que dar e comer pra todo mundo, tem o respeito da sua individualidade, é o seu desejo, num é, isso eu acho que a gente consegue elaborar bem e com isso eu acho que foi esse núcleo duro foi se tornando mais íntimo. Então hoje em dia, sei lá, eles me convidam pros

> seus aniversários, até pra festas de família, dividem comigo angustias e felicidades quando eles tem, num é, de fazer uma viagem ou vem pedir conselho disso e daquilo. Então acho que hoje nós temos uma relação diferenciada desse ponto de vista, porque hoje você veja, tem um monde de lugares que fazem o que eu faço em casa, então as pessoas nem precisariam vir aqui, mas eles vem porque eu acho que tem uma coisa que tá mais do que aquele clube aonde você vai é mais uma carne no supermercado, tá? Tá ali todo mundo pega, todo mundo toca e vai embora e acabou né!? Aqui mal ou bem você consegue conhecer pessoas, dar risada, trocar telefone, num é, e eu só tenho uma regra aqui em casa: a gente tenta manter um ambiente que não interfira na vida dos meus vizinhos, do povo em geral do prédio. Então eu tento manter tudo mais tranquilo possível essa convivência e nada de drogas, pelo menos o que a gente chama de drogas pesadas tá, ou drogas ilícitas. (Rei Sol – 26/11/2015).

Nessa perspectiva, por mais que possa haver uma variação nos tipos dos sujeitos que estarão na ocasião de uma orgia, de acordo com a rede de homens acessada por quem a está organizando[83], há características singulares que passam por alguns aspectos: serem orgias *barebacking*, o que circunscreve as práticas sexuais ao não uso do preservativo e exercitadas, – para usar uma categoria acionada pelos sujeitos –, por homens que vivem com HIV/aids e realizadas dentro de um espaço doméstico pertencente a um dos adeptos da prática. De todo modo, como venho argumentando, há um habitus gay que também acaba chegando até essas orgias, o que pode ser visualizado no tipo de masculinidade requerido e hexis corporais performatizados nas práticas sexuais. No entanto, são passíveis de serem reelaborados e vividos de acordo com o contexto em questão.

Vejamos o que diz os orgiásticos *barebackers* sobre as distinções entre as orgias privadas e as orgias públicas:

---

83 Uma das orgias *barebacking* do Rei Sol que participei foi organizada por Roberto. Na ocasião tinham vários homens que eu já tinha visto numa orgia anterior. No entanto, Roberto teve a liberdade de convidar os seus, inclusive a minha presença foi possibilitada por ele, a revelia dos orgiásticos *barebackeres*. Nessa ocasião ele compartilhou comigo a sua forma de organização das orgias. No caso das orgias *barebackeres* elas seguem os mesmos mecanismos utilizados por ele nas orgias *safe*, descrito nos capítulos II e III. A diferença está em deixar claro para os possíveis participantes, aqueles que ainda não fazem parte da rede, que as práticas sexuais ocorrerão sem camisinha. Não há surpresas nesse sentido. Assim, os aplicativos de paquera são utilizados para os primeiros contatos com os interessados, para num segundo momento, se o interesse for sério, os contatos migrarem para o *whats app*, para os grupos que são criados objetivando uma comunicação coletiva. Por meio do *whats app os* participantes trocam fotografias do corpo inteiro, bunda e pênis. As fotografias do rosto geralmente são trocadas depois do corpo. Os bem-dotados, com os corpos em forma e os bundudos, de modo geral são os privilegiados. Em dezembro de 2018 tive a oportunidade de ver as fotos de rosto dos homens que possivelmente participariam da orgia de natal, organizada por Mateo e pelo Rei Sol. A maioria deles contatados por uma rede já existente, por isso presumo a tranquilidade na troca das fotos de rostos. Eram homens brancos e negros, na faixa etária dos 19 aos 55 anos.

> Eu acho que com o propósito de selecionar os parceiros né!? Que quando você vai num lugar, **você pressupõe que mais ou menos as pessoas vão ser compatíveis com você.** Em nível social, econômico, financeiro, físico, de interesse. Se pressupõe isso, não é!? Acho que as orgias nos espaços privados ganharam força por conta desses princípios, nem porque elas sejam mais interessantes, nem mais porque elas sejam mais voluptuosas, e não são, e não são. (Alejandro – 24/10/2015)

> Então qual é o diferencial, o diferencial é um pouco você **poder escolher a sua tribo, que tem o mesmo desejo que você e somos todos iguais.** Então ali não tem julgamento, enfim, carão[84], então ninguém tá indo lá pra buscar namorado, num é? Quando você vai na sauna normalmente você encontra o cara, olha, transa, você não sabe nem o nome vai embora e pronto. (Rei Sol – 26/11/2015)

De acordo com Alejandro e o Rei Sol, as orgias *barebacking* privadas ganham força pela possibilidade de escolha das pessoas com quem não apenas se quer fazer sexo, mas estar. Os aspectos apontados nas falas exemplificadas é consenso entre os entrevistados. Elas sinalizam para "um algo a mais" do que há nas festas orgiásticas realizadas nos clubes como a Milk e a Cabbaré dos Leiteiros. Estas festas, segundo Alejandro, são mais voluptuosas, no sentido de terem uma maior quantidade de indivíduos e do que isso pode proporcionar em termos de produção do prazer, mas não possibilita aquilo que singulariza as orgias realizadas nos apartamentos, a possibilidade de conhecer pessoas e interagir com elas. E mais, não são quaisquer pessoas. De acordo com os mecanismos de arregimentação e seleção, estas possuem um perfil, cujo requisito principal, inferido a partir da fala dos sujeitos, é "fazer parte da sua tribo". Sendo assim, em se tratando do grupo em questão, os sujeitos chegam até as orgias do Rei Sol por dois mecanismos: levados por quem já é familiar ao grupo ou por meio dos aplicativos de paqueras. É a partir dessa lógica que as relações vão sendo construídas[85]. Como sugere o Rei Sol tudo começa com o sexo, embora possa vir a transformar-se numa outra relação, dependendo da identificação mútua de quem chega ao grupo:

> Num primeiro momento isso vai se dando simplesmente pelo desejo mais cru, do ponto de vista do sexo, como em todas as saunas, como em todos os

84 Expressão êmica que significa fazer pose, atitude blasé. Fazer de conta que não dá atenção na paquera. Botar banca, escolher demais. Desprezo, menosprezo.

85 Ratifico que a afirmação generalizada não exclui a possibilidade de se conhecer alguém ou estabelecer algum tipo de relação mais firme a partir das orgias *barebacking* comerciais. Entretanto, no que se refere ao seu habitus, como vimos, as relações se dão a partir de outros motores e possuem uma dinâmica não muito propícia a isto.

> clubes de pegação. Olhou, tem o mesmo desejo? Você transa! Agora, eu acho que tem um segundo momento que esse grupo vai formando um núcleo duro, que são as pessoas que se identificam com esse grupo, gostam de conviver junto com essa liberdade de você tá numa orgia, num é, se sentem de certa maneira integrados, então, tem sim um sentimento de pertencimento, o que em outras vezes é muito raro de acontecer, quando você vai na sauna normalmente você encontra o cara, olha, transa, você não sabe nem o nome vai embora e pronto. Esse grupo, é claro que tem gente que permanece, tem gente que não permanece. Acho que como todo grupo, você vai, conhece, se você se identifica fica se não, não. (Rei Sol – 26/11/2015)

Em síntese, alguns interlocutores afirmam que as festas de orgias públicas são mais voluptuosas e que as orgias organizadas nos apartamentos têm "um algo a mais". Tais afirmações poderiam ser interpretadas nas orgias do Rei Sol como o arrefecimento do erotismo em virtude de outras tipos de relações. De algum modo as formulações parecem sinalizar para uma verdade, principalmente se o parâmetro que usássemos para isso fosse a lógica comum de valorização de uma orgia, cuja quantidade de pessoas, e a diversidade em virtude disso, garantisse uma maior intensidade na produção do prazer[86]. As orgias nos clubes de sexo parecem funcionar a partir dessa lógica. Na ocasião em que fui a "Cabbaré dos Leiteiros" tinha em média oitenta homens. No entanto, a partir das falas dos próprios sujeitos e da comparação dos dois universos aqui propostos, são passíveis de serem relativizadas:

> Então, amigo, nas festas dos aps a gente sempre conhece melhor as pessoas, bebe algo, conversa, tem uma relação mais íntima e depois as fodas começam… eu acho mais gostoso porque rola sem pressa e os caras te leitam várias vezes. Nos clubes é bem mais frio e mais mecânico, parece que os caras tem pressa de foder porque tem muitos outros para experimentar e com isso não se esforçam tanto pra ter um bom desempenho e também não fazem questão de te dar leite, guardam sempre para o próximo. (Mateo – 12/12/2018)

86 Utilizo-me aqui como exemplo dessa ideia que se tem das orgias a partir do relato de Barreto (2015) sobre quando iniciou as pesquisas sobre as festas de orgias no Rio de Janeiro: As festas de orgia me chamaram a atenção por diversos motivos. Logo de início fiquei muito surpreso pela quantidade de homens que se reuniam nesses espaços para se engajar em uma forma de sexo totalmente avessa aos modelos tidos como padrões e onde o que importava era aquele encontro e a mistura de corpos anônimos e desconhecidos, o puro prazer que o corpo do(s) Outro(s) pode proporcionar ou não. Onde a palavra falada quase desaparece, a linguagem toma outros meios como os toques e os gestos, onde a visão pode ser desprivilegiada pelo tato, e o cheiro e a audição tornam-se mais sensíveis e são estimulados pela multidão de corpos misturados no sexo coletivo. (BARRETO, 2015, p. 33)

Nas palavras do Rei Sol, e são emblemáticas quanto isso, a mola propulsora das orgias nos apartamentos é o desejo, o sexo cru[87], como nas saunas e nos clubes de sexo. A partir daí, e das peculiaridades proporcionadas pela dinâmica das orgias *barebacking* do Rei Sol, as pessoas se conhecem, trocam ideias, informações sobre si e dão início a uma relação que pode ou não ter os seus laços acimentados. No entanto, as relações são sempre mediadas pelo erotismo, pelo que é proporcionado em termos de prazer nas relações sexuais coletivas e pelos laços que são constituídos, se fortalecem e se renovam a partir das práticas sexuais. Destarte, é o erotismo que mantém o grupo vivo, na medida em que é ele o chamariz para os encontros dos que já se conhecem e para os contatos dos que irão ao grupo pela primeira vez. Por essa lógica os pratinhos se constituem elementos responsáveis por reacender o erotismo, no sentido de atualizar o desejo dos que já se conhecem e estabeleceram outros tipos de relações que ultrapassa o sexo cru. No entanto, é importante salientar que existe um outro elemento que antecede o erotismo, o status sorológico.

De modo geral, o que pode ser concluído com essa primeira característica colocada em contraste, é que nas orgias "domésticas", ou privadas, como venho chamando, há uma personificação dos sujeitos. Diferente da Milk, nas orgias do Rei Sol existe a possibilidade de você não só saber o nome das pessoas, mas "um algo a mais" sobre elas. Para isso, outros elementos, como dito no tomo anterior, são gestados e vivenciados de formas peculiares. Vejamos o que Barreto (2016), em seu trabalho "festas de orgias para homens: Territórios de Intensidades e socialidade masculina", conceitua como "o princípio da descrição", que abarca sob essa rubrica alguns elementos também observados na Milk, contrários ao que é vivido nas festas do Rei Sol:

> O que percebo é que há a produção de uma socialidade própria na maneira **como esses corpos interagem nesses espaços**, de uma socialidade baseada na **"erótica do anonimato" e na impessoalidade dos "laços sociais".** As **relações seriam anônimas** e, de preferência, **realizadas no escuro** e **em silêncio.** Daí o discurso de que as coisas ali precisam ser realizadas em **"sigilo"**. Quanto mais "discreto" você for ou quanto mais a promessa de saber guardar as coisas em **"segredo"** ou em **"sigilo**" se performatizar, mais valorizado você é e mais acesso a outros circuitos eróticos com propostas semelhantes poderá conseguir, tanto em espaços comerciais quanto nas festas privadas, as "sociais". (BARRETO, 2016, p. 114 – grifos meus)

87 Sexo pelo sexo, pelo prazer que ele proporciona.

O silêncio parece ser um consenso quando se trata dos clubes de sexo e espaços onde o *cruising* tem lugar. Assim como Barreto (2016), Braz (2010) observa o silêncio e os ambientes à meia luz como característica de todos os clubes de sexo que pesquisou em São Paulo. Nas Catabombs, importante *leather sex club* de São Francisco, Rubin (1999) também afirma que o silêncio era uma característica do lugar, numa *mise-en-scène* quase ritualística. No *upgrade,* na ocasião da Milk, como observaram, também não é diferente.

Para Barreto (2016), no contexto das festas de orgias pesquisadas por ele, o sustentáculo do princípio da descrição, é a "erótica do anonimato", importante elemento norteador da socialidade vivida no âmbito das festas de orgias. A partir dessa referência as relações são anônimas, os encontros sexuais se dão com pessoas estanhas, desconhecidas, indiferentes e sem nenhuma relação de proximidade no sentido do contato com outros círculos sociais. As orgias são realizadas no silêncio ou na ausência de palavras, o ambiente privilegia a penumbra e a escuridão, as conversas e os discursos sobre a vida cotidiana são evitados, nomes e sobrenomes não interessam. Entretanto, embora possa parecer uma contradição por realizarem práticas que seriam do âmbito do privado de forma coletiva, sentem-se protegidos pela sensação de segurança que os locais comerciais criam, "promovendo e compondo, dessa forma, a união de pessoas "anônimas", na base do sigilo e da discrição, para a fruição e experimentação de prazeres e desejos específicos" (BARRETO, 2016. p.128).

Nas orgias *Barebaking* do Rei Sol é possível também perceber uma socialidade própria, mas o princípio da discrição e a "erótica do anonimato" são gestados de formas distintas. Primeiro, a despeito das orgias realizadas nos clubes de sexo que acontecem no período noturno, a meia luz e no silêncio, as orgias aqui tratadas acontecem durante o dia – as fotografias podem, perfeitamente, exemplificar esse aspecto. Elas acontecem também as claras e, embora a linguagem corporal seja significativa, a linguagem verbal não é descartada. Essas características parecem romper com a ideia de anonimato ou com a forma como os orgiásticos *barebackers* lidam com o segredo.

Nesse sentido, ao contrário do que Barreto sugere com a "erótica do anonimato", "a possibilidade e a confiança na impessoalidade da relação; da possibilidade de interagir sexualmente com um outro que é desconhecido e que precisa continuar sendo para que o jogo

mantenha a sua atratividade" (BARRETO, 2016, p. 138), nas orgias do Rei Sol elas se dão de forma inversa. Acontece sob a luz do dia, contrário a penumbra e a escuridão, o que permite as pessoas se olharem mais detalhadamente. Sobremaneira, há a possibilidade de se visualizar elementos corporais que na penumbra e escuridão dos clubes não há. A exemplo disso posso citar o fitar dos olhos, a cor e textura da pele, a idade, o rosto por completo e de forma nítida, dentre outros elementos que podem ser camuflados, que voltarei a falar logo abaixo.

Ademais, as orgias *barebacking* em pauta são realizadas no período diurno, o que também pode destituí-las dos atributos simbólicos das atividades propícias a serem realizadas no período noturno, ligadas à escuridão, ao indizível, ao proibido, aquilo que necessita permanecer nas sombras, numa dicotomia valorativa que, supostamente, as colocariam nesse lugar por compreendê-las como destituídas de luz, da ordem da transgressão e do pecado.

O silêncio, por sua vez, é rompido. A "caça" é anterior ao local onde as orgias são realizadas. Se dá na organização, quando os convites são feitos, pois as pessoas chegam até o apartamento principalmente mediante uma rede já constituída, mas que aumenta e se renova a cada encontro: O Rei sol convida o João, que por sua vez lhe é permitido levar o Rafael que ele conheceu em outro contexto. O Rafael conhecerá o Mateo e possivelmente eles ficarão amigos. Na próxima orgia é possível que o Rafael seja convidado e, se tiver seguido as regras básicas da orgia, o que significa o não uso de drogas ilícitas e tiver uma performance sexual condizente com o que é requerido para uma orgia, talvez lhe seja permitido ou mesmo solicitado levar um convidado. Quando a mediação se dá pelos aplicativos de paqueras ou sites da internet como o https://www.barebackrt.com/default.php, o *cruising* é virtual, o sujeito organizador anuncia a orgia ou por meio do seu perfil individual vai interagindo com os avatares interessados nas práticas sexuais coletivas *barebacking*.

Nesse sentido não há o *cruising* dos clubes de sexo, o que em consequência faz com que as atitudes de uns diante dos outros mude. Muitos já se conhecem, o que faz com o clima logo de início seja amistoso. Assim, não há passos lentos, os olhares são educados, mas fitam diretamente um ao outro. A comunicação e as trocas também passam por uma linguagem corporal – o *Embodiment.* No entanto, além dos olhares, os orgiásticos também partilham seus nomes, dando passagem às palavras, o que em consequência também dá passagem para a construção de uma relação que é possível de se estender para além da busca instantânea do

prazer. Isto posto, diferente da impessoalidade e discrição, característica da festa etnografada *upgrade* e dos contextos apontados pelos autores com quem venho dialogando, marcados, como sugere Barreto, pelo elemento fulcral das festas de orgia, a "erótica do anonimato", nas Orgias do Rei Sol, como podem ver, isso é vivido de forma distinta.

Como consequência das peculiaridades mencionadas e dos laços constituídos e vividos a partir de então como uma amizade sexuada, outras dimensões também podem ser vividas de formas distintas. Sobre esse aspecto me remeto ao que Braz (2010) postula sobre a masculinidade performada nos clubes de sexo. Como colocado no tomo anterior há a valorização de uma hiper masculinidade inspirada numa cultura sexual gay cujas referências se conectam a estereótipos de virilidade, como por exemplo, bombeiros, encanadores, marinheiros etc. De acordo com o autor essa masculinidade, longe de se constituir uma essência, é performatizada primordialmente nas áreas do *cruinsing*. No entanto, no bar, há um relaxamento desse controle que passa pelo corpo, cujo objetivo seria arrefecer os excessos, compreendido no contexto como efeminação. Ou seja, o gênero passaria por um controle dos corpos.

Antes de mencionar como esse aspecto é vivido nas orgias do Rei Sol, narro um episódio acontecido na ocasião em que fui a festa Cabbaré dos Leiteiro[88] Um fragmento do meu diário de campo na íntegra:

> Eu já havia feito o meu *cruising* etnográfico, observado as salas, os labirintos. Diferente da Milk, em que a estética do clube contribuía para o clima de suspense e mistério, de que algo poderia acontecer a qualquer momento, o que imagino causar em todos que não são habitués um *frisson*, a Cabbaré, que é uma festa itinerante, foi realizada em um prédio velho, situado no Largo do Arouche. Era perceptível que as instalações tinham sido improvisadas. Não havia um vestiário, o banheiro era muito sujo, as instalações precárias. No entanto, em se tratando da cereja do bolo, o sexo, como eu já ouvi chamar nesse contexto, era cru. Não haviam outros atrativos, *slings*, mezanino, eram os homens, muitos homens, uma média de oitenta a cem ao longo da noite, e o sexo cru. (…) No bar, na companhia do Mateo, que encontrei por acaso, vi um orgiástico *barebacking* que destoava muito do perfil dos outros homens que lá estavam. Ele aparentava mais velho, numa faixa etária acima dos sessenta anos, não consigo precisar. Ele sentou, tirou sua roupa com parcimônia. Era alto, pernas longas, calçava botas de couro cano curto, aparentemente baratas. Não gordo, mas

88 A Milk e a Cabbaré dos leiteiros por um período de tempo se unificaram e eram realizadas ao mesmo tempo, dividindo o mesmo espaço, no *upgrade*. Atualmente ela também é realizada no *upgrade*, mas em dias diferentes.

> corpulento. Seu dorso inclinado um pouco para frente, cabelos pretos, lisos e um pouco grandes, tetas caídas. Aquela imagem reteve a minha atenção. Ela não tinha os atributos valorados nos clubes de sexo, ou pra ser mais preciso, nos espaços propícios à caça. Por causa disso, resolvi segui-lo. Queria perceber como os outros orgiásticos reagiriam ao seu corpo velho e não condizente a performance requerida: seu corpo esbanjava em excessos, no sentido dado por Braz na sua etnografia dos clubes de sexo paulistanos, era efeminado. Discretamente o segui por todos os cômodos e labirintos. Até chegar ao cômodo onde situava-se uma cama muito grande ninguém havia se aproximado ou sinalizado interagir sexualmente com ele. Mesmo na penumbra. Ao chegar no cômodo onde tinha uma grande cama, repleta de orgiásticos em interação sexual, ele aproximou-se, deitou o seu dorso sobre a cama e colocou, em meio aos outros, as suas nádegas a disposição. De pronto ele foi penetrado. Não demorou, voltou ao mesmo lugar de partida e, com o mesmo ritmo dantes colocou as suas roupas e, imagino, satisfeito foi embora.

Nas orgias *barebacking* do Rei sol a socialidade orgiástica vivida não possibilitaria esse tipo de articulação, não seria possível burlar a regra. Se é que podemos pensar no caso acima descrito como um escamotear das normas do local. Talvez essas fissuras façam parte da dinâmica se analisarmos a partir da ideia da despersonalização, de perder a individualidade e na instância da intensidade do prazer se perder, fazer parte do todo. De todo modo, a cena descrita me fez colocar em contraste outras cenas observadas nas orgias *barebacking* do Rei Sol. Por mais de uma vez vi dois homens passivos se beijando, se acariciando e sendo penetrados por outros dois homens ativos. A primeira vez que fui ao apartamento onde as orgias são realizadas, ao atravessar o biombo avistei um homem negro, corpulento, sentado em um sofá, com suas as duas pernas dobradas para o lado, vestindo um short curto colado ao corpo e uma camiseta com listas brancas e vermelhas, também colada ao corpo. Sua primeira imagem não condisse em nada com a virilidade em que minutos depois estava exercendo a posição de ativo nas práticas sexuais.

Para pensar retomo as categorias que são redimensionadas a partir da experiência dos orgiásticos *barebackers* positivos. Não é somente a luz do dia que possibilita outros elementos serem desvelados. O romper do silêncio, como posto, dá passagem ao verbo, que por sua vez permite aos sujeitos trocarem ideias e, a partir do vivido, as relações serem personificadas. Assim, os laços, que tiveram início no sexo cru são passíveis serem fortalecidos e a amizade sexuada é viabilizada. Vale mencionar que a amizade também é um fator de desnudamento.

Com o passar do tempo as histórias de vida vão sendo partilhadas, os dramas contatos, o controle dos corpos, no sentido dado por Braz, se arrefece e as pessoas vão ficando a vontade umas com as outras. É isso que permite, a despeito dos lugares comerciais, os dois passivos se enamorarem, o ativo ser efeminado, o homem mais velho ser desejado e o mais importante diante do contexto, os homens que vivem com HIV/aids terem a possibilidade de se relacionarem livremente, sem a segregação e o preconceito que lhes são rogados até mesmo dentro da comunidade gay.

Numa pequena entrevista em que Michel Foucault (1981) fala sobre a amizade como modo de vida, reportando-se a possível relação estabelecida entre dois homens notadamente de idades distintas, em comparação com a relação entre um homem e uma mulher mais jovem, ele responde:

> Entre um homem e uma mulher mais jovem, a instituição facilita as diferenças de idade, as aceita e as faz funcionar. Dois homens de idades notavelmente diferentes, que código terão para se comunicar? Estão um em frente ao outro sem armas, sem palavras convencionais, sem nada que os tranquilize sobre o sentido do movimento que os leva um para o outro. Terão que inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer. (FOUCAULT, 1981, p. 02)

Adaptando a formulação de Foucault para o contexto investigado, no que se refere mais especificamente aos códigos, ela pode ser potente para pensar principalmente nos deslocamentos corporais e nas novas ordens de subjetivação pelas quais passam os sujeitos orgiásticos *barebackers* soropositivos. De acordo com Pelizzaro (2015) o conceito de amizade poderia parecer de pouca relevância na obra do autor supracitado. No entanto, do seu ponto de vista considera um conceito essencial, "na medida em que a amizade é uma espécie de vórtice, em torno do qual, novos modos de vida podem ser gerados (PELIZZARO, 2015, p. 114). Nesse sentido, na medida em que é na orgia *barebacking* que a amizade é forjada, é na orgia *barebacking* que o novo mundo é criado.

6 A criação do novo mundo a partir das orgias *barebacking* do Rei Sol

> Doente, a gente fica. Morrer, toda a gente vai. No entanto, quando se tem AIDS, dizem más e poderosas línguas que a gente é "aidético" e, para fins práticos, carrega um óbito provisório, até definitivo passamento que logo virá. Eu, por mim, descobri que não sou "aidético". **Continuo sendo eu mesmo.** Estou com AIDS. Uma doença como outras doenças, coberta de tabus e preconceitos. **Quanto a morrer, não morri**: sei que AIDS pode matar, mas sei melhor que os preconceitos e a discriminação são muito mais mortíferos. (DANIEL, 1989, p. 39).
>
> Quando adoeci, com uma infecção típica da Aids, percebi que a primeira pergunta a ser respondida é se há vida, e qual, antes da morte. (DANIEL, 1989, p. 6).

Os trechos acima, escritos por Herbet Daniel (1989), figura emblemática do ativismo brasileiro no combate a aids, nas décadas de 1980 e início dos anos de 1990, condensa duas visões e atitudes as quais parecem permear **a experiência** coletiva e individual diante da epidemia da aids: A primeira, a qual quero destacar, refere-se ao que ficou conhecido como terceira epidemia ou vírus ideológico, repercussão social de medo e ignorância diante da aids, considerada por Daniel e Parker (1991) como de "consequências mais funestas do que a epidemia provocada pelo vírus biológico chamado HIV[89]" (DANIEL e PARKER, 1991, p. 09). A segunda, em contraposição à primeira, um tipo de visão positiva e combativa que se tornou alicerce da construção das políticas sociais de prevenção ao HIV/aids.

Concernente a primeira, tais visões e atitudes estavam assinaladas, e ainda estão, pelo estigma advindos das representações de uma doença de fim de século, de caráter epidêmico, infectocontagiosa, perpassada pelo fim iminente, pelo pecado e pela culpa, tendo como uma

89 No primeiro capítulo do livro "AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas", intitulado "A terceira epidemia: O exercício da solidariedade", Herbert Daniel e Richard Parker iniciam o texto tratando da complexidade da epidemia da aids. Os autores ressaltam que "segundo o dr. Jonathan Mann, da organização mundial de saúde, podemos indicar pelo menos três fases de epidemia de AIDS numa dada comunidade; três fase que são entre si, de fato, tão distintas que poderiam ser descritas como três diferentes epidemias. A primeira é a infecção pelo HIV que silentemente penetra na comunidade e passa muitas vezes despercebida. A segunda epidemia, que ocorre alguns anos depois da primeira , é a epidemia da própria AIDS: a síndrome de doenças infecciosas que se instalam em decorrência da imunodeficiência provocada pela infecção pelo HIV. Finalmente a terceira (talvez, potencialmente, a mais explosiva) epidemia de reações sociais, culturais, econômicas e políticas à AIDS, reações que, nas palavras do dr. Mann, são "tão fundamentais para o desafio global da AIDS quanto a própria doença" (DANIEL e PARKER, 1991, p. 13)

de suas principais vias de transmissão as relações sexuais. Para agravar o quadro, a incidência da doença em grupos marginalizados, como por exemplo, homossexuais, usuários de drogas injetáveis, travestis, michês e prostitutas, imprimiu na doença a pecha de "peste anunciada"(CARRARA e MORAES, 1985). Dentre os grupos marginalizados citados, os mais vulneráveis destes, a partir da perspectiva de como as autoridades de saúde púbica construíram a aids, como sexualmente transmissível[90], foram os homens cis gêneros homossexuais e bissexuais[91]. Destarte, caracterizados genericamente por uma conduta sexual promíscua, a doença foi associada aos estigmas ligados à própria homossexualidade.

Não obstante, como salientam Daniel e Parker (1991), outro conjunto de imagens não objetivamente ligadas aos doentes, mas a doença em si, foi propagada pelos jornais diários, quais sejam: sua natureza contagiosa, sua aparente incurabilidade e seu desfecho inevitavelmente fatal. Essas características associadas "a observada marginalidade de suas vítimas" constituíram uma definição básica do que seria a AIDS, o que em consequência descambou no desrespeito de direitos humanos básicos (DANIEL e PARKER, 1991, p. 19). Mais especificamente, no que se refere à associação entre a doença e a homossexualidade, Valle (2002) salienta que a mídia teve um papel fundamental:

> No início dos anos 80, a AIDS foi vista em termos de identidade sexual pela imprensa e por boa parte de seu público, geralmente manifestando idéias e atitudes negativas sobre a homossexualidade masculina, sendo definida como a *doença gay*. […] Era na chamada c*omunidade gay* que a AIDS avançava de forma mais intensa, especialmente pelo predomínio da *promiscuidade*, a categoria cultural explicativa mais central na época. Concepções de lugar, de identidade sexual e de diferença de classe constituíram bem cedo a representação da AIDS. Em resumo, a imprensa teve o papel fundamental de criar uma *genesis* homossexual para a epidemia (VALLE, 2002, p. 184).

90 Sobre este aspecto e sobre o dispositivo da aids ver Pelúcio e Miskolci (2009).

91 De acordo com Parker (1991) mais de 10.000 casos de AIDS e 5.000 mortes já tinham sido relatadas ao ministério da saúde no final da década de 1980. Desse montante, 70% dos casos haviam sido transmitidos via contato sexual. 40% deles entre indivíduos classificados como homossexuais, 20% classificados como bissexuais. O autor faz uma ressalva quanto à complexidade acerca da distinção destas duas categorias, mas ratifica que as interações de indivíduos do mesmo sexo são responsáveis por 60% dos casos de AIDS notificados.

Em outras palavras, a imprensa, primeiro meio de contato que a população brasileira teve com a epidemia, disseminou imagens estereotipadas e por vezes equivocada acerca da doença. Embora não se negue os altos índices de infecção observados estatisticamente na comunidade gay, a associação necessária entre a homossexualidade e a aids, aos moldes de um silogismo, já foi severamente criticada por estudiosos. Herbert e Parker (1991), por exemplo, ressaltam que no início da epidemia eles insistiram na dissolução da ideia de que a aids era uma doença de homossexuais. Por conseguinte, salientam que ainda nos anos 80, "apesar dos contatos homossexuais continuarem a contribuir com o maior número de casos notificados, eles, no entanto, constituíam menos da metade dos casos notificados no total" (DANIEL e PARKER, 1991, p. 18).

Nesse mesmo caminho, para o que aqui se pretende, a categoria aidético não pode deixar de ser mencionada. Condensando as representações negativas da doença e dos doentes, associando-as à homossexualidade, como já descrito acima, a representação genérica do aidético foi constituída a partir da cadaverização e da terminalidade, ou seja, pela decrepitude corpórea, cuja morte, como coloca Daniel (1989) na primeira epígrafe citada, já fora anunciada.

Refletindo sobre o lugar do impacto real da imprensa na constituição social de identidades, em virtude da veiculação de categorias clínicas, como por exemplo, vítima, paciente e portador de aids, até o ano de 1987, e aidético a partir deste mesmo ano, Valle (2002) diz ser difícil dar uma resposta precisa. Para o autor, embora as categorias supracitadas tenham sido veiculadas pela imprensa, elas não se originaram exclusivamente neste meio. Esta assertiva é exemplificada através da categoria soropositivo, que, muito utilizada pelas ONGs, demonstra a compreensão sutil e complexa acerca das imagens e significados do soropositivo pelos agentes, e por outros atores sociais que circulavam nestas organizações, em comparação às veiculadas pela imprensa. Sugere que, apesar da força simbólica da imprensa na produção cultural, em se tratando de um país como o Brasil, as categorias utilizadas eram parcialmente efetivas. Todavia, no que se refere à circulação da identidade do aidético, culturalmente construído no Brasil, seu efeito era especialmente visível (Valle, 2002). Vejamos, mais objetivamente, o que o autor nos diz sobre as representações culturais do aidético:

> A representação cultural do aidético foi crucial para definir e caracterizar a identidade social da pessoa soropositiva. De um lado, essencialmente genérica; por outro, **a categoria implicava a objetividade e a violência simbólica dos significados culturais de doença e morte, compreendidos num modo bastante negativo e associado com devastação corporal e uma finitude não desejada. Finalmente, o aidético era aquele que tinha passado sobretudo por uma trajetória moralmente condenada**. **Cabe lembrar os significados associados aos grupos de risco e a idéia central de promiscuidade** (VALLE, 2002, p. 185, Grifo meu).

No que se refere mais especificamente à associação entre a homossexualidade e a aids, Valle (2002) destaca que as significações do termo aidético estavam relacionadas aos preconceitos pertinentes à homossexualidade. Ressalta que a associação simbólica entre aids e homossexualidade era vivenciada de forma diferente por homens gays e homens de identidade heterossexual. Nesse sentido, "se um homem gay era estigmatizado por ser *homossexual*, a AIDS podia constituir outro nível de estigmatização, mas não representava algo essencialmente novo (VALLE, 2002, p. 199).

Somente no início da década de 1990, a partir de uma maior incidência de casos em hemofílicos, mulheres e crianças, a imprensa passou a relativizar a imagem gay da aids. Isso em decorrência da assimilação de discursos e categorias científicas, depois de sabido o seu caráter viral. Mesmo assim, categorias como "grupo de risco" – advinda da epidemiologia –, crucial para relacionar a epidemia com um ou outro grupo, foi absorvida e naturalizada de modo indiscriminado pela imprensa, constituindo-se elementar para que os homossexuais fossem classificados como os de mais alto risco. Em consequência, fazendo com que os não identificados com os grupos de risco se sentissem imunes à infecção (VALLE, 2002).

O segundo aspecto, condensado nas epígrafes supracitadas, em se tratando de homens gays infectados pelos vírus HIV, refere-se, como já foi dito acima, a um determinado tipo de visão e atitudes positivas, diante de si e do mundo, as quais forjaram o que ficou conhecido como "resposta brasileira a epidemia da aids". Tais visões e atitudes se contrapuseram às ideias propaladas pela terceira epidemia.

De acordo com Fabio Grotz e Richard Parker,

> Já nos anos 1980, o sociólogo Herbert Daniel dizia que o vírus ideológico é muito mais difícil de enfrentar que o vírus biológico. Ele fazia, portanto, um apelo para que **o combate à epidemia fosse estruturado a partir dos princípios de solidariedade, acolhimento e inclusão.** Estas premissas estão na base da resposta brasileira inicial à epidemia, desde muito cedo ancorada no paradigma dos direitos humanos e aberta à participação da sociedade civil na construção das políticas de prevenção do HIV e da AIDS. Esta orientação forjou vínculos virtuosos entre gestores e movimentos sociais que permitiram construir uma resposta à epidemia pensada em termos de determinantes sociais e caracterizada por relações complexas de cooperação e conflito entre Estado e sociedade civil. (GROTZ e PARKER, 2015, p. 19, grifo meu)

Nesse sentido, embora "a resposta brasileira à epidemia da aids" tenha sido forjada tendo os parâmetros supracitados como norteadores das políticas de prevenção ao HIV/ aids, ainda hoje, período em que adentramos a quarta década da epidemia, e do combate a ela, muitas das representações negativas e equivocadas ligadas à interconexão da aids e a homossexualidade, construídas no início da epidemia, teimam por perdurar. Como exemplo disto pode ser citada a matéria do clube do carimbo, televisionada pela emissora de TV brasileira de maior audiência, como citada em capítulo anterior.

Ao traçar esse panorama, acentuando dois aspectos relativos ao contexto da história da epidemia do HIV e da aids no Brasil, objetivo pensar no reflexo dessa construção ambivalente nas práticas sexuais e cotidianas dos homens que vivem com HIV/aids, adeptos das orgias *barebacking do* Rei sol.

A experiência de se descobrir infectado pelo vírus HIV é disruptiva. Ela quebra com uma linearidade projetada – consciente ou inconsciente –, e requer, em função do que é vivido fisicamente e das representações sociais que foram construídas acerca da doença, uma reorganização da vida que passa por uma nova gestão do corpo e das emoções. Como aponta Pelúcio (2007), alguns sujeitos, os quais se engajaram na luta política e social contra a epidemia do HIV/aids, encontraram nas ONGs/AIDS locus para a construção de uma nova imagem de si, ou seja, para a construção da pessoa soropositiva. Valle (2010), por sua vez, ao discutir "os efeitos sociais da biomedicina como saber e uma cultura global sobre práticas sociais locais", por meio de uma etnografia no "mundo social da aids" do Rio de Janeiro, investe nos saberes e técnicas biomédicas acentuando os impactos que estas causam na vida

cotidiana de quem se descobre soropositivo. De acordo com o referido autor, após o início do tratamento de controle do HIV/aids e prevenção de doenças oportunistas, a ingestão de medicamentos, a manutenção da rotina regular dos exames laboratoriais levam a "um processo de mudança e gestão da vida cotidiana", a qual reverbera na "reorganização intensiva nas formas de cuidados com o corpo, acarretando o controle acentuado do tempo e da vida" (VALLE, 2010, p. 33).

Essa nova gestão pressupõe um processo de reaprendizagem da vida sob novas condições. Em se tratando da abordagem elaborada pelo autor supracitado, a cultura da biomedicina e do HIV/Aids, compreendida como global a partir do sentido de "comunidade imaginada" de Anderson (1991), estendida para além das fronteiras nacionais, é "reproduzida como uma verdadeira tradição de conhecimento através de materiais impressos e textos informativos publicados por muitas agências governamentais e ONGs. Seriam boletins, *folders*, manuais, revistas voltadas a públicos variados, mas cujo elemento comum seria a epidemia do HIV/Aids" (VALLE, 2010, p. 33-34). Estas produções teriam como objetivo disponibilizar/partilhar saberes técnico-especializados, cujo conteúdo, sobre aflições e estados corporais, cumpriria função prática na vida das pessoas ao serem incorporados. Nesse sentido, como ressalta o autor,

> os textos e publicações seriam importantes para a produção de uma reflexividade soropositiva através dos depoimentos e testemunhos de pessoas infectadas que conseguiram produzir uma virada de re-estruturação subjetiva. Verdadeiras narrativas autoreflexivas e autobiográficas, esses textos iriam pouco a pouco conformar uma literatura específica, não exatamente de 'auto-ajuda', mas destinada a reconstruir sujeitos em situações de crise, cuja materialidade iria se apresentar pelo próprio corpo doente. (VALLE, 2010, p. 35)

Diferente das abordagens supracitados, mas sem me distanciar das suas perspectivas, nem desconsiderar o que revelam sobre as experiências de subjetivação dos interlocutores de suas pesquisas, o processo de subjetivação, pensado aqui por meio dos deslocamentos corporais e subjetivos, não se coaduna a uma ordem biomédica ou aos discursos políticos das ONGs/AIDS, que também, de alguma forma, segue os padrões biomédicos. Nesse sentido, se contrapõe ou reelabora os discursos preventivos, que de acordo com Pelúcio & Miskolci

(2009) não se restringem exclusivamente à prevenção da aids, mas, constitui-se, antes, em normas, parâmetros e diretrizes que atravessam a visão médica e norteiam o comportamento dos sujeitos para evitar agravos à saúde.

É nesse ponto que retorno aos aspectos ambivalentes da história da epidemia do HIV/aids no Brasil. Os parâmetros que nortearam a construção das políticas de prevenção possibilitaram aos sujeitos que vivem com HIV/aids se visualizarem por outras vias que não a do vírus ideológico. De acordo com os dados etnográficos, essa via oportunizou que os orgiásticos *barebackers* aqui pesquisados reelaborassem os discursos estigmatizadores, inclusive o biomédico, e construíssem uma nova via possível, também pautadas nos ideais de solidariedade, acolhimento e inclusão. Esse aspecto pode ser confirmado a partir das falas dos sujeitos quando colocam que as relações construídas nas orgias não estão circunscritas à experiência sexual, como veremos mais abaixo. De todo modo, ratifico, a própria experiência sexual, na perspectiva que se apresenta como alternativa viável ao exercício da sexualidade daqueles que teoricamente estariam inaptos a exercê-las, por si está dentro da lógica da solidariedade, do acolhimento e da inclusão. Esta via, diferente dos aspectos supracitados, está pautada nas experiências cotidianas, proporcionadas principalmente pela busca de experiências afetivo-sexuais entre iguais, o que por sua vez deu vazão as experiências orgiásticas.

Por essa chave, é necessário que se ratifique, de modo geral há um fortalecimento da soropositividade enquanto categoria, mas os indivíduos que se descobrem vivendo com HIV/aids parecem continuar passando pelas experiências disruptivas de sempre. Isso pode ser constatado a partir das experiências dos meus interlocutores, com exceção de Gabriel – um dos mais jovens, na época da pesquisa de campo tinha 28 anos, o que me pareceu uma reação mais de acordo com sua personalidade do que uma questão geracional –, todos relataram suas experiências de descoberta da sorologia positiva como um evento crítico[92] (DAS, 1996), de grande impacto nas emoções, quando não, ligados a morte:

92 Assim como Valle (2017) no meu contexto etnográfico a experiência de descoberta da sorologia positiva também poder ser pensada "Como um evento crítico (DAS, 1996), a testagem anti-HIV suscitava a ruptura de expectativas e de trajetórias, quando o próprio mundo que define a experiência da vida considerada saudável era desfeito. As expectativas de vida seriam ameaçadas e se fragmentavam quando as "explicações convencionais parecem inadequadas" (STRAUSS, 1999: 55).A experiência da doença coloca em aberto um conjunto de certezas e expectativas" (VALLE, 2017, p. 85).

> acho que até hoje passado treze anos, na minha concepção, eu posso tá equivocado, quem recebe um diagnóstico de, de ser soropositivo hoje deve ser muito ruim. Eu sei que na minha época era horroroso, eu achei que ia morrer no dia seguinte, depois achei que eu ia morrer depois de uma semana, depois eu achei que ia morrer depois de um mês. (Alejandro – 24/10/2015)

Essas experiências narradas, embora pareçam ser amenizadas quando levamos em consideração o contexto em que me expressam suas histórias: temporalmente distantes do momento de descoberta da infecção, depois de terem passado por um processo de subjetivação, o que inclui a socialidade e os laços forjados nas orgias e a partir delas, parecem ainda estar atravessadas pelo "vírus ideológico". Em adição aos aspectos pontuados, por mais que consideremos o contexto atual, referente mais especificamente ao desenvolvimento dos medicamentos antirretrovirais, o que fez com que a aids fosse considerada uma doença crônica, o suposto impacto tanto na saúde dos indivíduos como numa maior possibilidade de controle da epidemia, em função dos sujeitos tornarem-se indetectáveis e, por isso, não infectarem outras pessoas, assim como pelo surgimento das profilaxias pré e pós exposição, ainda assim, os interlocutores desta pesquisa, quase na sua maioria ainda mantém o seu status sorológico no segredo[93]. As falas de Pedro[94] e Pablo são exemplos significativos quanto a isso:

> Meus pais já são de idade, então acho que não é necessário eles ficarem mais nervosos. Agora porque como são cearenses eles são muito cabeça dura, capaz de me mandarem pra fora de casa. Minha irmã se separou recentemente e eles quase tiveram um ataque os dois. Ficaram muito chateados. Eles são muito sensíveis, a família tradicional deles, são religiosos. (Pedro 15/03/2017)

> Tem a parte inicial que é o impacto. É você descobrir que de fato vai viver com isso. É aterrador, é a coisa mais aterradora que eu já senti na vida, porque apesar de todo o acesso a informação que você tem, saber que ninguém mais morre por causa disse, que se trata, que blá blá blá, apesar de tudo isso a carga moral é fortíssima e é uma coisa de dimensão enorme, que você vai viver pelo resto da vida. Sei lá, uma pessoa com diabetes tem um acompanhamento diário mais invasivo, só que é uma coisa que a pessoa desenvolve, tem o jogo da culpa também, eu fiz algo que me levou a isso, eu fiz uma decisão ruim que me fodeu, é mais ou menos o que passa na sua

93 De todos os sujeitos com os quais eu conversei durante a pesquisa de campo o único que mantém a sua sorologia positiva pública está envolvido com questões ativistas e mercadológicas.

94 Esse aspecto foi abordado na sua biografia.

> cabeça e é completamente aterrador. Você se sente desesperado, eu me senti muito sem saída. Eu me lembro que a respiração tava difícil, uma sensação de desespero, um gelo por dentro que não tinha escapatória, eu tinha que me resignar de qualquer jeito, não tinha escapatória (…) chorava de desespero, sentindo pena de mim mesmo porque não tinha solução. Eu pensava, pensava não tinha solução e aí dá todo tipo de pânico possível: e se eu já tiver muito mal? E se eu começar a tomar o remédio e não surtir efeito? E se o remédio começar a ter efeito colateral? E se eu passar para alguém, **e se minha família descobrir.** (…) **Eu confesso que desenvolvi uma certa paranóia sobre isso. Se um dia alguém da minha família sofrer um acidente, precisar de sangue ou de um órgão e eu for o único compatível?** Pelo menos pra mim eu cheguei em pensamentos desse tipo e aí eu fui desenvolvendo uma espécie de nojo sobre mim, eu pensava sobre isso e me dava um embrulho, mas eu acho que é só pânico, que no começo vinha e voltava e ai você se resigna e começa a lidar com isso. E parece que tem sempre um elefante no armário, por exemplo, conhecer pessoas, mesmo na época que eu tava namorando, era estranho, afetou muito a minha vida sexual durante, afetou muito (Pablo – 22/01/2016).

Esta categoria é central no ethos construído em torno das orgias *barebacking* do Rei Sol. O segredo partilhado, atravessado por outras categorias como pontuadas nos capítulos passados fabricam o tipo de relação que é vivida entre os sujeitos orgiásticos *barebackers* no âmbito das orgias e também fora delas. Passemos agora a compreensão de como essas categorias são colocadas em movimento e se articulam dando origem a uma socialidade soropositiva e a partir daí criando os novos laços.

6.1 Ethos orgiástico *barebacking* – As orgias do "Rei Sol"

Como postulado no segundo capítulo, essa tese não tinha como objeto central as orgias *barebacking*. A partir da primeira formatação do projeto eu havia vislumbrado a possibilidade de observá-las, mas não tinha ideia de como elas se configuravam, nem se conseguiria adentrá-las. Digo isso tendo em vista as práticas sexuais serem vividas no âmbito do segredo e, principalmente, ter considerado quais seriam as contrapartidas requeridas. Na internet, as fotografias e os filmes caseiros não são tão disseminados quanto as orgias safe. Nada é revelado quanto as suas dinâmicas e sobre as pessoas que estão nas cenas e, principalmente, nada se fala acerca da soropositividade dos seus praticantes.

Grande foi a minha surpresa[95] ao chegar em São Paulo e me deparar com uma ampla rede constituída por homens vivendo com HIV/aids adeptos das práticas sexuais coletivas sem o uso do preservativo. Uma rede que não está circunscrita à Cidade de São Paulo[96], mas atravessa todo o Brasil. Prova disso são os diversos grupos de *whatsapp* existentes em todas regiões e capitais Brasileiras[97].

Intrigado com a pouca produção acadêmica sobre o *barebacking*, principalmente no que se refere às pesquisas etnográficas[98], encarei o desafio e segui as pistas e as oportunidades que o campo havia me disponibilizado. Por meio de um dos participantes dessa rede, como colocado nos primeiros capítulos, cheguei as orgias do "Rei Sol". Se minha ansiedade e curiosidade estavam aguçadas com a possibilidade de adentrar as *orgias barebacking*, fiquei mais ainda quando o meu acesso foi permitido.

Nesse momento da pesquisa o Rei Sol ainda não sabia que eu não era um *barebacker* e, embora já soubesse da pesquisa e houvesse se disponibilizado a ajudar, eu tinha chegado até ele pela rede, por esse motivo talvez tenha aventado a possibilidade de eu ser um "pratinho", o que era muito natural, faz parte da lógica das relações estabelecidas através dela. Por isso, não descarto essa possibilidade.

De todo modo, o Rei Sol é um homem inteligente, o que me faz pensar ele ter entendido a importância de contribuir com uma pesquisa que de alguma forma poderia destituir o *barebacking*, e os seus praticantes, das ideias vislumbradas por quem não observa as práticas a partir da perspectiva de dentro e não compreende a sua lógica. Nas nossas conversas concernentes a prática das orgias *Barebacking* as suas falas iam sempre na direção

95 Remeto-me aqui não a uma surpresa assustadora, mas no sentido do espanto heideggeriano, utilizado por Cardoso de Oliveira (2003) para dar sentido a um tipo de postura epistemológica da antropologia diante dos seus objetos de investigação. O espanto diante do outro, do novo, a alteridade.

96 Como sugeriu um dos meus interlocutores, São Paulo é a meca do sexo, fazendo referência a receber gente de todos os lugares atrás dos divertimentos sexuais. Portanto, a dinâmica parece ser maior e mais complexa.

97 BB SP, Playlistb@are.Sp, *Bareback* SP, BB GO, BAREBACK#1, BAREBACK#2, BARE-Nordeste, #BBSUL, *Barebackers* vitaminados…, Troca de vitamina, Leitadores ou depósitos, #BB CEARÁ, #BB PIAUÍ, Bareback Rio, BB RJ, NIT, SG E Região, #BB DF.

98 Com exceção da pesquisa de Luís Augusto Vasconcelos Silva junto aos praticantes do *barebacking*, mas realizado na web, as referências são escassas.

de destituí-las do seu caráter desordenado, praticado por pessoas irresponsáveis, por aqueles que estavam brincando com a vida. Pelo contrário, as práticas "exercitadas" eram atreladas à sexualidade, algo necessário de ser vivido, uma dimensão da existência que não pode ser negligenciado, faz parte da saúde dos indivíduos.

Como isso, como venho fazendo ao longo da tese, explicitando minha experiência junto aos sujeitos orgiásticos como estratégia de exemplificar como se dão os processos, quero sinalizar para a gestão do segredo e a um tipo de pacto tácito existente entre os iguais. Assim, quando eu chego às orgias do Rei Sol de alguma forma eu já pertenço a rede e minha presença é afiançada, assim como a de todos os outros, pelo referido pacto. Sou levado para a orgia pelo Rei Sol, mas fui recomendado por Alejandro, que conheci por meio do Roberto, que não é um *barebakcer*, no sentido de não fazer sexo penetrativo sem o uso da camisinha, mas faz parte da rede porque organiza orgias *barebacking* e faz outros tipos de práticas sexuais com os sujeitos *barebackeres*.

O que argumento pode ser asseverado quando minha presença na orgia não é estranhada, nem mesmo no episódio em que eu estava com a câmera na mão. Os sujeitos na sua maioria, pareciam estar muito à vontade, o que num primeiro momento pode parecer contraditório, quando por exemplo, colocamos em comparação as orgias realizadas nos espaços comerciais, como colocado no capítulo anterior. No entanto, a presença de pessoas não conhecidas, mesmo sob a luz do dia, faz parte da lógica de organização dos encontros, das práticas sexuais coletivas entre os sujeitos *barebackers* positivos e dos laços construídos por meio das categorias que são colocadas em movimento.

Como posto, a experiência de se descobrir vivendo com HIV/aids apresenta-se aos sujeitos pesquisados como disruptiva, implicando em passagens essenciais em suas vidas. Teoricamente "impossibilitados" de estabelecer relações afetivo-sexuais com sujeitos sorodiscordantes, como já mencionado em capítulo anterior, os interlocutores necessitam reelaborar os seus roteiros sexuais (Gagnon, 2006). Assim, buscam relações igualitárias ou soroconcordantes. Diante dessa busca, deparam-se com a rede de homens positivos adeptos das práticas sexuais sem o uso da camisinha e das orgias.

Nessa busca, algumas categorias vão sendo operacionalizadas, as primeiras são a segurança e o cuidado. Estas categorias estão relacionadas a uma ideia que se tem sobre o bem-estar de saúde dos sujeitos que participam das orgias *barebacking*. Elas estão de alguma forma atreladas ao que é preconizado pelas normas biomédicas. As políticas de prevenção estimulam a testagem e o tratamento como prevenção. Nesse sentido, a lógica que norteia a escolha dos parceiros e a organização das orgias podem ser pensadas como práticas

> Para traçar seu projeto, o sujeito se utiliza da dimensão da memória, de modo a considerar não somente a ação do presente, **como também as significações impressas nos acontecimentos passados.** Para Velho (2003), a memória é fragmentada, de modo que o sentido que o indivíduo dá a si mesmo depende da organização de seus fragmentos ao longo de sua trajetória. Sendo o passado descontínuo, a memória que também constitui a construção de um projeto é uma construção posterior, a partir do significado que o sujeito confere aos acontecimentos (DELUCA, ROCHA-DE-OLIVEIRA, C. D. CHIESA, 2016 p. 465, grifo meu).

Esse processo, de acordo com os autores supracitados, deve ser compreendido em sua multiplicidade, em função de não ser linear, contínuo ou homogêneo. Nesse sentido, levando em consideração as múltiplas referências que constituem o indivíduo-sujeito, o projeto é elaborado de acordo com o campo de possibilidades em que ele está inserido. De acordo com Velho,

> Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (VELHO, 2003, p. 28).

É a partir dessa lógica que, em consequência da experiência disruptiva, novas regras vão sendo aprendidas e inventadas pelos pesquisados. Não só os roteiros sexuais necessitam ser reelaborados, mas também os projetos de vida. Esses encontram como campo de possibilidades o contexto sociocultural em que estão inseridos, marcados pelos valores da sociedade englobante e pelos elementos atrelados ao universo do HIV/aids, como pontuado acima. Portando, há, por meio desse processo, uma reinvenção das categorias vividas adaptadas aos novos roteiros e projetos. No caso da segurança e do cuidado, adaptadas ao novo contexto elas implicam nas seguintes questões: as doenças sexualmente transmissíveis são desdramatizadas, os sujeitos monitoram as possíveis DSTs via exames regulares. Embora questionem a ideia de reinfecção, pontuam que tornam-se indetectáveis, e o que parece ser mais importante, a ideia de cuidado não está exclusivamente ligada as questões físicas. Partem delas, do ponto de vista dos cuidados e da estética, mas desembocam numa classificação moral que legitima alguns sujeitos e outros não. Nesse sentido, os não desejados seriam aqueles que ao não se cuidarem verdadeiramente negligenciariam a própria vida, deslocando o que lhes seria imputado pela comunidade abrangente, em função das práticas sexuais realizadas sem o uso da camisinha, para os sujeitos não desejáveis. Como diz um dos meus interlocutores, "se o cara não se cuida nem com uma coisa simples [HIV], como vai saber o que tem?"

Por essa ótica, o HIV e a aids também são desdramatizados e a ideia que se tinha com relação a morte eminente ao se descobrirem portadores de uma doença com as características pontuadas acima, relacionados ao "vírus ideológico", dar lugar a outro tipo de relação consigo e com o mundo. Enzo, por exemplo, como assinalado na sua biografia, relata que depois que foi infectado pelo vírus se sentiu mais livre pra aceitar o que queria da sua minha vida, do seu tesão. Rafael por sua vez, expressa os ganhos de ter sido infectado:

> sim, acontece, o medicamento inibe a produção de proteína, então você não consegue formar fibra muscular mesmo porque o vírus pra ele se replicar ele precisa sintetizar o DNA, o RNA dele, a gente também sintetiza o nosso RNA pra poder né, formar as proteínas, então o medicamento ele não vai bloquear a síntese só do vírus, bloqueia a da célula também. Na verdade o vírus ele usa a nossa célula porque o vírus não tem as moléculas necessárias pra ele próprio se reproduzir, então ele usa toda a maquinaria da nossa célula pra poder se reproduzir, então ele vai bloquear justamente as nossas próprias

> células, então não tem como você ter um ganho de massa muscular tomando um antirretroviral, você pode até ter um ganho assim, mas é um ganho mínimo, nem se compara a uma pessoa que não tem, não tá fazendo tratamento, então pra mim que é ruim o HIV é isso, o HIV é ruim a partir do momento que por conta dele eu vou ter que tomar os medicamentos e esses medicamentos vão atrapalhar o desenvolvimento do meu corpo, vai atrapalhar na questão física, na minha aparência física, na minha massa muscular. Isso é o ponto negativo de ter o HIV, o ponto positivo é que eu posso dar sem capa a vontade, porque eu gosto de dar sem capa. **Então, mesmo que eu não tivesse e você perguntasse, olha se você pudesse voltar no tempo, lá em 2012, você fez o seu exame e ele deu negativo pela última vez, se você pudesse voltar naquele momento e falar assim, olha eu nunca mais vou fazer sem capa, não! Eu ia continuar fazendo sem capa mesmo assim, porque o prazer, eu descobri o prazer a partir do momento que eu comecei a fazer sem capa. Então fazer com capa seria abrir mão do meu prazer, então eu taria negativo, mas eu não taria tendo prazer. Então eu não sei, acho que ainda assim eu preferia ter o prazer, porque o HIV a gente consegue dá um jeito e a gente tem esperanças que as coisas melhorem.** Então, eu acho que os medicamentos no estágio que eles estão você ouve falar que ninguém mais morre disso e a esperança que a gente tem das pesquisas, do avanço da medicina que são cada vez maiores, essa esperança na cura, em alguma substância que possa acabar com a doença, curar de vez, a gente tem essa esperança também, então, isso faz a gente, eu pelo menos não tenho mais medo do HIV, eu não tenho, então, eu me exponho mesmo assim, mesmo que eu não tivesse eu faria essa exposição toda por conta do prazer, que é um prazer muito maior, eu acho. (Rafael – 17/03/2017)

É importante mencionar que esse processo de transição, ou subjetivação, que se dá entre o momento de descoberta da sorologia positiva e a assimilação de que a morte não é um fim iminente, que uma vida "normal" é possível mediante a adesão ao tratamento, se inicia nos ambulatórios médicos e psicológicos. O relato de pedro na sua biografia é um exemplo desse aspecto. Ele descobre por acaso que está infectado, recebe o exame como se fosse um atestado de óbito, mas com a ajuda da equipe médica e psicológica consegue entender que o fim não necessariamente está por vir. No entanto, a descoberta da sorologia positiva e o viver com o vírus HIV é uma condição que não pode ser partilhada com as pessoas de modo geral. É uma questão que permanece no segredo até mesmo para a família. Como pondera um dos meus interlocutores, a maioria das pessoas que vivem com HIV/aids vivem no armário, fazendo referência a uma condição vivida outrora em função dos segredos de uma homossexualidade não revelada. É nesse aspecto que mora o que é central nas orgias, a

possibilidade de, mesmo sem tocarem no assunto da sorologia, saberem que estão entre iguais:

> "esse (re)posicionamento no mundo advém de uma forma de pertencimento, uma confraria que pode ficar à margem do ditame social, até o momento, mas nunca filosófico e psicanalítico. A organização moderna no contexto bareback compreendido como iguais numa mesma carga de afeto, faz de seus integrantes uma confraria de homens livres, capazes de serem felizes de igual para igual sem o preconceito que os açoita dentro e fora da comunidade Glbt". (Rei Sol – agosto de 2015)

> as pessoas não precisam esconder de ninguém que são positivas, elas não precisam esconder de ninguém que elas fazem sem capa e o prazer delas está nisso, de fazer sexo, ter múltiplos parceiros né, então você não pode, por exemplo, com um colega de trabalho ou com um colega de faculdade ou até mesmo com outro gay, porque você não sabe o que ele pensa de tudo isso, então você não pode é, ser quem você é de fato, você não pode mostrar a sua face 100%. Você não pode expor tudo aquilo que você gosta porque você não sabe qual vai ser a reação, já com as pessoas que participam com você da orgia, que é esse grupo paralelo onde você pode expor qualquer coisa, você pode, você tá junto de outras pessoas que são como você, que gostam das mesmas coisas que você, você tá junto de outras pessoas que são positivas e não vão ter vergonha, assim como você também não vai ter vergonha de falar pra ela quem você realmente é, então você se sente a vontade, mais à vontade, você se sente quem você é de fato, você consegue ser você próprio, então acho que isso (Rafael – 17/03/2017)

O estar entre iguais e a possibilidade de conhecer novas pessoas que se encontram nas mesmas condições surge nas narrativas dos sujeitos em alternativa aos lugares comerciais onde as orgias são realizadas. Nesse sentido, como esmiuçado no capítulo anterior, a dinâmica dos lugares comerciais onde as festas *barebacking* são realizadas não os possibilita viver "o algo a mais" experimentados no âmbito das orgias do Rei Sol e de outras orgias privadas que frequentam. Sobre esse aspecto duas questões necessitam ser levantadas: A primeira diz respeito a circulação dos sujeitos *barebackers* em variados espaços, isso quer dizer que, embora tenham predileção pelas orgias nos apartamentos ou espaços domésticos, a ida as orgias nos clubes também é uma possibilidade para alguns. Outra questão está relacionado ao hedonismo. O fato dos sujeitos pesquisados terem predileção pelas orgias realizadas nos

apartamentos não as destitui da dimensão erótica. Pelo contrário, nas orgias do Rei Sol além do sexo, que é intenso e pode durar muitas horas[99], há "um algo a mais".

Vejamos o que Enzo desnuda sobre a lógica das orgias *barebacking*. Ao falarmos sobre os tipos de orgias e quais suas predileções com relação a elas, ele delineia os aspectos pertinentes aos acordos tácitos que circundam a ideia de segurança e de cuidados. Quanto as suas predileções Enzo explica que prefere as orgias *barebacking* realizadas em "casa" em virtude da familiaridade que existe entre as pessoas e da segurança que esse tipo de relação proporciona. Portanto, as orgias *barebacking* privadas lhes asseguraria relacionar-se sexualmente com parceiros que se cuidam, "pessoas que não tem um foda-se para a vida". Nesse sentido, cuidado pra Enzo significa não se relacionar sexualmente com sujeitos que não possuem os mesmos cuidados que ele possui. Ou seja, tentar proteger-se de outros tipos de infecção, como por exemplo a sífilis e, principalmente, a hepatite C. Enzo explicita:

> É mais como se fosse um pacto, digamos assim. Eu sei que as pessoas, pelo menos a maior parte delas são, e que elas se cuidam. Você sabe que essas pessoas elas não vão pra qualquer tipo de lugar, não interage com qualquer tipo de pessoa, ou, pelo menos, a maior parte delas. Ou se isso acontece, pelo menos elas têm um policiamento de como está o status de saúde delas. (Enzo – 13/02/2017)

Para Enzo, há entre os orgiásticos positivos uma espécie de acordo tácito no que se refere ao bem-estar de saúde dos indivíduos. Nesse sentido, a segurança, mencionada como característica atrativa das orgias realizadas em "casa" passa por um silêncio cujo pacto entre iguais afiança os sujeitos a participar das orgias sem colocar em risco os demais. Estas inferências, feitas pelo interlocutor, sinalizam para uma ética das orgias *barebecking*. Outro aspecto, que se coaduna ao narrado, relaciona-se às estratégias de arregimentação dos possíveis participantes das orgias. Por mais que a internet se configure como um dos mecanismos mais usados para encontrar os possíveis parceiros, que, supostamente, já se encontrariam dentro da referida ética, há uma rede de orgiásticos *barebackers*, como

99 Na primeira ocasião em que estive na orgia do Rei Sol eu cheguei as 15h00 e saí às 21h00. Nesse ínterim, as pessoas não estão engajadas o tempo inteiro nas interações sexuais. Param, conversam, comem. Há também um revesamento, enquanto algumas estão transando outros estão na cozinha.

mencionado acima, que se estrutura em decorrência da predileção pela prática. Assim, uma das formas de ter um maior controle sobre os cuidados, tão frequente no discurso dos sujeitos, é garantido quando alguém já conhecido do grupo leva um outro sujeito:

> Por isso que eu tento minimizar a situação. Como que eu faço isso? Geralmente pessoas conhecidas ou os amigos do Rei Sol. O Rei Sol é uma pessoa confiável, sendo ele uma pessoa confiável, as pessoas que eu já conheço que também interagem com ele me trazem uma certa confiança. É uma coisa do tipo, um achismo? É um achismo, mas tem, pelo menos, dado efeito: não estou em tratamento pela hepatite C. (Enzo – 13/02/2017)

Ademais, o silêncio quanto as questões ligadas ao HIV pode ser quebrado entre os *barebackers* positivos, mesmo porquê o segredo já foi compartilhado, ele só precisa ser verbalizado, mas nunca em meio das práticas sexuais, ao coletivo. De acordo com os interlocutores há sempre um contexto apropriado para isto que passa pela personificação dos sujeitos, pela intimidade e pela lógica do cuidado entre os iguais. Nesse sentido, as relações forjadas no âmbito das orgias extrapolam essa dimensão e a rede criada para viabilizar o sexo dá origem a outros tipos de relações que podem ser vivenciadas em outros âmbitos da vida social:

> No lugar fechado, no apartamento tem essa amizade né, a gente se sente mais à vontade, a gente não tem aquela coisa, ah vamos transar, vamos transar. As vezes nem rola sexo, as vezes é a conversa, é beber alguma coisa, comer alguma coisa e então, não tem aquela coisa de, sabe, aquela atmosfera pesada né, vamos fazer sexo e é menos mecânico também, eu acho que se torna mais agradável. Já quando você cê vai numa sauna, num clube, num bar que é, é pra isso né, que é pra justamente as pessoas transarem é uma coisa mais mecânica mesmo, quando você não pergunta o nome da pessoa, você não conhece a pessoa, cê nunca viu a pessoa, a coisa é mais anônima, é legal também, eu gosto também, mas é que depende do momento né!? (…) a diferença é que você conversa né!? É aquilo que eu te falei, você não necessariamente tem que fazer sexo igual um animal, você pode conversar com as pessoas, ter uma amizade. Quando você vai numa festa marcada no apartamento de alguém que você conhece você não vai somente para o sexo, é tanto que depois que acabam as festas a gente sai pra comer, a gente sai pra ir pra outro lugar ou até o contrário a gente marca de almoçar, marca alguma coisa antes e depois, vai fazer a brincadeira lá. Agora a sauna, o clube não, você transa um monte lá, quando você tiver cansado você vai embora. E aí você não conheceu ninguém, não sabe o nome de

> ninguém e, claro que as vezes acontece uma ou outra pessoa você gosta muito e acaba pegando o contato. (Rafael – 17/03/2017)

As relações constituídas nas orgias não estão restritas somente aos momentos de prazer ou de lazer, como colocado acima. Elas também são vividas em outro âmbitos da vida dos sujeitos, inclusive nos momentos de tensão. Pedro, por exemplo, diz que o seu corretor foi conhecido por meio de um grupo fechado, o mesmo que o levou para as orgias do Rei Sol. Ele revela que suas dúvidas com relação às questões ligadas ao HIV/aids são tiradas com os amigos que conheceu por meio das orgias realizadas nos apartamentos. Rafael relatou-me que ao ficar muito doente, internado em um hospital, recebeu a visita do Rei Sol:

> O Rei Sol foi me visitar no hospital quando eu estava internado com hepatite, ficou um tempão comigo lá, no outro dia quando me foi dado alta pelos médicos, ele fez questão de ir lá pra ver se eu realmente estava bem, se tinha condições de ir embora, se eu tinha dinheiro pra ir embora, me tratou como um filho (Rafael – 17/03/2017)

A partir das experiências dos sujeitos pesquisados, elas me remetem à noção formulado pela antropóloga Malkki (1997), "comunidades acidentais de memória". De acordo com a autora, esta noção refere-se à constituição de vínculos entre pessoas com trajetórias singulares, que, caso não tivessem passado por determinadas situações sociais semelhantes jamais se aproximariam. Portanto, embora hajam determinadas categorias que assemelham os sujeitos, como o gênero, a orientação sexual e o status sorológico, eles advém de contextos variados, que, caso não tivessem passado pela experiência possibilitada pela infecção pelo vírus HIV os seus destinos certamente não teriam se cruzado. Talvez por isso a nudez seja revestida de igualdade e ritualizada no contexto das práticas sexuais. Ao atravessar o Biombo os sujeitos se cumprimentam, aqueles que já são familiares ao local se direcionam ao lugar onde guardam suas roupas. Os neófitos, ou aqueles que já foram iniciados em outras orgias e chegam no apartamento pela primeira vez são orientados a se desfazerem delas e, a partir daí, de acordo com a fala do Rei Sol, "uniformizados pela pele". A nudez, nesse sentido, é uma

metáfora das relações sexuais que são realizadas sem o uso da camisinha, na pele. Nesse sentido, a frase "uniformizados pela pele" está no sentido de estarem iguais numa dupla dimensão, na pele, o sexo sem camisinha, na pele, estarem sem roupas e uniformizados de igualdade. É nesse aspecto que a perspectiva de Rabinow (1999) acerca do conceito de biossocialidade é complementar a da autora supracitada:

> Há um grande número de questões envolvidas, mas o que quero realçar aqui é que seguramente haverá a formação de novas identidades e práticas individuais e grupais, surgidas destas novas verdades. Haverá grupos portadores de neurofibromatose que irão se encontrar para partilhar suas experiências, fazer lobby em torno de questões ligadas a suas doenças, educar seus filhos, refazer seus ambientes familiares, etc. É isto o que entendo por biossociabilidade. (RABINOW, 1999, p. 147).

Como posto, as orgias *barebacking* não se constituem lugar para o compartilhamento explícito do status sorológico ou de questões ligadas ao HIV/aids. Pelo menos da forma corriqueira como entendemos em nível de cotidiano como as coisas são compartilhadas. De forma explícita e por uma linguagem verbal. No entanto, a dinâmica das orgias *barebacking* do Rei Sol e as categorias que são operacionalizadas em torno delas aproxima os sujeitos que partilham de algumas coisas em comum e estão dentro dos requisitos requeridos para que participem das práticas sexuais: terem o mesmo status sorológico, possuir a predileção pelo sexo grupal, ou a descoberta dele, e serem homens que se cuidam. Dessa forma, quando chegam nas orgias algo já foi compartilhado: o segredo já fora desvelado e o pacto tácito afiança as suas presenças no local.

Por outro lado, seguindo o mesmo raciocínio, do não compartilhamento explícito, os *barebackers* orgiásticos encontram-se para fazer sexo, para partilhar daquilo que o sexo proporciona em termos de fruição. Por mais que outras possibilidades sejam disponibilizadas essa dimensão não pode ser descartada. Foi por meio do sexo que os laços foram rompidos, é por meio do sexo que os laços são reconstruídos. Nessa perspectiva, as práticas sexuais performatizadas parecem atualizar o que fora vivido em termos do que proporcionou a nova

condição de vida. Destarte, a potência da orgia enquanto ritual, na medida em que as práticas sexuais constituem os laços entre os iguais, está em reestabelecer os laços sociais outrora rompidos, tanto no que refere as possibilidades de estabelecer relações afetivo-sexuais quanto a outros âmbitos da vida social.

A partir desses aspectos visualizo a orgias do Rei Sol como uma confraria[100] e, a partir das experiências dos sujeitos pesquisados, penso na constituição do social por meio da sexualidade, a constituição do social na soropositividade. Para isto, vejamos o que John H. Gagnon (2006), diz acerca da sexualidade:

> A experiência efetiva do sexual e o que é feito sexualmente pelos indivíduos resultam das circunstâncias particulares de aprendizagem de uma cultura específica. O campo do que é aprendido inclui todos os aspectos do sexual, inclusive as interpretações dos acontecimentos fisiológicos pertinentes à excitação sexual, ao prazer sexual e ao clímax sexual. As pessoas aprendem a ser sexuais em culturas específicas e em grupos sociais específicos dentro de qualquer cultura. (GAGNON, 2006, p. 217)

Nessa perspectiva, não penso as práticas sexuais e a sexualidade dos sujeitos pesquisados como exclusivamente um construto social. Por esse ângulo, inverto a perspectiva de Gagnon (2006) e penso nos comportamentos sexuais, conjuntamente com o erotismo, considerados o cerne da sexualidade por Piscitelli, Gregori & Carrara (2004), como produtores do social. Destarte, considerando que, de modo geral, a sociedade rompe com os sujeitos que vivem com HIV/aids, as práticas sexuais *barebacking* empreendidas nos encontros orgiásticos produzem vínculos e confiança, o que por sua vez gera outro tipo de ordenamento social. Este, por sua vez, numa via de mão dupla, disponibiliza novos mecanismos para a realocação dos sujeitos no mundo.

Nessa sentido, a ótica de Sherry Ortner (2007) se coaduna a de Gilberto Velho, no que se refere, mais especificamente, a noção de "agência" a partir da dupla perspectiva apontada

---

100 Segundo o dicionário online de português, confraria significa associação religiosa ou de caridade; Irmandade. Por extensão significa Conjunto de pessoas que se associam (como irmãos), tendo em vista interesses e objetivos comuns. É sinônimo de comunhão, comunidade, congregação, irmandade, sociedade. Disponível em: < https://www.dicio.com.br/confraria/> acesso em 20 de outubro de 2016.

pela autora, poder e projeto. De acordo com Ortner (2007), as reflexões sobre a agência são oriundas de um conceito situado em um contexto mais amplo, os "jogos sérios", os quais surgiram a partir de importantes *insights* da teoria da prática. Esta, por sua vez, se constituiria em "uma teoria geral da produção de sujeitos sociais por meio da prática no mundo e da produção do próprio mundo por intermédio da prática" (ORTNER, 2007a, p.38). De acordo com a autora, em virtude da sua formação weberiana-geertziana ter sido, em grande monta, sobre a produção de sujeitos/subjetividade, a primeira parte da frase supracitada não lhe pareceu nova. Por outro lado, a segunda parte, referente a produção do mundo por meio da prática humana, pareceu-lhe nova e vigorosa. De acordo com as palavras da autora, a teoria da prática,

> fornece uma síntese dialética da oposição entre "estrutura" (ou mundo social tal como está constituído) e "agência" (ou as práticas interessadas de pessoas reais) que antes não fora conseguida. Além disso, **a idéia de que o mundo é "feito" – em sentido muito amplo e complexo, é claro – por intermédio da ação de pessoas comuns também significava que ele poderia ser desfeito e refeito. Ou seja, a teoria da prática tinha implicações políticas imediatas que entraram em sintonia com minhas preocupações feministas.** E, finalmente, a teoria da prática era atraente porque era (é) um marco teórico muito amplo e espaçoso. Faltava-lhe muita coisa, mas tudo que faltava – uma teoria da cultura melhor, um papel mais central para o poder, pelo menos algo de história (em Bourdieu e Giddens) – era, ao mesmo tempo, implicado pelos termos da teoria. (ORTNER, 2007a, p. 38 e 39, grifo meu)

A partir dessa premissa, mas com o intuito de ir além dela, a agência para Ortner (2007b) se constituiria como características universal. Isto posto, cabe salientar que não se trata de uma noção individualista, visto que, os sujeitos são livres, mas estão enredados às estruturas sociais a qual pertencem, o que de certa forma vai de encontro a noção de "campos de possibilidades" de Gilberto Velho. Nesse sentido, a teoria da prática formulada pela autora supõe que há uma articulação entre as ações dos indivíduos e as estruturas sociais. Por este ângulo, o seu ponto de inflexão consiste em ponderar que a relação entre as ações dos sujeitos e a estrutura pode ser transformadora, uma vez que as relações de poder são compreendidas como bilaterais, o que pode reverberar em mudanças à medida que o empoderamento dos

atores sociais os oportuniza movimentar seus projetos pessoais. Destarte, Ortner adensa a teoria da prática ao entrelaçar agência, poder e projetos, constituindo-se poder e projeto facetas da agência, que heuristicamente podem ser separados, mas no cotidiano estão interconectados.

No que se refere a agência como poder, Ortner postula que, em seu uso comum, "agência" pode ser sinônimo das formas de poder disponibilizadas para os sujeitos, "de sua capacidade de agir em seu próprio nome, de influenciar outras pessoas e acontecimentos e de manter algum tipo de controle sobre suas próprias vidas. Agência, neste sentido, é pertinente tanto no caso da dominação quanto no da resistência" (ORTNER, 2007b, p. 64). Portanto, aqueles que estão em posição de dominação possuiriam maior agência, os dominados, localizados nas "bordas do poder" menor agência, constituindo-se a resistência uma forma de agência de poder. Concernente a "agência" como projeto, dimensão primordial da ideia de agência, está relacionada às intenções, aos propósitos e aos desejos dos sujeitos, a forma como jogam seu jogos sérios, na perspectiva de realizar e proteger seus projetos. Aqui vale voltar à dialética entre poder e projeto e ressaltar que o poder, na sua dupla dimensão, dominação e resistência, não se constituiria um fim em si, estando em disputa, no final das contas, proteger e perseguir projetos. O que de acordo com a quantidade de agência dos sujeitos, eles terão maiores ou menores condições de colocar em práticas suas intenções dentro dos projetos culturalmente determinados.

Ainda sobre agência como projetos, no que diz respeito aos atores sociais, estes não são heróis ou indivíduos singulares, suas ações não se constituem estratégia burguesa, nem práticas rotineiras irreflexivas. "Tem a ver, antes, com a vida (relativamente comum) socialmente organizada em termos de projetos culturalmente constituídos que infundem vida com significado e propósito" (ORTNER, 2007b, p. 66). Assim como os sujeitos não são extraordinários, para Ortner os projetos culturais também não o são. Vistos por este prisma, podem ser simples metas, como crescer, casar e viver feliz para sempre. Embora nessa perspectiva se sobressaia a noção de agência como "intenção" e "desejo" individuais, o que em sentido abstrato pode parecer uma propriedade de sujeitos, Ortner esclarece que "não se deve perder de vista o fato de que toda meta é culturalmente constituída" (ORTNER,

2007b, p. 65). Nesse sentido, para concluir, a antropologia da agência não se centra exclusivamente nos jogos culturais jogados pelos sujeitos enquanto atores sociais, "mas também com o fato de desnudar o que são esses jogos culturais, a ideologia subjacente a eles, e também com o fato de que jogar o jogo os reproduz e os transforma"(ORTNER, 2007b, p. 75).

Diante do que foi posto, as orgias, por meio dos deslocamentos corporais e subjetivos, implicadas na disponibilização de mecanismos os quais serão utilizados pelos orgiásticos *barebacking* para se (re) posicionarem no mundo, podem ser pensadas não apenas pela via do (re) posicionamento, mas, como possibilita a teoria da prática, na criação de um novo mundo por meio das práticas de sujeitos reais. Nesse sentido, lanço mão da antropologia da agência na perspectiva de pensar a (re) constituição dos sujeitos, e do mundo, a partir da remodelagem dos seus roteiros sexuais, dos projetos e da interação destes com o mundo social ao qual os sujeitos em questão pertencem. Rememoro aqui da experiência de Pedro:

> Eu pensava em casar e tudo, ter uma esposa, tudo, filhos, a minha própria família. Veja só, eu já tenho 41 anos e tudo, ainda moro com meus pais, eles não sabem que eu sou gay, não sabem do HIV (…) Olha, não foi bom, mas foi bom, sabe como é? Eu sou uma pessoa muito fechada, tenho poucos amigos, tudo, sou difícil de amizades. Mas foi bom porque agora eu me defini mais né, antes eram fases e tudo, agora não, defini, defini e meus amigos, que eu conheci no grupo fechado é quando eu tenho algum problema é a eles que eu tiro as dúvidas, converso. (Pedro 15/03/2017)

Aqui cumpre mencionar, que a perspectiva de Velho e Ortner são complementares, visto que o primeiro dá ênfase em como os projetos são construídos e a segunda desvela quais são os mecanismos que possibilita que sejam, ou não, viabilizados. Nesse sentido, penso que, os orgiásticos *barebakeres,* como consequência da infecção pelo vírus HIV, são impossibilitados de cumprirem os esquemas sociais estruturados, assim eles necessitam de outra via para a realização dos seus projetos, que podem ser novos, se pensado a partir do "potencial de metamorfose", elaborado por Velho, ou, conforme a perspectiva de Ortner, simples metas, como crescer, casar e ser feliz. Deste modo, as práticas sexuais e socialidades vivenciadas nos rituais orgiásticos constituem, a partir da dupla dimensão do poder apontados

por Ortner, resistência, constituindo-se os mecanismos necessários para remodelar os sujeitos e criar, a parti dessa remodelagem, um novo mundo.

7 À Guisa de Conclusão

Eu ainda estava interessado nas articulações entre o risco e a produção do prazer na experiência orgiástica quando entrevistei um dos meus primeiros interlocutores. Ele fora escolhido na época porque era jovem e cogitava ter sido infectado em uma orgia, características ideais para pensar, a partir da sua experiência, o que eu havia vislumbrado no primeiro recorte do objeto, as implicações do prazer, e das emoções possibilitadas por ele, no abandono dos cuidados relacionados a infecção pelo vírus HIV e outras ISTs. Mas ele não tinha certeza de onde havia sido infectado, suas práticas sexuais não estavam de acordo com as normas de segurança propagadas pelas políticas de prevenção, ou seja, esporadicamente, nos LCES, ele transava sem camisinha.

Até o presente momento está vivo na minha memória as pausas e as respirações mais fortes necessárias ao interlocutor para narrar, revistando, o momento da descoberta da sorologia positiva e do turbilhão de pensamentos e sensações que lhe tomaram na época. Em um dado momento tivemos que parar a entrevista para que ele recobrasse o fôlego e seguíssemos com o diálogo. Ele contava na época vinte e um anos de idade e havia sido infectado aos dezenove. Nesse intervalo de 2 anos, entre a descoberta e o nosso diálogo, ele ainda estava assimilando o que era viver com o HIV. Tempos depois ele me revelaria que havia se utilizado da entrevista como uma forma de revisitar, a partir de um outro lugar, os momentos pelos quais havia passado. Sua narrativa, marcada pela angústia, pelo medo da morte e da solidão é semelhante à dos interlocutores que conheci nas orgias e tempos depois tive a oportunidade de entrevistar.

O medo da morte iminente emerge como o primeiro terror experimentado, no entanto há outros fatores que parecem ser mais difíceis de reorganizar, as representações sociais construídas acerca da soropositividade que continuam a macular os sujeitos que vivem com HIV/aids.

Em se tratando de homens gays que vivem com o HIV/aids, tais representações estão carregadas por uma moral que os distancia daquilo que seria ideal em termos de comportamento sexual, inclusive, como posto, dentro da própria comunidade gay. Nesse

sentido, a norma social incide na proibição dos desejos sexuais daqueles que passam, a partir da infecção, a ser uma ameaça a humanidade, por isso, legítimos de serem segregados e/ou punidos. Essa proibição se estende também à constituição de relacionamentos afetivo-sexuais. Esses aspectos podem ser observados na fala do Rei Sol quando ele condiciona o surgimento das orgias à descoberta da sua sorologia positiva. Pode ser observado também na fala do interlocutor supracitado ao me relatar sobre a impossibilidade de namorar, em função dos "impedimentos" morais que se impõe sobre ele, diz ter perdido parte da sua humanidade para o vírus.

É essa dimensão humana que parece ser resgatada nos encontros orgiásticos *barebackers* privados. Por essa ótica, há uma diferença na forma de narrar entre os interlocutores aqui colocados em pauta, o de vinte e um anos e os mais velhos. Vale salientar, não necessariamente mais velhos em idade, mas com maior tempo de infecção, perfil da maioria dos homens frequentadores das orgias *barebacking* do Rei Sol. A diferença é que o primeiro ainda narra com dor e os segundos narram sobre a dor. Com isto, não quero destituir dos interlocutores as consequências físicas, psíquicas e sociais do viver com o HIV. Entretanto, como vimos eles parecem ter conseguido virar a chave e inventar novas formas de viver a experiência do HIV, longe do estigma, da dor, do preconceito e da ideia de morte e solidão.

Por isso, nas orgias, não nos momentos das práticas sexuais, mas nos seus intervalos, momento propício para recobrar as energias, conhecer as pessoas, trocar ideias, não se fala nas questões ligadas ao vírus e a doença, pois aquele momento é de inversão da lógica que é vivida no cotidiano. É por isso que a escuridão, o silêncio, a "erótica do anonimato" e a forma como o segredo é gestado nas orgias públicas não fazem sentido nessas orgias pesquisadas. Essas dimensões já são vividas pelos sujeitos positivos em nível de cotidiano.

É por esses aspectos, sem perder de vista a sua dimensão hedonista, que as orgias *barebacking* do Rei Sol e os seus sujeitos se conectam a lógica orgiástica que foi apontada na introdução. É rebelde na medida em que os indivíduos que a promovem não aceitam, se contrapõem e colocam em xeque os valores e as normas sociais, constituindo-se, a partir desse lugar, como transgressão. E, exatamente por esse aspecto, se constituem em catárticas, no sentido elaborado por Partridge (2004), como bem salienta Díaz-Benítez (2009),

> As orgias dos rebeldes, que analisa segundo o seu histórico, tinham um caráter catártico no sentido da resistência que exerciam contra a repressão, ou seja, dos rituais coletivos que usavam as orgias como válvula de escape dos instintos, como faziam os gregos, passou-se as orgias praticadas por alguns indivíduos e setores da sociedade em contravenção aos valores estabelecidos (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009 p. 571 e 572).

De acordo com Halperin (2010) há uma reflexividade homossexual vinda de longa tradição direcionada para a garantia do prazer e de uma vida possível, contrária as normas preventivas que, sendo tão rígidas, impossibilitaria qualquer erotismo homossexual. Essa reflexividade seria a responsável pelos protocolos de segurança definidos e redefinidos pelos próprios gays. Como posto na introdução, tais protocolos seriam forjados no cotidiano a partir de contextos, situações e trajetórias específicas, ou seja, um tipo de epidemiologia nativa, cunhada por Gabriel Girad, em discussão incluída no livro de Halperin (2010), como "epidemiologia profana".

Nesse sentido, as experiências sexuais sem o uso da camisinha empreendidas pelos meus interlocutores, a partir da lógica criada para colocá-las em prática, operacionalizando categorias, (re) posicionando normas, (re) classificando sujeitos, me fazem concordar com Halperin (2010), quando apoiado em Kane Race, renomado sociólogo especialista em HIV/aids, diz que, em muitos casos, o *barebacking* e a sorotriagem são dois nomes para a mesma prática.

É a partir dessa reflexividade e do poder de inventividade que os sujeitos orgiásticos *barebackers* aqui pesquisados forjam novas ordens de subjetivação e a partir delas, como vimos, reinventam práticas, reelaboram dinâmicas, ressignificam categorias, estabelecem pactos, afiançam pessoas e segredos, desafiam protocolos médicos, desestabilizam lugares dados e, por meio da lógica que é construída a partir desses elementos, constituem os laços e celebram a vida.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities.** Londres: Verso. 1991.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Quando a pesquisa é o problema: o tabu noestudo das práticas sexuais.** Cadernos de Campo, USP, v. 1, n. 26, p. 271-294, 2017a.

_____. **A pesquisa em práticas sexuais: políticas e oralidades na academia.** Revista Antropolítica, n. 43, Niterói, p.203-229, 2. sem. 2017b.

_____. **Festas de orgia para homens: territórios deintensidade e socialidade masculina.** Tese (Doutorando em Antropologia). Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2016.

BATAILLE, Georges. **O erotismo.** Tradução Fernando Sheibe. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BERREMAN, Gerald. **Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia.** In: ZALUAR, Alba (org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1980.

BRAZ, Camilo A. e DA SILVEIRA, Raphael Moraes. **Nos limites da cena: reflexões metodológicas sobre o "estar lá" em contextos eróticos.** Trabalho apresentada na X RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul, Córdoba, Argentina, 2013.

_____.**À meia-luz… uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino**. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2010.

_____. **"Mas agora confessa…" Notas sobre clubes de sexo masculinos.** Sexualidad, salud y Sociedad – Revista Latinoamericana., v.4, p.127 – 156, 2010.

_____. **"Corpo a corpo: reflexões sobre uma etnografia imprópria"**. Revista Ártemis, 7:128 - 144. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer?** prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., I'reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BUFFON, Roseli. **Encontrando uma tribo masculina de camadas médias: A subjetividade na construção do objeto de pesquisa.** In. Trabalho de campo, ética e subjetividade / Miriam Pillar Grossi…[et al.] (organizadores). –1. ed. – Tubarão (SC): Copiart: Florianópolis (SC): Tribo da Ilha: 2018.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia.** Novos Estudos CEBRAP, n. 21, p. 133-157, jul.1988.

CAMARGO, W.X. **Entre corpos suados e excitados: considerações sobre sexo e sexualidade no trabalho de campo.** Revista Anthropológicas, v. 27 (2), p. 196-214, 2016.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico.** - Rio Janeiro: Tempo Brasileiro. 3ª edição. 2003

CARRARA, Sergio; MORAES, Claudia. **Um mal de folhetim.** Comunicacões ISER, Riode Janeiro, v.4, n. 17, p. 20-26,1985.

_____, Sergio; SIMÕES, Júlio. **"Sexualidade, cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual na antropologia brasileira".** In: cadernos pagu (28). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/unicamp, 2007.

CITELI, Maria Tereza. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990 – 2002)**: revisão crítica / Maria Tereza Citeli. – Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CLIFFORD, James. **Culturas Viajantes.** In: Arantes, Antonio A. (org.). O Espaço da Diferença. Campinas: Papirus, 2000.

CSORDAS, Thomas J. **Introduction: the Body as Representation and Being-in- theworld.** In: Embodiment and Experience – The Existential Ground of Culture and Self. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DaMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio deJaneiro, 1987.

DANIEL, Herbet. **Vida antes da morte.** Rio de Janeiro: ABIA, 1989.

_____, Herbet; PARKER, Richad. **Aids a Terceira Epidemia – Ensaios e Tentativas.** Ediora Iglu. 1991.

DAS, Veena. (1996). **Critical events: an anthropological perspective on contemporary** India. Oxford, Oxford University Press.

DELUCA, Gabriel; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidnei; D. CHIESA, Carolina. Projeto e Metamorfose: **Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreiras.** RAC, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, art. 4, pp. 458-476, Jul./Ago. 2016.

DÍAS-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas Redes do Sexo: Os bastidores do pornô brasileiro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Retratos de uma orgia: A efervescência do sexo noPornô.** *In.* Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro, Garamond, p. 567-599, 2009.

_____.**"Dark Room Aqui": um ritual de escuridão e silêncio". Cadernos de Campo, 16, São Paulo, USP, 2008.**

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções.** *In.* Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras / organizadores, Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara – Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
ERIKSEN, T. H.; NIELSEN, F. S. História da antropologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** Edição resumida e introdução, Eva Gillies; tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado** (tradução de Paula de SiqueiraLopes). Cadernos de Campo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FAVRET-SAADA, J. **les mots, la mort, les sorts.** Paris: Gallimard, 1977.

FERNANDES, Magda Fernanda Medeiros Fernandes: **"Alguém a fim de tc comigo?": a construçãosocial da sexualidade virtual.** Tese (Doutorado em sociologia) Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2006.

FÍGARI, Carlos Eduardo; DÍAZ-BENÍTEZ María Elvira. **Prazeres dissidentes** / María Elvira Díaz-Benítez, Carlos Eduardo Fígari (orgs).. - Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FOUCAULT, Michel. **"Conversation avec Werner Schroeter", Dits et écrits 1954-1988,** ed. Daniel Defert y François Ewald, Gallimard, París, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber** I. Rio de Janeiro: Graal. 1985

FRANÇA, I. L. **Do universo perfeito ao cinemão: homossexualidade masculina, deslocamento e desejo na cidade de São Paulo.** Revista de Ciências Sociais (UFC), v. 44, p. 44-73, 2013.

GAMBÔA, Ricardo. **De prazeres e perigos: abordagem etnográfica dos roteiros eróticos de homens que fazem sexo com homens e desafios à prevenção do HIV na região central da cidade de São Paulo.** Dissertação de Mestrado, Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, 2013.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade.** Tradução Lúcia Ribeiro da Silva; revisão técnica Sergio Carrara e Horácio Sívore. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GARCIA, Esteban Andrés. **"Política e prazeres dos fluidos masculinos: barebacking, esportes de risco e terrorismo biológico"** *In.* Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro, Garamond, p. 537- 566, 2009.

GODELIER, Maurice. ***Cuerpo, parentesco y poder. Perspectivas antropológicas y críticas.*** Quito, Abya y Yala, 2000.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade.** 1ª edição. São Paulo: companhia das letras, 2016.

_____. **Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. D**ossiê antropologia, gênero e sexualidade no Brasil: balanço eperspectivas. Cadernos pagu (42), janeiro-junho de, 47-74, 2014.

_____. **De pés descalços no ciberespaço: Tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line.** Porto alegre, ano 10, n° 21, p. 1 23 - 1 54, jan/jun. 2004.

GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2005.

GROTZ, Fabio; PARKER, Richard. **O retorno do vírus ideológico.** Boletim Abia: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. nº 6 0, pp. 19-21, 2015.

GUIMARÃES JR, Mário J L. **O ciberespaço como cenário para as ciências sociais.** Ilha. Revista de Antropologia, Florianópolis, v.2, n.1, p.139-153, 2000.

HAIG, Thomas. **Bareback Sex: Masculinity, Silence, and the Dilemmas of Gay Health.** Canadian journal ofCommunication, Montreal, v. 31, p. 859-877, 2006.

HALKITIS, Perry N. et al. **Barebacking Identity among HIV-positive Gay and Bisexual Men: Demographic, Psychological, and Behavioral Correlates.** AIDS. Official journey oft he International AIDS Society, n.0 19, p. 27-35, 2005.

HALPERIN, David. **Que Veulent les Gays? Essai sur le Sexe, le Risque et la Subjectivité.** Traduit de l'anglais par Matthieu Dupas. Paris: Éditions Amsterdam, 2010.

HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. **Ciências sociais e sexualidade.** In: HEILBORN, M. L. (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

JEOLÁS, L. S. ***Risco e prazer*: os jovens e o imaginário da aids.** Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina – EDUEL: Fundação Araucária, 2007.

_____. **Os jovens e o imaginário da AIDS: Notas para uma construção social do risco.** Campos: Revista de Antropologia Social, 4, 93-112, 2003.

KULICK, Don. **"Introduction. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work".** In: Kulick, Don; Willson, Margaret. Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork. London and New York: Routledge, 1995.

LAGROU, Elsje Maria. **Uma experiência visceral: Pesquisa de campo entre os Kaxinawá.** *In*. Trabalho de campo, ética e subjetividade / Miriam Pillar Grossi…[et al.] (organizadores). –1. ed. – Tubarão (SC): Copiart: Florianópolis (SC): Tribo da Ilha: 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Ética e antropologia, algumas questões.** Série Antropologia, 157. Brasília, 1994.

LEVINE, Martin P. Gay Macho – **the life and death of the homosexual clone.** New York and London: New York University Press, 1998.

LEVY, Pierre (1996). **O que é o virtual?** São Paulo, SP: Ed. 34

LOYOLA, Maria Andréa. **Antropologia da sexualidade no Brasil.** PHYSIS: Ver. de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 10 (1): 143 – 167, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução Rogério de Almeida. – 2. Ed. – São Paulo: Zouk, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALKKI, Liisa H. **"News and Culture: Transitory Phenomena and the Fieldwork Tradition"**. In: Gupta, Akhil e Ferguson, James. (eds.). Anthropological Locations. Berkeley: University of California Press, 1997.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** *In* Sociologia e Antropologia. São Paulo: CosacNaify, 2003a.

_____. **As técnicas do corpo.** *In* Sociologia e Antropologia. São Paulo: CosacNaify, 2003b.

MOUTINHO, Laura. **Sexualidade e comportamento sexual no Brasil: dados e pesquisas/** Orgs. Laura Moutinho e Sergio Carrara, Silvia Aguião. – Rio de Janeiro: CAPESC, 2005.

ORTNER, Sherry B. **Uma atualização da teoria da prática.** *in.* Conferências e práticas antropológicas / textos de Bárbara Glowczewski, … (et.alli.); organizadores Miriam Pillar Grossi, Cornelia Eckert, Peter Henry Fry. – Blumenau: Nova Letra, 2007a

_____. **Poder e projetos: Reflexões sobre a agência.** *in.* Conferências epráticas antropológicas / textos de Bárbara Glowczewski, … (et.alli.); organizadores Miriam Pillar Grossi, Cornelia Eckert, Peter Henry Fry. – Blumenau: Nova Letra, 2007a

PARKER, Richard; BARBOSA, Maria R. **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Relime Dumará: ABIA:IMS/UERJ, 1996.

PARKER, Richard G.. **A construção social e cultura do risco sexual, ou como fazer pesquisa (em sexualidade) em uma epidemia.** PHISIS – Revista de Saúde Coletiva. Vol 5, número 1: 85-98, 1995.

PARTRIDGE, Burgo. **Uma história das orgias.** Tradução Manoel Paulo Ferreira – 1. Ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e invisíveis: O ethos íntimo das parcerias homoeróticas.** Campinas, SP, Brasil: Pontes, 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro.** Tradução para a língua Portuguesa sob a direção de S. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª ed – São Paulo: Perspectiva, 2008

PELÚCIO, Larissa. **Ativismo Soropositivo: a politização da AIDS.** Ilha R. Antr., Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC, Brasil, 2007.

PELÚCIO, Larissa, MISKOLCI, Richard. **A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes.** Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista latinoamericana. n.1 - pp.125-157, 2009.

PELLIZZARO, Nilmar. **A amizade na perspectivam de M. Foucault.** Argumentos, ano 7, n. 14 - Fortaleza, jul./dez. 2015

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Perseu Abramo, 2ª. Edição, 2008.

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena & CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras** / organizadores, Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara – Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

RACE, Kane. **Engaging in a culture of barebacking: gay men and the risk of HIV prevention.** In: K. HANNAH-MOFFAT; O'MALLEY, P. (eds.) Gendered Risks. London, Glasshouse Press, 2007.

RABINOW, Paul. **Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow**/organização e tradução, João Guilherme Biehl. - Rio de Janeiro: Relume Dumará,1999

_____. **Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos.** Madrid: Ediciones Júcar, 1992.

RIBEIRO, Vinicios. **"A higienização dos corpos: o prazer purificado e subversão da assepsia**", Anais do Seminário das Margens aos Centros: Sexualidades, Gêneros e Direitos Humanos, Goiânia, 2008.

ROJO, Luis F. **"Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo".** Cadernos de Campo, 12:41-56, 2005.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1985.

RUBIN, Gayle. **Notas para uma teoria radical da política da sexualidade.** *In.* Políticas do sexo. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Ubu, 2017.

RUBIN, Gayle. **Surveiller et jouir. Anthropologie politique du sexe.** Traduit de l'anglais (États-unis) par Flora Bolter, Christophe Broqua, Nicole Claude Martnieu et Rostom Mesli.

Apel. Paris, 2010.

RUBIN, Gayle. **Studying sexual subcultures: Escavating the ethnography of gay communities in Urban North America.** In LEWIN Hellen; LEAP, William. (Orgs.) **Out in Theory:** the emergency of lesbian and gay anthropology. Chicago, University of Illinois Press, 2002, pp. 17-68.

SCHWADE, Elisete. **Poder do "sujeito", poder do "objeto": relato de uma experiência de pesquisa em um assentamento de trabalhadores rurais.** *In*. Trabalho de campo, ética e subjetividade / Miriam Pillar Grossi…[et al.] (organizadores). –1. ed. – Tubarão (SC): Copiart: Florianópolis (SC): Tribo da Ilha: 2018.

SHERNOFF, Michael. **Without Condoms: Unprotected Sex, Gay Men and Barebacking.** New York/London: Routledge, 2006.

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer banheirão: As dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários da Estação da Lapa e adjacências.** Dissertação (Mestrado em Antropologia). Salvador. PPGA, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis. e FRANÇA, Isadora Lins. **Do Gueto ao mercado.** In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo. (orgs.) Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. **Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva antropológica.** Tradução de Lilian Loman. Revisão da tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2018

TURNER, Terence S. 1978. **"The social skin".** H AU: Journal of Ethnographic Theory 2 (2): 486–504, 2012.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual.** Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Social Dramas and Stories about Them.** In: MITCHELL, W. J. (org.) OnNarrative. Chicago: University of Chicago, 1981.

_____. **Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência. Tradução de Herbert Rodrigues. Cadernos de Campo, n° 13, 2005**

VALE, Alexandre. Fleming C. **Nosso pequeno segredo sujo: notas sobre a abjeção.** Bagoas, Natal – RN, p. 313 – 322, 01 dez. 2013.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito.** Fortaleza: Expressões gráficas e editora, 2012.

VALÉRY, *Paul. **L'idée fixe.** Paris: Gallimard, 1934.*

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. **Afirmando-se a vida, constrói-se o tempo:**… INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 19 n. 1, p. 77-105, jun. 2017.

_____, Carlos Guilherme Octaviano do. **Corpo, Doença e Biomedicina: uma análise antropológica de práticas corporais e de tratamento entre pessoas com HIV/AIDS**. Vivência, Natal, n. 35, p. 33-51, 2010.

_____, Carlos Guilherme do. **Identidades, doença e organização social: um estudo das "pessoas vivendo com hiv e aids".** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 179-210, junho de 2002.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas** (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

VANCE, Carole S. **"A antropologia descobre a sexualidade: um comentário teórico".** *Phisis,* Rio de Janeiro, vol. 5, n.01, pp. 7-31, 1995.

VIEIRA, Gleidson. **A gente vive assim, mas a gente precisa de uma luz: As experiências religiosas das mulheres prostitutas da Praça do Diário – Recife – PE.** Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2010.

_____. **"O terceiro incluído": uma tensão entre o amor confluente e o amorlíquido.** Anais de congresso, RAM, argentina, 2009.

_____. **A Pomba-gira no imaginário das prostitutas.** Monografia (Graduaçãoem Ciências Sociais). Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, 2005.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. 1ª edição, São Paulo, Cosac Naify, 2012.

WEIDER MALUF, Sônia. **A antropologia reversa e "nós": alteridade e diferença.** Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis), v. 12, p. 41-56, 2011.

. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagensantropológicas.** Esboços (UFSC), PPGHistória/UFSC Florianópolis, v. 9, p. 87-101, 2002.

Glossário

Antirretrovirais: medicamentos que impedem a multiplicação do vírus HIV no organismo.

Barebacker: quem pratica o *barebacking.*

Barebacking: prática do intercurso sexual entre homens, intencional e contínua, sem o uso do preservativo.

Baitola: durante a construção de uma Rede Ferroviária no Ceará, nas primeiras décadas do século XX, veio a esse estado o engenheiro inglês, Mr. Hull, homossexual assumido, e que pronunciava a palavra "bitola", os espaços que ficam entre os trilhos, na entonação em inglês "baitola", desde então, a palavra, que se tornou comum na linguagem popular cearense, é usada para se referir aos homossexuais.

Baitolagem: termo popular cearense usado de forma pejorativa para se referir àqueles que cometem atos homossexuais.

Bondage: a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar o parceiro, geralmente relacionado ao sadomasoquismo.

Boys* interativos*: são *barmans* das casas ou clubes de sexo que, em algumas circunstâncias, interagem sexualmente com os clientes.

Bugchasing: é o engajamento em práticas sexuais intencionalmente desprotegidas, em que o praticante, o bug chasers (caçadores de insetos/vírus), busca ser infectado pelo vírus HIV.

Chuca: utilização de enemas ou duchas sanitárias para a introdução de água no canal interno do ânus, visando a sua higienização. No ato sexual, independente de gênero, é utilizada por aqueles ou aquelas que exercerão a posição de passivos ou passivas no intercurso sexual anal.

Chuva Dourada: prazer em receber ou urinar sobre o parceiro.

Cruising: o *cruising* no contexto brasileiro é o que se poderia chamar de caça. É o caminhar incessante e discreto em busca das interações sexuais. Teve origem nos parques, em locais públicos, mas também pode ser observado nos clubes de sexo, *cruising-bar* e também nas saunas gays.

***Cruising* bar:** constitui-se um bar, mas, como conceitua Braz (2010), "não um bar qualquer, mas um *cruising-bar* – literalmente, um "bar para a caça" (*cruising*)" (BRAZ, 2010, p 31). Bares desse tipo são exclusivos para homens e sua estrutura requer como regra a nudez ou o uso, mediante determinadas festas organizadas visando público específico, do "*dress code*", como por exemplo, *jack straps*, roupas de esportes, couro.

Dark Room: são quartos escuros localizados em casas, clubes e boates destinados a encontros sexuais ocasionais.

Dildos: pênis artificiais, podem ser feitos de vários materiais (látex, silicone etc.), vibrantes ou não, em Pernambuco é conhecido popularmente como maranhão.

Dupla penetração anal: introdução de dois pênis ao mesmo tempo no ânus.

Dress Code: código de vestimenta, geralmente interligado à temática de uma festa ou a um determinado lugar.

Exibicionismo: prazer obtido através da exibição de sua imagem praticando sexo.

Face fucking: conhecido popularmente como garganta profunda, consiste na introdução de todo o pênis na boca, independente do tamanho.

Feet fucking: penetração do pé no ânus.

Fist fucking: consiste na penetração da mão/punho/antebraço no ânus.

Fistee: é o parceiro que é penetrado no ânus.

Fister: é o parceiro que introduz a mão no ânus.

Gangbang: um tipo de jogo sexual onde participam mais de três indivíduos, onde o passivo, elemento central do jogo, satisfaz os desejos e prazeres dos ativos.

Harness: é um acessório de couro com metal preso ao corpo, envolvendo peito e ombros

Jockstrep**:** uma espécie de cueca que cobre apenas a parte da frente.

LCES: Locais Comerciais para Encontros Comerciais.

LGBTQ+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Trangêneros, *Queers* e mais

Lekes: abreviação da palavra moleque. No dicionário Aurélio significa: 1-Rapaz negro, pretinho; 2-Pessoa de maus sentimentos, sem seriedade; 3-Canalha, vígaro; 4-Rapaz jovem (qualquer); 5-Filho; 6-Rapaz de rua (marginal, ladrão), criança abandonada; 7-Canalha, velhaco, 8-Chistoso, trocista. No contexto investigado é uma terminologia utilizada de forma corriqueira para fazer referência aos homens pertencentes a uma faixa etária cujo limite está situado mais ou menos entre os 25 anos. Saliento que mais do que uma referência à idade cronológica, mas sem desprezá-la, o termo congrega sobre sua acepção um conjunto de elementos físicos e simbólicos, tais como um corpo magro, mais do que musculoso, e um rosto com feições juvenis. Simbolicamente está atrelado a uma masculinidade viril e potência no ato sexual, de certa forma está conectada ao seu significado denotativa.

Ménage a trois: sexo praticado entre três indivíduos.

Milk: uma das festas *barebacking* do circuito comercial com mais visibilidade em São Paulo, acontece duas vezes ao mês no clube de sexo *Upgrade*. *Milk* congrega sob suas significações uma ambiguidade tática. Faz referência a sua tradução do inglês, leite, o que seria automaticamente assimilado pelos adeptos da prática *barebacking*. Por outro lado, *Milk* faria referência, em homenagem, ao ativista gay americano Harvey Bernard Milk, uma forma de fugir dos inquisidores.

Poppers: substâncias líquidas, inalantes, pertencente a classe dos nitritos voláteis. Foi criada para diminuir as dores no peito de pacientes cardíacos. Mas os efeitos causados logo foram descobertos e assimilados pela cultura gay. O *poppers*, como conhecido popularmente, é usado nas relações sexuais para aumentar as sensações de prazer. Ao dilatar os vasos sanguíneos ele aumenta a sensibilidade, possibilitando uma maior ereção e o relaxa da musculatura anal. Sua comercialização no Brasil é ilegal. Na Europa e Estados Unidos é pode ser encontrado nos *sex shopping*.

pratinhos: forma jocosa como são denominados os sujeitos levados pelos homens que já são conhecidos nas orgias. Esta terminologia é utilizada em analogia as festas que se levam pratos de comidas para serem partilhados.

Sadomasoquismo: prática sexual onde a busca do prazer se dá por meio de proporcionar a dor (sadismo) e receber a dor (masoquismo).

Safe: no contexto da cultura gay, pática do ato sexual com camisinha.

Sexo cru: sexo pelo sexo, pelo prazer que ele proporciona.

Slings: a *sling* é uma espécie de cadeira cujo assento é de couro e suspensa nas suas extremidades por correntes de ferro. Ela possibilita que os homens deitem de costas, deixando as nádegas para fora, estrategicamente sinalizando que desejam ser penetrados. Ela também é usada para a prática do *fist fucking*.

Toys: objetos/brinquedos utilizados de maneira erótica.

Unsafe: Na cultura gay, prática do ato sexual sem o uso camisinha

Upgrade: clube de sexo situado na cidade de São Paulo, fundado no ano de 2009 e estruturado em contraste aos demais *Sex Clubs* da cidade. De acordo com Sidnei, seu proprietário, os demais clubes eram tímidos, mal cuidados, mal conservados, pequenos, características as quais não faziam jus ao porte de São Paulo, capital da América Latina, nem da população gay e seus visitantes. Nesse sentido foi pensado para ter uma melhor estrutura, tanto no que se refere as instalações quanto aos serviços oferecidos.

Upgrade Boys: de acordo com o site oficial do *Upgrade*, os *boys* interativos são inspirados nas festas europeias chamadas "guys go crazy", nas quais o elenco de gogo *boys* da casa interage com os clientes. "No *Upgrade* Club, eles são chamados de *Upgrade Boys* que após o show se jogam no nosso cruising brincando com os clientes, pode acontecer uma brincadeira mais quente com algum cliente? Pode, mas não são obrigados a dar/comer quem eles não tenham tesão. Ressaltamos que eles não são garotos de programa e o foco do clube não é a prostituição. Lembre-se sempre: o foco do clube é cliente com cliente e quem faz a festa é você!"

Voyeurismo: prazer obtido por meio da observação de terceiros praticando sexo.

Voyeur: é aquele que pratica o voyerismo, o que observa terceiros praticando sexo.